

UPÍPERI KALÍSI

HISTÓRIAS DE ANTIGAMENTE

Histórias dos antigos

Taliaseri-Phukurana

(versão do clã Kabana-idakena-yanapere)

narradores:

Manuel Marcos Barbosa (Kedali), Itaiapu

Adriano Manuel Garcia (Kali), Iauaretê

intérpretes:

Pedro Garcia (Pukutha), São Gabriel da Cachoeira

Benjamin Garcia (Kali), Iauaretê

UNIRVA/FOIRN



UPÍPERI KALÍSI

Histórias de antigamente

Histórias dos antigos Taliaseri-Phukurana

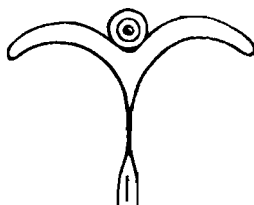
(versão do clã Kabana-idakena-yanapere)

narradores:

**Manuel Marcos Barbosa (Kedali), Itaiapu
Adriano Manuel Garcia (Kali), Iauareté**

intérpretes:

**Pedro Garcia (Pukutha), São Gabriel da Cachoeira
Benjamin Garcia (Kali), Iauareté**



Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro

volume 1 ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA - Mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã.

volume 2 A MITOLOGIA SAGRADA DOS DESANA-WARI DIHPUTIRO PÕRÃ.

volume 3 WAFERINAIPE IANHEKE - A sabedoria dos nossos antepassados - Histórias dos Hohodene e dos Walipere-Dakenai do rio Aiari.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Upíperi Kalísi : histórias de antigamente / narradores Manuel Marcos Barbosa (Kedali) , Adriano Manuel Garcia (Kali) ; intérpretes Pedro Garcia (Pukutha) , Benjamin Garcia (Kali) . -- São Gabriel da Cachoeira, AM : FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro ; Iauareté, AM : Unirva - União das Nações Indígenas do Rio Uaupés Acima, 2000. -- (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro ; v. 4)

"Histórias dos antigos Taliaseri-Phukurana, (versão do clã Kabana-idakena-yanapere)".

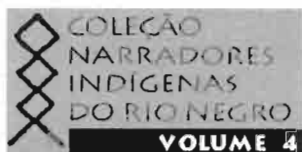
1. Índios da América do Sul - Brasil - Amazônia - Lendas 2. Índios da América do Sul - Brasil - Amazônia - Mitologia 3. Índios Taliaseri-Phukurana 4. Índios Tariana 5. Povos indígenas - Amazônia - Rio Negro
I. Barbosa, Manuel Marcos. II. Garcia, Adriano Manuel.
III. Garcia, Pedro. IV. Garcia, Benjamin. V. Série

00-2391

CDD-980.411

Índices para catálogo sistemático:

1. Histórias : Índios da Amazônia : Cultura : Civilização
980.411
2. Lendas : Índios da Amazônia : Cultura : Civilização
980.411
3. Mitos : Índios da Amazônia : Cultura : Civilização
980.411



UPÍPERI KALÍSI

Histórias de antigamente

Histórias dos antigos Taliaseri-Phukurana

(versão do clã Kabana-idakena-yanapere)

Unirva / Foirn
Iauareté - São Gabriel da Cachoeira
Amazonas - Brasil
2000

© UNIRVA/FOIRN

Unirva – União das Nações Indígenas do Rio Uaupés Acima

Foirn – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

Avenida Álvaro Maia, 79

69.750-000 São Gabriel da Cachoeira - Amazonas – Brasil

tel/fax: (092) 471-1349/471-1001

Narração: Manuel Marcos Barbosa e Adriano Manuel Garcia

Tradução para o português: Pedro Garcia e Benjamin Garcia

Organização, digitação, revisão, apresentação e nota lingüística:
Dominique Buchillet (IRD)

Notas de rodapé: Dominique Buchillet (IRD)

Glossário dos nomes de animais e plantas: Manuel Marcos Barbosa,
Adriano Manuel Garcia, Benjamin Garcia e Dominique Buchillet (IRD)

Revisão técnica do português: Beto Ricardo e Geraldo Andrello (ISA)

Mapas de localização dos clãs tariana atuais e dos lugares míticos:
Dominique Buchillet (IRD) e Alicia Rolla (ISA)

Design gráfico: Maria Helena Pereira da Silva

Editoração eletrônica: Vera Feitosa (ISA)

Ilustrações da capa e do miolo: petróglifos de lauareté Cachoeira, rio
Caiary-Uaupés, retirados de Theodor Koch-Grünberg, 1907.
Südamerikanische Feldzeichnungen. Berlin : Verlegt Bei Ernst
Wasmurth A.-G.

A produção deste livro faz parte da cooperação
FOIRN/ISA/IZ – Aliança pelo Clima (Áustria)



Sumário

9

Apresentação

21

Nota lingüística

23

Hipaweri hekoapi numaka waliperi nawíki kalísi
História da criação do mundo e da humanidade pelo Deus-Trovão

Genealogia dos dois principais clãs Tariana-Phukurana

1. Clã Kamewa-perisi-yanapere

2. Clã Kabana-idakena-yanapere

Mapa da localização atual dos clãs tariana

80

Iriyumakeri-yanapere kalísi
História de Iriyumakeri-yanapere

105

Mami-yapirikuli Ínali kalísi
História de Inambu e de Mucura

112

Kuwai-yapirikuli kalísi
História de Kuwai

116

Miakana kalísi
História da Gente-de-Transformação

123

Dilúvio lama maleda siawa kalísi
História do dilúvio e do incêndio no mundo

128

Ñasikalikili-yapirikuli kalísi
História de Ñasikalikili, o Dono da alimentação

143

Wanali-yapirikuli kalísi
História de Wanali

153

Kamaweni hiwida kalísi
História das duas cabeças de Kamaweni

160

Kamisiri-nawíki kalísi
História de Kamisiri

175

Kuphe-nawíki Pudasí-nawíki kalísi
História da Gente-Peixe e do Desana

181

Piraruku-yumáwali kalísi
História da Cobra-pirarucu

186

Maane-nawíki kalísi
História do homem da etnia “Tocandira”

192

Yepâ-Sũ'ria lisadoa nukili Wañahori kalísi
História de Yepâ-Sũ'ria com o sogro Wañahori

205

Lepi-keeri kalísi
História da Lua

208

Wayuli-nawíki ãsiali kalísi
História do homem com os urubus

211

Suneri kalísi
História da origem das mochivas

213

Mâli liamhãde ãsiali waakama wemaniyu kalísi
História do homem que foi com as garças até a casa de Weño

219

Pudasi-nawíki kalísi
História de um Desana

224

Ñamakuaro kalísi
História de Ñamakuaro

229

Iriyumakeri-yanapere Iñe-dieriku-sedeite kalísi
História de Iriyumakeri-yanapere e do Diabo sem Cu

232

Ñaamu kalísi manupe
Histórias de Ñaamu, o Curupira

250

Upíperi kuphe-nawíki-mariri kalísi
História da origem do pajé-sakaka

254

Upíperi ñalána kalísi
História dos primeiros brancos

I. A guerra da Cabanagem

II. O conde Ermanno Stradelli

III. História de Maximiano e de Biculão

IV. A chegada dos missionários franciscanos

V. A família do Manduca Albuquerque

VI. Os missionários salesianos em Iauareté

273

Kurusa-maruka kalísi
História do Canto da Cruz

281

Glossário dos nomes de plantas e animais
(português, tariana, tukano e identificação científica)

Apresentação

Essa coletânea de narrativas míticas é o quarto volume da Coleção *Narradores Indígenas do Rio Negro*, lançada pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro/FOIRN em abril de 1995, no âmbito do seu programa de revitalização da cultura dos vários povos dessa região e cuja produção está prioritariamente voltada para o público de leitores indígenas.

Este volume, que é também o segundo dedicado às narrativas míticas de um grupo arawak do rio Negro, reúne os mitos mais importantes da cultura dos *Taliaseri* “Tariana”, na versão de Manuel Marcos Barbosa e Adriano Manuel Garcia, ambos originários do grupo de descendência (clã) de *Kali*, mais conhecido sob o nome de *Kabana-idakena-yanapere*. Além das narrativas míticas e de algumas histórias sobre Curupira, ele inclui um depoimento de grande importância sobre a chegada dos primeiros brancos na região do rio Negro, não somente pelo caráter inédito - é a primeira vez que a visão indígena do contato com os brancos é publicada pelos próprios índios - como igualmente pelo seu alto valor de testemunho de um passado bastante doloroso. Retrata os principais momentos da história do contato lembrada pelos dois narradores. O valor histórico desse depoimento é inegável. Começando com a Cabanagem (anos 1830-1840), quando os jovens e os homens adultos da região foram arrematados para participar dessa guerra, passa pelas lembranças das três viagens efetuadas na região pelo conde italiano Ermanno Stradelli, para a Comissão Brasileira de Demarcação dos Limites (1880-1885), pelo trabalho com os primeiros extrativistas brancos (1880-1890), pela experiência com os missionários franciscanos (1880-1888), pela escravidão promovida por uma família de nordestinos (1900-1940) antes de terminar pela chegada dos primeiros missionários salesianos na região de Iauareté (1927). O livro inclui também a tradição milenarista dos Tariana.

Os *Taliaseri* são um dos seis grupos da família lingüística arawak que vive, com outros povos das famílias lingüísticas Tukano oriental e Maku,

no alto rio Negro. A população total da região é estimada em 30.000 pessoas, vivendo em cerca de 650 comunidades e sítios distribuídos ao longo das margens dos principais rios e de seus tributários navegáveis, bem como nas áreas interfluviais. Os *Talieseri* somam aproximadamente 1.600 pessoas, divididas em 18 comunidades localizadas na região do médio e alto rio Uaupés, assim como na boca do rio Papuri. Em Iauareté, centro histórico de ocupação tariana, eles residem em vários bairros ou “vilas” (ver mapa de localização dos clãs tariana atuais, página 78).

Os membros do clã *Kabana-idakena-yanapere*, grupo de descendência dos dois narradores deste volume, moram respectivamente nas comunidades de Itaiçu e Iauareté-Vila Aparecida, no médio rio Uaupés. Como se lerá, o ancestral deste clã é *Kali*, mais conhecido sob o nome de Luiz Kabana, em razão de sua participação ativa na Cabanagem.

Há muito tempo que Manuel Marcos Barbosa (*Kedali*) e Adriano Manuel Garcia (*Kali*) desejavam registrar por escrito as tradições míticas dos *Talieseri* na versão do seu grupo de descendência. Os dois narradores decidiram fazer este livro frente ao desinteresse demonstrado por numerosos jovens em relação à cultura tradicional, ao desaparecimento gradual dos últimos velhos que “têm o direito de contar por ter ouvido o seu pai e o seu avô”, caso de Manuel (*Kedali*), e recordando-se da reflexão de um antigo padre da missão salesiana de Iauareté para o qual “sem livro, ninguém sabe e ninguém vai contar essas histórias mais tarde”. Este livro responde também ao pedido, reiterado em numerosas ocasiões, de membros de outros clãs tariana querendo aprender sobre as tradições míticas dos *Phukurana*, isto é, dos clãs maiores dos Tariana, aos quais pertencem os dois narradores:

- “A gente ditou esse livro para o futuro, para os nossos filhos, para os nossos netos, para as futuras gerações saberem” e para que “aqueles que estão interessados possam aprender. É por isso que este volume foi feito”, insistiu Adriano (*Kali*) ao longo do trabalho.

O livro foi elaborado em Iauareté ao longo de três períodos de trabalho intensivo com a antropóloga Dominique Buchillet do IRD (Institut de recherche pour le développement, França), pesquisadora associada ao

Instituto Socioambiental/ISA, durante o ano de 1999 (janeiro/fevereiro, julho e novembro/dezembro). Todos os mitos foram inicialmente narrados – e gravados - em tariana, por Manuel (*Kedali*). Pontos específicos dos mitos eram posteriormente discutidos em tukano pelos narradores, a pedido dos intérpretes. Cada mito, finalmente, era traduzido para o português pelo(s) intérprete(s), com a ajuda eventual de Adriano (*Kali*), e transcrito pela antropóloga. Todos os mitos, que foram revisados no mínimo duas vezes com os próprios narradores, foram sempre seguidos de uma discussão extensa com a antropóloga destinada a esclarecer pontos obscuros, resolver certas ambigüidades ou aparentes contradições, introduzir detalhes de relevância para a compreensão do mito ou, ainda, verificar os nomes de lugares e de seres míticos, entre outros.

Devido ao esquecimento da língua vernacular pela maioria da população tariana – cerca de 150 pessoas que se identificam como pertencentes à etnia tariana falam ainda esse idioma -, optou-se por incluir sistematicamente no texto os nomes vernaculares dos lugares míticos, seguidos pela tradução em português e, em nota, o seu cognato na língua tukano, pensando não somente nos futuros leitores tariana, como também naqueles de outras línguas da região. Como pode ser visto nos mapas ao longo das histórias, há mais de 170 lugares míticos importantes para os Tariana na região do Uaupés/rio Negro. Alguns lugares, apesar de sua relevância, não foram mapeados por se localizarem fora das cabeceiras dos principais rios da região, tais como *Puipi-uuni-pumenipoa*, o “Lago de Água Doce”, situado na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, *Kuwai-pani* (ou *Kui-pani*), “Jurupari-Cachoeira”, na cabeceira do rio Uaupés, na Colômbia ou, ainda, a Porta das Águas, que fica na foz do rio Amazonas, para citar alguns.

Optou-se também por registrar sistematicamente em três línguas (português, tariana, tukano) os nomes dos animais e das plantas citados, os quais foram organizados num glossário ao final do volume. Além dos nomes nas três línguas, o glossário inclui também a identificação científica, quando possível. Para tanto, usou-se como fontes as seguintes obras: para os animais, o *Dicionário dos animais do Brasil* de Rodolpho Von

Ihering, (1969, São Paulo, Editora Universidade de São Paulo), o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2ª edição revista e ampliada) e o livro *Sistemas indígenas de classificação de aves: aspectos comparativos, etiológicos e evolutivos* de Allen Arthur Jensen, (1988, Belém, MCT-CNPq/MPEG). Para as plantas, além do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, foram utilizados os dois trabalhos seguintes: *The Plant-Book. A portable dictionary of the higher plants* de D.J. Mabberley (1987, Cambridge, Cambridge University Press) e, no que se refere às palmeiras, o livro *Les palmiers de l'Eldorado* de F. Kahn (1997, Paris, ORSTOM Editions).

O sistema de notação da língua tariana adotado nesse volume é fonético, e não fonológico. Uma breve descrição desse idioma, que se inspirou em parte do trabalho da lingüista Alexandra Y. Aikhenvald (*cf. Tariana Texts and Cultural Contexts*. 1999, Muenchen, Lincoln Europa) sobre uma variante dialetal desta língua (o tariana falado pelo clã *Mamialikuna* [*Wamiarikune*] das comunidades Santa Rosa e Periquito), segue ao final desta Apresentação. Por fim, o sistema de transcrição das palavras em tukano baseou-se sobre a grafia descrita pelo lingüista Henri Ramirez na obra *A Fala Tukano dos Ye'pâ-masa* (1997, Manaus, CEDEM, 3 tomos).

A versão final do livro foi inteiramente revista pelos narradores e intérpretes, sendo a revisão cuidadosa do português efetuada por Carlos Alberto Ricardo e Geraldo Andreello, ambos do Instituto Socioambiental/ISA de São Paulo.

Os narradores

Manuel Marcos Barbosa, com nome cerimonial de *Kedali*, nasceu no começo do século 20. É casado com Bibiana, mulher wanana de Arara Cachoeira (rio Uaupés), com quem teve três filhos (um dos quais morreu no parto) e três filhas. Vive em *Ápialiku*, “Itaiaçu”, na boca do igarapé Anta, rio Uaupés, acima de Iauareté, uma comunidade criada nos anos 45-50 sob o incentivo do padre salesiano José Dalla Valle frente à epidemia

de tuberculose que então assolava a antiga comunidade de Taiaçu. A nova comunidade passou a se chamar Itaiçu, e não mais Taiaçu como a primeira.

Kedali (Manuel) é o primogênito de *Kuenaká* (Marcos), ele mesmo primogênito de *Uhiyaka-kamiaka* (Joanico), o quarto filho de *Pukutha* (Manuel) que era, conforme veremos no livro, o primogênito de *Kali* ou Luiz Kabana com a segunda mulher. Durante a juventude, *Kedali* viajou muito pela região do alto rio Negro, trabalhando na década de 50 com borracha (seringa) em Porto Espelho (Colômbia) com o sr. Hernando Lopes, fazendo também várias outras viagens à Colômbia e Venezuela. Nessas viagens, ele aprimorou o seu conhecimento sobre a cultura dos povos da região do rio Negro. Seu conhecimento sobre os fatos históricos é também impressionante. Ele é *liñapanipe*, ou rezador, e também *mariri*, ou pajé. Não obstante a idade avançada, ele continua a exercer essas funções, sendo inclusive muito procurado durante sua permanência em Iauareté por ocasião do trabalho neste livro. Por fim, ele é um dos últimos a falar a língua tariana, na variante dialetal do seu grupo de descendência.

Adriano Manuel Garcia, com nome cerimonial de *Kali*, nasceu em 1931 no antigo Taiaçu (rio Uaupés). Ele é o filho de *Kui* (Manuel), ele mesmo terceiro filho de *Kui* (Venâncio), o qual é o segundo filho de *Pukutha* (Manuel), primogênito de *Kali*, ou Luiz Kabana, com a segunda mulher. *Kali* é casado com Regina, mulher pira-tapuya de Aracu-Ponta (rio Uaupés), com quem tem seis filhos e três filhas.

Kali, assim como *Kedali*, trabalhou na borracha (seringa) na Colômbia, primeiro em Porto Espelho (1963-1964), depois em Porto Matapi (1966) com o sr. Francisco Behumeia. Em 1965, ele fez uma primeira viagem no trecho Iauareté-Querari como prático do barco do antigo bispo da Prelazia do rio Negro, o pe. João Marchesi. Nos anos seguintes, ele continuou fazendo viagens com os padres, desta vez com os padres José Dalla Valle e Pedro Martins. Com este último, ele visitou o baixo rio Uaupés e entrou no igarapé Japu para averiguar o trabalho de construção das capelas. Nos anos 70, ele fez várias outras viagens na região toda com os padres Antônio Scolaro e Boleslau Wyszomierski, sendo suas últimas

viagens na região como prático do barco do pe. Miguel Ângelo Garcia. Nessas viagens, ele chegou a aprender alguns rudimentos de baniwa, kubeo, pira-tapuya, wanana, entre outras línguas da região. Embora não fale a língua tariana, ele entende perfeitamente este idioma. Por fim, *Kali* é também *liñapanipe*, isto é, rezador.

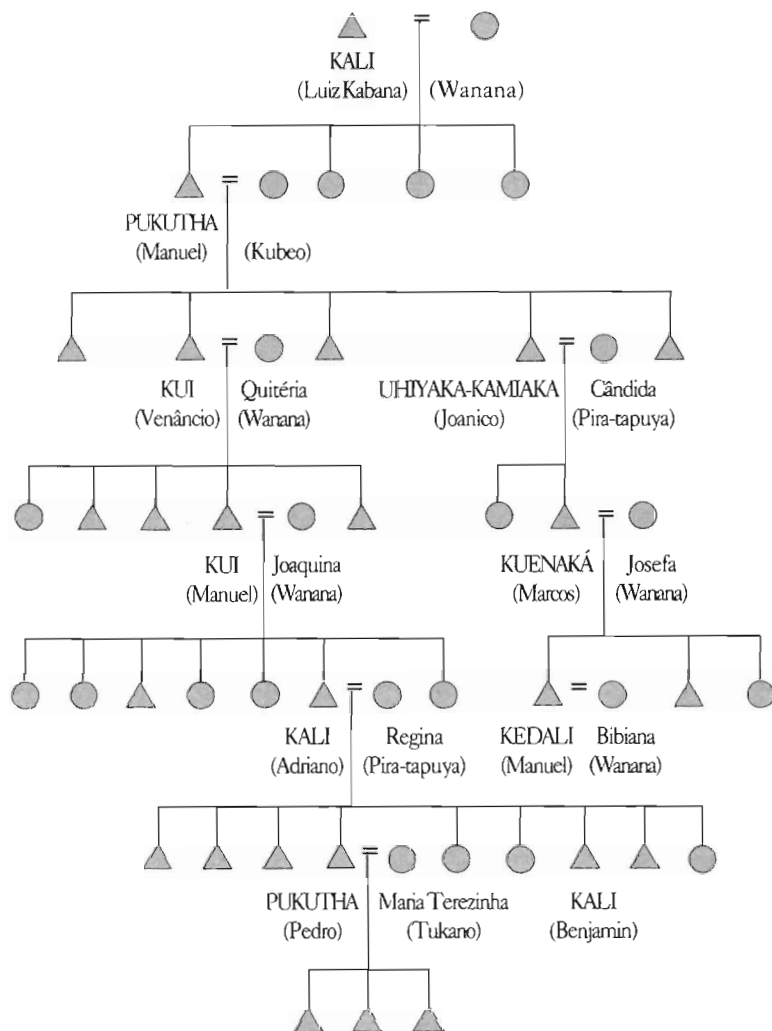
Os intérpretes

Os dois intérpretes que participaram da organização deste livro são Pedro Garcia e Benjamin Garcia, ambos filhos de Adriano (*Kali*).

Pedro Garcia, com nome cerimonial de *Pukutha*, é o primeiro dos filhos de Adriano com Regina. É casado com Maria Terezinha, mulher tukana de Ananás (baixo rio Uaupés), com quem tem três filhos, todos crianças ainda. Há muito tempo Pedro desejava registrar e publicar um livro sobre a mitologia do seu povo. Participou, durante sua estadia em julho de 1999 em Iauareté, da revisão da primeira versão deste volume. Eleito presidente da FOIRN em 1996, ele mora em São Gabriel da Cachoeira.

Benjamin Garcia, com nome cerimonial de *Kali*, é o sexto filho de Adriano com Regina. Solteiro, trabalha na Infraero em Iauareté onde coleta dados sobre a temperatura do ar, a direção do vento e o volume de água depois das chuvas na região. Embora não fale a língua tariana, entende parte dela e está muito interessado em aperfeiçoar o seu conhecimento, tanto sobre a língua quanto sobre a cultura do seu povo.

Relação genealógica dos narradores e intérpretes a Kali (Luiz Kabana)



Legendas

△ homem

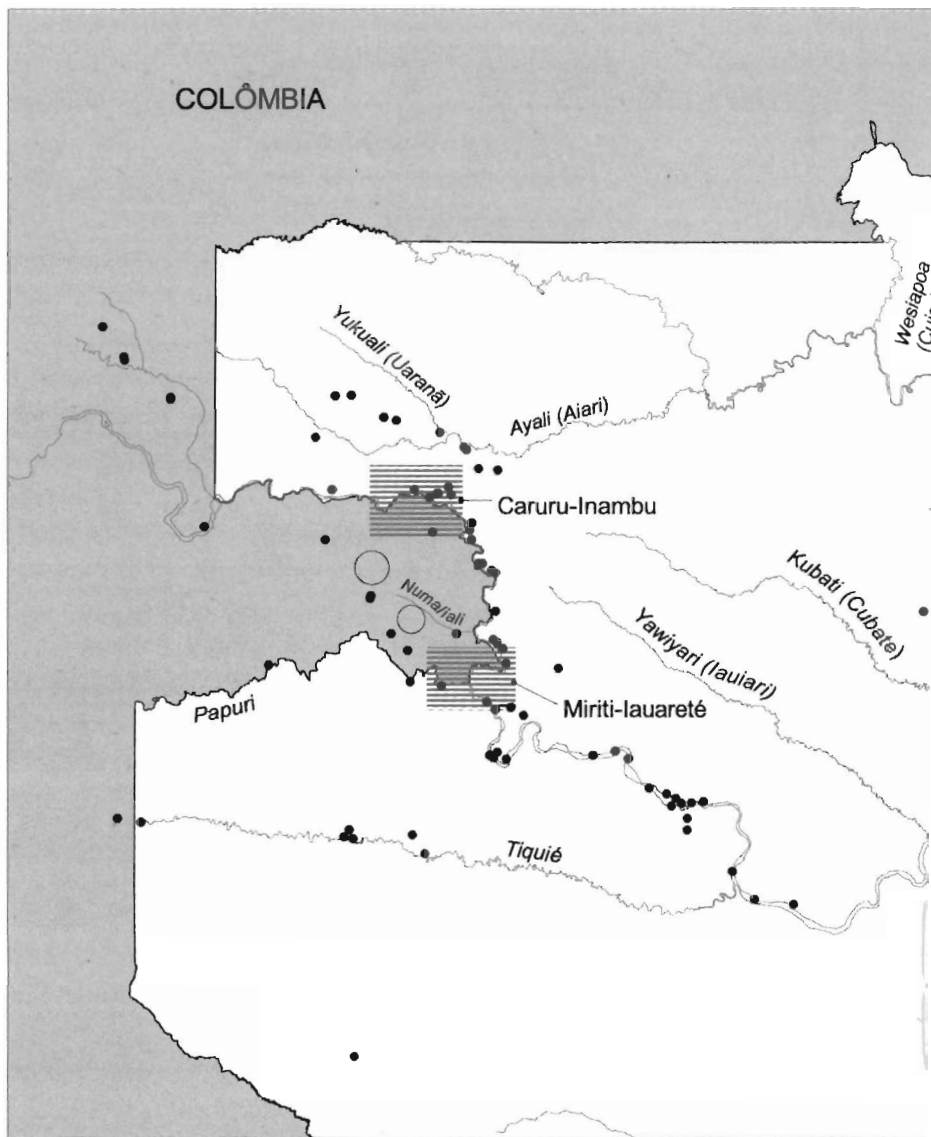
● mulher

= casado

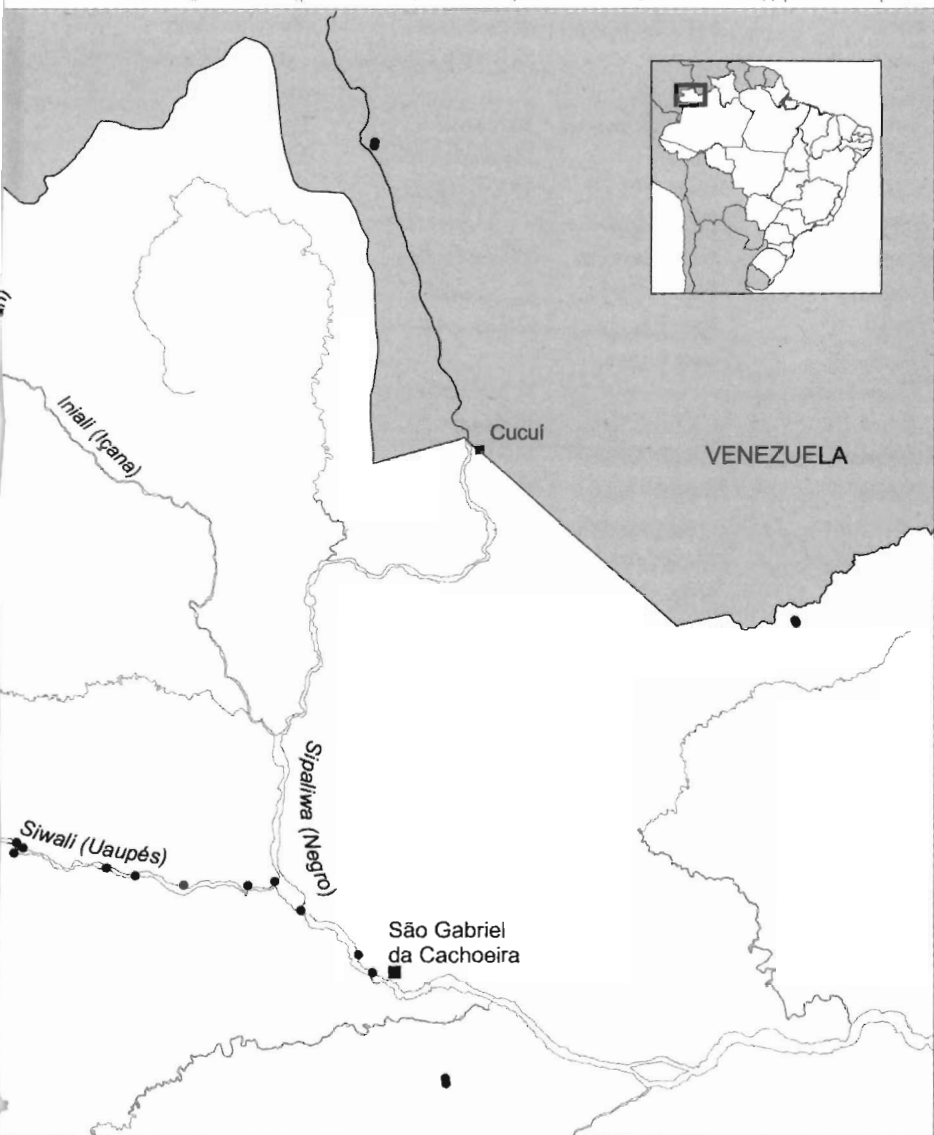
| filho

— irmão

Representação gráfica dos lugares míticos tariana na região do Rio Negro/Uaupés*



*Veja relação nas páginas seguintes.



Os lugares míticos

em Tariana	em Português	em Tariana	em Português
1. <i>Enudali</i>	Uapui-Cachoeira	35. <i>Poale-taapu</i>	Paraná do Forno
2. <i>Uuni-yumáwali-panisi-kewere</i>	Bela Vista	36. <i>Wesiripi-nayuetaka</i>	Lugar da Palmeira
3. <i>Hemali-tuku</i>	Casa de Abiu	37. <i>Saauruali</i>	Inajá em Pé
4. <i>Lepi-taki</i>	Pituna	38. <i>Dekada-taki</i>	Igarapé Tarnanduí
5. <i>Kapi-hipa</i>	Pedra de Caapi	39. <i>Kaparu-panisi</i>	Marabitanas
6. <i>Hipáru-kewere</i>	Ilhas do Sapo		Casa do Macaco
7. <i>Paramhali-hipa</i>	Uapui-Cachoeira	40. <i>Bukwali-ñapu</i>	Barigudo
8. <i>Peeri-haiku</i>	Pedra de Águia	41. <i>Peeri-taki</i>	Casa de Ingá
9. <i>Peeriali</i>	Igarapé Águia	42. <i>Yawi-pam</i>	São Miguel
10. <i>Daaduali</i>	Igarapé Arara		Cachoeira de
11. <i>Halepukudawa</i>	-	43. <i>Mapulusi-kewere</i>	Iauareté
12. <i>Duchuli-hipa</i>	Cachoeira Suructá	44. <i>Iripoa</i>	Ilha do Umiri
13. <i>Mapádali</i>	Casa de Abelha	45. <i>Aimi-kewere</i>	Pedra de Sangue
14. <i>Piñeali</i>	Igarapé Tirinica	46. <i>Kuna-taki</i>	Ilha da Caba
15. <i>Mawadali</i>	Ilha do Sapo <i>Mawa</i>	47. <i>Bati-taapu</i>	Pedra de Timbó
16. <i>Daadu-kewere</i>	Ilha de Arara	48. <i>Ewa-kewere</i>	Poço do Balaio
17. <i>Yakadali</i>	Maloca do Camarão	49. <i>Bati-ita</i>	Ilha Tauá
18. <i>Kahana</i>	Ipanoré	50. <i>Yapa-taki</i>	Pedra de Balaio
19. <i>Herwi-taki</i>	Serra de Juta	51. <i>Malisi-taapu</i>	Ponta de Tucunaré
20. <i>Ewa-taki</i>	Tawataki		Paraná de Capim
21. <i>Pisieda-taki</i>	Ponta de Taracuí	52. <i>Tryana</i>	de Pasto
22. <i>Pamöli-taki-kawama</i>	Serra dos Piolhos	53. <i>Yema-perephe-taki</i>	Poço da Cuia
23. <i>Pisi-panisi</i>	Casa da Cutia	54. <i>Kalelu-taki</i>	Nova Esperança
24. <i>Kumali-pani</i>	Urubuquara	55. <i>Panisi-taki</i>	São José
25. <i>Ñamaru-kewere</i>	Ilha de Arraia	56. <i>Igarapé Yuliali</i>	Baía
26. <i>Ditalipukipe</i>	Aracapé	57. <i>Kaidali-kalisana</i>	-
27. <i>Igarapé Waapa</i>	-	58. <i>Pipiriali</i>	Lago de Gemer
28. <i>Hema-ñapu</i>	Igarapé Anta		Igarapé de
29. <i>Ñpialiku</i>	Taiacu	59. <i>Dupali-pani</i>	Pupunha
30. <i>Piripiri-kuale</i>	Serra Bem-te-vi	60. <i>Heru-taki</i>	Aranpirá
31. <i>Ásale-taki</i>	Cumá-ponta	61. <i>Ásiali-kawama</i>	Ponta de Panicá
32. <i>Kuriapuna</i>	Ponta de Coró-Coró	62. <i>Masãmaduali</i>	Casa de Piolhos
33. <i>Panisi-ñinapada</i>	Ucapinima	63. <i>Purwe-kewere</i>	-
34. <i>Wanali</i>	Wanani	64. <i>Ásale-hipa</i>	Ilha do Macaco
			Pedra de Cumá

em Tariana	em Português	em Tariana	em Português
65. <i>Duidotali-taki</i>	Ponta do Anujá	97. <i>Kamaruda-taku</i>	Serra de Cupim
66. <i>Yumáwaxali-hwáida</i>	Cabeça da Cobra	98. <i>Kapiamaliku</i>	Maloca de Fatura
67. <i>Ápiali-taapu</i>	Paraná dos Porcos- Queixadas	99. <i>Pisi-taku</i>	Serra da Cutia
68. <i>Enu-hipa</i>	Pedra de Trovão	100. <i>Umai-taki</i>	Piranha-ponta
69. <i>Saaru-hipa</i>	Pedra Tamanduá	101. <i>Numali-hipa</i>	Umarí-Cachoeira
70. <i>Yeka-taki</i>	Seringa-ponta	102. <i>Hema-kaya</i>	Tapira-jirau
71. <i>Kastaña-kewere</i>	Ilha da Castanha	103. <i>Wiakada-hipa</i>	Cachoeira Compida
72. <i>Duume-taki</i>	Ponta do Aracu	104. <i>Maliña</i>	Igarapé <i>Maliña</i>
73. <i>Tátali-hipa</i>	Pedra do Cancã	105. <i>Yaase-hipa</i>	Cachoeira Tucano
74. <i>Bati-taki</i>	Ponta do Balaio	106. <i>Umápi-ñapu</i>	Igarapé da Minhoca
75. <i>Talama-kalisana</i>	Poço do Cocar	107. <i>Imipuku-daxwa</i>	Boca da Estrada
76. <i>Uwaci-inipu</i>	Caminho de Guerra	108. <i>Netō-kalisana</i>	Lago de Travessa
77. <i>Paisi-taki</i>	Casa da Rã	109. <i>Lipanayu-kalisana</i>	Lago de Osso
78. <i>Hwávaru-kewere</i>	Ilha dos Brincos	110. <i>Tumuni-kewere</i>	Ilha de Rodar
79. <i>Wáduli-kewere</i>	Ilha do Araçari	111. <i>Yebari</i>	Jebari
80. <i>Pisiri-hipa</i>	Pedra do Morcego	112. <i>Pitheru-kewere</i>	Ilha das Cabas
81. <i>Yasitaru</i>	Lago de Jacitara	113. <i>Mukutu-taki</i>	Ponta de Panacu
82. <i>Saraité</i>	Paraná do Terçado	114. <i>Píperi-taki</i>	Bacaba-Ponta
83. <i>Ñamepa-nawiki</i>	Paraná dos Gêmeos	115. <i>Mapada-kewere</i>	Ilha do Irá
84. <i>Mapada-taku</i>	Serra do Irá	116. <i>Yapa-kewere</i>	Ilha de Tucunaré
85. <i>Ánali-hipa</i>	Mucura-Cachoeira	117. <i>Serra Buhuliki</i>	-
86. <i>Siwáru-tudapuku</i>	Cacuri de Pombo	118. <i>Bukuli-hipa</i>	Cachoeira Macucu
87. <i>Matsite-pani</i>	Cachoeira Feia	119. <i>Yupisi-hipa</i>	Cachoeira Matapi
88. <i>Kapatharu-haiku</i>	Tronco da Barata	120. <i>Iniri-pani</i>	Maloca da Traíra
89. <i>Kumali-pani</i>	Casa da Palmeira	121. <i>Siwáli-suite</i>	Paraná-jucá
90. <i>Ina-hipa</i>	Tucumã	122. <i>Kuphe-taapu</i>	Paraná dos Peixes
91. <i>Tryana-hipa</i>	Cachoeira das Mulheres	123. <i>Kuuri-taki</i>	Coró-Coró
92. <i>Hípada-pinima</i>	Porto da Cuia	124. <i>Naima-kalisana</i>	Estreito do Rio
93. <i>Ina-masiadali-taku</i>	Itapinima	125. <i>Ye-taapu</i>	Paraná do Tatu
94. <i>Isisi-taku</i>	-	126. <i>Kolokoa-hipa</i>	Cachoeira do Sapo <i>Kolokoa</i>
95. <i>Haikupana-taki</i>	Pico da Neblina	127. <i>Kepiriali</i>	Igarapé Uiramini
96. <i>Ina-hipada</i>	Bela Adormecida	128. <i>Wisuáli</i>	Igarapé Estrela
	Serra das Mulheres	129. <i>Wesia-hipa</i>	Pedra-Cuia

em Tariana	em Português	em Tariana	em Português
130. <i>Kepira-yarusimaka-hipa</i>	Cachoeira do Ninho de Passarinho	149. <i>Wayuli-haiku</i>	Tronco do Urubu
131. <i>Wada-ñapu</i>	Igarapé Uirapixuna	150. <i>Mami-kewere</i>	Ilha de Inambu
132. <i>Haiku-sawa</i>	-	151. <i>Samiali-ñapu</i>	Igarapé Gafanhoto
133. <i>Bisu-kaya</i>	-	152. <i>Ñamole-takapi</i>	-
134. <i>Kaini-soloaphi</i>	Panela de Manicuera	153. <i>Ullya-hipa</i>	Pedra de Burity
135. <i>Peeri-piwalikuna</i>	Pescoço da Águia	154. <i>Emu-kewere</i>	Ilha do Inseto <i>Emu</i>
136. <i>Umápi-karzyatu</i>	Buraco de Minhoca	155. <i>Iiri-maali</i>	-
137. <i>Enisi-kaya</i>	Jirau de Pesca de Pedra de Quartzo	156. <i>Heta-hiwida</i>	Cabeçado Urubu-rei
138. <i>Pipani-kuphe</i>	-	157. <i>Kimikikai-taki</i>	Ponta da Casca de Mandioca
139. <i>Haiku-tudapuku</i>	Toco de Pau	158. <i>Heta-hipa</i>	Pedra do Urubu-rei
140. <i>Umái-nerekúí-pipaka</i>	Bochecha de Piranha	159. <i>Kuisi-kalisana</i>	Igapó do Mutum
141. <i>Isiela-tudapuku</i>	Jirau do Jabuti	160. <i>Yákapena</i>	-
142. <i>Numali-haiku</i>	Tronco de Umari	161. <i>Kumáda-kalisana</i>	Poço do Pato
143. <i>Umi-halepali</i>	Curva de Espuma	162. <i>Pisi-taku</i>	Serra da Cutia
144. <i>Umi-halepa-ñapu</i>	Igarapé de Espuma	163. <i>Numaliali</i>	-
145. <i>Umi-pumenia-mipu</i>	Caminho de Água Doce	164. <i>Waduali-ñapu</i>	Igarapé Pirapucu
146. <i>Dakasa-hipa</i>	Cachoeira do Poraquê	165. <i>Serra Niiku-panisi</i>	-
147. <i>Sidoa-hipa</i>	Cachoeira da Cana-de-açúcar	166. <i>Yaase-kalisana</i>	Lago do Tucano
148. <i>Heni-hipa</i>	Jandu-Cachoeira	167. <i>Daapi-kalisana</i>	Igapó do Cipó
		168. <i>Kereweni-kalisana</i>	Igapó do Gavião-tesoura
		169. <i>Taali-mipu</i>	Aracu-ponta
		170. <i>Kuisi-kewere</i>	Ilha do Mutum
		171. <i>Kamaruda-hipada</i>	Cachoeira de Montfort
		172. <i>Áli-kalisana</i>	Lago do Jaburu

Nota lingüística

A língua *taliiseri* possui 22 fonemas principais: 5 vogais (**a, e, i, o, u**), 15 consoantes (**b, d, g, h, k, l, m, n, ñ, p, r, s, t, w, y**), o traço nasal (notado por um til: ~) e o acento agudo (´). Há também um certo número de consoantes aspiradas, (**ph, th, kh, dh, mh, nh, wh**), como nos exemplos seguintes: **kuphe** “peixe”, **pethe** “beiju”, Pukhurana, nome dos clãs maiores dos Tariana, **kamheru** “cucura” (na variante dialetal da comunidade de Santa Rosa), **kuwhe** “arapaço”, **nhári** “cacun” (na variante dialetal de Santa Rosa). Há por fim, uma consoante africada surda, escrita no texto por **ts**, e que se pronuncia **tc** como o português de **tch**au e em tariana **matsite** “feio, ruim”.

As vogais **a, i** e **u** se pronunciam como em português. A vogale **o** pode ser aberta (como no português **ela**) ou fechada (como no português **ele**). A vogal **o** também pode ser aberta (como no português **avó**) ou fechada (como no português **avô**). Por fim, as vogais **a, e, i** e **u** podem também ter uma realização longa, transcrita no texto por uma sucessão de vogais, como nos exemplos seguintes: **daadu** “arara”, **neeri** “veado”, **hiiri** “rato”, e **uuni** “água”.

As consoantes **b, d, g, k, m, n, p** e **t** se pronunciam como em português: **o b**, raro em tariana, como em português **babaçu** e em tariana **baaka** “abacate”; **o d**, como em português **dado** e em tariana **daadu** “arara”; **o g**, também raro, como em português **garrafa** ou nos nomes pessoais de origem portuguesa como **Graciliano**; **o k**, como o som português **c** de **caixa** e em tariana **kapí**, a planta alucinógena; **o m** se pronuncia como em português **marianita** e em tariana **mãderi** “esquilo”, **o n** como em português **não** e em tariana **neeri** “veado”, **o p** como em português **Portugal** e em tariana **púperi** “bacaba” e, por fim, **o t** como em português **tarde** e em tariana **tátali** “pássaro cançã”.

A consoante **ñ** é semelhante ao português **nh**, como em **nhoque**, e ao tariana **ñewi** “lontra”. **Oh** se pronuncia como na palavra inglesa **hat** “chapéu” e em tariana **hema** “anta”, **oy** como em inglês **yes** e em tariana **ye** “tatu”, e **ow** como em inglês **wife** “mulher” ou como o som português **v** de **vaca**, por exemplo (em tariana, **mawína** “abacaxi”). O som **l** se pronuncia como em português **belo** e em tariana **lama** “queimar”. Por fim, **r** é um som intermediário entre **or** (como em **caro**, por exemplo) e **ol** português (como em **calote**, por exemplo): em tariana, **inaru** “mulher”.

Hipaweri hekoapi numaka waliperi nawiki kalisi

História da criação do mundo e da humanidade pelo Deus-Trovão

Essa história começou em *Enudali*,¹ ou Uapui-Cachoeira, no *Ayali*,² rio Aiari. Uapui-Cachoeira é o centro do mundo.³ É o lugar do início da criação do mundo. Não havia gente antigamente no centro do mundo. Somente havia *Hipaweri hekoapi*, ainda chamado *Hipaweri Enu*, e *Hipawerua hekoapi-sadoa*. Eram só os dois. *Hipawerua hekoapi-sadoa*, a mulher, era muito inteligente. Ela falou para *Hipaweri hekoapi*:

– Nós temos que procurar os nossos netos porque o mundo está sem gente.

Naquele tempo, não havia terra, nem árvores, nem água. Só havia pedra. Para beber, eles juntavam o orvalho das estrelas nos buracos das pedras.

Os dois, sentados, estavam conversando.

– Quando é que você vai começar a trabalhar? Você fica aqui sem fazer nada. Nós temos que procurar os nossos netos já que o mundo está sem gente, disse *Hipawerua* para *Hipaweri*.

De fato, *Hipaweri hekoapi* não se preocupava em trabalhar. Para dizer a verdade, ele não se preocupava com nada. Ele não pensava em nada. Ele só comia e dormia, comia e dormia. Ele não fazia outras coisas. Ela insistiu:

– Como vamos fazer? Devemos procurar gente.

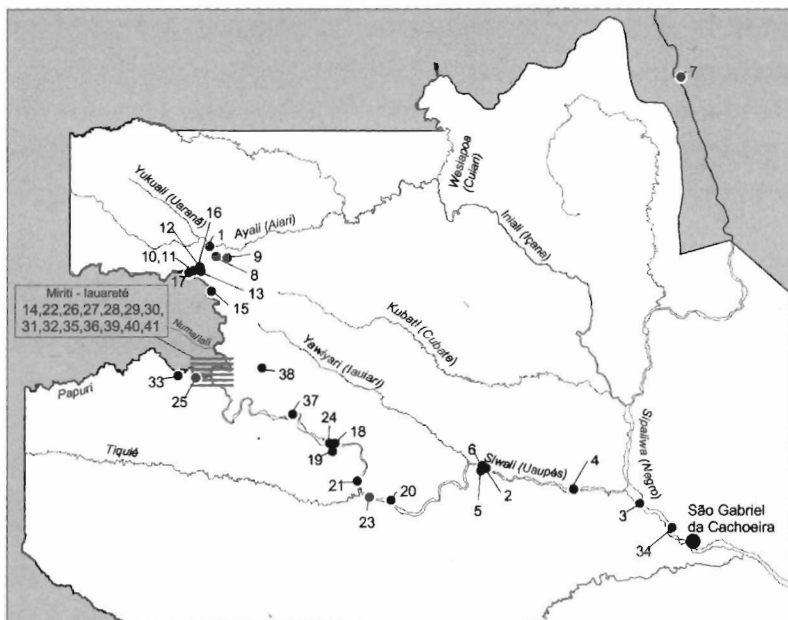
Ouvindo a mulher, ele respondeu:

– Você está certa! Você que sabe dessas coisas, vá então buscar folhas de tabaco. E traga também três cuias.

¹ Literalmente, “Casa do Trovão”; *Bipô-wi’i* ou, ainda, *Pa’ mîri-powêa*, em tukano.

² *Ayarrem* tukano.

³ De acordo com os Tariana.



Ele explicou também:

– Eu vou preparar um cigarro com as folhas que você vai trazer. Você deverá soprar a fumaça nas cuias. É das cuias que o nosso neto vai sair. Começando daqui, vai criar muita gente porque o mundo agora está vazio. Mas antes de criar gente, nós temos também que criar a terra, as matas, as árvores, os rios.

Hipawerua foi buscar as folhas de tabaco no *Wesiapoa*,⁴ ou Cuiari, um braço do *Inali*,⁵ rio Içana. Eram folhas de vários tamanhos: havia grandes, médias e pequenas. São essas folhas que se usa para fazer cigarro. Depois, ela fabricou com quartzo branco três cuias de vários tamanhos: uma grande, uma de tamanho médio e uma pequena. Enquanto isso, *Hipawerui hekoapi* foi procurar dois paus de âmagô preto e vermelho para fabricar o murucu e a forquilha onde ele ia assentar o cigarro. Ele preparou tam-

⁴ *Wahatooya* em tukano.

⁵ *Pupîâ-dia* em tukano.

**Os lugares
míticos desta
história**



emTariana	emPortuguês
1. <i>Enudali</i>	Uapui-Cachoeira
2. <i>Uuni-yumáwahi-panisi-kewere</i>	Bela Vista
3. <i>Hemali-tuku</i>	Casa de Abriu
4. <i>Lepi-taki</i>	Pituna
5. <i>Kapi-hipa</i>	Pedra de Caapi
6. <i>Hipáiru-kewere</i>	Ilhas do Sapo
7. <i>Paramhali-hipa</i>	Uapui-Cachoeira
8. <i>Peeri-haku</i>	Pedra de Águia
9. <i>Peeriali</i>	Igarapé Águia
10. <i>Daaduali</i>	Igarapé Arara
11. <i>Halepukudawwa</i>	-
12. <i>Duduli-hipa</i>	Cachoeira Surucúa
13. <i>Mapádali</i>	Casa de Abelha
14. <i>Pineali</i>	Igarapé Tiririca
15. <i>Mawadali</i>	Ilha do Sapo <i>Mawa</i>
16. <i>Daadu-kewere</i>	Ilha de Arara
17. <i>Yakadali</i>	Maloca do Camarão
18. <i>Kaliana</i>	Ipanoré
19. <i>Herwá-taki</i>	Serra de Juta
20. <i>Ewa-taki</i>	Tawataki
21. <i>Piseda-taki</i>	Ponta de Taracúa
22. <i>Pamöli-taki-kawana</i>	Serra dos Piolhos
23. <i>Pisi-panisi</i>	Casa da Cutia
24. <i>Kumali-pani</i>	Urubuquara
25. <i>Namaru-kewere</i>	Ilha de Arraia
26. <i>Ditalipukipe</i>	Aracapá
27. <i>Igarapé Waapa</i>	-
28. <i>Hema-nápu</i>	Igarapé Anta
29. <i>Ápialiku</i>	Taiacu
30. <i>Piripiri-kuale</i>	Serra Bem-te-vi
31. <i>Ásale-taki</i>	CumáPonta
32. <i>Kuriapuna</i>	Ponta de Coró-Coró
33. <i>Panisi-liñapada</i>	Ucapinima
34. <i>Wanah</i>	Wanari
35. <i>Poale-taapu</i>	Paraná do Forno
36. <i>Wesiripi-nayuetaka</i>	Lugar da Palmeira Inajá em Pé
37. <i>Saaruali</i>	Igarapé Tamandua
38. <i>Dekada-taki</i>	Marabitanas
39. <i>Kaparu-panisi</i>	Casa do Macaco Barrigudo
40. <i>Bukuali-nápu</i>	Casa de Ingá
41. <i>Peeri-panisi</i>	São Miguel

bém um pari de quartzo branco, um banco e um escudo, também de quartzo branco, conforme havia ordenado a mulher. Enquanto ele estava fazendo isso, ela trouxe de volta as folhas de tabaco, assim como as três cuias que havia fabricado. Com as folhas de tabaco, ele preparou o cigarro.

Vendo que tudo estava pronto, *Hipawerua* perguntou:

– Nós temos cigarro, forquilha, cuias, banco, escudo, pari. Nós temos tudo o que precisamos! Quando é que você vai começar a procurar gente? Você tem que procurar uma pessoa que será o nosso neto!

Ouvindo-a, ele estendeu o pari de quartzo branco no chão, colocou em cima o banco, sentou, botou o escudo no cotovelo esquerdo e começou a benzer o cigarro. Depois, ele o entregou para a mulher, mandando-a jogar a fumaça nas três cuias.

– Eu estou lhe entregando o cigarro que acabei de benzer. Você deverá soprar a fumaça três vezes seguidas nas três cuias. Depois disso, deixe as cuias bem tampadas. O nosso neto vai sair dessas cuias. Assim que sair, ele saberá para onde deverá ir.

Hipawerua pegou o cigarro, acendeu-o e, conforme ele havia pedido, foi soprar a fumaça nas três cuias. Ela soprou a fumaça três vezes seguidas em cada cuia. Depois, ela cuspiu três vezes em cada cuia, como também ele havia ordenado. Por fim, ela tampou as cuias. As tampas eram feitas de quartzo branco, como as cuias. Essas cuias são como a barriga de onde iria nascer o primeiro ser humano. Depois disso, ela entregou o cigarro de volta para *Hipaweri*, para que ele benzesse novamente.

Depois de um certo tempo, ela foi olhar nas cuias. Ela queria saber se havia algo dentro.

– Que tal?, ele perguntou.

– Há um pouco de água branca na cuia menor, ela respondeu.

Ele pegou então o cigarro, benzeu-o outra vez e deu para a mulher, pedindo para que soprasse a fumaça nas três cuias, como na primeira vez. Foi o que ela fez. Pouco depois, ela foi olhar de novo e viu que a água, na cuia menor, estava misturada com sangue. Nas

outras duas cuias, havia somente água. Quando ela lhe contou, ele disse, todo alegre:

– Você está me dando uma boa notícia.

Ele pegou de novo o cigarro e o benzeu. Depois, falou para ela:

– O nosso neto vai chegar daqui a pouco.

Ele entregou o cigarro para a mulher, pedindo que fizesse como antes, ou seja, jogar a fumaça três vezes seguidas em cada cuia e cuspir também três vezes em cada cuia. Foi o que ela fez. Quando ela foi olhar mais tarde, a água nas três cuias estava misturada com sangue.

Os dois estavam sentados num quarto fechado, feito de quartzo branco. As cuias estavam num quarto separado, fechado com paris de quartzo branco. Ele benzeu o cigarro pela quinta vez e o entregou para que a mulher soprasse a fumaça nas cuias antes de cuspir.

Pouco depois, ela foi olhar de novo. As cuias estavam enchendo pouco a pouco de água misturada com sangue. A maior enchia mais rápido do que as outras. No entanto, elas não estavam ainda muito cheias. Por isso, ele benzeu o cigarro várias outras vezes, mandando-a sempre soprar a fumaça nas cuias antes de cuspir nelas. Depois de um certo tempo, a mulher foi olhar de novo. Ela viu que as três cuias estavam se enchendo de água misturada com sangue. Já estava se formando uma pessoa. Ela avisou então *Hipaweri*, que lhe disse:

– O nosso neto feito de água e sangue vai nascer. Ele se chamará *Iriyumakeri-yanapere*,⁶ isto é, o homem formado de água e sangue. Ele será como o nosso neto. É ele que vai formar a futura geração.

Assim que soube que as cuias estavam cheias, ele proibiu a mulher de olhar de novo, porque o neto deles iria aparecer. *Iriyumakeri-yanapere* saiu das cuias sem ser visto pelos dois.

Depois de um certo tempo, *Hipaweri* disse para a mulher:

– Vamos olhar nas cuias!

Os dois foram então até o quarto e destamparam as cuias. Mas eles não viram nada. Não havia mais nada. *Iriyumakeri-yanapere* já havia saído,

⁶ *Bîpô-dîiro-pô'ra* em tukano.

sem ser percebido pelos dois. Ele foi pelo ar até o oceano, atravessou-o e parou na Itália. Depois, ele foi para a Espanha. Aí, ele atravessou de novo o oceano e parou em *Puipi-uuni-pumenipoa*,⁷ o “Lago de Água Doce”. Nesse lugar só havia mulheres.⁸ Eram todas irmãs. São essas mulheres que fabricam os cobertores, as roupas, as redes. Ele ficou conversando com elas. As mulheres lhe contaram que mais adiante havia homens⁹ que fabricavam objetos metálicos, tais como espingardas, terçados, facas... Mas ele disse que não era isso o que os seus avós estavam precisando. O que eles queriam mesmo era a divisão do dia e da noite, ele explicou. Ouvindo isso, as mulheres lhe disseram que, mais adiante ainda, havia *Hipáru-yapirikulí*,¹⁰ o Dono da Noite.

Ele foi logo falar com ele. Chegando no lugar onde *Hipáru-yapirikulí* morava, viu que tudo estava bom para ele. De fato, lá onde ele morava havia dia e noite, enquanto que no centro do mundo somente havia dia. A família de *Hipáru* tinha tudo: tinha o dia, a noite; tinha árvores, água, mandioca, quinhapira, etc. Ao amanhecer, *Hipáru* se levantava e ia tomar mingau. Depois, ia trabalhar. No final da tarde, ia dormir. Isto é, ele vivia do jeito que a gente vive hoje em dia. Em Uapui-Cachoeira, não havia nada disso. *Iriyumakeri-yanapere* viu que a vida era muito boa no mundo de *Hipáru*. Por isso, ele lhe pediu a noite, mas *Hipáru* recusou, dizendo:

– A noite é algo muito feio. A gente dorme durante a noite. Isso é sinal de morte.¹¹ Vocês, no centro do mundo, têm algo de bom. Vocês têm o dia! Vocês não têm que ficar preocupados, vocês somente têm o dia! Aqui, com a noite, é muito feio. A gente dorme como se fosse morta. Isso é realmente muito ruim!

Quando acabou de falar, ele mandou *Iriyumakeri-yanapere* perguntar para os seus avós se era realmente isso que eles queriam.

⁷ *Ōpekō-Ditāra* em tukano, literalmente, “Lago de Leite”. Fica na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro.

⁸ *Ina hipanipeta yarusimaka* em tanana (*numiā pāra-meérā numiā* em tukano).

⁹ *Ūlāna hipanipena* em tariana (*pekāsāa da’rari masá* em tukano).

¹⁰ *Yā’pā-Ō’ākili* em tukano. O nome tariana desse sapo é *kolokoa* (*yā’pā* em tukano).

¹¹ *Nāñamka* em tariana, *wērtse* em tukano.

Iriyumakeri-yanapere voltou pelo ar até Uapui-Cachoeira para contar a seus avós o que ele tinha visto. Enquanto isso, *Hipaweri* e *Hipawerua* estavam preparando a casa dele, o banco, as cuias. *Hipaweri* estava benzendo vários tipos de cuia para ele tomar o conteúdo na sua volta: havia cuia de leite, de cumá, de cucura, de abiu, de ingá e de caju.

– Quando o nosso neto regressar de *Puipi-uuni-pumenipoa*, vai tomar o conteúdo dessas cuias para se alimentar e poder viver nesse mundo, ele explicou para *Hipawerua*.

Ele prosseguiu:

– Na volta, ele vai perguntar para a senhora sobre a água, a noite, o dia, as árvores, a terra... Você deve estar preparada para responder para ele.

– Tudo bem, ela disse.

Assim que *Iriyumakeri-yanapere* chegou, tomou um pouco do suco de cada cuia e então disse:

– Estou chegando no lugar onde eu nasci!

Hipawerua perguntou:

– Como está no lugar onde você andou?

– Lá é muito bom, eles estão vivendo muito bem. Eles têm tudo: eles têm noite, dia, mandioca, todos tipos de frutas... , ele respondeu.

Ouvindo isso, *Hipawerua* disse logo:

– Aqui não tem nada. Não tem terra, não tem água, não tem noite, não tem árvore, não tem comida, não tem peixes, nem carne de caça, não tem frutas de abiu, de cucura, de ingá, não tem mandioca. Não tem nada aqui no centro do mundo!

Ela repetiu:

– Aqui não tem nada! É isso que está faltando para a gente. Quando os nossos netos nascerem, o que vamos dar a eles? O que eles vão comer?

Depois, ela perguntou:

– Porque você não trouxe nada de volta para cá?

– Eu queria saber primeiro o que a senhora estava achando. É por isso que eu não trouxe nada. Se achar bom, eu volto para lá e eles vão me entregar tudo, ele explicou a ela.

A avó diz de novo:

– Aqui não tem nada. Nós também precisamos do dia e da noite. Nós precisamos de tudo isso. Você deve buscar todas essas coisas para a futura geração.

De fato, conforme vimos, somente havia dia no centro do mundo. Eles cansavam de ficar somente com o dia. A comida também logo terminava. Em *Puipi-uuni-pumenipoa*, eles dormiam, comiam, trabalhavam, descansavam...

Hipaweri mandou-o descansar um pouco. Depois de um certo tempo, *Iriyumakeri-yanapere* decidiu retornar a *Puipi-uuni-pumenipoa*. Antes de ir, mandou os Donos da Terra buscar terra. Conforme vimos, somente havia pedra no centro do mundo. Os inambus, os jacamins, os mutuns, os urumutuns, os urus, os jacus... eram os Donos da Terra. Naquela época, eles viviam dentro das pedras em Uapui-Cachoeira. *Iriyumakeri-yanapere* pediu a eles que buscassem a terra. Por isso, eles voaram até o Lago de Água Doce e trouxeram de volta a terra a Uapui-Cachoeira. *Asiine*, o jacamim, *numali-yawwiri*, o inambu médio, *yawwiri-maleda*, o inambu grande e *kuruá*, o uru, trouxeram a terra boa. Os outros, isto é, *maale*, o jacu, *yasiri*, o urumutum e *kuisi*, o mutum, somente trouxeram areia. Quando chegaram, eles espalharam a terra no centro do mundo.

Mas faltavam ainda água, rios, árvores, plantas. *Iriyumakeri-yanapere* foi pelo ar a *Puipi-uuni-pumenipoa* e trouxe de volta a chuva, assim como vários tipos de sementes... Quando voltou a Uapui-Cachoeira, ele espalhou as sementes. Depois ele fez cair a chuva no lugar onde ele as havia plantado. A chuva caiu somente para fazer crescer as árvores. Quando parou de chover, ele foi olhar. Ele queria saber se algo já havia nascido. Já estava germinando. As árvores cresceram rápido. Sabendo disso, os avós de *Iriyumakeri-yanapere* ficaram muito alegres. Ele mandou então os Arapaços e os Pica-paus fabricarem três canoas grandes com o pau iacaiacá. Eles fizeram também vários remos com o mesmo pau, sendo que cada remo ia representar uma etnia. Quando tudo ficou pronto, *Iriyumakeri-yanapere* baixou de novo pelo ar até *Puipi-uuni-pumenipoa*, levando consigo as canoas, os remos e o cigarro benzido pelo

avô, deixando as três canoas com os remos no porto de *Hipáru-yapirikuli*, o Dono da Noite.

Ele estava procurando a noite assim como os rios. É *Hipáru-yapirikuli* que iria dar a noite. O Dono do Rio era *Puipi-nawíki*.¹² *Iriyumakeri-yanapere* foi logo conversar com ele. Este lhe explicou que *Yekerekere*,¹³ o Tatu da Água, iria encarregar-se de cavar os rios. *Iriyumakeri-yanapere* foi então conversar com *Yekerekere*, que respondeu:

– Eu vou lá para brincar.

Yekerekere e seus filhos cavaram os rios do mundo inteiro. O velho Tatu da Água cavou o rio Negro, o Içana e o Aiari até *Enudali*, os seus filhos fizeram os demais rios do mundo. Eles abriram o curso dos rios em um só dia.

Enquanto *Yekerekere* e seus filhos estavam cavando os rios, *Iriyumakeri-yanapere* soprou o cigarro benzido pelo avô dentro das três canoas, fazendo aparecer as etnias que existem hoje em dia no mundo. Estavam todas lá: *Taliaseri*, “Tariana”, *Yasenaseri*, “Tukano”, *Pudasi*, “Desana”, *Surúpena*, “Tuyuka”, *Uuni-minane*, “Wanana”, *Kuwohe-minane*, “Arapaço”, *Bará*, “Barasana”, *Ñalána*, “brancos”¹⁴ ... Todos os ancestrais dos grupos de hoje estavam lá. Havia também os ancestrais dos *Kuphe-minane*, “Piratapuya”, dos *Eroi-minane*, “Miriti-Tapuya”, dos *Meyanikuna*, “Baniwa”¹⁵ Todos eles, menos os avós dos Tariana e dos Baniwa, já tinham corpo humano. Os brancos também. Somente os ancestrais dos Tariana e dos Baniwa eram puros espíritos. Isto é, eles não tinham ainda corpo humano, eles eram invisíveis.¹⁶

Depois do aparecimento dos ancestrais da humanidade, *Iriyumakeri-yanapere* foi pedir a noite para *Hipáru-yapirikuli*. Ele lhe explicou que

¹² *Ōpekō-masí* em tukano.

¹³ *Diá-pamo* em tukano.

¹⁴ Respectivamente, em tukano, *Paáarā*, *Daseá-masá*, *Wirá*, *Di'ikāharā*, *Akontkāharā*, *Kōreá*, *Bará*, *Pekāsāa*.

¹⁵ Respectivamente, em tukano, *Wa'ikāharā*, *Ne'eroá*, *Bekarā*. *Meyanikuna* é a denominação genérica dos Baniwa em tariana.

¹⁶ *Yapirikuli-nawíki* em tariana (*bahutiri-masí* em tukano), isto é, “aquele que não aparece”, “es-pínto”.

onde ele morava, isto é, no centro do mundo, somente havia o dia e que eles estavam cansados disso. Explicou também que a comida não dava.

– Nós também precisamos da noite, ele completou.

Mas *Hipáru-yapirikuli* repetiu o que ele havia dito na primeira vez:

– A noite é algo muito feio. A gente dorme durante a noite. Isso é sinal de morte. Vocês, no centro do mundo, têm algo de bom, vocês têm o dia! Vocês não precisam ficar preocupados, vocês só têm o dia! Aqui, com a noite, é muito feio. A gente dorme como se estivesse morta. Isso é realmente muito ruim!

Ele não queria dar a noite, porque dormir é sinal de morte. Mas *Iriyumakeri-yanapere* insistiu que sua avó queria muito a noite. Por isso, *Hipáru* acabou concordando em lhe entregar a mala da noite. Explicou que ele não devia abrir a mala antes de chegar em *Uuni-yumawáli-paniskewere*,¹⁷ atual Bela Vista, no baixo rio Uaupés. Disse que *Uuni-yumáwali*,¹⁸ a Cobra de Água, é que deveria abrir a mala da noite e que muita gente estaria reunida na sua maloca para essa ocasião. Ele contou que havia quatro ganchos nas quatro portas, ou pontos cardinais, do mundo. O primeiro estava aqui, em *Yadákali*, o segundo em *Awiana*, na cabeceira ou nascente dos rios, o terceiro no norte, em *Pamoyanipi* e o último no sul, em *Pamoyanipi*.¹⁹ Esses ganchos eram feitos de pedra de quartzo. Eram eles que seguravam a noite. O Dono da Noite explicou o que eles deviam fazer. Todos os ancestrais da humanidade ouviram as explicações. *Hipáru* avisou também que se eles se descuidassem, isto é, no caso deles abrirem a mala da noite antes do lugar marcado e de não amanhecer, eles deveriam benzer de tal forma. Ele explicou tudo para *Iriyumakeri-yanapere*.

– Se vocês se descuidarem, ou se, no lugar marcado, o dia não aparecer, vocês devem desmanchar os quatro ganchos que seguram a noite. Aí vai amanhecer.

Ele mandou também *Iriyumakeri-yanapere* dar nomes aos rios, aos igarapés, às pontas, às praias, às ilhas. Para nós, as ilhas, as pontas, as

¹⁷ *Diá-wi'i-mkíro* em tukano.

¹⁸ *Diá-pirô* em tukano.

¹⁹ Respectivamente em tukano, *Ópekô-Ditára*, *Diá-po'té*, *Diakih-kāhanetô*, *Kāūpe-kāhanetô*.

praias... são antigas malocas. Subindo o rio, ele devia dar nomes a esses lugares, pensando nos futuros netos, nas futuras gerações. O Dono da Noite explicou tudo isso para *Iriyumakeri-yanapere*.²⁰ Depois das explicações, eles foram embora. Foram os ancestrais dos Miriti-tapuya que carregaram a mala da noite até as canoas. Ela era muito pesada. No entanto, quando o Dono da Noite a trouxe, ele a puxou somente com uma mão. *Iriyumakeri-yanapere* embarcou com os ancestrais dos povos atuais. Cada canoa tinha dois marinheiros e um piloto. As duas primeiras canoas estavam cheias de gente, a terceira carregava a mala da noite. Os três Miriti-tapuya foram encarregados de cuidar dela.

Eles começaram a subir pela costa até a boca do *Uuni-maleda*, o rio Amazonas, e daí até a boca do *Sipaliwa*, ou rio Negro.²¹ De lá, entraram no rio Negro e subiram até a boca do *Siwali*, ou rio Uaupés.²² Quando chegaram em *Hemali-tuku*,²³ “Casa de Abiu”, na boca do Uaupés, *Iriyumakeri-yanapere* abandonou a canoa que carregava a mala da noite, colocou-a numa das outras canoas, continuando a viagem somente com duas canoas. Quando chegaram perto de *Lepi-taki*,²⁴ atual Pituna, eles estavam cansados de remar. A mala da noite estava também muito pesada. *Iriyumakeri-yanapere* decidiu então parar nesse lugar para descansar.

– Vamos dormir aqui, ele disse.

Eles pararam assim em *Lepi-taki* para descansar. Embora a noite não existisse ainda, todos, menos um, puseram-se a dormir. O único a ficar acordado foi um Desana. Ele queria abrir a mala da noite para ver o que havia dentro. Na realidade, havia uma camada de areia e, em cima, a bola da noite. No centro da bola havia um buraco e, de cada lado, duas forquilhas de pedra de quartzo branco que a seguravam. Uma vara, tam-

²⁰ Ele fez isso para, no futuro, poder dar um nome cenmonial aos recém-nascidos. Como o primeiro homem trouxe a humanidade, parando em cada lugar, faz-se hoje em dia o mesmo para uma criança recém-nascida. Ou seja, o rezador refaz a viagem ancestral para o recém-nascido.

²¹ *Pupû-diâ* em tukano.

²² *Diâ-posa* em tukano.

²³ *Kã-rê-tuturo* em tukano. Fica abaixo de São Joaquim, em frente ao povoado Yawawila.

²⁴ *Na'ĩkoro* em tukano.

bém de quartzo branco, passava entre as duas forquilhas, atravessando a bola da noite que girava ao redor dela. No meio da bola, havia um tipo de risco. Esse risco era o centro da noite. Quando ele chegava debaixo do sol, estava amanhecendo.

Enquanto os outros dormiam, o Desana, que tinha ficado acordado, desamarrou a mala de um lado para espiar o que havia dentro. Somente havia areia. De fato, quando ele abriu um pouco a mala, a bola da noite saiu em forma de vento e se espalhou pelo mundo. Ouviu-se então um estrondo, igual ao do trovão, e todos os insetos que cantam de noite se espalharam também no mundo. Uma nuvem de chuva veio encobrir o sol e o mundo escureceu. O tapiri onde os ancestrais da humanidade estavam dormindo começou a balançar com o vento. Todos acordaram, tremendo de frio. Não dava mais para dormir. Cada qual procurou então folhas para se abrigar da chuva. Uns pegaram folhas de patauá, outros de samambaia, outros de bacaba, outros de açaí do mato, outros ainda, de inajá. Os Baniwa e os Maku²⁵ pegaram folhas de samambaia para se proteger da chuva. É por isso, que, hoje em dia, seus cabelos são crespos. Os três Miriti-tapuya foram então buscar três tipos de caniços²⁶ para bater na noite, isto é, para fazer regressar o dia.

Os Miriti-tapuya que estavam encarregados da mala da noite começaram a discutir entre si. O maior fez um feixe com os caniços, benzeu-o e bateu na mala da noite com ele. Quando acabou, os três esperaram a reação. Ouviu-se então o som:

– *Tililili tililili.*

Hoje em dia, este é o canto da larva *pasole*²⁷ quando é meia-noite. Vendo que o dia não aparecia, o segundo dos irmãos benzeu o feixe de caniços e bateu na mala da noite. Ouviu-se então o som:

– *Tititi titi.*

²⁵ *Maáku* em tariana (*Peorã* em tukano).

²⁶ *Kolaxupu-karada* (*wetheri-wasõ* em tukano): caniço de casca preta; *yurwepu* (*tu biã-wasõ*): caniço de folhas compridas; *zawalia-kapu* (*biã-puri-wãso* em tukano): caniço de folhas pequenas.

²⁷ *Yaniri-bikiro* em tukano.

Este é o canto da larva *pasole* quando é madrugada. Mas o dia não aparecia. Vendo que seus irmãos não conseguiam, o caçula falou:

– Vocês dizem que sabem, mas vocês não ouviram nada. Vocês não entenderam nada do que o Dono da Noite explicou para a gente.

– Você é uma criança, você não sabe nada, retrucaram os irmãos.

– Eu sei e eu vou benzer, respondeu o menor.

Ele benzeu o feixe de caniços e bateu na mala da noite. Pouco depois, ouviu-se o som:

– *Tititi sulasula tititi sulasula.*

Ele bateu várias vezes na mala. Já começava a clarear. Com esta oração, ele estava desmanchando os quatro ganchos que seguravam a noite. Quando acabou de desmanchá-los, ouviu-se o som:

– *Tititi sulasula.*

Este é o som da larva *pasole* que indica que o dia está clareando. Enquanto isso, a estrela *aliakada*²⁸ vinha subindo. Essa estrela costuma aparecer de madrugada, lá pelas quatro horas da manhã. Enquanto estava clareando, o sol apareceu e começou o dia. Vendo isso, os irmãos maiores ficaram com inveja do menor. De fato, somente ele soube como fazer clarear o dia.

No dia seguinte, eles embarcaram todos para *Uuni-yumáwali-pamisi-kewere*, atual Bela Vista, no baixo rio Uaupés, onde deviam abrir a mala da noite. Todos os ancestrais dos grupos atuais foram até lá. É em Bela Vista que eles deveriam se transformar, isto é, tirar o corpo velho, a pele antiga,²⁹ como fazem as cobras. Mas como a mala da noite foi aberta em Pituna, isso não aconteceu.

Iriyumakeri-yanapere trouxe a mala da noite até Bela Vista. Ao chegar, ele a entregou para *Uuni-yumáwali*, o Dono do Lugar. Este a recebeu e a levou para a sua casa onde a abriu: a mala estava cheia de enfeites, acangataras e instrumentos de dança. *Uuni-yumáwali* é que devia abrir a mala da noite. Mas como os ancestrais da humanidade a abriram antes,

²⁸ *Bo'reakahá* em tukano.

²⁹ *Lisadaka* em tariana (*su'thwe'firo* em tukano).

eles trouxeram a mala somente com areia. No entanto, quando a entregaram, a areia transformou-se em enfeites.

Se eles não tivessem aberto a mala da noite antes do lugar marcado, chegariam a Bela Vista na tarde do dia em que as mulheres iriam buscar mandioca para preparar caxiri. Eles deveriam permanecer três dias em Bela Vista. O terceiro seria o dia da festa. *Uuni-yumáwali* deveria abrir a mala no dia da chegada deles. Anoiteceria então pela primeira vez no mundo. No dia seguinte, as mulheres iriam raspar mandioca para preparar caxiri.

Mami-yapirikuli, o Inambu, estava vindo de *Ínali-walikuna*, isto é, Urânia.³⁰ Ele queria ver a mala da noite e participar da festa onde todos iriam trocar de pele, isto é, jogar fora a pele velha e tornar-se jovem novamente. Ele chegou com seu primo, *Ínali*, o Mucura, que também queria participar da festa.

Mas deu tudo errado. De fato, se a mala da noite tivesse sido aberta em Bela Vista, *kui*, o kujubim, iria cantar pelas três horas da manhã. Nesse momento, o nosso corpo iria descascar. *Kui* estaria na porta da frente da maloca de *Uuni-yumáwali*. Na porta dos fundos, estaria *uhi*,³¹ o jacu. Na hora que *kui* cantasse, os dois iriam voar na direção um do outro para trocar de posição. Enquanto estivessem voando e cantando, eles iriam descascar e se transformar em gente. Mas como a mala da noite foi aberta antes do lugar marcado, *kui* se perdeu no tempo e dormiu demasiadamente. Isto é, ele não acordou a tempo e foi *uhi* que cantou primeiro. *Kui* acordou assim que ouviu o canto de *uhi* e os dois começaram a voar em direção um do outro, a fim de trocar de posição. Mas como eles atrasaram o horário, eles somente descascaram em parte e, por isso, ficaram para sempre como pássaros. Por isso também, dizem os velhos, o nosso corpo descascou somente em parte: isto é, só até os joelhos. Quem trocou de pele por inteiro foram *yumáwali*, a cobra, *hedi*, a aranha, *kapatharu*, a barata, *yale*, o

³⁰ Fica abaixo de Mitu, na Colômbia.

³¹ “*kui*” e “*uhi*” eram, respectivamente, os nomes antigos do kujubim e do jacu quando eles estavam no processo de transformação em seres humanos. Como os dois ficaram como pássaros para sempre, eles mudaram de nome, passando a se chamar respectivamente “*kudui*” e “*maale*”.

escorpião, *sapale*, a lacraia, *talágo*, o calango, *hihiyo*, o jacuraru, e *susuída*, a cigarra. São esses que trocaram inteiramente de pele. *Mami-yapirikulie Ínali* somente descascaram até os joelhos, assim como nós.

Vendo que não tinham trocado de pele por completo, os ancestrais dos grupos atuais arrancaram a pele nova e ficaram com o corpo velho. Ficou assim para sempre. É por isso que nós ficamos com o nosso corpo velho. É por isso também, desde aquele momento, que a morte existiu. Se o nosso corpo tivesse descascado por inteiro, nós não iríamos morrer. Quando ficássemos velhos, nós iríamos trocar de pele e ficar jovens de novo. Mas como descascamos somente em parte, nós morremos. É com esse nosso corpo velho que morremos. O culpado de tudo isso foi o Desana que, por curiosidade, abriu a mala antes do lugar previsto. Por isso, ele atrapalhou tudo.

Vendo isso, *Uuni-yumáwali* disse:

– Vocês ficarão assim para sempre. Vocês nunca se transformarão. Daqui em diante, vocês morrerão!

Até agora, nós continuamos assim.

Eles fizeram uma grande festa. *Uuni-yumáwali*, o Dono da Festa, estava benzendo um cigarro grande. Ele estava procurando caapi. Ele fez como *Hipaweri* havia feito no início, lá na Casa de Trovão. Isto é, ele benzeu o cigarro, acendeu-o e, em seguida, soprou a fumaça dentro de uma cuia. Apareceu então um pouco de água. Se tudo fosse feito como previsto, um ser iria sair da cuia, como aconteceu em *Enudali* com *Iriyumakeri-yanapere*. Mas como a mala da noite foi aberta antes do lugar marcado, isso não aconteceu. *Kapí-sadoa*,³² uma menina, foi até a cuia, molhou o dedo na água e o colocou na boca. Neste momento, ela deixou cair uma gota de líquido entre os seios, que passou pela barriga e entrou na vagina.³³ Naquele momento, ela ficou grávida. Isto é, a gota de água se transformou em um ser em seu útero. *Kapí-nawíki*,³⁴ a criança-caapi, estava se formando e crescendo na barriga da menina.

³² *Kapí-masó* em tukano.

³³ É por isso que, hoje em dia, as mulheres grávidas têm uma linha que desce da boca até a vagina.

³⁴ *Kapí-masí* em tukano.

Vendo-a lamber a água, *Uuni-yumáwali* lhe explicou que ela devia se preparar porque iria dar à luz dentro de três dias. Ele pediu para ela buscar folhas de lacraia, de arumã e de imbaúba para receber a criança. É por isso que, hoje em dia, essas folhas são de cor vermelha. Elas ficaram roxas por causa do sangue do parto.

Kapí-sadoa deu à luz em cima de *Kapí-hipa*,³⁵ “Pedra de Caapi”, que fica perto de duas pequenas ilhas chamadas em tariana *Hipáru-kewere*,³⁶ “Ilhas do Sapo”, um pouco acima de Bela Vista.

Antes de *Kapí-nawiki* nascer, a mãe havia avisado *Uuni-yumáwali* e os ancestrais da humanidade que ela iria entregar a criança dentro da maloca. Todos eles estavam esperando. Depois de *Kapí-nawiki* nascer, ela o levou até o porto e começou a subir até a maloca. Enquanto ela estava levando a criança-caapi, todo mundo dentro da maloca ficou tonto. Eles não sabiam mais o que estavam fazendo. *Māderi*, o esquilo, estava mastigando uma folha de *kamale*,³⁷ a planta da sabedoria. Naquele tempo ele era gente. Vendo-o mastigar algo, os outros vieram logo perguntar o que ele estava comendo.

– Estou comendo o meu rabo, ele respondeu, brincando.

Ouvindo isso, *hema*, a anta, *ñamulitu*, o caitetu, *pisi*, a cutia, *dapa*, a paca, *neeri*, o veado, *pusu*, a cutiaia, *āpia*, o porco-queixada, *siisi*, o uacari, que eram gente naquele tempo, puxaram o seu rabo para frente e começaram a comê-lo. É por isso que, hoje em dia, esses animais têm um rabo curto. Vendo-os, *Māderi* falou:

– Estou tão bêbado que estou até comendo o meu rabo!

Ouvindo isso, os outros olharam logo para trás do seu corpo. Viram que não tinham mais rabo. Aliás, na realidade, somente havia ficado um pedacinho de rabo. *Iriyumakeri-yanapere* disse então para eles:

– Vocês ficarão como animais para ser a nossa comida!

Esses animais deviam se transformar em verdadeiros seres humanos nesse lugar, mas como descascaram somente em parte, eles permane-

³⁵ *Kapí-paa* em tukano.

³⁶ *So tá-mikro* em tukano.

³⁷ *Basapia* em tukano (planta não identificada).

ceram como animais para ser a nossa comida. Todos eles ficaram em Bela Vista.

Nesse momento, a mãe entrou na maloca com *Kapí-nawiki*, a criança-caapi. *Uuni-yumáwali* havia dito a eles:

– Nós vamos esperar *Kapí-nawiki*. Ele vai trazer a sabedoria para nós.³⁸

Quem devia receber a criança-caapi era *Uuni-yumáwali*. Por isso, ele ficou perto da porta da maloca. Mas ele estava tão bêbado que não viu quando a mãe chegou com *Kapí-nawiki*. Aliás, todo mundo na maloca estava tonto, bêbado. O único a ficar acordado foi um homem da etnia *Kuwêhenaseri*, “Arapaço”, que, mais tarde, ficaria conhecido como membro da etnia Miriti-tapuya.³⁹ Ele estava tocando a flauta-varejeira.⁴⁰ Quando a mãe entrou na maloca, ela disse para *Uuni-yumáwali*:

– Agora chegou a criança que você queria! Vem recebê-la!

Mas *Uuni-yumáwali*, que estava esperando na porta da maloca, não respondeu. Ele estava tonto. A mãe passou então de um para outro, perguntando quem era o pai da criança. Ninguém respondeu. Todo mundo estava dormindo. O Arapaço, o único a ficar acordado, pegou então a criança e a engoliu. É por isso que, hoje em dia, o caapi dos Miriti-tapuya é muito forte, porque ele engoliu a criança inteira.

Quando acordou, *Uuni-yumáwali* perguntou:

– Quem recebeu a criança-caapi?

– Eu mesmo a recebi, respondeu o Arapaço.

Mas ele já a havia engolido. Ele havia guardado somente dois dedos da mão dela para entregar a *Uuni-yumáwali*. É por isso que o nosso caapi, hoje em dia, é muito fraco. Se *Uuni-yumáwali* tivesse recebido a

³⁸ O nome desse caapi é *mwahkni-nwawida* em tariana (*su'ti-we'n-kapí* em tukano). Esse caapi é próprio para se transformar.

³⁹ Com efeito, um clã maior dos Arapaço virou Miriti-tapuya. Isso aconteceu por causa da brincadeira de uma mulher. Um dia, um Arapaço, vendo uma mulher bonita, disse que queria lambê-la. Ele não queria fazer sexo com ela, somente lambê-la. A mulher disse-lhe então, brincando: “Você ficará para sempre como lambedor”. Desde aquele tempo, os descendentes deste homem ficaram conhecidos como *Eroi-minane* (*Ne'erodá* em tukano), isto é, “lambedores”.

⁴⁰ *Talwaphi* em tariana (*mité-po'rowi* em tukano).

criança-caapi, ele teria repartido um pedaço do corpo dela para cada grupo. Mas como o Arapaço engoliu a criança inteira, deixando somente dois dedos para *Uuni-yumáwali*, isso não aconteceu. *Uuni-yumáwali* os pegou, dividiu-os em pedacinhos que repartiu depois entre os ancestrais de cada etnia. Isto é, ele deu um pedacinho de osso de *Kapí-nawiki* para cada um.

Depois da festa, *Iriyumakeri-yanapere* foi embora, assim como os outros. Ele deixou a mala da noite em Bela Vista. Os enfeites ficaram também com *Uuni-yumáwali*. Esses enfeites eram para ser usados durante as festas de troca de pele. Como *Uuni-yumáwali* foi o único a trocar de pele, eles ficaram com ele.

Os ancestrais dos grupos atuais se separaram. *Iriyumakeri-yanapere* desceu pelo ar até *Hemali-tuku*, na boca do rio Uaupés. Estavam, com ele, os ancestrais dos Tariana, assim como dos *Walipero-dákeni*, dos *Huuhudeni*, dos *Yáwi-minane*, dos *Wayuwe-minane*, dos *Payuwe-minane*, dos *Kapisi-minane*, dos *Yuru-minane*, dos *Kumadeni*⁴¹ e também dos brancos. Enquanto isso, os ancestrais dos grupos Tukano, Desana, Tuyuka, Miriti-tapuya, Arapaço, Bará e Pira-tapuya... subiram o rio Uaupés com as duas outras canoas, procurando um lugar bom para morar.

Quando *Iriyumakeri-yanapere* chegou na boca do Uaupés com o seu grupo, ele pegou a canoa que havia deixado no lugar, entrou no rio Negro e depois no canal Cassiquiari, subindo até a cachoeira *Paramhali-hipa*,⁴² também chamada em português Uapui-Cachoeira. Ele estava procurando um lugar bom para morar. Mas não o encontrou. Por isso, retornou e entrou no rio Içana. Todos eles entraram no Içana, depois no rio Aiari e foram direto para a verdadeira Uapui-Cachoeira, no centro do mundo. Chegando lá, *Iriyumakeri-yanapere* exclamou, antes dese aproximar dos seus avós:

– Agora sim! Chegamos nesse lugar principal onde iniciaremos a geração dos Tariana. Chegamos na Casa de Trovão que está no centro da terra, no centro do mundo!

⁴¹ Respectivamente, em tukano, *Yókō-teéro*, *Bo'réké'arwa*, *Yáíwa-masá*, *Difiro-masá*, *Paá-pu'wakihimásá*, *Mipiá-masá*, *Íiá-masá* e *Diá-kata-pō'ra*. Os *Walipero-dákeni*, *Yáwi-minane*, *Wayuwe-minane*, *Payuwe-minane*, *Kapisi-minane* e *Yuru-minane* são grupos baniwa.

⁴² *Bikáwe-powéa* em tukano.

De fato, é nesse lugar que vai começar a nova geração, onde os ancestrais dos grupos Tariana e dos brancos vão se transformar em verdadeiros seres humanos. Os ancestrais dos Baniwa foram para *Mapaliali*, logo acima de Uapui-Cachoeira. Os ancestrais dos brancos ficaram com os Tariana.

O primeiro a sair pelo buraco em Uapui-Cachoeira foi *Kamewa-perisi*. Ele é o chefe maior, a cabeça dos Tariana. Depois dele, saiu o ancestral dos *Walipero-dákeni*. Depois, todos os ancestrais dos outros grupos Tariana saíram juntos pelo buraco. Por último, saíram os brancos. Havia em *Enudali* dois buracos, um com água quente, fervendo, o outro com água fria. Depois que todos eles saíram pelo buraco de água fria, ficaram discutindo para saber quem teria coragem de cair no de água fervendo. Mas os ancestrais dos Tariana não tiveram coragem de fazê-lo, somente o ancestral dos brancos. Ele se precipitou no buraco de água quente. É por isso que, hoje em dia, os brancos têm a pele bem branca. Eles tiraram a sua pele preta e se transformaram em brancos; queimaram os seus corpos e viraram brancos, como se estivessem escaldados. Isto é, eles trocaram de pele.

Perto dos dois buracos, havia enfeites de dança, zarabatana, arco com flechas e uma espingarda. Mas os Tariana não a quiseram pegar. Conforme vimos, quando *Iriyumakeri-yanapere* estava em *Puipi-uuni-pumenipoa* à procura da noite, ele recusou os objetos metálicos, dizendo que não era isso o que os seus avós queriam. Por isso, os Tariana deixaram de lado a espingarda e ficaram hoje em dia com os enfeites de dança, a zarabatana e o arco com as flechas. O branco, depois de sair pelo buraco, pegou logo a espingarda e começou a atirar para o ar, espantando os outros. Ele então foi embora, em direção ao sul.

Kamewa-perisi estava discutindo com o ancestral dos *Walipero-dákeni*. Ele dizia que o lugar era dele já que ele foi o primeiro a sair pelo buraco. Mas o outro respondeu:

– Não, eu fui o primeiro a sair pelo buraco. Esse lugar é meu!

Aborrecido, *Kamewa-perisi* disse-lhe então:

– Já que você é daqui, fique aqui! Eu vou para o rio Uaupés com o meu grupo. Mas levo a terra que *Iriyumakeri-yanapere* trouxe para cá.

O ancestral dos *Walipero-dákeni* ficou então em Uapui-Cachoeira com o *Kumadeni*. Antes de ir embora, *Kamewa-perisi* recolheu a terra que *Iriyumakeri-yanapere* havia trazido, espalhando-a na beira do rio Uaupés. Depois, ele entrou na mata com os Tariana. Chegou até uma pedra chamada em tariana *Peeri-haiku*,⁴³ “Pedra da Águia”, que lhe serviu de ponte para atravessar o *Peeriali*,⁴⁴ o igarapé Águia. Depois, ele chegou na cabeceira do *Daaduali*,⁴⁵ igarapé Arara, onde há um areial. O nome em tariana desse lugar é *Halepukudawa*.⁴⁶ É nesse lugar que eles secaram o corpo.

Descendo o igarapé Arara, eles chegaram em *Duduli-hipa*,⁴⁷ “Cachoeira Surucuá”. Naquela época, essa cachoeira era uma maloca. Com seu poder, *Kamewa-perisi* fez aparecer o cipó *maruka-kapi*,⁴⁸ o “caapi de canto/dança”. Ele pegou o cipó, descascou-o, colocou-o dentro do pilão e socou. Depois, despejou o conteúdo do pilão numa vasilha de tuyuca e amassou com água, coou com um cumatá e, por fim, colocou o líquido num camotim pintado, chamado em tariana *kapi-soloaphi*.⁴⁹ Depois disso, ele mandou buscar a planta *kamale*. Essa planta já existia em *Duduli-hipa*. Eles a tiraram, arrancaram e amassaram as folhas, que misturaram em seguida com água. Cada um preparou uma cuia para si. Quando a bebida ficou pronta, os ancestrais dos Tariana beberam uma cuia grande de *kamale* e vomitaram em seguida. Era para limpar o estômago. Depois, eles beberam o conteúdo de uma cuia menor, mas que não vomitaram.

Era o início da cerimônia. *Kamewa-perisi* pegou então o camotim de caapi, foi sentar no meio da maloca e deu para cada um dos ancestrais dos Tariana uma cuia de caapi. Quando todos haviam tomado uma cuia do líquido, ele disse:

⁴³ *Aámu* em tukano.

⁴⁴ *Aya* em tukano.

⁴⁵ *Maháya* em tukano.

⁴⁶ *Bopón-u'ñi* em tukano.

⁴⁷ *Pohô-powêa* em tukano.

⁴⁸ *Bayari kapi daá* em tukano.

⁴⁹ *Kapiti* em tukano.

– Meus irmãos, meus netos, vocês já tomaram tudo! Nós vamos começar a dançar. Ninguém vai brigar. Nós vamos fazer uma festa bonita!

– Nós já acabamos com esse camotim, disseram os outros.

– Eu dei caapi para todos vocês. Se vocês querem mijar ou cagar, vocês vão para fora, disse *Kamewa-perisi*.

Ele os mandou fazer uma roda dentro da maloca e deu caxiri para todos eles. Cada dançarino tinha como enfeite um colar com pedra de quartzo, símbolo de chefia⁵⁰ e, na nuca, uma folha de *kamale* presa na corda do colar que sustentava a pedra. Num certo momento, *Kamewa-perisi*, meio tonto pelo caapi, virou a pedra de quartzo para trás e começou a mastigar a folha. Vendo-o, aqueles que iriam virar animais para sempre,⁵¹ perguntaram:

– O que você está comendo?

– Estou comendo o meu rabo, ele respondeu brincando.

Meio tontos, os outros puxaram então o seu rabo para frente e começaram a comer o próprio rabo.

Quando ficou só um pedacinho, *Kamewa-perisi* disse:

– Eu estou tão bêbado que estou até comendo o meu rabo!

Ouvindo isso, aqueles que iriam se transformar definitivamente em animais perguntaram entre si:

– Será que nós estamos mesmo comendo o nosso próprio rabo?

Puxaram então o rabo para frente e viram que só havia ficado um pedacinho. É por isso que, hoje em dia, *hema*, a anta, *pisi*, a cutia, *dapa*, a paca, *neeri*, o veado, *ãpia*, o porco-queixada, *ñamulitu*, o caititu, *pusu*, a cutiaia, e *siisi*, o uacari, ficaram sem rabo.

Kamewa-perisi disse então para eles:

– Vocês que não entendem dessas coisas, ficarão para sempre como animais. Vocês serão a nossa comida!⁵²

⁵⁰ *Enisi* em tariana, *itá-boho* em tukano.

⁵¹ Eles tinham, naquela época, a forma de animal. Mas eles se encontravam no meio da transformação, pois estavam assumindo forma humana.

⁵² Ele tinha feito isso para ver como os ancestrais iam se comportar, isto é, como eles iam reagir.

Isso aconteceu no primeiro dia da festa, em *Duduli-hipa*, antes de começarem a cantar e dançar. Logo depois, *Kamewa-perisi* começou a dividir os grupos de Tariana. Isto é, ele deu um nome para aqueles que tinham saído pelo buraco em Uapui-Cachoeira. São esses:

1º *Uhiyaka-kamewa-yapirikuli*: esse é o nome que *Kamewa-perisi* se deu. Ele é a cabeça, o chefe dos Tariana. Foi ele que trouxe o nosso grupo para cá.⁵³

2º *Kali-kuisiwada*

3º *Kedali*

4º *Thumu*

5º *Yawi*

6º *Pukutha*

7º *Kali*

8º *Yawi*

9º *Kuiwathe*

10º *Thumunini*

11º *Kuenaká*

12º *Kui*

13º *Thumu*

14º *Ādaruna*

Uhiyaka-kamewa, *Kali*, *Kedali*, *Thumu*, *Yawi* e *Pukutha* foram os primeiros que saíram de Uapui-Cachoeira, já com forma humana. *Kali*, *Yawi*, *Kuiwathe*, *Thumunini*, *Kuenaká*, *Kui*, *Thumu* e *Ādaruna* saíram pelo buraco em forma de espírito. Isto é, eles não tinham ainda forma humana. *Uhiyaka-kamewa* estava com o cigarro benzido pelo avô. Ele o acendeu e soprou a fumaça sobre os bancos vazios na maloca de *Duduli-hipa*. Aí, eles foram surgindo, um depois do outro, pegando forma humana. Apareceram como se estivessem chegando para uma festa. Assim, foi somente nessa maloca que eles pegaram forma humana. Todos esses ancestrais são chamados em conjunto *Phukurana*.⁵⁴ Eles são os clãs maiores dos Tariana.

⁵³ Isto é, para T'aitaçu/Itaitaçu.

⁵⁴ *Bopoka-pō'ra* ou *masā ma'mi-simá* em tukano.

Depois de ter separado os clãs, *Kamewa-perisi* disse:

– Nós vamos cantar agora!

– O que vamos cantar?, perguntaram os outros.

– Nós vamos cantar *dupia-pani*, ele respondeu.

Dupia-pani é a primeira estrofe de *wesiripi-maruka*, o “Canto do Inajá”.⁵⁵ Eles prepararam os instrumentos de música, os enfeites e começaram a dançar. Quando terminaram a primeira estrofe, *Kamewa-perisi* disse:

– Nós cantamos o que o nosso primeiro avô cantou. Agora é nossa vez de cantar. É isso que vocês cantarão no futuro. Nós vamos descansar agora um pouco, depois pegaremos outra estrofe.

Depois de um certo tempo, eles entoaram a segunda estrofe do mesmo canto chamada *pelia-pani*. Quando acabaram, ele disse:

– *Kayukida-mhãde wadaka wakesinapena*.

Isto é:

– Meus irmãos, meus parentes, esta segunda estrofe termina aqui. Nós vamos descansar agora. Daqui há pouco, nós prosseguiremos com esse canto.

Depois de um intervalo, ele falou:

– Eu ensinei esse canto para vocês. Será que vocês o entenderam? Aqueles que já o entenderam vão cantar o que eu ensinei. Vocês devem cantar duas vezes cada estrofe. Vocês vão formar uma fila, cada um com seu par. É isso que vocês vão fazer.

Depois, eles entoaram a terceira estrofe, chamada *malia-pani*, depois a quarta estrofe, denominada *malia-pani-yuyuima*.

No final, *Kamewa-perisi* disse:

– O nosso avô nos deu esse canto para ficarmos alegres, para não ficarmos tristes. Nós vamos cantar o que ele deixou para nós.

Depois, ele completou:

– Eu já cantei a primeira parte desse canto. Eu vou começar a segunda parte.

⁵⁵ *Ikî-basô* em tukano.

Dizendo isso, ele começou a cantar *kapia-pani*. É a quinta estrofe de *wesiripi-maruka*:

– Eu engoli a palavra que o meu avô me ensinou. Essa palavra saiu agora do meu intestino, da minha barriga,⁵⁶ ele disse no final.

Ele cantou depois a sexta estrofe do mesmo canto, chamada também *pelia-pani*:

Por fim, ele entoou a última estrofe do canto do inajá. Essa última estrofe, que é para entregar os paus-de-dança, chama-se *wanali-maruka*.

– Nós terminamos agora a última parte deste canto com todo mundo, com os nossos parentes, os nossos avós, os nossos netos, os nossos sobrinhos... Nós acabamos de entregar os paus-de-dança. Por isso, nossa dança termina aqui. Chegou a nossa vez de tomar caxiri, caxiri de cará, caxiri de batata... Vamos também tomar caapi!, ele disse.⁵⁷

Depois de dizer isso, ele perguntou para os seus netos se eles tinham aprendido algo. Mas os netos responderam:

– Nós não pegamos ainda tudo. Você escutou esses cantos com os seus avós em *Enudali*. É por isso que você está cantando.⁵⁸

– É escutando que vocês vão aprender. Depois, vocês mesmos cantarão, ele respondeu.

Aí, ele recomeçou a cantar, repetindo o canto inteiro. Ele estava ensinando os cantos a eles. Quando acabou, disse:

– Nós terminamos agora! Vamos descansar. Vocês mulheres podem descansar!

Eles queriam ficar em *Duduli-hipa*, mas *Kamewa-perisi* notou que o murucu estava um pouco inclinado. De fato, quando eles se encontravam num lugar, eles sempre fincavam o murucu no chão para ver se ele iria

⁵⁶ Isto é, estava saindo da sua própria inteligência, da sua sabedoria.

⁵⁷ Hoje em dia, o Dono da Festa fala sempre a mesma coisa depois de cada estrofe: “Meus irmãos, nós acabamos de cantar. Vamos descansar um pouco! Depois de descansar e tomar um pouco de caxiri, nós prosseguiremos com o canto”. Ao dizer isso, os dançarinos vão sentar no seu lugar. Cada estrofe é repetida duas vezes. No final de cada estrofe, eles vão descansar e beber caxiri. Após um certo tempo, eles pegam outra estrofe, que cantam duas vezes em seguida. Depois, eles sentam para descansar, e assim por diante.

⁵⁸ *Iriyumakeri-yana-peri* estava no meio deles, guiando *Kamewa-perisi*.

ficar de pé ou se ele iria cair. Quando ele estava inclinando, prestes a cair, isso significava que eles deveriam ir embora. Inclinando-se, ele indicava a direção para onde deveriam ir. Eles sempre iam na direção indicada pelo murucu. Quando ele indicava o norte, eles iam em direção ao norte. Quando ele indicava o sul, eles iam em direção ao sul, e assim por diante. Naquele momento, o murucu estava se inclinando um pouco em direção ao sul. Se ele estivesse em pé, bem direito, eles iriam permanecer para sempre em *Duduli-hipa*. Mas como ele estava inclinando, eles tiveram que ir embora. Por isso, eles começaram a descer o igarapé Arara até chegar em *Mapádali*,⁵⁹ “Casa de Abelha”. Essa maloca fica no igarapé Arara. Naquele tempo, eles eram ainda *Hipada-nawiki*, “Gente-de-Pedra”.⁶⁰ Isto é, embora já tivessem corpo humano, eles não eram ainda verdadeiros seres humanos. Eles fizeram uma grande festa em *Mapádali*.

Foi nesse lugar que apareceu o segundo grupo de Tariana. *Kamewa-perisi* fumou o resto do cigarro benzido pelo avô e soprou a fumaça em cima dos bancos vazios da maloca. É assim que esse segundo grupo de Tariana apareceu. *Kamewa-perisi* deu então um nome para cada um dos ancestrais:

1° *Dipanaperi-marukiri*

2° *Kaliena*

3° *Yawilipea*

4° *Kayaroa*

5° *Paiphena*

6° *Hipa*

7° *Siipa*

8° *Kumadeni*

Todos eles são chamados, em conjunto, *Paiphenaseri* ou, ainda, *Kayaroa*. Eles são os empregados dos outros, isto é, dos *Phukurana*.

⁵⁹ *Mumi-wi* í em tukano.

⁶⁰ *Hipada-nawiki* em tariana (*Hâ-masá* em tukano). São aqueles que saíram pelo buraco de pedra. São os primeiros que apareceram na terra, e os desenhos que se vêem, hoje em dia, nas pedras, foram feitos por eles.

Na noite da chegada em *Mapádali*, *Kuiwathe*, que era o chefe dos clãs menores, ouviu um barulho fora da maloca. Ao lado, havia uma bananal. Os *Mamialikuna* estavam dentro do bananal, fazendo barulho, beijando no ar, mas não apareciam. *Kuiwathe* saiu então da maloca e andou, escutando o barulho. Entrou de novo na maloca e disse para *Kamewa-perisi*:

– Eu não sei se aqueles que estão fazendo barulho fora da maloca são gente. Eles estão jogando beijos por aí, mas não estão aparecendo!

– Devem ser *Iñeni*, “Diabos”!, respondeu *Kamewa-perisi*.

Ele preparou então o cigarro, benzeu-o e entregou-o para *Kuiwathe*. Este saiu novamente da maloca e foi fumar ao redor dela, espalhando a fumaça nos feixes de lenha para que aparecesse gente. Depois, ele entrou de novo na maloca e perguntou.

– Quem vai recebê-los?

– Você mesmo vai recebê-los!, respondeu *Kamewa-perisi*.

Por isso, *Kuiwathe* foi esperar junto à entrada da maloca. Os *Mamialikuna* entraram pelas quatro horas da madrugada.

– *Aliataphia nukesiapena*, isto é, ‘Bom dia, meus parentes’, disseram eles.

– *Alianuka payuwhe*, isto é, ‘Bom dia, avô’, respondeu *Kuiwathe*.

Mas os *Mamialikuna*, em vez de *payuwhe*, “avô”, entenderam *paiphe*, “irmão maior”. Por isso, em vez de responder *dake*, “neto”, eles disseram *noeri*, “irmão menor” para *Kuiwathe*. Desde aquela época, os *Mamialikuna* se consideram como irmãos maiores do grupo dele.

Os *Mamialikuna* moraram durante um tempo no rio Papuri, na foz do *Piñeali*,⁶¹ igarapé Tiririca. Um dia, eles foram tomar caxiri na maloca dos *Süpa*, um pouco acima, em *Tanasiali*. *Thumu*, o chefe deles, participava da festa. Depois da festa, os *Mamialikuna* foram tomar banho no porto da maloca. Durante o banho, um rapaz mergulhou de bunda para cima. *Thumu* estava cagando no porto.

– Olha aqui o meu cu!, disse-lhe o *Mamialikuna*.

⁶¹ *Wšoyá* em tukano. É abaixo da comunidade Japurá, no rio Papuri, no lado colombiano.

Aborrecido pela falta de respeito, *Thumu* pegou uma pedra e a jogou na sua direção. Ele o acertou no testículo. O *Mamialikuna* morreu na hora. Quando *Thumu* voltou para a maloca, ele contou para os *Paiphenaseri*:

– Eu matei um veado!

Siipa, ouvindo seu chefe falar que ele havia matado um veado, ordenou para o grupo dele:

– Vocês vão cortá-lo em pedaços, cozinhá-lo e comer.

Eles foram lá, esquartejaram o *Mamialikuna* morto, cozinharam-no e comeram. Na hora de comer, eles comentaram que estavam comendo um veado. Os *Mamialikuna* foram então morar num outro lugar.⁶² Eles ficaram com medo do que havia acontecido com um deles.

Foi em *Mapádali* que os ancestrais dos Tariana conseguiram mulheres. É a partir deles que começaram os verdadeiros seres humanos, isto é, a primeira geração de seres nascidos do corpo de uma mulher. Somente os dois primeiros clãs de *Phukurana* ficaram sem mulheres. Eles morreram sem deixar descendentes.

Em *Mapádali* eles fizeram uma festa e cantaram quatro cantos. Primeiro, entoaram *yakapi-maruka*,⁶³ o “Canto do Camarão”, com maracá. Depois, foi *pisiku-maruka*,⁶⁴ o “Canto da Cutia”, seguido por *wesiripimaruka*, o “Canto do Inajá”, e, por fim, *wanama-maruka*,⁶⁵ que eles dançaram com paus-de-dança. *Wanama-maruka* é sempre o último de uma festa, já que ele é o canto de entrega dos paus-de-dança ao dono do dabucuri.⁶⁶ Antes de começar a cantar *pisiku-maruka*, eles tocaram a flau-

⁶² Eles foram morar primeiro em *Púpen-taki*, “Bacaba-Ponta” (*Yumú-powéa* em tukano), antes de se instalar em *Iwi-taki*, atual Santa Rosa (*Moã-yôa* em tukano) e em *Tuúpi-taki*, atual Periquito (*Tuúpi-yôa* em tukano), onde um grupo deles mora até hoje. Um outro grupo mora em *Hepisi-taki*, “Ji-Ponta” (*Kome-powéa* em tukano), um outro em *Kumali-pani*, “Tubuquara” (*Yôka-pári-petâ* em tukano) e, por fim, em *Pusu-taki*, “Serra da Cutiaia” (*Bosô-wi’i* em tukano) e *Pamôlt-taki-kawana*, “Serra dos Piolhos” (*Yari* em tukano), isto é, respectivamente, nas vilas Dom Pedro Massa e Aparecida em Iauareté.

⁶³ *Dasiá-basâ* em tukano.

⁶⁴ *Buû-basâ* em tukano.

⁶⁵ *Waki-basâ* em tukano.

⁶⁶ No fim do canto, os dançarinos formam uma roda e saem da maloca, cantando. Depois, eles entram de novo.

ta-cutia.⁶⁷ *Kamewa-perisi* estava ensinando os cantos para os outros. *Yakapi* se canta e dança fora da maloca, *wesiripi* e *wanama* dentro.⁶⁸ Antes de começar a cantar, *Kamewa-perisi* sempre perguntava aos outros o que eles queriam cantar. Assim, cada um escolhia o canto de que mais gostava.⁶⁹

Depois da festa, *Kamewa-perisi* foi até a maloca de *Ye'pâ-Surîa*, um tukano que morava em *Mawadali*,⁷⁰ “Ilha do Sapo *Mawa*”. Ele queria saber se podia usar a sua maloca para fazer uma festa, mas este não quis, dizendo que ela era muito pequena para isso. Como ele se negou a emprestar-lhe sua maloca, *Kamewa-perisi* voltou para *Mapádali*, onde continuou a festa. Aí, ele cantou *wesiripi-maruka*. É esse canto que ele queria cantar em *Mawadali*, mas como não foi possível, ele o cantou em *Mapádali*. Eles entoavam os mesmos cantos em cada maloca onde paravam. Depois, eles cantaram a primeira estrofe de *pisiku-maruka*.

Kamewa-perisi estava cantando o que ele havia ouvido do seu avô, o Trovão. Depois, ele cantou a segunda estrofe. Quando acabou, voltou-se para os outros, perguntando se haviam aprendido as palavras do canto.

– Eu não estarei sempre aqui para ajudar vocês a cantar. Depois da minha morte, onde vocês conseguirão esses cantos que eu cantei para vocês? Os cantos são vários. Depois que eu morrer, ninguém vai ensiná-los para vocês. Se esquecerem os cantos que eu lhes ensinei, onde irão encontrá-los de novo? Vocês não vão encontrar ninguém para lhes ensinar! Em nenhum lugar vocês conseguirão aprender esses cantos se não os gravarem em sua cabeça. Tentem agora cantar o que eu lhes ensinei!

Kamewa-perisi queria saber se os seus filhos, os seus netos, haviam conseguido gravar os cantos. Por isso, ele lhes pediu para cantar e dançar na sua frente. Mas eles não responderam nada. Só ficaram escutando. Vendo isso, *Kamewa-perisi* cantou de novo. No fim, ele disse:

⁶⁷ *Buítwapi* em tukano.

⁶⁸ Geralmente, o grupo que vai cantar *yakapi* sai da maloca para cantar, enquanto que aqueles que cantam *wesiripi* ficam dentro. Quando eles acabam de cantar *wesiripi*, o grupo que ficou fora da maloca entra e continua a cantar *yakapi*.

⁶⁹ Atualmente, também, o dono do dabucun pergunta para os membros de sua comunidade quais cantos eles querem cantar, escolhendo sempre aquele proposto pela maioria das pessoas.

⁷⁰ *Wihí-nikíro* em tukano. Fica acima de Bacaba-Ponta.

– Vamos agora cantar *pisiku-maruka-upimali*.

*Pisiku-maruka-upimali*⁷¹ é a continuação de *pisiku-maruka*. Até esse canto eles usavam um pedaço de zarabatana, chamado em tariana *pisikuda*,⁷² para acompanhá-los. Para esse novo canto, eles tomaram um enfeite feito de penas de arara e/ou de papagaio amarradas num pedaço de pau. Esse enfeite chama-se em tariana *waru-serere*, quando é feito com penas de papagaio, e *daadu-serere*,⁷³ quando é feito com penas de arara. Os dançarinos formaram uma fileira de casais, cada homem com sua dama, conduzida por dois mestres de cerimônia, cada um com a mão esquerda no ombro da sua dama. Tanto os mestres de cerimônia quanto os homens tinham na mão direita o enfeite de penas. Eles iam dançando até o final do espaço de dança da maloca, depois viravam e voltavam em direção à porta da frente da maloca. No meio da fileira de casais, ficou a mulher *maruka-ina*,⁷⁴ gritando “*hiiiiiii*”. Quando terminava de cantar, uma outra tomava o seu lugar, entoando a mesma coisa.

No fim do canto, *Kamewa-perisi* disse para eles:

– Vocês entenderam esse canto que eu acabei de cantar? Se vocês conseguirem gravá-lo, vocês vão cantar depois de mim. Mas vamos descansar primeiro!

Depois de algum tempo, ele perguntou de novo:

– Vocês conseguiram gravar o canto que acabei de cantar?

Na verdade, ele perguntava a mesma coisa em todas as malocas onde eles faziam uma festa. Ele sempre falava que iria desaparecer, que eles não iriam encontrar alguém para ensinar-lhes os cantos e que, por isso, deviam se esforçar para gravá-los em sua memória.

Depois, ele cantou *pisiku-maruka* com o enfeite feito de cascas de besouros amarradas num pauzinho. Esse enfeite chama-se em tariana *buyasi*.⁷⁵

⁷¹ *Buiŕawa-dŕiporo-ke'aro* em tukano.

⁷² *Buiŕawa-pawr* em tukano.

⁷³ Respectivamente, em tukano, *wekó-poâri-in* e *mahâ-poâri-in*.

⁷⁴ *Yikŕira-numiâ* em tukano.

⁷⁵ *Pekâ-pikô-pe'tori* em tukano.

– Estamos cantando o que nós aprendemos. Está chegando a nossa vez de cantar. Vocês conseguiram aprender esse canto? Vocês entenderam ou não esse canto?, perguntou *Kamewa-perisi* para os outros.

Depois, ele cantou *kapia-pani*:

–O que os meus avós cantaram, também nós estamos cantando! O que começamos, nós estamos terminando!, disse *Kamewa-perisi*.

Para terminar a festa, ele cantou de novo todos os cantos que havia cantado em *Duduli-hipa*.

Em *Mapádali*, houve a primeira festa de casamento. *Kamewa-perisi* havia escolhido alguém para ser seu filho. Isso era para mostrar aos outros como fazer o casamento. Ele também havia escolhido uma moça para ser sua nora. Os noivos foram enfeitados da cabeça aos pés com penugem do gavião real. Foi um homem chamado *Maliainali*, que pertencia ao clã *Yawilipea*, que os enfeitou com a sua mulher. O homem fez linhas nas costas da moça com leite de bananeira nas quais ele colou a penugem. Enquanto isso, a sua mulher fazia o mesmo no peito dela. Eles colaram também penugem no corpo do filho de *Kamewa-perisi*. Uma vez enfeitados, os noivos, amparados de cada lado por um casal, fizeram uma roda dançando. Enquanto eles estavam rodando, a penugem ia se abrindo, até o corpo dos dois desaparecer por completo debaixo. Isso queria dizer que a noiva iria ser uma boa mulher, trabalhadora e dada com todo mundo. A mesma coisa para o homem. Quem os guiava na dança era *ikuri-marukiri*,⁷⁶ o tocador do jabuti, acompanhado por sua mulher. Enquanto ele tocava o jabuti, ela o acompanhava com o maracá. O jovem casal, amparado de cada lado, fez uma roda dentro da maloca, ao redor dos esteios de dança, atrás do tocador de jabuti e de sua mulher. Depois da festa, os *Yawilipea* recolheram os enfeites e tiraram a penugem do corpo do jovem casal.

Foi durante essa festa que os homens e as mulheres dos clãs *Hipa*, *Paiphena* e *Siipa* foram buscar lenha, xicantá, breu e turi para iluminar a maloca. Os homens foram buscar lenha e turi, enquanto as mulheres foram procurar xicantá e breu. Enquanto eles estavam procurando lenha e

⁷⁶ *Chu-baya* em tukano.

turi, tocavam a flauta de Jurupari chamada *kaitu*,⁷⁷ em tariana. Ao redor da maloca havia uma bananeira. Os homens a cortaram com o machado, a racharam pela metade e a puseram sobre um jirau, no centro da maloca. Eles fizeram isso para o jirau não queimar. Depois, colocaram em cima xicantá, breu e turi que acenderam. Perto do jirau, ficou um responsável para cuidar das luzes. Assim que o breu, o xicantá ou o turi queimavam, eles trocavam por outro, e assim por diante. Quando os dançarinos sentaram para descansar, os *Paiphenaseri* dançaram *siawa-maruka*,⁷⁸ o “Canto da Lenha”, dentro da maloca enquanto estavam carregando lenha.

Kamewa-perisi havia pedido a uma turma do clã *Yawilipea* buscar lenha. Com efeito, esse clã é próprio para buscar lenha, breu, turi e xicantá. Mas como *Maliaminali*, um deles, estava tocando o instrumento jabuti, ele não foi, nem os outros, buscar a lenha. É por isso também que ele ficou como *íkuri-marukiri*, o tocador de jabuti. Os *Yawilipea* tinham nascido antes dos *Kayaroa*. Mas como eles não obedeceram à ordem de *Kamewa-perisi*, esse clã foi rebaixado, ficando, desde então, na última posição dos *Paiphenaseri*, atrás do clã *Siipa*.

Saindo de *Mapádali*, os ancestrais dos Tariana desceram até a boca do igarapé Arara. Eles foram todos juntos e pararam em *Daadu-kewere*,⁷⁹ “Ilha de Arara”. Essa ilha fica na frente da boca do igarapé Arara, no rio Uaupés. Nessa maloca, eles fizeram um grande dabucuri de frutas, com todos os tipos de frutos da mata, tais como ucuqui, bacaba, açaí, patauí, seringa, inajá, uirapixuna, uacu.

Nesta época, eles já eram humanos. Eles ficaram dançando e fazendo dabucuri. Permaneceram um bocado de tempo nessa maloca. Na realidade, estavam fazendo um tipo de experiência para ver se poderiam morar todos juntos. Na Ilha de Arara, eles colocaram de pé o murucu, mas este caiu em direção ao norte. Por isso, eles foram embora de novo, chegando em *Yakadali*,⁸⁰ “Maloca do Camarão”. Esta maloca fica no meio da Ca-

⁷⁷ *Miri* em tukano.

⁷⁸ *Pekâ-basâ* em tukano.

⁷⁹ *Mahâ-mkirô* em tukano.

⁸⁰ *Dasiâ-wi'i* em tukano.

choeira Arara, na frente do atual povoado Arara, no rio Uaupés. Lá, eles fizeram também um dabucuri de frutas. Cantaram *wanama-maruka*, o “Canto do Pau-de-Dança”, cuja primeira estrofe chama-se *pelía-pani*.

Após essa estrofe, *Kamewa-perisi* os mandou tocar cariços, flauta-varejeira e japurutu.⁸¹ Depois, eles começaram a dançar de novo. Enquanto eles estavam tocando, as mulheres estavam distribuindo caxiri. Após algum tempo, eles cantaram *dupia-pani*. No final, *Kamewa-perisi* disse:

– Nós dançamos essa parte, meus netos. Depois da minha morte, vocês dançarão assim! Esse canto será transmitido de geração em geração. Ele será cantado por todos os grupos.

Depois, eles cantaram a terceira estrofe, *yunia-pani*.

– Esse canto vai passar para os outros!, repetiu *Kamewa-perisi* no final da estrofe.

Depois, eles entoaram a quarta estrofe, *malia-pani*:

– Estamos somente na metade da dança, vamos pegar outra!, disse *Kamewa-perisi* no final.

Aí, eles entoaram de novo *pelía-pani*.

– Estou cantando esse canto antigo. Será que todos vocês o ouviram bem?, perguntou *Kamewa-perisi* quando acabou de cantar.

Depois, ele cantou *kapia-pani*, o “Canto de Guerra”. Esse foi o último cantado em Arara. Depois do dabucuri, eles fincaram de novo o murucu no chão. Este indicou para baixo, em direção de *Kaliana*, “Ipanoré”.

– Daqui nós vamos partir para baixo. Nós só estamos passeando. O murucu está levando o nosso coração para lá, disse *Kamewa-perisi*.

Havia dois murucus: o primeiro, chamado em tariana *nukale-yawina*, era aquele que indicava a direção que eles deviam tomar; o segundo, chamado *tuirina*⁸² em tariana, era segurado na mão direita por *Kamewa-perisi*. Este era o bastão dele. A ponta do murucu *nukale-yawina* ficou em

⁸¹ Respectivamente, *taalwa* (*wé-pa* em tukano), *taliwaphi* (*mté-poro* em tukano) e *yapulutu* (*bupu-pawé* em tukano).

⁸² Respectivamente, em tukano, *yagri* e *umú-yagri*.

Heriwi-taki,⁸³ “Serra de Juta”. Por isso, eles foram embora de novo. No entanto, em vez de descer pelo rio, eles foram pelo ar e chegaram em *Ewa-taki*,⁸⁴ “Tawataki” em língua geral, abaixo de *Pisieda-taki*,⁸⁵ “Ponta de Taracuí”, no baixo rio Uaupés.

Iriyumakeri-yanapere também voou pelo ar, mas desceu antes em Iauareté,⁸⁶ acima de *Pamōli-taki-kawana*, “Serra dos Piolhos”. Ele desceu com corpo humano. Naquela época, *Aini*, a Caba, morava nessa serra. Não se sabe de qual tribo ele era. Ele fabricava cumatás, peneiras, balaios... Ele tinha filhas. Quando *Iriyumakeri-yanapere* estava voando com os outros, ele viu as filhas de *Aini*. Por isso, ele desceu na serra para ficar com elas enquanto os outros estavam voando até *Ewa-taki*.

Os avós dos clãs maiores dos Tariana moraram um certo tempo em *Ewa-taki*. Depois *Kamewa-perisi* foi morar em *Heriwi-taki*, em frente da atual comunidade Ipanoré. Em *Ewa-taki* foi fundada a primeira maloca dos Tariana.⁸⁷ No rio Uaupés, abaixo da boca do rio Tiquié, há uma ilha. Na frente, há uma capoeira chamada *Pisi-panisi*,⁸⁸ “Casa da Cutia”. É nesse lugar que o clã *Pukutha* se instalou. Aqueles que moraram lá passaram a se chamar *Pisi-sawi*. Em *Pisieda-taki*, “Ponta de Taracuí”, ficou *Kuiwathe*, em *Kaliana*, “Ipanoré”, se instalaram os *Kaliena*, e em *Kumalipani*, “Urubuquara”, ficaram os *Koewana*.⁸⁹ Cada clã tariana ocupou uma das pontas entre Taracuí e Ipanoré.

Kamewa-perisi ia distribuindo os lugares. Depois de muito tempo, ele subiu o rio Uaupés até a boca do rio Papuni. Ele se instalou em *Ŋamarukewere*,⁹⁰ “Ilha de Arraia”, em frente a *Ditalipukipe*, atual Aracapá.⁹¹ Depois de um certo tempo, os Tariana que moravam em *Ewa-taki* foram

⁸³ *Yoho-ri* em tukano.

⁸⁴ *Fw̄ra* em tukano.

⁸⁵ *Merê-wá arā-yōā* em tukano.

⁸⁶ *Yawi-pani* em tariana, *Yāwā-poēwa* em tukano.

⁸⁷ Aquela de Arara era só para fazer festas.

⁸⁸ *Buū-wi'í* em tukano. Era onde estava a comunidade São Paulo, hoje um sítio abandonado.

⁸⁹ Os *Koewana* moram na região de São Gabriel da Cachoeira até hoje.

⁹⁰ *Āyāma-mikiro* em tukano.

⁹¹ *Tohōkapa* em tukano.

também morar na região de Iauareté. Com efeito, não dava para eles ficarem em *Ewa-taki*. Havia caça e peixes, mas não havia terra boa para plantar. Era pura caatinga. Por isso, os clãs maiores mudaram de lugar e foram morar com *Kamewa* em *Ñamaru-kewere*. Daí, eles foram com *Kamewa-perisi* para o centro da mata, nas margens do igarapé *Waapa*,⁹² afluente do *Piñeali*.

– Nós estamos passeando. Nós não conseguimos até agora encontrar um lugar bom para morar, repetiu *Kamewa-perisi*.

Essas são as suas últimas palavras. Com efeito, quando eles chegaram em *Waapa*, vendo *Kamewa-perisi* muito velho, os outros o deixaram na beira do *Hema-ñapu*,⁹³ igarapé Anta, um pouco abaixo de Taiaçú. Era para ver se ele gostaria desse lugar. Mas ele não gostou e pediu para que eles o levassem para o centro da mata, onde eles ergueram um tapiri. É lá que ele ficou. No lugar onde eles construíram o tapiri, vê-se hoje em dia a serra *Piripiri-kuale*,⁹⁴ “Serra Bem-te-vi”. *Kamewa-perisi* ficou morando lá para sempre. Desde aquele tempo, ele anda por aqui nessas matas. Dizem que uma onça grande caça para ele quando ele está com fome.

Os clãs maiores dos Tariana ficaram durante muito tempo em *Ñamaru-kewere*. Depois, eles foram para um lugar chamado *Ñsale-taki*,⁹⁵ “Cumá-Ponta”. Naquela época os clãs maiores viviam todos juntos. Eles procuravam um lugar bom para viver! Os clãs mais jovens já estavam entre Taracué e Ipanoré. Aqueles que moravam perto de Ipanoré ficaram lá até hoje. Aqueles que moravam perto de Taracué voltaram para cá de novo. Vendo os maiores irem embora, eles foram atrás. São eles que moram hoje em dia na vila Dom Bosco de Iauareté,⁹⁶ assim como nos povoados Santa Maria, Aracapá, Japurá e Sabiá.⁹⁷

⁹² Nome tariana desse igarapé (*Bekóya* em tukano). Não se sabe o nome em português.

⁹³ *Wekáya* em tukano.

⁹⁴ *Pitiri-rri* em tukano.

⁹⁵ *Wasó-pasam* em tukano. É um pouco acima do lugar da aduana, do lado colombiano.

⁹⁶ *Yawi-pami* em tanana (*Yáwa-poéwa* em tukano).

⁹⁷ Respectivamente, *Hema-pipapena* em tariana (*Wekí-dí-pókã-yōa* em tukano), *Dialipukipe* em tariana (*Tohókapa* em tukano), *Yapura-kewere* em tariana (*Ba'fibui* em tukano) e *Wasanabiem* tariana (*Kotuarv* em tukano).

De *Āsale-taki*, eles desceram até *Kuriapuna*,⁹⁸ “Ponta do Coró-Coró”. Os *Phukurana* construíram lá uma grande maloca. Quando *Kamewa-perisi* foi deixado na Serra Bem-te-vi, *Pukutha-kamewa* ficou no seu lugar. Quando ele morreu, o seu filho primogênito chamado *Pukutha* (Ambrósio) assumiu. Isso era no tempo do conde Ermanno Stradelli. O conde, que ficou morando um ano com eles, participava da Comissão Brasileira dos Limites. Por isso, ele viajou pela região toda. No rio Uaupés, ele foi até *Kui-pani*,⁹⁹ “Jurupari-Cachoeira”, na Colômbia. De Jurupari-Cachoeira, ele subiu o Uaupés até a cabeceira. Lá, no lado direito, há o igarapé *Uuni-ñapu*,¹⁰⁰ conhecido em espanhol como *Uniya*. Ele entrou neste igarapé e chegou até a cachoeira, onde colocou uma marca de fronteira. Daí, ele varou pelo igarapé e desceu até o *Deeriali*,¹⁰¹ igarapé (da banana) Pacova, um afluente do *Apapuli*,¹⁰² o rio Apapóris. Lá também, ele deixou uma marca. Dali, ele desceu até o rio Apapóris e, de lá, até o *Yapurali*,¹⁰³ o rio Japurá. Desceu em seguida o Japurá e chegou até o rio Solimões.¹⁰⁴ De lá, ele voltou para *Tewidali*, isto é, Manaus.¹⁰⁵

Foi nessa época que os ancestrais dos Tariana receberam apelidos. Isso aconteceu por causa de uma mulher. Um dia, eles foram raptar uma mulher tukano no rio Papuri e a deram como esposa ao filho de *Pukutha* (Ambrósio). Mas ela fugiu na noite da festa do casamento. Antes de fugir, disse para as duas moças que cuidavam para ela não estragar os seus enfeites:

– Eu vou cagar. Se vocês não querem ser obrigadas a agüentar o cheiro, é melhor não me acompanhar.

Assim, ela saiu sozinha da maloca e aproveitou para fugir. Ela foi pelo caminho até *Panisi-liñapada*,¹⁰⁶ isto é, Ucapinima, no rio Papuri.

⁹⁸ *Kotôa-dipo* em tukano. É onde está a aduana hoje em dia.

⁹⁹ Ou, ainda em tariana, *Kurwa-pani* (*Surîa-poêwa* em tukano).

¹⁰⁰ *Akô-butiri-mâê* em tukano.

¹⁰¹ *Ohôya* em tukano.

¹⁰² *Apapuri* em tukano.

¹⁰³ *Ba'fi-diâ* em tukano.

¹⁰⁴ *Solimões* em tariana e em tukano.

¹⁰⁵ *Ne'ê-wi'í* em tukano.

¹⁰⁶ Lit. “Casa pintada” (*O'ôri-teri'ito* em tukano).

Ela varou nesse caminho. No dia seguinte, cedo, eles foram atrás. Alguns homens a haviam visto fugir. *Pukutha* (Ambrósio) mandou todos os moços dos clãs tariana atrás dela com a ordem de pegá-la e estuprá-la. Quando a encontraram, eles a deitaram no chão, esticaram os braços e as pernas dela, a amarraram e estupraram. Todos eles a estupraram! Depois, eles a desamarraram, abandonando-a no lugar. Ela voltou então para a terra dela.

Quando voltaram, *Pukutha* (Ambrósio) perguntou para o neto de *Kuenaká*:

– Como era a boceta dela?

– Parecia com a testa do veado, ele respondeu.

Ele lhe deu então o apelido de *Kuenaká neeri-nerekuá*,¹⁰⁷ isto é, “*Kuenaká* Testa do Veadó”.

Para o neto de *Kali*, ele perguntou a mesma coisa.

– Para mim, a boceta pareceu com as pernas da cutia, ele respondeu.

– O teu apelido será *Kali pisi-sawi*,¹⁰⁸ isto é “*Kali* Perna da Cutia”.

Para *Kali*, o nosso ancestral Luiz Kabana, ele perguntou a mesma coisa. Este respondeu:

– Para mim, pareceu com a crista do mutum.

– Teu apelido será *Kali kuisi-yuda*,¹⁰⁹ isto é, “*Kali* Crista do Mutum”.

Depois, voltando-se para o neto de *Pukutha*, ele perguntou:

– E para você, como pareceu a boceta dela?

– Para mim, pareceu com os galhos de uirapixuna.

– Então, teu apelido será *Pukutha wadá-kena*,¹¹⁰ isto é, “*Pukutha* Galho de Uirapixuna”.

Para o neto de *Kui*, ele perguntou a mesma coisa. Este respondeu:

– Para mim pareceu com a boca da coruja.

– Teu apelido será então *Kui púpuli-kapena*,¹¹¹ isto é, “*Kui* Boca da Coruja”.

¹⁰⁷ *Yamá-diápoa* em tukano.

¹⁰⁸ *Buû-yêkâgi* em tukano.

¹⁰⁹ *Wâ-rôpî-diápoa-iti* em tukano.

¹¹⁰ *To-â-dipîm* em tukano.

¹¹¹ *Bpî-pako-isêro* em tukano.

Para *Samida*, o *Kaliena*, ele perguntou também a mesma coisa.
– Para mim pareceu como o boca do poraquê.
– Teu apelido será então *Samida dakasa-pena*,¹¹² isto é, “*Samida Boca do Poraquê*”.

Para o neto de *Kuenaká*, ele também perguntou a mesma coisa. Este respondeu:

– Para mim, pareceu com a semente do caroço de cunuri.
– Teu apelido será então *Kuenaká kunuli-whi*,¹¹³ isto é, “*Kuenaká Caroço de Cunuri*”.

Enfim, ele perguntou para o neto de *Kuiwathe*.

– Para mim, pareceu como se fosse tamaquarezinho. Tinha o mesmo cheiro.

– Teu nome será *Kuiwathe oaparo*,¹¹⁴ isto é, “*Kuiwathe Tamaquaré*”.

Eles moraram um bocado de tempo em *Kuriapuna*. Chegou a época em que os soldados andaram pegando gente na região para fazer a Cabanagem. Nesta época, o avô de Marcellino Cordeiro, um índio Baré, morava em Wanari,¹¹⁵ na frente do atual povoado São Miguel, no rio Negro, logo acima de São Gabriel da Cachoeira.¹¹⁶ Ele era tenente. Ele veio com a turma dele prendendo gente, levando todos os jovens e homens adultos que encontrava. No rio Uaupés, ele foi até Jurupari-Cachoeira; no rio Papuri, até *Hema-taki*, “Melo Franco”. No rio Tiquié, ele viajou até a cabeceira, sempre levando jovens e homens adultos. Somente ficaram na região as mulheres, as crianças, alguns moços e os homens adultos que tinham conseguido fugir antes da sua chegada. Ele também levou até Manaus todos os *Korwana* que moravam então em Urubuquara.

Isso aconteceu no início do século passado, isto é, no período da guerra da Cabanagem. Todos eles foram até o Pará para comprar armas. É desde esta época que *Kali*, o nosso avô, recebeu o apelido de Luiz Kabana.

¹¹² *Sã-á-tsêro* em tukano.

¹¹³ *Wapê-pehe* em tukano.

¹¹⁴ Nome tukano e tariana.

¹¹⁵ *Wanali* em tariana (*Wanari* em tukano).

¹¹⁶ *Yaigi-mié* em tukano.

Assim, o povo da região foi fazer a guerra da Cabanagem em Copacabana, no Rio de Janeiro. Essa guerra durou vinte anos. Todos os índios que foram tinham um tipo de marca na testa feita com fogo. O tenente havia marcado os seus homens para mostrar para os outros que eles eram guerreiros. Assim, quando um branco olhava para a marca, ele dizia logo: “você é um guerreiro”. Em Copacabana, Luiz Kabana, o nosso avô, pegou uma flecha na altura dos rins e ficou doente durante dois anos.

Depois da guerra, todos os índios da região voltaram vivos para Manaus. Passaram dois dias lá quando chegou uma carta da Comissão da Cabanagem dizendo que iria ter outra guerra em Manaus.

– Amanhã, pelas quatro horas da manhã, vai chegar uma turma de brancos pela mata e outra pelo rio, disse o tenente.

O tenente estava lendo a carta. Donato, o irmão dele, que estava olhando por cima do seu ombro, leu a carta por inteiro. Depois, ele falou para Luiz Kabana, o nosso avô:

– Para nós é muito ruim, eles vêm mesmo para matar a gente! Ninguém vai sobreviver!

Por isso, os dois decidiram fugir. O irmão do tenente foi pedir farinha para uma pescaria. Na realidade, era para fugir. O tenente lhe entregou dois paneiros. Luiz Kabana, o irmão do tenente e um branco foram então na beira de um lago em Manaus, onde construíram um tapiri e ficaram lá pescando. A guerra começou no dia seguinte em Manaus. Os dois decidiram então fugir. Como eles não queriam levar o branco com eles, mataram-no. Cortaram a sua cabeça. Luiz Kabana voltou então para São Gabriel da Cachoeira. O pessoal do beiradão perguntou sobre aqueles que foram fazer a guerra. Mas ele sempre respondia a mesma coisa:

– Todo mundo voltou vivo para Manaus. Agora, eu não sei mais dizer, já que há uma outra guerra em Manaus.

A guerra durou três dias em Manaus. Poucos índios da região conseguiram se salvar. Uns fugiram pelas roças, outros se esconderam no porão de um barco. O tenente também se escondeu no porão de um barco, conseguindo assim salvar a sua vida. No entanto, a maioria dos índios da região do Uaupés morreu.

Luiz Kabana tinha uma mulher baré. Ela era irmã do tenente. Ele ficou morando com ela e com o irmão do tenente em Wanari, no rio Negro. Esse era o lugar onde morava o tenente. Ele ficou lá um certo tempo. Um dia, ele abandonou a mulher porque ela era estéril.

– Você fica aqui. Eu vou visitar os meus irmãos, ele disse para ela.

Ele subiu o rio e foi morar em *Kuriapuna*, onde estavam os seus irmãos que não haviam participado da guerra. De lá, ele subiu até a boca do *Poale-taapu*,¹¹⁷ “Paraná do Forno”. Nesta época, os Tukano, assim como a mulher de um Tukano que o havia criado, moravam neste paraná. Mas os seus irmãos o chamaram de novo e ele foi se instalar outra vez em *Kuriapuna*. Todavia, vendo que não dava para ficar, porque eles sempre brigavam com ele, aborreceu-se e foi se instalar no lugar chamado *Wesiripinayuetaka*,¹¹⁸ literalmente, “Lugar da Palmeira Inajá em Pé”, onde construiu a sua maloca. Para cuidar dos seus numerosos cacuris, foi buscar alguns rapazes do clã *Kayaroa*. Os *Kayaroa* moravam nesta época no *Saaruali*,¹¹⁹ igarapé Tamanduá, em frente de *Dekada-taki*,¹²⁰ atual povoado Marabitanas, no lugar chamado *Kaparu-panisi*,¹²¹ “Casa do Macaco Barrigudo”. É lá que ele foi buscar três rapazes do clã dos *Kayaroa*. *Uitu*, *Kwesa* e *Yawisa*, os três rapazes *Kayaroa*, foram então para *Bukuali-nāpu*,¹²² “Casa de Ingá”, na foz do igarapé Macucu, onde eles construíram uma casa e ficaram. De lá, iriam vigiar os cacuris do Luiz Kabana.

Depois de ter feito isso, o nosso avô voltou para o igarapé Tamanduá e deixou em *Periakawa*,¹²³ “Casa de Águia”, atual São Miguel, três outros rapazes do clã *Kayaroa* para cuidar de seus cacuris. Ele mandou esses rapazes, que tinham como nomes *Hipa*, *Heku* e *Yawisa*, tomar conta da sua terra. Ele construiu então uma outra maloca um pouco acima do atual Itaiçu. No entanto, os irmãos dele o chamaram de novo para *Kuriapuna*.

¹¹⁷ *Ataró-maã* em tukano.

¹¹⁸ *Iki-yōo-dipōa* em tukano. É atrás da Celetra, em Iauareté.

¹¹⁹ *Bikōya* em tukano.

¹²⁰ *Weta-yōa* em tukano.

¹²¹ *Seē-wi’i* em tukano.

¹²² *Bopé-yapi’tó* em tukano.

¹²³ Ou, ainda em tariana, *Peeri-panisi* (*Aã-wi’i* em tukano).

Convidaram-no para tomar caxiri mas acabaram, mais uma vez, brigando com ele. Eles tinham muita raiva do Luiz porque ele foi o único da região do Uaupés a voltar vivo da guerra da Cabanagem. Vendo isso, ele se aborreceu e foi morar em *Ápialiku*,¹²⁴ “Taiapu”, acima da foz do igarapé Anta, no rio Uaupés. Lá, ele ficou e casou com uma mulher wanana.

Nesta época, um Pira-tapuya, cunhado dos Tariana, estava de visita em Taiapu. Um dia de wayuri, os homens foram derrubar a mata, enquanto as mulheres limpavam a roça. O Pira-tapuya ficou na casa pequena onde morava, ao lado da maloca, fabricando balaios. A mulher do nosso avô ficou na maloca. Ela pegou uma cuia grande de caxiri e foi oferecer para o Pira-tapuya na casa dele. Durante o dia, enquanto fazia outras coisas, ela lhe ofereceu várias outras cuias cheias de caxiri. O homem era muito guloso e bebia logo o conteúdo das cuias. Por isso, não sabendo se controlar, ele ficou logo bêbado:

– Você está me dando caxiri para eu ficar bêbado, mas você não é a minha irmã para fazer isso comigo, ele lhe disse com raiva.

Ele pensava que ela queria que ele ficasse bêbado. Os dois começaram a brigar. Ele bateu nela, ela bateu nele. Chegaram então os outros que estavam derrubando a mata. A mulher do nosso avô contou para ele que o seu cunhado pira-tapuya a havia espancado. Todos foram tomar caxiri. Ficaram logo bêbados e foram dormir. Enquanto eles estavam dormindo, o Pira-tapuya chegou perto da mulher do nosso avô e a amaldiçoou com um sopro. Depois, voltou para a sua casa, arrumou as suas coisas e fugiu. Pouco depois, a mulher do Luiz começou a adoecer. Ela respirava com muita dificuldade. Vendo que ela estava morrendo, Luiz pegou um pedaço de algodão para limpar a sujeira da boca dela. Ele tomou depois uma panela de tuyuca e botou dentro água, pimenta e o algodão sujo. Ele começou a tocar fogo até ferver. Deixou ferver durante muito tempo. Depois, apagou o fogo. O Pira-tapuya começou a passar mal. No dia seguinte, o nosso avô colocou um monte de lenha na beira da panela e tocou fogo de novo. Fez ferver e deixou queimar a lenha. Enquanto

¹²⁴ *Yesê-maã* em tukano.

isso, o Pira-tapuya estava correndo na mata procurando um remédio, mas não estava achando. Luiz botou então breu e um pedaço de xicantá dentro da panela e deixou queimar tudo. Aí, o Pira-tapuya morreu. Assim, o nosso avô castigou aquele que havia matado a sua mulher. Depois da morte dela, ele ficou com uma mulher pira-tapuya. Muito tempo depois, Luiz Kabana morreu de velhice. Ele foi enterrado em Taiaçu.

Genealogia dos dois principais clãs Tariana-Phukurana

1. Clã Kamewa-perisi-yanapere

O clã maior dos Tariana chama-se *Kamewa-perisi-yanapere*.¹²⁵ Seus descendentes moram atualmente na vila Dom Bosco, em Iauareté. O ancestral *Pukutha-kamewa* casou com uma mulher tukano de São Miguel (rio Uaupés) e teve três filhos: **Pukutha** (Ambrósio), **Kali** e **Uhiyaka-kasutali**.

1.A.1. Pukutha (Ambrósio) casou com uma mulher tukano do Papuri e teve com ela dois filhos: *Yawi* (José) e *Uhi* (Felipe).

Yawi (José), o primogênito, casou com uma mulher tukano de Santa Maria (rio Papuri), mas ela fugiu. Ele casou com outra mulher tukano de Santa Luzia (rio Papuri) e, com ela, teve dois filhos e duas filhas: *Pukutha* (Mathias), *Yawi* (Antônio), Baali (Joana) e Anasaro (Ana).

* *Pukutha* (Mathias) casou com uma mulher tukano e teve como filhos Yawi (Felipe) e Pukutha (José).

** Yawi (Felipe) casou com uma mulher pira-tapuya de Japim (rio Papuri) e teve como filhos Pukutha (Mathias), Yawi (Firmiano), Kui (Guilherme), Anasaro (Pedrina), Francisca e Terezinha.

*** Pukutha (Mathias) casou com Názaria, mulher arapaço de Loiro (rio Uaupés). Teve vários filhos: Gilberto, que teve dois filhos e morreu no garimpo, duas meninas e, por fim, Gabriel. Os filhos de Gilberto são ainda crianças. Gabriel casou com uma mulher baniwa e mora no rio Içana. Tem dois filhos.

¹²⁵ *Bopóka-pō'ra* em tukano.

*** Yawi (Firmiano) casou com Guilhermina, mulher wanana de Jacaré-Cachoeira (rio Uaupés) e teve um só filho: José. A mulher morreu e ele casou com Quitéria, mulher tukano de Santa Luzia (rio Papuri), que lhe deu uma filha, Conceição. A mulher também morreu. José, o único filho de Yawi, casou com Elsa, mulher tukano de Umari-Cachoeira (rio Uaupés), e teve com ela cinco filhos. São ainda solteiros.

*** Kui (Guilherme), quando era solteiro, foi trabalhar na borracha na Colômbia e acabou morando por lá. Ele casou com uma mulher desana de Piracuara (rio Papuri) e tem um filho.

** Pukutha (José) casou com uma mulher tukano de Melo Franco (rio Papuri) e teve vários filhos: Yawi (Agostinho), Pukutha (Benedito), Kuenaká (Joaquim), Kui (José), Paramahano (Lina) e Anasaro (Anita).

*** Yawi (Agostinho) casou com uma mulher tukano de Melo Franco (rio Papuri) que lhe deu como filhos: Anasaro (Adélia), Baali (Josefa), Pukutha (João), Kaisaro (Nazaria) e Kali (José). A mulher de Yawi morreu e ele casou com uma mulher tukano de São Pedro (rio Uaupés) e com ela teve um filho, Pedro. Não se sabe onde ele está.

**** Pukutha (João) casou com Adelia, mulher tukano do Turi igarapé (afluente do rio Papuri), mas ela morreu. Ele casou então com uma mulher kubeo de Pacu (rio Uaupés) que lhe deu dois filhos: Francisco e Isidro. Francisco casou com uma mulher tukano de Santa Luzia (rio Uaupés) e teve com ela duas filhas. Isidro é ainda solteiro.

**** Kali (José) casou com Dominga, mulher tukano de Santa Luzia (rio Papuri) que lhe deu como filhos: Terezinha, Maria das Dores, Olga, Iracema, Ercilia, Domingos, Nazareno e Iris. Domingos casou com Maria, mulher tukano de Pari-ponta (rio Papuri) e, com ela, tem dois filhos. São ainda crianças. Nazareno é ainda solteiro.

*** Pukutha (Benedito) casou com Mariquinha, mulher tukano do Umari-Cachoeira (rio Uaupés), e teve três filhos com ela, Raimundo, Maria e Miguel. A primeira mulher de Pukutha morreu e ele então casou com Meri, a cunhada, com quem não teve filhos. A segunda mulher também morreu e ele casou com Amélia, também mulher tukano de Melo Franco (rio Papuri), viúva de um Desana com quem ela teve vários filhos. Benedito não teve filhos com essa terceira mulher. Ele morreu.

**** Raimundo, o primogênito de Pukutha (Benedito) com Mariquinha, casou com Benedita, mulher pira-tapuya de Aracu-Ponta (rio Uaupés), e teve vários filhos: Luiz, Fatima, Lucimar, Lindalva, Renato e Miguel. Luiz e Miguel morreram. Renato casou com uma mulher tukano de Ananás (rio Uaupés), mas não tem filhos ainda.

*** Kuenaká (Joaquim) casou com Joaquina, mulher tukano de Santa Luzia (rio Papuri), e com ela teve dois filhos: Manuel e Francisco.

**** Manuel casou com uma mulher tukano de São Pedro (Turi igarapé) e com ela teve três filhos: Mathias, que morreu jovem, Amélia e Maria.

**** Francisco morreu jovem, sem deixar descendentes.

*** Kui (José) casou com uma mulher tukano de Santa Luzia e teve dois filhos: Thumu (Joaquim) e Kedali (Julio).

**** Thumu (Joaquim) casou com Catarina, mulher tukano de Tucunaré alto (rio Papuri) e teve um filho e três filhas: Thumu (Eusébio), Francisca, Paulina e Cecilia.

***** Thumu (Eusébio) casou com Luiza, mulher tukano de Umari-Cachoeira (rio Uaupés), e teve um filho e uma filha: Alberto e Madalena. Alberto casou com Rosalina,¹²⁶ mulher wanana de Arara (rio Uaupés), e teve como filhos Everton, Atila,

¹²⁶ Da família Ferraz.

Albertino (Beto), Rosalini e um menino. São todos crianças ainda. Alberto morreu em dezembro de 1998. A mulher de Thumu morreu e ele casou com Ângela, uma mulher Wanana de Jutica (rio Uaupés), com quem teve José, Sidônio e mais dois outros filhos. São ainda solteiros.

**** Kedali (Julio) casou com Mariquinha, mulher tukano de Melo Franco (rio Papuri), com quem teve um filho. Este morreu de tuberculose quando tinha seis meses de idade. Mariquinha também morreu de tuberculose. Kedali casou então com Antônia,¹²⁷ mulher pira-tapuya de Ucapinima (rio Papuri), e teve vários filhos com ela: Margarida, Moisés, Luiz, Laurita, Odilon e Eleonora.

***** Moisés casou com Maria, mulher tukano de Santa Luzia (rio Papuri), e tem seis filhas e um filho, Denilson. Denilson é ainda solteiro.

***** Luiz casou com Rosalia,¹²⁸ mulher tuyuka de Santa Cruz (igarapé Inambu, afluente do rio Papuri), e tem cinco filhos: Edilson, Juraci, Odair e mais dois meninos. Edilson é ainda solteiro. Odair casou com Janete, Wanana de Arara-Cachoeira (rio Uaupés), e tem uma filha.

***** Odilon casou com Francisca, mulher pira-tapuya de Camanaus (rio Negro), e tem três filhos: Odifran, Odioni e Odilon. São meninos ainda.

* *Yawi* (Antônio), o segundo filho de *Yawi* (José), casou com uma mulher tukano do rio Papuri e teve como filhos: Pukutha (Francisco) e Yawi (João). Os dois morreram jovens, sem casar.

Uhi (Felipe), o segundo filho de *Pukutha* (Ambrósio), casou com uma mulher pira-tapuya de Japim (rio Papuri), e teve como filhos: *Kali* (Francisco), *Thumu* (Manuel) e *Kali* (Joanico).

¹²⁷ Da família Cruz.

¹²⁸ Da família Noronha.

* *Kali* (Francisco) casou com uma mulher tukano de Melo Franco (rio Papuri) e teve como filhos: Paramahano (Nazaria), Anasaro (Ana), Thumu (Manduca) e João.

** Thumu (Manduca) casou com Victoria, mulher pira-tapuya de São Paulo (rio Papuri) e teve como filhos: Francisco, Manuel, e duas meninas que morreram crianças. Francisco e Manuel morreram de tuberculose quando tinham uns 16-18 anos.

** João casou com uma mulher pira-tapuya de São Paulo (rio Papuri) e teve um único filho Uhiyaka-kasutali (Henrique) que casou com uma mulher pira-tapuya, também de São Paulo (rio Papuri), e teve como filhos: Antônio, Ambrósio, Paramahano e Baali. Todos eles morreram jovens de tuberculose.

* *Thumu* (Manuel) casou com uma mulher pira-tapuya de São Paulo (rio Papuri) e com ela só teve filhas: Anasaro (Laura), Emilia, Marina e Francisca.

* *Kali* (Joanico) casou com Josefa, wanana do Macucu-Cachoeira (rio Uaupés), e teve três filhas e um filho: Baali (Maria), Anasaro (Rosa), Paramahano (Isabel) e Kali (Francisco). Kali (Francisco) morreu numa armadilha para pegar anta enquanto era ainda criança.

1.A.2. Kali e Uhiyaka-kasutali morreram solteiros.

Os irmãos de *Kamewa-perisi* eram os seguintes.

1.B.1. O primeiro irmão era **Kali**, com apelido de *Dupu*. Este grupo não existe mais, seus descendentes morreram todos.

1.B.2. O segundo irmão era **Thumu**, com apelido de *Nerekuá. Paulino*,¹²⁹ o neto de *Nerekuá*, casou com uma mulher tukano de Piracuara (rio Papuri, Colômbia) e com ela teve um filho, Pedro, e uma filha, Antônia. Depois da morte da mulher, ele casou com outra mulher tukano de Piracuara e, com ela, teve dois filhos: Ercilia e Antônio. Pedro, o filho que ele teve

¹²⁹ Da família Alcântara.

com a primeira mulher, casou com uma mulher tukano de Pato (rio Papuri) e teve oito filhos. Antônio, o filho com a segunda mulher, morreu jovem, sem deixar descendentes.

1.B.3. O terceiro irmão era **Uhi**, com apelido de *Pisi-sawi*. Seus descendentes são: **Kali** (Benedito), **Agostinho**, **Lourenço**, **Ponciano** e **Miguel**. **Kali**¹³⁰ (Benedito) casou com uma mulher tukano de Piracuara (rio Papuri, Colômbia) e teve dois filhos: *Pedro* e *Ricardo*.

* *Pedro* casou com Anita, mulher tukano de Piracuara (rio Papuri, Colômbia), e teve com ela vários filhos: Elias, Samuel, Deolinda, Angelina. Elias morreu jovem (envenenado). Samuel casou com Beatriz, mulher desana do Turi igarapé (afluente do rio Papuri), e teve com ela um menino e quatro meninas. São solteiros ainda.

* *Ricardo* casou com Felipa,¹³¹ mulher pira-tapuya de Teresita (rio Papuri, Colômbia), e tem como filhos: Floriano, Leonardo, Fernando, José, João, Regina, Madalena e Miguel.

** Floriano casou com Caridade,¹³² mulher pira-tapuya de Teresita (rio Papuri, Colômbia), e tem como filhos: Mateus, Jaquiline, Catarina, Benedito, Anunciata. Mateus casou com uma mulher baniwa de Santa Teresinha (igarapé Iauiri) e não tem ainda filhos. Os outros são ainda solteiros.

** Leonardo casou com Elisa,¹³³ mulher wanana de Jutica (rio Uaupés), e tem como filhos: Bernadete, Roberto, Benjamin, Genival, Nazaré, Eliseu, Leonice e Leoni. São todos solteiros ainda.

** Fernando casou com Paulina,¹³⁴ mulher pira-tapuya de Aracucachoeira (rio Uaupés), e tem como filhos: Ivone, Hugo, Fernanda, Paulo, Pascoal. Hugo casou e tem dois filhos. Ele mora atualmente em São Gabriel da Cachoeira. Os outros são ainda solteiros. Fernando

¹³⁰ Da família Alcântara.

¹³¹ Felipa Cavaleiro.

¹³² Caridade Gonçalves.

¹³³ Elisa Teixeira.

¹³⁴ Paulina Gomes.

morreu de uma mordida de jararaca em 1984. Isso aconteceu na cabeceira do rio Aiari.

** José casou com Mercedete,¹³⁵ mulher pira-tapuya de Aracu-Cachoeira (rio Uaupés), e tem como filhos: Reginilde, Joel, Junior, Gedalva, Estema. São ainda crianças.

** João casou com Leonora,¹³⁶ mulher tuyuka de Santa Cruz do igarapé Inambu (afluente do rio Papuri) e tem quatro filhos: Gerson, Elvir, um menino e uma menina. São todos crianças.

** Miguel casou com Amélia,¹³⁷ mulher tuyuka de Santa Cruz do igarapé Inambu (afluente do rio Papuri), e tem dois meninos e duas meninas. Um dos meninos morreu criança. Miguel mora atualmente em São Gabriel da Cachoeira.

Agostinho,¹³⁸ o segundo filho de Uhi, casou com Rita, mulher tukano de Boca da Estrada (rio Tiquié), e tem vários filhos: *Luiz, Lucas, João, Daniel, Catarina* e *Benedita*.

* *Luiz* casou com Maria Jovita, mulher pira-tapuya de Aracu-Cachoeira (rio Uaupés), e só tem um filho, José Natalino. Este casou com Emilia,¹³⁹ mulher tukano de Umari-Cachoeira (rio Uaupés), e teve com ela cinco filhos e uma filha. Um dos filhos morreu no parto e um segundo, aos quatro anos de idade. Os outros são ainda crianças.

* *Lucas* casou com Catarina, mulher tukano de Boca da Estrada (rio Tiquié), e tem quatro filhos e cinco filhas. Três dos filhos são casados. Um deles, Dário, casou com Zilda, mulher tukano de Pato (rio Papuri), e tem um menino e uma menina.

* *João* mora em Manaus. Não se sabe os nomes dos filhos dele.

* *Daniel* casou e tem filhos. Ele mora na Colômbia.

¹³⁵ Mercedete Pedrosa.

¹³⁶ Leonora Lemos.

¹³⁷ Amélia de Souza.

¹³⁸ Da família Barbosa.

¹³⁹ Emília Brazão.

Lourenço,¹⁴⁰ o terceiro filho de **Uhi**, casou com Catarina, mulher pira-tapuya de Aracu-Cachoeira (rio Uaupés), e tem como filhos: *Laureano*, *Luciano*, Cristina, Januária, e uma menina que morreu.

* *Laureano* casou com Celina,¹⁴¹ mulher pira-tapuya de Aracu-Cachoeira (rio Uaupés), e tem como filhos: Carmen, Genásio, Lucia, Pedro, João Batista e Irene. Genásio morreu de repente quando era criança. Pedro casou com Sandra, mulher kubeo do rio Querari, e tem uma filha. João Batista é ainda solteiro.

* *Luciano* casou com Celina,¹⁴² mulher pira-tapuya de São Paulo (rio Papuri), e teve vários filhos: um menino que morreu afogado aos dois anos de idade, Claudio, Aguiraldo, Gilson Flávio, Eliana, Aguida, José Luiz e Paulo Barnabé. Todos são solteiros.

Ponciano,¹⁴³ o quarto filho de **Uhi**, casou com uma mulher pira-tapuya de Aracu-Cachoeira (rio Uaupés) e tem como filhos: Maria, *Graciliano*, *Mário*, *José*, *Oswaldo* e Assunção.

* *Graciliano* casou com Maria,¹⁴⁴ mulher pira-tapuya de Aracu-Cachoeira (rio Uaupés), e tem seis filhos. Todos eles vivem em Manaus. Graciliano morreu ano passado de bronquite como complicação de uma gripe e de uma ataque de malária.

* Os outros filhos de **Ponciano** moram em Manaus, Santa Isabel ou na Venezuela. Por isso, não se conhece a sua família.

Miguel,¹⁴⁵ o quinto filho de **Uhi**, casou com uma mulher arapaço de Loiro (rio Uaupés). Ele mora no baixo rio Negro, em Uabadá II, e tem vários filhos.

1.B.4. Os outros irmãos de *Kamewa-perisi* são: **Thumunini-karapida, **Kui**, **Yawi** e **Kedali**. Todos eles tiveram suas gerações.**

¹⁴⁰ Da família Barbosa.

¹⁴¹ Celina de Oliveira.

¹⁴² Celina Gois.

¹⁴³ Da família Mendes.

¹⁴⁴ Maria Gomes.

¹⁴⁵ Da família Alcântara.

2. Clã Kabana-idakena-yanapere

O segundo clã maior dos Tariana chama-se *Kabana-idakena-yanapere*. É o clã de **Kali**, mais conhecido como Luiz Kabana. É o clã dos narradores deste livro.

2.A.1. Kali (Luiz Kabana), conforme vimos, casou primeiro com uma mulher baré de Wanari (rio Negro). Como ele não teve filhos com ela, abandonou-a e casou com uma mulher wanana de Arara (rio Uaupés) e teve um filho e três filhas: **Pukutha** (Manuel), Baali (Maria), Paramahano (Ercília) e Kaisaro (Joana). Depois da segunda mulher morrer envenenada, ele casou com Cândida, mulher pira-tapuya da boca do Jui (rio Uaupés), e teve com ela três filhas e três filhos: **Luiz, Joaquim e José**.

Pukutha (Manuel), o primogênito de **Kali** (Luiz Kabana) com a segunda mulher, casou com uma mulher kubeo de Macaquinho (rio Uaupés, Colômbia) e teve com ela vários filhos: **Kedali** (João), **Kui** (Venâncio), **Thumu** (Manuel), **Uhiyaka-Kamiaka** (Joanico) e **Yawi** (Joaquim). Ele teve também cinco filhas.

* **Kedali** (João), o primogênito de **Pukutha** (Manuel), casou com Joselina, mulher kubeo de Macaquinho (rio Uaupés, Colômbia). Ele teve três filhos com ela: Tepha (Ponciano), Pukutha (Honório) e Yawi (Seraphim). Quando a primeira mulher morreu, ele casou com outra, pira-tapuya, e, com ela, teve três filhos: Kali, Kui e Thumu. Mas os três morreram, sem deixar descendentes.

** Tepha (Ponciano), o primogênito de **Kedali** (João) com a primeira mulher, casou com uma mulher tukano de Tucano-Cachoeira (rio Tiquié) e somente teve filhas: Nanaiyo (Anita), Kaisaro (Maria), Paramahano (Paula), Anasaro (Ana) e Baali (Laura).

** Pukutha (Honório), o segundo filho de **Kedali** (João), casou com Lina, uma mulher pira-tapuya do Macu-paraná (rio Papuri, Colômbia). Com ela, teve vários filhos: Kali (Raimundo), Kui (Francisco), Thumu (Manuel), Pukutha (Venâncio), Paramahano (Rosa) e Anasaro (Catarina).

*** Kali (Raimundo), o primogênito de Pukutha (Honório), casou com Joaquina, uma mulher pira-tapuya do Macu-paraná (rio Papuri, Colômbia), e com ela teve uma filha Nanaiyo (Joaquina) e um filho Pukutha (Leopoldino). Pukutha (Leopoldino) morreu quando tinha 14 anos de idade. Joaquina, a mulher de Kali (Raimundo) morreu. Ele casou então com Laura, uma mulher pira-tapuya de São Paulo (rio Papuri) e teve quatro filhas com ela: Kaisaro (Maria), Paramahano (Natalia), Baali (Cecilia) e Anasaro (Eroldina). Kali (Raimundo) morreu envenenado quando tinha uns 60 anos de idade.

*** Kui (Francisco), segundo filho de *Pukutha* (Honório), casou com Joaquina, mulher kubo do lago Padilha (rio Querari). Ele morreu picado por uma jararaca sem deixar descendentes. Sua mulher voltou então para o Querari.

*** Thumu (Manuel), terceiro filho de Pukutha (Honório), casou com Nazaria, mulher tukano de Umari-Cachoeira (rio Uaupés). Com ela, teve um filho Kedali (Antônio) e uma filha Nanaiyo (Avelina).

**** Kedali (Antônio) casou com Pedrina,¹⁴⁶ mulher tukano de Umari-Cachoeira (rio Uaupés) e teve como filhos: Yawi (José Feliz), Pukutha (Luiz), Yawi (Manuel), Paramahano (Maria Cleide), Baali (Bernadete), Kedali (Gersen Patricio) e Kaisaro (Lilia).

***** Yawi (José Feliz) casou com Uwaoho (Tereza), uma mulher desana do Macu-paraná (rio Papuri, Colômbia), e teve quatro filhos: Kali, Pukutha (Honório), um terceiro que morreu sem nome e Paramahano (Ilda). São todos crianças ainda.

***** Pukutha (Luiz) casou com Amalia, mulher tukano de Jabuti (rio Uaupés), e teve vários filhos e filhas: uma menina que morreu ao nascer, Kui (Aloísio), Yawi (Alairson), Thumu (Rivelino), Kedali (Atilio), Baali (Amarilda) e Paramahano (Maria). São todos crianças ainda.

¹⁴⁶ Da família Pentecado.

***** Yawi (Manuel) e Kedali (Gersen Patricio) são ainda solteiros.

*** Pukutha (Venâncio), o quarto filho de Pukutha (Honório), casou com Lina, mulher baniwa do Cassiquiari. Ele está morando atualmente em São Fernando de Atabapo. Não se sabe os nomes dos seus filhos.

** Yawi (Seraphim), o terceiro filho de *Kedali* (João), casou com Francisca, mulher pira-tapuya¹⁴⁷ de Ucapinima (rio Papuri), e com ela teve dois filhos: Kedali (Feliciano), que morreu de malária quando tinha três anos de idade, e Anasaro (Nazaria) que mora em Itaiçua.

* *Kui* (Venâncio), o segundo filho de **Pukutha** (Manuel), casou com uma mulher wanana¹⁴⁸ de Jutica (rio Uaupés) e teve um filho que foi adotado em Santa Isabel. A descendência dele mora lá. Depois da morte no piaçabal no rio Branco da mulher, *Kui* (Venâncio) casou com a cunhada, Quiteria, e teve uma filha e quatro filhos: Baali (Maria), Yawi (Joanico), Pukutha, Kui (Manuel) e Kuenaká (Marcos).

** Yawi (Joanico) casou com Maria, uma mulher pira-tapuya de Japim (rio Papuri) e teve dois filhos com ela: Uhi (Joaquim) e Nanaiyo (Maria). Maria morreu de malária.

*** Uhi (Joaquim) casou com Ercilia, mulher pira-tapuya de Japim (rio Papuri) e teve três filhas com ela: Baali (Anisia), Nanaiyo (Catarina) e Anasaro (Elisa). A mãe morreu de malária. Uhi ficou um bocado de tempo sem mulher. Depois casou com Maria, uma mulher tukano viúva de Juquira-Ponta (rio Uaupés), e teve três filhos com ela: Yawi (Emiliano), Paramahano (Angelina), Pukutha (José).

**** Yawi (Emiliano) casou com Catarina, mulher tukano de São Pedro (Turi igarapé, afluente do rio Papuri) e tem como filhos: Edilson, Walmir, Reginaldo, um menino que morreu sem nome e Yasmina. São ainda crianças.

¹⁴⁷ Da família Cruz.

¹⁴⁸ Da família Teixeira.

**** Pukutha (José) casou com Nazaré, mulher desana de Santa Cruz (Turi igarapé, afluente do rio Papuri), e teve com ela quatro filhos: Elídio, Domingos Savio e mais dois meninos. A mulher morreu envenenada.

Depois da morte de Maria, a primeira mulher, Yawi (Joanico) casou com a cunhada e teve dois filhos: Thumu (Gregorio), que morreu solteiro, e Yawi, que morreu criança. A segunda mulher de Yawi morreu. Ele casou então com Catarina, mulher tukano de Taracuí (rio Uaupés), mas ela morreu. Ele casou com outra mulher tukano de Umari-Cachoeira (rio Uaupés) que morreu também, sem lhe dar filhos. Ele casou então com outra mulher tukano do rio Papuri que também morreu, sem lhe dar filhos. Todas elas morreram de malária. Ele casou por fim com Emília, mulher tukano de Santa Luzia, que lhe deu vários filhos: Anasaro (Ana), Kuenaká (Armando), Pukutha (Luiz), Yawi (Venâncio), Paramahano (Antônia), Kui (Mario), Baali (Anita), Yawi (Francisco) e uma menina que morreu sem nome.

*** Kuenaká (Armando) casou com Luiza, mulher pira-tapuya de Cujubim (rio Uaupés), e teve vários filhos com ela: Yawi (Odilon), Thumu (Gabriel), Baali (Amalia), dois meninos sem nome, Anasaro (Inês) e Kui (Feliciano).

**** Yawi (Odilon) casou na Colômbia. Não se conhece a família dele.

**** Thumu (Gabriel) casou com Adelia, mulher pira-tapuya de Cujubim (rio Uaupés), e tem duas filhas: Nanaiyo (Rosilda) e Baali.

**** Kui (Feliciano) casou com Bernadete, mulher kubeo do alto rio Uaupés (Colômbia). Eles não têm filhos ainda.

*** Pukutha (Luiz) foi para a Colômbia e mora atualmente no Peru. Não se conhece a família dele.

*** Yawi (Venâncio) casou com uma mulher wanana de Tiririca (rio Uaupés) e teve, com ela, duas filhas: Elsa e Maria Diva. A mulher morreu de malária e ele casou com uma mulher karapanã da cabeceira do rio Papuri, com quem teve vários filhos. Ele abandonou a

mulher e mora atualmente em Puerto Inirida, na Colômbia, com os filhos.

*** Kui (Mario) morreu de malária na Colômbia, sem deixar descendentes.

*** Yawi (Francisco) foi assassinado na Colômbia.

** Pukutha, o segundo filho de *Kui* (Venâncio), morreu quando estava ainda solteiro.

** Kui (Manuel), o terceiro filho de *Kui* (Venâncio) casou com Joaquina¹⁴⁹ (Ohôri-pako), mulher wanana de Jutica (rio Uaupés). Com ela, ele teve cinco filhas e dois filhos: Kaisaro (Amélia), Paramahano (Balbina), Kui (Luiz), uma menina que morreu sem nome, Baari (Rosa), Kali (Adriano) e Nanaiyo (Luiza). Kui (Luiz) morreu de gripe ainda criança.

*** Kali (Adriano), um dos narradores deste livro, casou com Regina,¹⁵⁰ mulher pira-tapuya de Aracu-Ponta (rio Uaupés) e teve vários filhos: Kui (Domingos), Thumu (José), Yawi (Benjamin), Pukutha (Pedro), Baali (Auxiliadora), Paramahano (Margarida), Kali (Benjamin), Kedali (Manuel Domingos) e Kaisaro (Maria Gorete).

**** Kui (Domingos) morreu de sarampo aos oito anos.

**** Thumu (José) morreu de repente há vinte dois anos. Ele estava ainda solteiro.

**** Yawi (Benjamin) morreu de sarampo quando tinha dois anos de idade.

**** Pukutha (Pedro), casou com Maria Terezinha (Pirõ-duhigo),¹⁵¹ mulher tukano de Ananás (rio Uaupés), e com ela tem três filhos, todos crianças ainda: Kui (Sidney), Pukutha (Luiz Walnei) e Kuenaká (Pedro filho).

**** Kali (Benjamin) é ainda solteiro.

¹⁴⁹ Da família Teixeira.

¹⁵⁰ Da família Neri.

¹⁵¹ Da família Gama da Silva.

**** Kedali (Manuel Domingos) morreu de coqueluche quando estava com um ano de idade.

* *Thumu* (Manuel), o terceiro filho de *Pukutha* (Manuel), casou com uma mulher tukano de São Miguel (rio Papuri), mas a matou. Ele casou então com uma mulher baniwa de Aracu-Cachoeira, no rio Içana, onde vivem os seus filhos. Ele e sua mulher morreram.

* *Uhiyaka-kamiaka* (Joanico), o quarto filho de *Pukutha* (Manuel), casou com Cândida, mulher pira-tapuya da boca do Jui (rio Uaupés) e, com ela, teve Nanaiyo (Luiza) e Kuenaká (Marcos).

** Kuenaká (Marcos) casou com Josefa, mulher wanana de Arara-Cachoeira (rio Uaupés), e teve como filhos: Kedali (Manuel), Kuenaká (Luiz) e Nanaiyo (Luiza).

*** Kedali (Manuel), um dos narradores deste livro, casou com Bibiana,¹⁵² mulher wanana de Arara-Cachoeira (rio Uaupés), e teve como filhos: Kaisaro (Maria), Kali (Luiz), Paramahano (Carmen Vitória), um menino que morreu durante o parto, Kedali (João Bosco) e Baali (Luiza).

**** Kali (Luiz) morreu envenenado, sem deixar descendentes.

**** Kedali (João Bosco) casou com Luzia,¹⁵³ uma mulher parintintin do rio Madeira, e tem como filhos: Nanaiyo (Luiza), Kuenaká (Marcos), Uhiyaka (Junior) e Baali (Maria). Eles são ainda crianças.

*** Kuenaká (Luiz) morreu afogado quando era menino.

* *Yaxwi* (Joaquim), o quinto filho de *Pukutha* (Manuel), casou e teve vários filhos: Pukutha (Manuel), Kui (Chico), Kuenaká (Marcelino), Kaisaro, Nanaiyo e Anasaro.

** Pukutha (Manuel) casou com uma mulher pira-tapuya de Ucapinima (rio Papuri) e teve um filho, que morreu quando era criança, e quatro filhas: Nanaiyo, Baali, Paramahano e Kaisaro.

¹⁵² Da família Ferraz.

¹⁵³ Da família Vera.

** Kui (Chico) morreu solteiro.

** Kuenaká (Marcelino) casou com uma mulher tukano de Umari-Cachoeira (rio Uaupés) e teve dois filhos: Avelina e Kedali (Joselino). Kedali morreu de malária quando era criança.

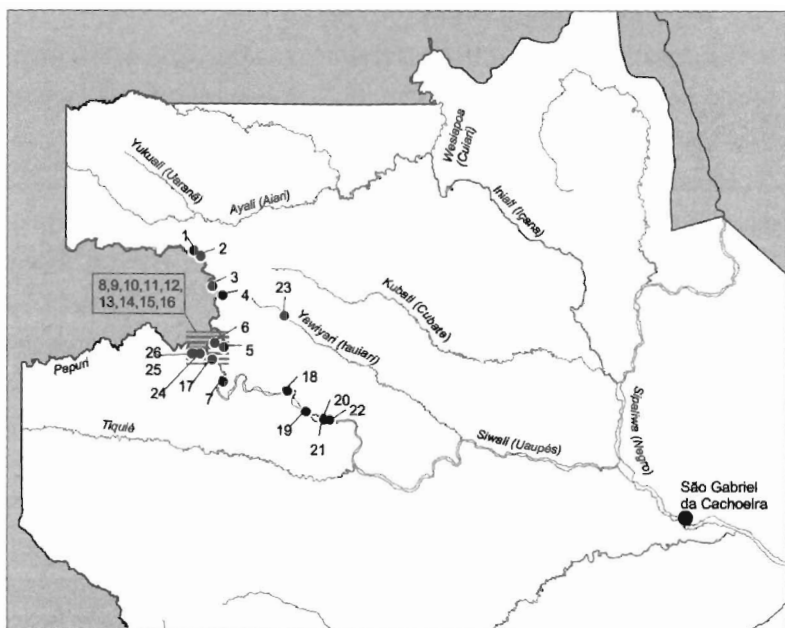
Depois da morte por malária da mulher no Cassiquiari, Kuenaká (Marcelino) casou com Joana, mulher pira-tapuya do igarapé Caraná (afluente do rio Papuri), e teve como filhos: Pukutha (José), Anasaro (Maria), Paramahano (Lina) e Baali (Laura).

*** Pukutha (José) casou com uma mulher tukano de Ananás (rio Uaupés) e teve um menino e uma menina que morreram de malária quando crianças. A mulher também morreu de malária. Ele casou então com Lina, Pira-tapuya de Japim (rio Papuri), e teve com ela Raimunda e Agostinho. Agostinho casou com uma mulher tukano de Colina (rio Tiquié) e tem filhos. Não se sabe os nomes deles.

Luiz, o segundo filho de Luiz Kabana com a terceira mulher, casou com uma mulher de Camanaus e tem duas filhas. Ele mora abaixo de Santa Isabel. *Joaquim* e *José*, os dois outros filhos de Luiz Kabana com a terceira mulher, não tiveram filhos.

Aqui terminam as gerações dos dois clãs maiores dos Tariana-Phukurana. (C)





← Localização atual dos clãs tariana

	Comunidade	Clã
Rio Uaupés	1. <i>Tuûpi-taki</i> , Periquito	<i>Mamialikuna</i>
	2. <i>Hepisi-taki</i> , Ji-Ponta	<i>Mamialikuna</i>
	3. <i>Mapada-kewere</i> , Ilha do Irá	<i>Kaliena-makwwe</i>
	4. <i>Iwi-taki</i> , Santa Rosa	<i>Mamialikuna</i>
	5. <i>Ewa-taki</i> , Mirití	<i>Yawilipea</i>
	6. <i>Âpialiku</i> , Itaiaçú	<i>Kabana-idakena-yanapere / Yawilipea / Kaliena / Pisisaw</i>
	7. <i>Duume-taki</i> , Aracu-Ponta	<i>Kaliena-makwwe</i>
	8. <i>Yawi-pani</i> , Ia. * Dom Bosco	<i>Perisi-yanapere / Kayaroa / Thumunini</i>
	9. <i>Pamôli-taki-kawana</i> , Ia. * Aparecida	<i>Psi-saw / Yawilipea / Kabana-idakena-yanapere / Mamialikuna</i>
	10. <i>Peeri-panisi</i> , Ia. * São Miguel	<i>Kayaroa</i>
	11. <i>Kupheisi-taki</i> , Ia. * Cruzeiro	<i>Yawilipea / Kaliena / Thumunini / Kuirwathe</i>
	12. <i>Pusu-taki</i> , Ia. * Dom Pedro Massa	<i>Kaliena / Mamialikuna / Kayaroa / Thumunini</i>
	13. <i>Kanadiali</i> , Ia. * Domingos Sávio	<i>Kayaroa / Kaliena</i>
	14. <i>Kuwhe-taki</i> , Ia. * São Pedro	<i>Kayaroa / Kuirwathe / Thumunini</i>
	15. <i>Mapuda-taki</i> , Ia. * Auxiliadora	<i>Kayaroa</i>
	16. <i>Hema-pipapena</i> , Ia. * Santa Maria	<i>Kuirwathe / Kayaroa</i>
	17. <i>Pipanipe-kewere</i> , Ilha de São João	<i>Thumunini</i>
	18. <i>Dekada-taki</i> , Marabitanas	<i>Kayaroa</i>
	19. <i>Yemapu-taki</i> , Nova Esperança	<i>Thumunini</i>
	20. <i>Wamoda-taki</i> , São Braz	<i>Yawilipea / Kumadeni</i>
Médio Uaupés	21. <i>Kumali-pani</i> , Urubuquara	<i>Kaliena-makwwe / Kumadeni / Thumunini / Mamialikuna</i>
	22. <i>Kaliana</i> , Ipanoré	<i>Kaliena</i>
	23. <i>Naipulikuda</i> , Santa Terezinha (igarapé Iauari)	<i>Kumadeni</i>
Rio Papuni	24. <i>Yapura-kewere</i> , Japurá	<i>Kaliena</i>
	25. <i>Wasanabi</i> , Sabiá	<i>Yawilipea</i>
	26. <i>Ditalipukipe</i> , Aracapá	<i>Yawilipea</i>

* Ia. = Iauareté (na confluência Uaupés/Papuni)

Iriyumakeri-yanapere kalísi

História de Iriyumakeri-yanapere

Iriyumakeri-yanapere é aquele que apareceu na cuia na Casa do Trovão, em *Enudali*. Ele é o neto do Trovão. Conforme vimos, é ele que vai dar origem à nova geração. Depois da festa em Bela Vista, onde ele deixou a mala da noite, *Iriyumakeri-yanapere* foi pelo ar até a boca do rio Uaupés com os ancestrais dos Tariana, dos Baniwa e dos brancos. Chegando lá, ele pegou a canoa e subiu o rio Negro até o Canal Cassiquiari, procurando um lugar bom para morar. Não o encontrando, ele retornou e entrou no rio Içana, e depois no rio Aiari, que ele subiu até Uapui-Cachoeira. Ele ficou depois orientando *Kamewa-perisi* até Arara. Quando este foi para Ipanoré, conforme indicava o murucu, ele desceu pelo ar até *Pamõli-taki-kawana*, “Serra dos Piolhos”. Chegando lá, ele se amigou com uma das filhas de *Aini*, a Caba. Durante o dia, ele ficava perto do sogro. De noite, ele ia pelo ar até *Enudali*, na casa do seu avô Trovão. Ele não era um verdadeiro ser humano.

Certo dia, *Aini* comunicou ao seu genro que as saúvas iam voar. O sogro e o genro prepararam alguns paus para pegar as saúvas. Fizeram dois saveiros: um para o sogro, o outro para o genro. Os saveiros estavam perto de *Yawi-pani*, “Cachoeira de Iauareté”¹⁵⁴ que, naquela época, era a maloca dos *Yawi-minane*.¹⁵⁵ Isto é, os *Yawi-minane* moravam em *Mapulusi-kewere*,¹⁵⁶ “Ilha do Umiri”, que fica no meio da Cachoeira de Iauareté. Por isso, *Aini* avisou seu genro para não se aproximar das mulheres dos *Yawi-minane*, senão os moradores desta maloca iriam matá-lo e comê-lo. Mas *Iriyumakeri-yanapere* não obedeceu às recomendações do sogro e foi pegar as saúvas no saveiro das mulheres dessa maloca. Enquanto isso, a sua mulher ficou perto do saveiro que ele havia preparado.

¹⁵⁴ *Yawi-pani* em tariana, *Yañwa-powêa* em tukano, lit. “Cachoeira das Onças”.

¹⁵⁵ *Yaipikaharã* ou *Yañwa-masã* em tukano.

¹⁵⁶ *Wef-mikro* em tukano.

Iriyumakeri-yanapere se transformou em gavião-tesoura e ficou voando perto do saueiro. Enquanto as mulheres *Yawi-minane* apanhavam as saúvas, ele voava entre elas, tomava as saúvas das suas mãos e as comia. Ele não comia as cabeças, somente o rabo. Vendo que não podiam catar as saúvas, as mulheres ficaram com raiva e foram se queixar aos seus irmãos:

– Ele não nos deixa pegar as saúvas, ele sempre as tira das nossas mãos!, elas disseram.

– Então, matem-no para a gente comê-lo, eles responderam.

Os irmãos foram buscar dois tipos de caniço, um de folha pequena, o outro de folha grande. Tiraram os caniços com as raízes e os descascaram. Entregaram em seguida os caniços com os galhos para suas irmãs. Elas voltaram perto do saueiro para pegar saúvas. Quando *Iriyumakeri-yanapere* chegou perto delas, elas bateram nele com os caniços, acertando-o numa das asas. Por isso, ele caiu no chão.

Elas o levaram para o rio Papuri até *Iripoa*,¹⁵⁷ “Pedra de Sangue”. Vendo que o genro não regressava, *Aimi* começou a ficar preocupado. Por isso, foi atrás dele. Na boca do Papuri, há uma ilha chamada *Aini-kewere*,¹⁵⁸ “Ilha da Caba”. Acima dessa ilha, há uma pedra chamada *Kuna-taki*,¹⁵⁹ “Pedra de Timbó”. Foi atrás dessa pedra que ele se escondeu para espiar. Lá, estavam todos os *Yawi-minane*. Eles haviam colocado o genro de *Aimi* transformado em gavião-tesoura num pilão e o socavam com penas e tudo. Depois de socá-lo, eles o comeram. Quando o sogro chegou, eles estavam acabando de comer *Iriyumakeri-yanapere*. Ele perguntou:

– O que vocês estão comendo?

– Estamos comendo o pássaro que conseguimos matar no saueiro!, responderam.

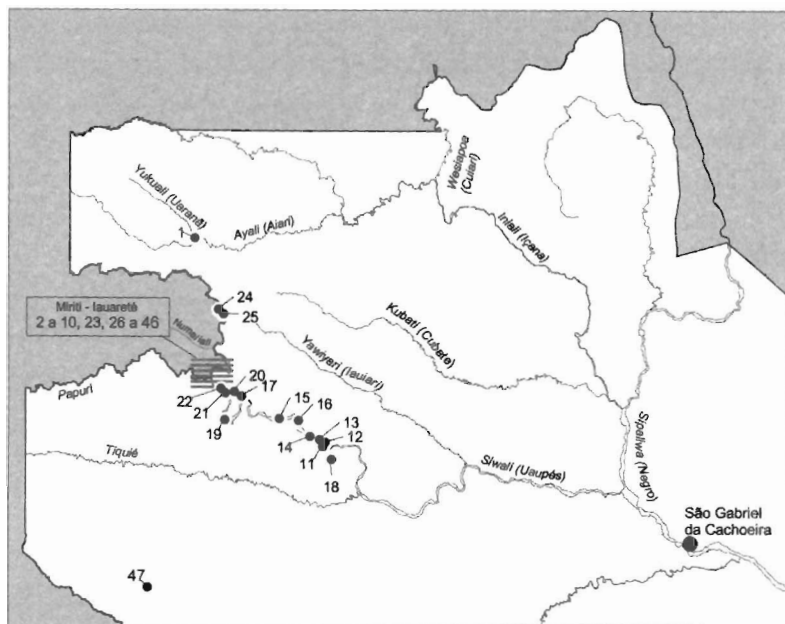
Enquanto eles estavam socando, caiu sangue em cima da pedra. É por isso que essa pedra chama-se *Iripoa*. Pode-se ver, hoje em dia, a forma de um pilão na pedra.

Aimi perguntou:

¹⁵⁷ *Dripa* em tukano. Fica no lado brasileiro, na boca do rio Papuri.

¹⁵⁸ *Ye'toĩ-mikro* em tukano.

¹⁵⁹ *Ehũ-dika* em tukano. Os antigos usavam pedaços dessa pedra como timbó.



Os lugares míticos desta história

em Tariana	em Português
1. <i>Enudali</i>	Uaupi-Cachoeira
2. <i>Pamöli-taki-kawana</i>	Serra dos Piothos
3. <i>Yawi-pani</i>	Cachoeira de Iauareté
4. <i>Mapulusi-kewere</i>	Ilha do Umiri
5. <i>Iripoa</i>	Pedra de Sangue
6. <i>Aini-kewere</i>	Ilha da Caba
7. <i>Kuna-taki</i>	Pedra de Timbó
8. <i>Bati-taapu</i>	Poço do Balaio
9. <i>Ewa-kewere</i>	Ilha Tauá
10. <i>Bati-ita</i>	Pedra de Balaio
11. <i>Yapa-taki</i>	Ponta de Tucunaré
12. <i>Malisi-taapu</i>	Paraná de Capim de Pasto
13. <i>Tiyana</i>	Poço da Cuiá
14. <i>Yema-perephe-taki</i>	Nova Esperança
15. <i>Kalelu-taki</i>	São José
16. <i>Panisi-taki</i>	Baiá
17. <i>Igarapé Yuliali</i>	-
18. <i>Herawi-taki</i>	Serra de Juta
19. <i>Kaicöali-kalisana</i>	Lago de Gemer

em Tariana	em Português
20. <i>Pipiriali</i>	Igarapé de Pupunha
21. <i>Dupali-pani</i>	Arapirirá
22. <i>Heru-taki</i>	Ponta de Paricá
23. <i>Ásali-kawana</i>	Casa de Piolhos
24. <i>Masāmaduali</i>	-
25. <i>Puwo-kewere</i>	Ilha do Macaco
26. <i>Ásali-hipa</i>	Pedra de Cumá
27. <i>Duidoali-taki</i>	Ponta do Anujá
28. <i>Yumáwali-hiwida</i>	Cabeça da Cobra
29. <i>Ápiali-taapu</i>	Paraná dos Porcos-Queixadas
30. <i>Enu-hipa</i>	Pedra de Trovão
31. <i>Saaru-hipa</i>	Pedra Tamanduá
32. <i>Yeka-taki</i>	Seringa-ponta
33. <i>Kastāna-kewere</i>	Ilha da Castanha
34. <i>Diume-taki</i>	Ponta do Aracu
35. <i>Tátali-hipa</i>	Pedra do Cancã
36. <i>Bati-taki</i>	Ponta do Balaio
37. <i>Talama-kalisana</i>	Poço do Cocar
38. <i>Uwui-mipu</i>	Caminho de Guerra
39. <i>Paisi-taki</i>	Casa da Rã
40. <i>Hiwaru-kewere</i>	Ilha dos Brincos
41. <i>Ásali-taki</i>	Cumá Ponta
42. <i>Wāduli-kewere</i>	Ilha do Araçari
43. <i>Psiri-hipa</i>	Pedra do Morcego
44. <i>Yasitara</i>	Lago de Jacitara
45. <i>Sarante</i>	Paraná do Terçado
46. <i>Ñamepa-nawiki</i>	Paraná dos Gêmeos
47. <i>Mapada-taku</i>	Serra do Irá

– Vocês comeram tudo? Senão, vocês vão se dar muito mal!

Vendo sangue na pedra, ele completou:

– Vocês não comeram direitinho. Estou vendo sangue em cima dessa pedra. Eu vou lamber esse sangue que está na pedra.

Enquanto estava fazendo isso, ele encontrou dois pedacinhos de osso do dedo mínimo do seu genro que escondeu logo debaixo da axila, um de cada lado. Ele simulou comer tudo. Antes de voltar para a sua casa, ele abriu as asas. Neste momento, os ossinhos voaram até a Casa de Trovão. O primeiro pedaço de osso bateu na casa, fazendo um barulho tipo

trovejada, “*gihh*”. O segundo fez o mesmo barulho. Ouvindo a trovoada, *Aini* disse para os *Yawi-minane*:

– Vocês vão morrer. Isso é sinal de morte. Ele já está dando sinal de morte para vocês.

Ele voltou então para a sua maloca. Quando chegou, ele explicou para a sua mulher:

– Eu lancei dois pedacinhos de osso que vão virar seres humanos.

Ouvindo isso, ela teceu logo um balaio de cipó.

Os dois ossinhos, que iriam ser os *Iriyumakena*,¹⁶⁰ subiram até a casa do Trovão e desceram em seguida na boca do *Kerali*,¹⁶¹ rio Querari. Na beira desse igarapé, há um pequeno poço de água mansa chamado *Batí-taapu*,¹⁶² “Poço do Balaio”. Foi nesse poço que eles caíram em forma de peixinhos, daqueles peixinhos *kurubísa*.¹⁶³ *Aini* e sua mulher foram verificar se eles já haviam chegado. Eles já estavam lá. A mulher de *Aini* tentou pegá-los com o balaio de cipó, mas eles passaram por cima e foram cair no outro lado do rio Uaupés, em frente de *Ewa-kewere*,¹⁶⁴ “Ilha Tauá”, onde há uma pedra chamada *Batí-ita*,¹⁶⁵ “Pedra de Balaio”. No meio dessa pedra, há um poço de água, também chamado *Batí-taapu*. É lá que eles ficaram. Vendo que não dava para pegá-los com o balaio, a mulher de *Aini* foi tecer um puçá com tucum. No dia seguinte, ela foi de novo tentar pegá-los. Ela queria criá-los como seus netos. Depois de um certo tempo, conseguiu agarrá-los com o puçá, colocou-os num camotim e os trouxe para a sua casa. Quando ela os pegou, eles tinham a forma dos peixinhos *kurubísa*. Durante a noite, no entanto, eles se transformaram em meninos.

Os dois passaram a morar com *Aini* e sua mulher. Um dia, quando eles ainda eram crianças, a avó os levou para pegar maniuaras. Lá, eles

¹⁶⁰ *Bipô-dĩiro-pō'ra* ou Diroá em tukano.

¹⁶¹ *Sō'āya* em tukano.

¹⁶² *Ba'ñ-ditāra* em tukano.

¹⁶³ *Kurubísa* em tariana e tukano (peixe não identificado). Eram pequenos, de uns cinco centímetros de comprimento, bem brancos.

¹⁶⁴ *Ewā-nikĩro* em tukano.

¹⁶⁵ *Ba'ñpa* em tukano.

enrolaram folhas em forma de funil¹⁶⁶ que encheram de maniuaras. Quando o funil ficou cheio, a avó disse-lhes:

– Vocês vão buscar outras folhas.

– Onde tem folhas?, eles perguntaram.

– Bem ali, ela respondeu, indicando com o dedo.

Era perto do lugar onde eles estavam. Os dois foram buscar as folhas mas, assim que as pegaram, uma tocandira os ferrou na mão. Gritando, eles caíram no chão desmaiados.

Era a velha que tinha feito eles serem picados pela tocandira. Ela pensou então:

– Eles são os meus netos. Mesmo assim, eu quero fazê-los morrer!

Pensando isso, ela foi benzer para trazê-los de volta à vida. Pouco depois, eles chegaram no lugar onde estavam apanhando as maniuaras, trazendo as folhas para a avó. Um pouco mais tarde, quando os pedaços de arumã novo que usavam como ripas para pegar as maniuaras quebraram, os netos pediram para a avó:

– O arumã acabou. Vai buscar outro!

Ela foi. Quando ela estava arrancando um pé de arumã, uma aranha a picou na mão. Ela gritou e caiu desmaiada.

– Coitada da nossa avó que nos criou!, disseram os *Iriyumakena*. Nós vamos benzê-la para que recupere os sentidos.

Foram benzê-la. Repetiram a oração que ela havia usado para eles. Pouco depois, ela voltou ao lugar onde eles estavam.

– Avó, o que aconteceu com a senhora?, perguntaram.

– Vocês são muito danados comigo, meus netos. Foram vocês que fizeram isso para mim! Vocês são realmente muito malandros! Agora nós vamos voltar para a casa, ela disse para eles.

Quando chegaram no porto da maloca, ela lavou as maniuaras dentro de um aturá e as deixou secar. Depois, subiu para a maloca para acender o forno. Assim que o forno ficou quente, ela derramou em cima um pouco das maniuaras para torrâ-las. Quando ficaram bem torradas, ela as

¹⁶⁶ *Tiguna* em tariana (*pe'toro* em tukano).

recolheu e as colocou no pilão e começou a pilar. Depois, ela derramou o conteúdo do pilão num prato e eles dividiram entre si as maniuaras.

No dia seguinte, quando o avô foi buscar o pilão para socar as maniuaras, ele viu abelhas lambendo o pilão. Eram os *Iriyumakena* que se tinham transformado em abelhas. Ele pegou a mão do pilão e socou as abelhas, machucando-as. Depois, ele colocou o pilão no ombro esquerdo e foi jogá-lo no rio. Ele estava tentando matar os *Iriyumakena* porque eram muito malandros e não os agüentava mais. Depois de algum tempo, no entanto, eles já apareceram de novo, tomando banho na beira do porto e batendo na água para fazer barulho. Quando saíram do banho, eles trouxeram o pilão de volta para a casa.

– Vovô, o seu pilão estava no rio, embaixo do porto, disseram.

– Vocês são muito malandros, vocês que fizeram isso, ele retrucou.

Eles foram guardar o pilão num canto da casa.

Os *Iriyumakena* eram mesmo muito malandros. Eles costumavam andar por aí. Numa das suas andanças, eles viram roças bem grandes. Na volta, contaram para a avó.

– Avó, tem roças grandes para lá. A senhora está querendo arrancar mandioca, mas não encontra. Porque não vai ajudar as mulheres de lá nas suas roças?

– Eu posso ir ajudar na roça. Mas vocês, mesmo sendo jovens, não pescam. Por esse motivo, eu não posso ir arrancar mandioca na roça dessas mulheres. Eu não tenho nada a oferecer para elas, ela respondeu.

Ouvindo isso, eles disseram:

– Amanhã, nós fabricaremos matapis para pegar peixes.

No dia seguinte, cada um preparou um matapi. Um era para pegar muçum, o outro para pegar tambuatá. Deixaram os matapis no chavascal de açai e voltaram para a casa. Os matapis eram muito pequenos. No dia seguinte, eles foram olhar e os trouxeram de volta cheios de peixes. Chegando em casa, eles pediram para a avó trazer uma bacia de tuyuca grande. Mas, vendo o tamanho dos dois matapis, ela trouxe uma bacia pequena. Um dos *Iriyumakena* tentou derramar o conteúdo dos matapis dentro da bacia. Mas os tambuatás se espalharam no chão dentro da casa.

Ele encheu a bacia com poucos peixes. Quando viu isso, a avó se aborreceu e foi buscar uma bacia maior. Ele derramou então os peixes de um dos matapis dentro da bacia que encheu até a boca. Os *Iriyumakena* pediram para ela buscar outra bacia grande para esvaziar o segundo matapi. Foi o que ela fez. Depois que acabaram de despejar todos os peixes dentro das bacias, eles disseram para a avó:

– Agora, pegue esses peixes e vá trocá-los por mandioca!

– E como é que eu vou carregar tantos peixes?, ela perguntou.

– Traga o seu aturá, nós vamos enchê-lo, disseram.

Colocaram o conteúdo das duas bacias num único aturá. Ela levou então os peixes para as filhas dos *Yawi-minane*. Antes de sair, ela deixou os *Iriyumakena* debaixo de uma bacia grande. Mas não demorou muito e, na forma de rouxinóis, eles vieram pousar na beira do seu aturá. Mesmo assim, ela foi até a roça dos *Yawi-minane*. Chegando lá, entregou os peixes para as mulheres que ficaram satisfeitas e lhe ofereceram mandioca.

Assim que ela estava chegando na roça, as moças viram os rouxinóis na beira do seu aturá. Elas os pegaram e acariciaram.

– Que pássaros bonitos, disseram.

Os *Iriyumakena* ficavam pulando na frente delas. Depois, eles voaram em direção à mata, e as moças foram atrás deles. Chegando lá, eles se transformaram em rapazes, as agarraram e fizeram sexo com elas. Desde aquela época, eles começaram aquela sacanagem com elas. Enquanto isso, a velha pegou o aturá e voltou para a casa. No entanto, quando ela chegou, eles já estavam esperando por ela.

Sempre que ela ia para a roça das filhas dos *Yawi-minane*, eles a acompanhavam sem ela o suspeitar. Eles se transformavam em pica-paus ou em arapaços e pousavam na beira do aturá dela. Quando ela chegava perto da roça, as moças os pegavam e os colocavam em cima de suas mãos, na altura da boca, para eles lamberem a saliva delas. Mas eles, ao invés de lamber a saliva delas, abriam com o bico a boca, o nariz e as orelhas das moças. Na realidade, eles estavam dando sinal de que iam mexer com elas. Mas elas ignoravam que os dois pássaros eram espíritos de gente. Eles saíam então voando da roça e se transformavam em bem-

te-vi de rabo comprido e pousavam em cima de um iauácano. Tiravam então as frutas dessa árvore e jogavam no meio das mulheres. No início, eles jogavam as frutas que, quando chegavam no chão, se transformavam em cutias. Era para ver a reação das moças. Quando viram que elas corriam atrás, eles mesmos se transformaram em cutias. Caindo da árvore em forma de cutias, eles passavam entre as pernas delas. As mulheres corriam atrás, querendo pegá-las e matá-las. Quando chegavam na mata, eles tomavam a forma de moços, as agarravam e mantinham relações sexuais com elas. Depois, as moças voltavam a trabalhar na roça.

Eles fizeram isso durante muito tempo. As moças acabaram por contar para seus pais o que estava acontecendo. Disseram que eles as estavam engravidando. Os pais começaram a suspeitar de que os dois moços deviam ser os filhos daquele que eles haviam matado e comido.

– Nós não podemos fazer nada, disseram então para as suas filhas.

O cunhado dos *Yawi-minane* era *Aini*. Sua mulher era, de fato, uma *Yawi-minane*. Por isso, eles foram pedir ao cunhado para ajudá-los a derrubar as suas roças. O velho derrubava rápido. É por essa razão que eles o convidaram. Eles suspeitavam de que eram os *Iriyumakeri-wadakena*, isto é, os filhos de *Iriyumakeri-yanapere*, que estavam derrubando e, por isso, queriam aproveitar a ocasião para matá-los. Disseram para ele:

– O senhor está trabalhando com seus netos. É por isso que o senhor derruba tão rapidamente!

Eles marcaram o dia em que iriam preparar o caxiri.

– Nesse dia, você vem nos ajudar a derrubar, pediram para o velho.

Os dois meninos foram pelo ar até *Puipi-uuni-pumenipoa* buscar a motosserra. Como eles conheciam todas as coisas que existem no mundo, eles foram buscar isso. Voltaram no mesmo dia com ela. De noite, eles cortaram pela metade todos os paus grandes, os paus grossos, para derrubar mais rápido.

Os *Yawi-minane* prepararam vários tipos de caxiri: de maguara, de cará, de batata doce e de cana. No dia combinado, os avós e os *Iriyumakena* foram à sua maloca. Eles os cumprimentaram e ofereceram caxiri. O caxiri era bem forte. Como os *Yawi-minane* sabiam que os netos do cunhado

velho eram os *Iriyumakena*, eles fizeram isso de propósito. Eles queriam embebedá-los para eles se acidentarem sozinhos durante a derrubada. Aí, os *Yawi-minane* iriam comê-los. No entanto, vendo que o caxiri era bem forte, os dois o benzeram para não ficarem bêbados. Os *Yawi-minane* os levaram então até o lugar que eles queriam derrubar. Colocaram-nos com o avô perto das árvores grandes. Os *Iriyumakena* disseram:

– Vocês derrubam na nossa frente!

Cada um dos *Iriyumakena* subiu numa árvore grande e começou a derrubar. Pouco depois, os dois se puseram a gritar:

– Cuidado pessoal, o pau está caindo!

Como os *Yawi-minane* estavam derrubando na sua frente, os *Iriyumakena* fizeram cair os paus em cima deles. Enquanto as árvores estavam caindo, elas faziam cair outras árvores na frente. Os *Yawi-minane* apanharam os galhos nos ombros e nos braços, mas ninguém morreu. Os *Iriyumakena* foram então para o outro lado da roça. Fizeram o mesmo, ou seja, eles derrubaram tudo de uma vez.

Com o seu poder, eles haviam furado os cochos de caxiri. Por isso, quando voltaram da roça, o caxiri estava quase acabando e eles tomaram somente um pouco. Logo após, voltaram para casa com o avô. Já sabiam que os *Yawi-minane* queriam matá-los e comê-los. Por isso, eles regressaram cedo para casa. No entanto, antes de ir embora, eles disseram:

– Na próxima vez que vocês convidarem a gente para derrubar uma roça, nós viremos.

Os *Yawi-minane* os convidaram uma outra vez para ajudar a derrubar e prepararam um caxiri muito forte. Mas, com o seu poder, os *Iriyumakena* o fizeram bem doce. Na volta da derrubada, os *Yawi-minane* lhes ofereceram cuias grandes de caxiri. Vendo isso, os *Iriyumakena* encheram as cuias de caxiri que ofereceram em seguida para eles. Os *Yawi-minane* ficaram logo bêbados. Aí, os *Iriyumakena* voltaram para casa com seu avô.

Depois de muito tempo, *Aini* disse para eles:

– Nós estamos ajudando muito essa gente.

De fato, os *Yawi-minane* haviam pedido ao velho um dabucuri de balaios, tipitis, peneiras e cumatás. Ele disse para os *Iriyumakena*:

– Estou indo para preparar os balaios, os tipitis, os cumatás e as peneiras na serra *Heriwi-taki*. Vocês ficam aqui.

Ele não queria levá-los, mas eles insistiram e acabaram por viajar com ele. Desceram o rio Uaupés até Ipanoré, onde o velho começou a tecer. Enquanto isso, os *Iriyumakena*, que não conheciam os desenhos, os copiavam diretamente da cabeça do avô. Na verdade, os desenhos já estavam pintados na cabeça dele. São esses: *kasiteru-inipu*, “caminho da saúva”, *iñe-piñapanaka*, “joelho do diabo”, *mawina-duiri*, “olho de abacaxi”, *daadu-kesuli*, “bochecha do arara”, *ãda-pipanika* “desenho do ralo”, *ye-kana* “galho de siringá”, *yuruna-hiwida*, “cabeça de larva”, *maráka-pipanika*, “desenho de maracá”.¹⁶⁷ Os três fabricaram muitos cumatás, peneiras, balaios e tipitis.

Assim que acabaram de tecer, eles se prepararam para o dabucuri. O velho foi embarcar os tipitis, os cumatás, as peneiras... que eles haviam fabricado. Mas como ele não queria levar os netos até a casa dos *Yawi-minane*, ele os espalhou dentro da canoa, deixando somente um pequeno lugar para ele e sua mulher. Vendo isso, os *Iriyumakena* juntaram os balaios, os cumatás... fazendo um monte de cada um deles, amontoando-os num só lugar na canoa. Assim que terminaram de aprontar a canoa, eles voltaram para a casa buscar os seus instrumentos de música. Enquanto estavam subindo para a casa, o avô tentou ir embora. Ele não queria levá-los até a casa dos *Yawi-minane*. Ele tentou empurrar a canoa, mas foi em vão. Ela não se mexia. Os netos a haviam amarrado com uma corda invisível. Ele tentou então desamarrar a corda e empurrar novamente a canoa, mas não conseguiu. Meio desconfiado, ele teve que esperar a volta dos dois.

Estes chegaram pouco depois com seus instrumentos de música e embarcaram na canoa. Um se colocou na proa, o outro na popa, ficando o casal de velhos sentado no meio da canoa. Eles pediram para os velhos se segurarem no banco para não caírem. Com uma só remada, foram até

¹⁶⁷ Respectivamente em tukano, *bia-pōrã-maári*, *wãñ-tsé-pee-kuuri*, *sēra-kapēri*, *mahã-wa'sũ-poro*, *sō'kōro-ohōri*, *wason-dip̄p̄ri*, *i'ia-dip̄oã* e *yāsã-ohōri*. Todos esses desenhos aparecem nos balaios, cumatás, peneiras.

Yapa-taki,¹⁶⁸ “Ponta de Tucunaré”. Lá, ofereceram comida aos seus avós. Os *Iriyumakena* somente comiam a cabeça dos peixes ou dos pássaros.¹⁶⁹ Depois, eles foram tomar banho.

Mais tarde, eles embarcaram de novo na canoa, com os velhos sentados no meio e se segurando no banco para não cair. Com uma outra remada, eles entraram no *Malisi-taapu*,¹⁷⁰ “Paraná de Capim de Pasto”. Lá, há um tipo de poço chamado em tariana *Tiyana*,¹⁷¹ “Poço da Cuiá”, com água doce e fria. Eles beberam dessa água. Depois, remaram até *Yema-perephe-taki*,¹⁷² atual Nova Esperança. Os *Iriyumakena* prepararam então um cigarro, benzendo-o para se proteger dos *Yawi-minane*. Eles jogaram a fumaça no seu corpo. Através da reza, cobriram-se de paris de proteção feitos de pedras de quartzo. Fizeram o mesmo para os seus avós. Todos fumaram o cigarro e jogaram a fumaça em cima dos seus corpos.

Com uma única remada, eles foram até *Kalelu-taki*,¹⁷³ atual São José, e depois até *Panisi-taki*,¹⁷⁴ “Baía”, abaixo de Loiro, onde pararam para mijar e visitar o pessoal dessa maloca. Havia, nesta maloca, algumas moças com quem os *Iriyumakena* começaram a namorar. Enquanto os netos estavam fazendo isso, os velhos, querendo aproveitar a sua ausência, tentaram empurrar a canoa, mas foi em vão. Ela não se mexia. Eles convidaram então o pessoal da maloca para ajudá-los, mas mesmo assim, eles não conseguiram movimentá-la. Foi nesse momento que os *Iriyumakena* chegaram no porto. Logo, eles empurraram a canoa e embarcaram, com os velhos sentados no meio. Eles subiram de novo o rio Uaupés até o igarapé *Yuliali*.¹⁷⁵ Esse igarapé está em frente ao atual Loiro. Lá, eles fabricaram um tapiri para descansar. Disseram então para o avô:

¹⁶⁸ *Bu'upa* em tukano. É um pouco acima de Urubuquara, no rio Uaupés.

¹⁶⁹ Com isso, eles estavam dando sinal que iriam cortar a cabeça dos seus inimigos.

¹⁷⁰ *Taã-buti-yuti* em tukano.

¹⁷¹ *Buhara-ditãra* em tukano.

¹⁷² *U'fi'karo-piãrya pi'tó* em tukano. Antigamente tinha o nome de Cigarro.

¹⁷³ *Wi'ro-yōá* em tukano.

¹⁷⁴ *Wi'i-turiro* em tukano.

¹⁷⁵ *Yurukaya* em tukano.

– Vovô, nós vamos descansar aqui. Nós vamos buscar o pau de zarabatana para fabricar paris de pesca. Enquanto isso, o senhor vai buscar alguns cipós.

Eles foram buscar pau de zarabatana para fabricar os paris. Eles limparam o fundo do igarapé, perto da boca, abrindo um pequeno varadouro para colocar os paris a fim de pegar os peixes durante a noite. Teceram os paris de pesca e os esticaram em seguida no fundo do igarapé. Depois, os enrolaram. Eles foram então pegar juta em *Heriwi-taki*. Trouxeram-na de volta já preparada e a entregaram para sua avó tecer. Enquanto eles estavam na Serra de Juta, o velho estava preparando ripas para tecer os puçás. Quando acabou de fiar, a avó preparou um feixe de cordas de juta. Cada corda tinha o comprimento de uma braça. Depois, os *Iriyumakena* começaram a tecer os puçás. Enquanto isso, eles mandaram o avô buscar caniços de casca preta e forquilhas de pau de sabão:

– O senhor vai buscar quatro caniços de casca preta assim como duas forquilhas de sabão de pau para abrir os puçás.

Os puçás eram de grande tamanho. Assim que terminaram de tecer, eles os colocaram no caniço e foram esticar os paris durante a noite. Mas eles não pegaram peixes. Eles foram matar a cobra *Itana-yumáwali*,¹⁷⁶ “Cobra de Louro”, que morava na ponta de Loiro. Cortaram a sua cabeça que jogaram no igarapé e levaram o corpo da cobra dentro da canoa. O velho avô não viu nada. O avô e o maior dos *Iriyumakena* ficaram para pegar os peixes, enquanto o menor entrou no igarapé para espantá-los. O menor levou o corpo da cobra até um certo pedaço do igarapé e o jogou dentro da água. Começou então a bater nele com um pedaço de pau. Ele vinha chegando perto dos dois que estavam recolhendo os peixes. Cada vez que batia no corpo da cobra, ele o machucava e a carne transformava-se em peixes. Todos os tipos de peixes entraram nos puçás do velho e do maior dos *Iriyumakena*. Estes haviam decidido que somente pegariam peixes grandes, tais como surubim, piraiíba, pacu, aracu, mandubé, pescada, matrinxã, peixe-espada, ituí grande, piranha... Eles

¹⁷⁶ *Konâki-pîrô* em tukano.

os enfiavam num feixe de cipós. Quando o feixe de cipós ficou cheio, o avô falou:

– Chega agora!

Mas o neto respondeu:

– Espere! Ainda têm peixes, eu vou enxotar.

Ele tirou então um outro feixe de cipós e o deu para o avô. Quando acabaram de recolher os peixes, eles encheram a canoa. Os *Iriyumakena* mandaram então o avô fabricar um jirau para moquear os peixes. Ele fez dois jiraus de grande tamanho. Quando eles ficaram prontos, os *Iriyumakena* colocaram os peixes em cima. Depois, eles foram buscar lenha. Cortaram alguns pedaços dos paus-de-cutia e de iauácano para usar como lenha.

– Esse tipo de lenha é bom para moquear os peixes, disseram.

Eles moquearam os peixes durante dois dias. Havia peixes de todos os tipos. Enquanto os velhos estavam fazendo isso, os *Iriyumakena* subiram até o lago *Kaidali-kalisana*,¹⁷⁷ “Lago de Gemer”, para preparar um tapiri, já que eles queriam pescar de novo. Antes de sair, eles pediram ao avô para fabricar alguns paneiros para os peixes. Quando o tapiri ficou pronto, eles foram buscar os velhos. Mas o avô só havia feito paneiros pequenos. Os *Iriyumakena* fabricaram então vários paneiros de grande tamanho, que encheram com os peixes dos dois jiraus e colocaram dentro da canoa junto com os paus de pesca. Eles subiram de novo com os velhos até o lago, deixando-os na boca, onde eles haviam construído o tapiri. Desembarcaram também tudo nesse lugar.

Depois disso, eles foram matar *Tuili-yumáwali*,¹⁷⁸ a “Cobra japu”. Fizeram como antes. Isto é, cortaram a sua cabeça que jogaram no igarapé. Depois, colocaram o corpo da cobra na canoa e o trouxeram até o lugar onde se encontravam os velhos. Lá, eles puxaram por terra o corpo da cobra até a boca do lago. Os dois ficaram pegando peixes. O menor estava enxotando os peixes, batendo no corpo da cobra. Pegaram dessa maneira muitos peixes. Seguiram depois para o *Pipiriali*,¹⁷⁹ igarapé de Pupunha,

¹⁷⁷ *Kiwēriko* em tukano.

¹⁷⁸ *Umú-pitrô* em tukano.

¹⁷⁹ *Frêya* em tukano.

onde pernoveram. Pediram aos velhos para moquear os peixes que haviam pescado no lago. Enquanto isso, eles seguiram para *Dupali-pani*,¹⁸⁰ “Aranpirá”. No lado direito, subindo, há uma ponta chamada *Heru-taki*,¹⁸¹ “Ponta de Paricá”. Lá, eles prepararam paricá que cheiraram enquanto os velhos estavam no *Pipiriali* moqueando os peixes. Os *Iriyumakena* dormiram em *Heru-taki* e, no dia seguinte, pelas nove horas da manhã, eles foram buscar o casal de velhos.

No dia dos *Yawi-minane* prepararem caxiri, de manhã cedo, eles chegaram com seus avós na sua casa em *Āsiali-kawana*, “Casa de Piolho”. A mulher de *Aini* preparou quatro beijos. À tarde, eles cozinham quatro panelas de peixes em pedaços. Enquanto estavam enchendo os paneiros de peixes, eles colocavam em paneiros separados os peixes em pedaços.

No final da tarde, o avô e os netos foram oferecer os peixes cozidos aos *Yawi-minane*. Chegando lá, colocaram quatro panelas de peixes na frente da maloca. Depois, levaram-nas para dentro, entregando-as para os *Yawi-minane*. Estes deram-lhes em troca uma panela de carne e um pequeno balaio com beiju. Eles trouxeram então quatro tripés com cumatás onde despejaram o conteúdo das panelas. Os quatro cumatás ficaram logo cheios de peixes. Eles fizeram isso para os peixes secarem. Depois, um dos *Yawi-minane* foi buscar o pilão. Mas os *Iriyumakena* disseram logo:

– Não, comam os peixes assim mesmo, tem muito!

Pediram então o pilão para socar a carne, já que havia pouca carne e que os *Iriyumakena* não estavam somente com o seu avô. Com efeito, todos os animais da mata, em forma de gente, estavam com eles. Como eles eram muito numerosos, os *Iriyumakena* pegaram um pedaço de folha de banana, colocando em cima um pedacinho de beiju e de carne. No entanto, mesmo assim, não houve carne para todo mundo. Depois de comer o pedacinho de carne, *Aini* perguntou para os *Yawi-minane* se eles tinham preparado caxiri. Mas estes responderam que não.

¹⁸⁰ *Dipârî-poêwa* em tukano.

¹⁸¹ *Wihôpa* em tukano.

– Vocês não sabem nada! Vocês deviam preparar caxiri para hoje, retrucou o velho. Hoje é o dia de começar a festa. Ou será que vocês pensaram que a gente não iria trazer os peixes hoje?, perguntou para eles.

Os *Yaxwi-minane* haviam preparado caxiri somente para o dia da festa propriamente dita. Isto é, eles não haviam preparado caxiri para o dia anterior, como se faz habitualmente.¹⁸² Depois de comer, eles ofereceram chibé. Quando todo mundo acabou de tomar chibé, os *Iriyumakena* e sua turma fizeram uma roda dançando fora da maloca duas vezes em seguida. Eles entraram depois na maloca onde fizeram também duas rodas dançando. Quando terminaram, eles se despediram. Antes de ir embora, *Aini* ordenou para os *Yaxwi-minane*:

– Preparem quatro paus que têm galhos começando desde o chão!

Ele os mandou fabricar quatro mastros dentro da maloca. Depois disso, os velhos e seus netos regressaram para a sua casa. Eles queriam embrulhar os peixes que iam oferecer no dabucuri com folhas de imbaúba.

No dia da festa, de manhã cedo, eles voltaram para a casa dos *Yaxwi-minane*. Eles foram fazer o dabucuri de cumatás, de balaios, de peneiras... de todos os artigos de cestaria que haviam preparado para a ocasião. Entraram na maloca em forma de fila, cantando “yeyeyé” e trazendo os balaios e os peixes. Primeiro, entrou aquele que tocava a buzina¹⁸³ acompanhado de uma dama. Depois, entraram dois rapazes com os japurutus acompanhados por suas damas. Os dois haviam pendurado no japurutu um embrulho de peixes. Depois, *Aini* e os *Iriyumakena* entraram trazendo os cumatás, as peneiras... Por fim, os animais da mata, em forma de gente, entraram também com cumatás, balaios e abanos. Enquanto eles estavam trazendo os artigos de cestaria dentro da maloca, *Aini* falou para os outros:

– Nós não vamos dançar, somente trazer os paneiros de peixes dentro da maloca.

¹⁸² Costuma-se, com efeito, preparar um pequeno caxiri para o dia anterior à festa propriamente dita, isto é, para o dia de preparar os enfeites e os instrumentos que serão utilizados na festa, o dia de se enfeitar.

¹⁸³ *Buzina* em tanana (*upân* em tukano).

– O senhor não sabe dançar por acaso? perguntaram os *Iriyumakena*.

– Eu não sei, ele respondeu.

– O senhor não sabe, mas nós sabemos, falaram.

Dito isso, eles foram buscar os embrulhos de peixes que trouxeram dentro dos paneiros. Eles levaram tudo para dentro da maloca e colocaram os paneiros perto dos mastros que os *Yawi-minane* haviam preparado. No meio da maloca, havia dez paneiros grandes cheios de peixes. Havia também muitos balaios, cumatás, peneiras, etc. Eles deixaram tudo isso perto dos mastros. Os mastros estavam com os seus galhos, conforme havia pedido *Aini*. Quando eles acabaram de levar tudo para dentro da maloca, o avô falou para os *Iriyumakena*:

– Vocês abram os paneiros de peixes e pendurem os embrulhos de cima a baixo desses quatro mastros.

Os netos encheram logo os quatro mastros com os embrulhos de peixes, mas havia ainda muitos peixes nos paneiros. O avô queria colocar o resto dos embrulhos de peixes nos cumatás, mas os *Iriyumakena* não quiseram. Eles pediram balaios grandes. Os *Yawi-minane* foram buscar balaios grandes que colocaram em forma de fila no chão. Os *Iriyumakena* os encheram com os embrulhos de peixes mas, mesmo assim, sobravam ainda muitos peixes.

Vendo isso, o avô perguntou para o dono da maloca:

– Quais foram as mulheres que prepararam caxiri? Que elas venham até aqui, ele disse.

As mulheres chegaram. O velho pediu para elas estenderem os braços para frente, nos quais eles colocaram os embrulhos de peixes. Ele fez isso com todas as mulheres que haviam preparado caxiri, esvaziando o conteúdo de um paineiro em cada mulher. Depois de encher de peixes as mulheres, eles as soltaram. Entoando “*yeyeye*”, elas foram para seus quartos para guardar os peixes. Quando acabaram de dar os peixes para as mulheres, o velho e os *Iriyumakena* colocaram os que haviam sobrado nos balaios e, em cima, os tipitis, os abanos, as peneiras... que eles haviam fabricado. No entanto, mesmo assim, sobravam ainda cinco paneiros cheios de peixes. Eles os entregaram então para o dono da maloca, dizendo:

– Esses cinco paneiros são para você. Agora, você pode repartir os peixes dos mastros entre todos os seus.

O chefe dos *Yawi-minane* pegou então os cumatás que colocou no chão e os encheu com os embrulhos de peixes que ele tirou dos mastros, distribuindo depois os embrulhos entre todos os seus parentes. Quando terminou de fazer isso, sobravam ainda dois mastros cheios de embrulhos de peixes. O chefe dos *Yawi-minane* falou então para os seus parentes:

– Que todos vocês venham pegar o que sobra nesses dois mastros. Cada um de vocês deverá levar dez embrulhos de peixes. É para comer depois da festa.

Depois ele perguntou para eles:

– Todos vocês receberam peixes? Vocês ficaram satisfeitos?

– Sim, todos nós recebemos. Ficamos satisfeitos, responderam.

Eles foram guardar os peixes que haviam recebido nos seus quartos. Os *Iriyumakena* foram então para o centro da maloca falar sobre o dabucuri. Eles disseram:

– Nós trouxemos todos esses peixes para fazer um dabucuri. Vocês vão comer esses peixes. Vocês ficarão muito contentes com suas mulheres e seus filhos. Depois, veremos o que vai acontecer.

Depois de falar isso, eles se puseram a correr dentro da maloca com um bastão. No meio da maloca, eles gritaram “*pa! pa!* para os nossos inimigos!”

Começou então a festa. Cada dançarino era acompanhado por duas damas. Enquanto os *Iriyumakena* estavam dançando, as suas damas arrancaram um cabelo deles que experimentaram comer. Mas não deu. O cabelo de um dos *Iriyumakena* era azedo enquanto o do outro era amargo. Se não fosse assim, elas iam cair em cima deles para comê-los. Vendo-as, todos os *Yawi-minane* iam se jogar em cima dos *Iriyumakena* para devorá-los. Mas isso não aconteceu. Vendo o que as mulheres dos *Yawi-minane* estavam fazendo com eles, os *Iriyumakena* ficaram com muita raiva e decidiram matar todos eles.

Dançaram o dia e a noite até de manhã cedo. Durante a festa, os *Iriyumakena* cantaram *wanama-maruka* que tinham acabado de criar no

seu pensamento. *Wanama-maruka* é o canto para a maloca virar capoeira. Estavam se despedindo da maloca dos *Yawi-minane* que iria virar mato. Eles cantaram a primeira estrofe chamada *wanama* e, depois, a segunda chamada *dupukaliwaya*. Eles entoaram esse canto várias vezes em seguida. Era o que se cantava antigamente quando se abandonava uma maloca velha para ir morar numa nova. O canto diz o seguinte:

– “Depois que fomos embora, o mato crescerá, fazendo, sob seu peso, cair e apodrecer a casa.”

Eles cantaram isso como canto de despedida da maloca dos *Yawi-minane*. Cantaram esse canto porque iam matar todos eles. Assim, uma vez mortos os *Yawi-minane*, o mato iria crescer e derrubar a maloca. Por meio do canto, eles estavam avisando os seus inimigos:

– Vocês mataram e comeram o nosso pai. Nós vamos fazer para vocês o mesmo que fizeram com o nosso pai. Nós vamos cortar suas cabeças quando cair o trovão. Depois, nós machucaremos suas cabeças com paus. É Trovão que vai cortar suas cabeças. Vocês são nossos inimigos. Depois da morte de vocês, não ficará ninguém aqui. Quem ficará cantando aqui será unicamente o pombo.

Quando acabaram de cantar, os *Yawi-minane* falaram:

– Vocês não têm mesmo nenhuma vergonha de cantar isso. Outros têm vergonha e não conseguem cantar, mas vocês não!

De manhã cedo, os *Iriyumakena* foram embora, deixando os seus avós com os *Yawi-minane*. Enquanto eles estavam saindo da maloca, estes avisaram:

– Vocês querem nos matar mas não conseguirão. Nós vamos colocar vigias.

Os *Iriyumakena* pegaram a sua canoa e subiram o rio Uaupés. Foram até o igarapé *Masãmaduali*,¹⁸⁴ que fica um pouco acima de *Puurwe-kewere*,¹⁸⁵ a “Ilha do Macaco”. O igarapé, para eles, era um caminho que ia até a Casa do Trovão, no céu. Encostaram e vararam até a Casa do Trovão. Eles

¹⁸⁴ *Fta-putirimaya* ou *Nimáya* em tukano.

¹⁸⁵ *Akê-nikro* em tukano. Fica acima de Santa Rosa, no rio Uaupés.

foram pedir para ele o seu terçado de pedra. Trovão, que tinha dois terçados, lhes deu aquele que carregava debaixo da axila esquerda. Para dizer a verdade, este era meio fraco: ele só dava relâmpagos. Foi este que Trovão deu para eles. No entanto, os *Iriyumakena* ignoravam que ele era fraco. Eles o pegaram e retornaram pelo varadouro até o porto. Desceram o rio Uaupés até um pouco abaixo da boca do *Teewiali*, igarapé Miriti,¹⁸⁶ onde há *Ásale-hipa*,¹⁸⁷ a “Pedra de Cumá”. Eles encostaram e subiram na pedra para experimentar o terçado. Eles queriam saber se o avô havia entregado para eles o terçado próprio para trovejar. Por isso, eles experimentaram cortar o pescoço um do outro. O irmão maior pediu para o menor cortar seu pescoço. No início, este não teve coragem de fazê-lo. Depois, ele acabou aceitando. Ele encostou então o terçado no pescoço do maior e tentou cortar, mas não conseguiu. Vendo isso, o maior falou:

– Você não tem força para cortar o meu pescoço.

Ele pegou então o terçado de pedra e tentou cortar a cabeça do menor. Mas não deu também. O terçado não cortava. Os *Iriyumakena* voltaram então perto do Trovão para trocar de terçado. Vararam até a sua casa. Antes de chegar, eles benzeram um cigarro para fazê-lo adormecer¹⁸⁸ e sopraram a fumaça na sua direção. Depois que ele adormeceu, eles entraram na sua casa. Ele tinha colocado o terçado bom em cima do peito. Sem ele perceber, os *Iriyumakena* trocaram de terçado. No benzimento, eles haviam feito um tipo de cobertor com penugem com que haviam embrulhado o corpo de Trovão para esquentá-lo. Era para ele dormir e não sentir frio. Por isso, ele não percebeu quando eles trocaram de terçado. Eles pegaram aquele que Trovão havia colocado no peito e foram embora. Levaram também os brincos dele. Ele tinha três brincos em cada orelha, cada um com uma cor diferente: um era vermelho, o segundo amarelo e o terceiro azul. Os *Iriyumakena* voltaram para *Ásale-hipa* onde fizeram uma nova experiência para verificar se o terçado que

¹⁸⁶ *Ne'ña* em tukano.

¹⁸⁷ *Wasópa* em tukano.

¹⁸⁸ Com a oração chamada *nakuakade kayamale* em tariana ou *wiho-kamose* em tukano.

havam roubado de Trovão cortava mesmo. Ele parecia bem afiado. Experimentaram cortar de novo o pescoço um do outro. Assim que o menor encostou o terçado no pescoço do maior, ele cortou a cabeça que rolou e subiu até o céu. No mesmo momento, um relâmpago queimou o igarapé Miriti. A cabeça subiu até o céu, desceu e retornou ao pescoço do maior. Não ficou nenhuma marca. O maior experimentou também cortar a cabeça do menor. Encostou o terçado no pescoço e cortou a sua cabeça. A cabeça rolou, voou até o céu, desceu de novo e se recolocou no lugar. No mesmo momento, um relâmpago queimou pela segunda vez o igarapé Miriti. Vendo isso, os dois ficaram alegres:

– Agora sim, este terçado é bom. Nós conseguimos enfim!, disseram.

Quando o igarapé Miriti queimou pela segunda vez, Trovão acordou:

– Meus netos são mesmo muito malandros, ele pensou.

Mas era tarde demais, ele não podia fazer nada contra eles. Mesmo assim, os *Iryumakena* estavam meio desconfiados, pensando:

– O nosso avô é bem capaz de tirar o terçado de nós.

Vendo que o terçado era bom, eles desceram o rio Uaupés na direção de *Duidoali-taki*,¹⁸⁹ “Ponta do Anujá”, onde prepararam um cigarro e fabricaram vários cestos provisórios. Durante a descida, eles mataram *Yaxwi-yumáwali*,¹⁹⁰ a “Cobra-onça”. Cortaram a sua cabeça que abandonaram no lugar. Hoje em dia, pode-se ver a marca da cabeça da cobra em cima de duas pedras chamadas em tariana *Yumáwali-hiwida*,¹⁹¹ isto é, “Cabeça da Cobra”.

Um pouco abaixo da Ponta do Anujá, há uma ilha denominada *Āpia-kewere*,¹⁹² “Ilha dos Porcos-Queixadas”. Foi nesse lugar que, por meio de uma oração, os *Iryumakena* transformaram em queixadas os cestos que haviam fabricado. Nesse lugar, existe hoje em dia um paraná chamado

¹⁸⁹ *Amá-yōa* em tukano. Fica acima da comunidade atual de Itaiçu, do outro lado.

¹⁹⁰ *Yai-pirô* em tukano.

¹⁹¹ *Pirô-dípoa* em tukano.

¹⁹² *Yesêma-mkíro* em tukano.

Ãpiãli-taapu,¹⁹³ “Paraná dos Porcos-Queixadas”. Depois, eles subiram de novo o rio Uaupés até *Enu-hipa*,¹⁹⁴ “Pedra de Trovão”. Foi lá que eles experimentaram o terçado de pedra do Trovão em cima das queixadas. Quando o relâmpago caiu em cima delas, ele as matou. Todas caíram no chão, sem cabeça. Os *Iriyumakena* fizeram isso duas vezes, matando dessa maneira todos os porcos. Quando eles mexiam a cabeça, os brincos do Trovão que haviam pendurado nas orelhas faziam relâmpagos. Ao mesmo tempo, o trovão caía em cima dos porcos, cortando as suas cabeças.

De *Enu-hipa*, eles voltaram para a casa dos *Yawi-minane*. Enquanto eles estavam procurando o terçado do Trovão, os *Yawi-minane* haviam colocado seus vigias para impedir a chegada dos *Iriyumakena* até a sua maloca. Eles haviam colocado guardas em todos os lugares.

Em *Saaru-hipa*, “Pedra Tamanduá”, eles haviam colocado *saaru*, o tamanduá.

– Os *Iriyumakena* vão descer por aqui. Você fica vigiando, disseram.

Assim que os avistasse, *saaru* devia agarrar e quebrar a sua canoa e matar os *Iriyumakena*. Mas como estes eram muito espertos, eles o fizeram dormir com uma oração. Por isso, *saaru* não acordou quando eles passaram na sua frente.

Os *Yawi-minane* haviam colocado *wayuwe*, o uirapajé, na frente de *Yeka-taki*,¹⁹⁵ “Seringa-Ponta”, que fica no remanso de *Kastaña-kewere*,¹⁹⁶ “Ilha da Castanha”. Vendo os *Iriyumakena*, este devia logo cantar “titititi...”. Isso era um sinal de morte para eles. Mais abaixo, os *Yawi-minane* haviam colocado *peeri*, a águia. Ouvindo o som do uirapajé, ela devia agarrar os *Iriyumakena* e jogá-los do alto para o chão. No entanto, quando os *Iriyumakena* estavam descendo na direção do uirapajé, eles o fizeram dormir com uma oração. Por isso, ele não conseguiu avisar a águia da chegada dos *Iriyumakena*. Quando estavam vindo na sua direção, eles

¹⁹³ *Yesêma-yuti* em tukano.

¹⁹⁴ *Bipôpa* em tukano.

¹⁹⁵ *Wasodokâ* em tukano.

¹⁹⁶ *Bikriya-mikro* em tukano.

também a fizeram dormir. Em *Duume-taki*,¹⁹⁷ “Ponta do Aracu”, os *Yawi-minane* haviam colocado *kásiri*, o jacaré, como vigia. Vendo-o, os *Iriyumakena* disseram:

– Nós vamos cortar a cabeça dele.

Cortaram a cabeça do jacaré, encostaram-na no seu corpo e abandonaram o jacaré morto. No meio do rio Uaupés, um pouco abaixo, há uma pedra chamada *Tátali-hipa*,¹⁹⁸ isto é, “Pedra do Cancã”. Vendo-os descer, *tátali*, o cancã, deveria gritar “*cã cã cã cã...*”. Ouvindo o seu grito, *ñeewi*, as lontras, deveriam sair, morder a canoa dos *Iriyumakena* e comê-los. Mas os *Iriyumakena* também as fizeram dormir com uma oração e chegaram até o lugar onde os *Yawi-minane* haviam colocado *waiwaiyo*, o pássaro-trovão, como vigia. Enquanto estavam descendo o rio, eles jogaram a fumaça do cigarro na sua direção para fazê-lo adormecer. Por isso, conseguiram passar sem problema.

Continuaram a descer o rio até *Batí-taki*,¹⁹⁹ “Ponta do Balaio”. No remanso, há um pequeno poço chamado em tariana *Talama-kalisana*,²⁰⁰ “Poço do Cocar”. Foi nesse lugar que eles colocaram na cabeça um tipo de cocar feito de pedra de quartzo branco e no cotovelo esquerdo um escudo, também de quartzo branco.²⁰¹ Depois, entraram no *Urwí-imipu*,²⁰² “Caminho de Guerra”. Esse igarapé era, para eles, um caminho. De lá, saíram pelo rio Uaupés, varando em seguida até *Paisi-taki*,²⁰³ “Casa da Rã”. Atravessaram de novo o Uaupés e chegaram em *Hiwaru-kewere*,²⁰⁴ “Ilha dos Brincos”, onde colocaram nas orelhas os brincos do Trovão.

Enquanto os *Iriyumakena* estavam descendo o rio Uaupés, os *Yawi-minane* haviam colocado no remanso da Ilha dos Brincos um cercado que

¹⁹⁷ *Wamí-wá'i-yôa* em tukano.

¹⁹⁸ *Akâgi-ñtá* em tukano.

¹⁹⁹ *Bati-yôa* em tukano.

²⁰⁰ *Tiriro-tuku* em tukano.

²⁰¹ Respectivamente, *talama-ditalipuki* em tariana (*tiriro* em tukano) e *wapherda* em tariana (*bati-paa'kuru* em tukano).

²⁰² *U'pima'á* em tukano.

²⁰³ *Omâta* em tukano.

²⁰⁴ *Ápôa-nikíro* em tukano.

ia até o outro lado do rio. No fim do cercado, eles haviam deixado *yawwi*, uma onça grande, como vigia. *Yawwi*, que era o cachorro deles, deveria devorar os *Iriyumakena*. Mas eles sopraram a fumaça do cigarro na sua direção, fazendo-a também dormir. Por isso, passaram sem problema.

Em cima da sua casa, os *Yawwi-minane* haviam colocado como vigia um membro da etnia Werekena.²⁰⁵ Ele também devia matar os *Iriyumakena*. Mas estes o fizeram dormir.

Os *Iriyumakena* chegaram então até a maloca dos seus inimigos. Fizeram um buraco na parede através do qual eles enfumaçaram a maloca, fazendo dormir todos os *Yawwi-minane*. Feito isso, eles foram para *Wadulikewere*,²⁰⁶ “Ilha do Araçari”. Na ponta da ilha, há uma pedra onde deixaram os pedaços de cigarro apagados. Subiram de novo até *Āsale-taki*. Lá, há um caminho que vara até o rio Papuri. Eles desceram então beirando o Papuri. Na foz desse rio, em *Pisili-hipa*,²⁰⁷ “Pedra do Morcego”, eles sopraram a fumaça do cigarro em cima de *pisili*, o morcego, que os *Yawwi-minane* haviam colocado como vigia, fazendo-o adormecer. De lá, foram até *Yasitara*,²⁰⁸ “Lago de Jacitara”, onde mataram *Yasitala-yumáwali*, a “Cobra de Jacitara”. Cortaram a sua cabeça, que abandonaram no lugar, e levaram o seu corpo até *Saraita*,²⁰⁹ “Paraná do Terçado”, onde deixaram o terçado. Esse pequeno paraná, localizado no porto da atual aduana, no lado colombiano, só é visto quando o rio está muito seco.²¹⁰

Depois de deixar o terçado, os *Iriyumakena* levaram os corpos das duas cobras, das quais haviam cortado as cabeças, até a porta da frente da maloca dos *Yawwi-minane*. Isso era um aviso de que estes também iriam ficar sem cabeça. As duas cobras entraram juntas pela porta da frente e foram até o fundo da casa. Viraram, então, e cada uma delas voltou por um lado da maloca em direção à porta da frente. Elas foram de novo juntas até

²⁰⁵ Os Werekena moram no rio Xié (*Sié* em tariana, *Xiepoa* em tukano).

²⁰⁶ *Ārro-mkīro* em tukano.

²⁰⁷ *Osōpa* em tukano.

²⁰⁸ *Waʔ-tuu-dūtāra* em tukano.

²⁰⁹ *Seōmaā* em tukano.

²¹⁰ Bem ao lado, há o paraná chamado *Ānapea-nawīki*, “Paraná dos Gêmeos” (*Sīrimaā* em tukano).

o fundo da maloca. De lá, cada uma voltou por um lado em direção à porta da frente e as duas saíram, por fim, juntas da maloca. Enquanto as duas cobras faziam suas voltas dentro da maloca, os *Yawi-minane*, acordados pelo barulho, foram atrás delas, tentando matá-las.

Depois de terem deixado as cobras na porta da maloca, os *Iriyumakena* voltaram para *Saraité*, que fica bem em frente à maloca dos *Yawi-minane*, onde eles cortaram a cabeça um do outro com o terçado de Trovão. O menor cortou primeiro a cabeça do maior que rolou e subiu até o céu. Depois, foi a vez do maior cortar a cabeça do menor que também rolou e subiu até o céu. Assim que eles colocavam o terçado no pescoço um ou do outro, relampejava e trovejava. Enquanto a cabeça deles estava subindo para o céu, o trovão cortava as cabeças dos *Yawi-minane*.

Logo após, os *Iriyumakena* entraram na maloca e viram seus avós mortos. Eles carregaram os dois velhos para fora e os benzeram para eles voltarem à vida, já que, também, ficaram sem cabeça. Assim que terminaram, os velhos se levantaram. No entanto, ao mesmo tempo, os *Yawi-minane* também se levantaram. Vendo isso, os *Iriyumakena* decidiram:

– Vamos matá-los todos, inclusive os nossos avós. Não podemos deixá-los vivos! Se nós os deixarmos viver, eles vão nós matar e comer.

Eles voltaram então para *Saraité* onde haviam deixado o terçado do Trovão e cortaram de novo a cabeça um do outro. Deu relâmpago, trovejou e todo mundo morreu. Os avós também morreram.

Os *Iriyumakena* foram então com o terçado até *Mapada-taku*²¹¹ “Serra do Irá”. De lá, com o seu poder, eles subiram pelo ar até *Enudali*, onde entregaram o terçado para o seu avô, o Trovão. A marca do terçado do Trovão ficou para sempre em *Saraité*. Eles desapareceram na Casa do Trovão. São eles que dão trovoadas junto ao Trovão hoje em dia.

Assim termina essa história.²¹²

²¹¹ *Mumî-ĩrĩ* em tukano.

²¹² Os *Yawi-minane* eram um dos grupos de Bariwa. Era o único grupo canibal da região. Foram os primeiros a morar aqui. Se os *Iriyumakena* não os tivessem matado, eles estariam ainda vivendo na região de Iauareté. Hoje em dia, existe um outro grupo de *Yawi-minane* no rio Içana.

Mami-yapirikuli Ínali kalísi

História de Inambu e de Mucura

Depois da festa de entrega da mala da noite em Bela Vista, *Mami-yapirikuli*, o Inambu, voltou para a sua maloca em *Ínali-walikuna*,²¹³ isto é, Urânia. Antes de ir embora, ele convidou as duas filhas de *Uuni-yumáwali* para uma festa. Ele pediu para elas chegarem no dia em que as mulheres iriam preparar caxiri, isto é, um dia antes da festa.

Antes de ir embora, Inambu avisou às duas moças:

– No porto da minha maloca, que fica mais para cima, haverá uma pena de arara vermelha. No porto da maloca do meu primo *Ínali*, haverá uma pena de arara azul.

Mas *Ínali*, a Mucura, ouviu tudo. Ele morava um pouco abaixo de *Mami*. No dia em que as moças estavam subindo para lá, ele inverteu as penas: isto é, pegou a pena vermelha no porto de Inambu e a trocou pela sua azul.

Quando as duas irmãs chegaram no porto de *Ínali*, a menor falou:

– O porto é aqui! Ele falou que haveria uma pena vermelha.

Mas a maior disse que o porto de *Mami* era aquele de cima. A menor ficou insistindo que o porto onde havia uma pena vermelha era aquele de Inambu. A maior estava escutando o tambor da festa. Estava zoando na casa de *Mami-yapirikuli*.

As duas encostaram e subiram para a casa de *Ínali*. Este, enquanto isso, tinha ido buscar maniuaras. Por isso, quando as moças chegaram na casa dele, somente viram uma velha. Era a avó de *Ínali*. Antes de sair para procurar maniuaras, *Ínali* havia avisado a velha que ele havia convidado duas moças. Por isso, quando ela as viu, perguntou:

– Vocês não seriam aquelas que o meu neto convidou para a festa?

– Somos nós mesmas!, responderam.

A velha indicou uma rede onde elas podiam esperar a volta de *Ínali*.

²¹³ *Óá-petâ* em tukano. É no alto no Uaupés, na Colômbia, abaixo de Mitu.

– Fiquem aqui esperando! O meu neto já vai voltar, ela disse.

As duas se aproximaram da rede. Quando se deitaram, as moscas começaram a voar, zoando: “*oá oá.*”

– Bem que eu te avisei!, disse a maior para a menor.

Mas mesmo assim, ficaram deitadas na rede. Na hora em que elas estavam discutindo, chegou *Ínali*. Ele deixou as maniuaras que havia catado fora da maloca e, enquanto estava entrando, perguntou para a avó:

– Minha avó, será que as moças que eu convidei chegaram?

– Aquelas que você convidou já chegaram, ela respondeu.

Ele foi então até a sua rede e deitou entre as duas.

– São elas mesmas, disse.

Enquanto isso, o tambor na casa de *Mami* continuava zoando. Ouvindo o som, *Ínali* falou:

– O meu primo *Ínali* está batendo no tambor dele. Vou responder.

Ele foi então até o tambor que estava perto da entrada da sua casa e começou a bater. Começou a zoar: “*oati oati oati*”. O tambor estava chamando *Ínali*, a Mucura. Nesse momento, as duas moças entenderam tudo. Elas foram então para o porto. Mas não havia nenhum meio de transporte para chegar até a casa de Inambu. Por isso, elas ficaram esperando. Pouco depois, chegou *yaali*, o martim-pescador. Ele estava descendo o rio à procura do cipó caapi para a festa de *Mami*. Vendo-o, as duas moças o chamaram, mas ele não quis parar porque elas estavam fedendo.

Pouco depois, chegou *uuni-kumãda*, o marreco pequeno. Ele estava procurando a planta *kapi-pulia*²¹⁴ para misturar com o cipó caapi. Vendo as moças, ele disse para elas:

– O porto de *Mami* está acima! Não é aqui, aqui é o porto de *Ínali*! Aquele que as convidou está esperando por vocês.

– Na subida, você leva a gente, disseram então as duas moças.

O marreco pequeno havia falado para o martim-pescador para levar as moças no caso dele voltar primeiro para a maloca de *Mami*. Mas este, ao se aproximar, sentiu o cheiro ruim das mulheres e, por isso, passou sem

²¹⁴ *Kapi-morse* em tukano, planta não identificada.

encostar. Ele pegou o cipó caapi e voltou direto para a maloca de *Mami*. Quando chegou, avisou este último que as duas mulheres estavam no porto do seu primo *Ínali* e que elas estavam fedendo muito. Ouvindo isso, *Mami* mandou então *kuruá*, o uru e *yaxwiri-suíte*, o inambu pequeno, buscar sabão de pau e de cipó para dar um banho nas duas mulheres.

Enquanto isso, o marreco pequeno estava voltando para a maloca de *Mami*. Ele encostou no porto de Mucura e pediu para as duas moças embarcarem. Todavia, a canoa não deu: ela era muito pequena. Por isso, ele pediu que as duas moças o esperassem: ele ia voltar na madrugada com uma canoa maior. Dito isso, foi embora.

As duas moças regressaram para a maloca de Mucura que lhes entregou um balaio cheio de maniuaras, mandando-as lavar no porto. Ele lhes deu também um pedaço de beiju para comer com as maniuaras. As duas moças foram de novo no porto onde lavaram as maniuaras. Mas elas não as comeram, por causa do cheiro forte. Mais tarde, elas voltaram para a maloca de Mucura e deitaram na rede dele. Pela madrugada, elas se levantaram e foram esperar o marreco pequeno no porto. Quando chegou, este pediu para elas sentarem atrás dele. No caminho de volta para a maloca de Inambu, ele perguntou para as duas:

- Porque o martim-pescador não levou vocês?
- A gente está fedendo muito, responderam.
- Vocês estão mesmo cheirando muito ruim, ele disse.

É por isso que ele as mandou sentar na popa da canoa, para não ter que cheirar as duas. Ele as levou até o porto de Inambu. Quando chegaram, várias mulheres da maloca deram um banho nelas. Enquanto isso, os outros prepararam um banco no meio da maloca para elas. Havia todo tipo de aves na casa. Naquela época, todas tinham forma de gente. Todas eram gente naquele tempo. O Inambu já tinha quatro mulheres. Com as duas moças, teria seis. As mulheres enfeitaram primeiro as duas moças. Depois, todas se enfeitaram. Eles estavam festejando a chegada delas.

Ínali chegou pelas cinco horas da tarde na maloca de *Mami*. Ele queria pedir a Inambu uma das duas mulheres. Antes de sair, ele havia avisado à velha avó:

– Eu vou pedir para mim uma das antigas mulheres dele ou então uma das duas que acabaram de chegar. Se ele não aceitar, eu vou insistir. Se eu insistir muito, ele é capaz de se aborrecer e de me matar. Neste caso, haverá um sinal de arco-íris e choverá, assim que o dia estiver clareando. Se isso acontecer, leve o seu aturá com as acangataras para fora da casa. Se ele me matar, o meu aturá de enfeites encherá de sangue. Assim, minha avó, você já saberá que o seu neto foi morto. Se acontecer isso, vá logo se queixar junto à águia real.

A avó ficou vigiando. Enquanto isso, *Ínali* foi até a casa do seu primo, Inambu. Quando chegou, ele foi logo pedir uma das duas moças, mas Inambu não quis lhe dar nenhuma.

– Eu não vou lhe dar nenhuma. Eu as convidei a vir na minha casa, mas elas erraram o caminho e pararam na sua casa. Fique quieto se você quer passar bem!

Mas *Ínali* não escutou as recomendações de Inambu e continuou a insistir para que ele lhe deixasse ao menos uma das moças. Frente à negativa dele, ele pediu uma das velhas, mas Inambu também não quis lhe dar. Ele estava cada vez mais irritado com Mucura. Este o avisou então que, no caso dele o matar, as águias reais viriam logo vingar a sua morte e matá-lo. Mesmo assim, quando o dia estava clareando, não agüentando mais a caceteação de Mucura, *Mami* o matou com uma cacetada.

Começou então a chover, apesar do sol brilhar. Vendo a chuva, a avó da Mucura levou o aturá de acangataras para fora da casa. Este logo se encheu de sangue. A velha entendeu então que o seu neto estava morto. Por isso, ela foi logo atrás das águias reais que estavam morando em *Puipi-uuni-pumenipoa*. Conforme havia explicado *Ínali*, ela foi se queixar junto a elas que Inambu havia matado o seu neto.

– Vocês devem vingá-lo, ela disse.

No dia seguinte, Inambu estava sentado no quintal da maloca com as novas esposas. Elas o mandaram cantar. Foi o que ele fez:

– *Woo yururu woo yururu...*

Mas logo, ele parou de cantar. As duas moças pediram para ele cantar de novo. Como Inambu sabia que duas águias estavam chegando para

matá-lo, ele não queria mais cantar. Mas as duas moças ficaram insistindo. Por isso, ele explicou para elas:

– Se eu cantar mais, as águias vão ouvir o meu canto e virão para me matar. Se isso acontecer, procurem logo os *Iriyumakena* para vingar a minha morte.

Apesar da advertência, as moças ficaram insistindo para que cantasse de novo. Foi o que ele fez. Enquanto ele estava cantando pela segunda vez, as águias chegaram, agarraram-no e o levaram pelo ar. Vendo isso, as duas moças foram logo se queixar junto aos *Iriyumakena* na Casa de Trovão. Ouvindo sua queixa, cada um fabricou um puçá. Assim que os puçás ficaram prontos, eles os enrolaram, amarraram e colocaram na cintura. A pontinha do puçá ficou do lado direito, como um rolinho. Eles desceram então perto da casa de *Mami*. Vieram descendo pelo rio, procurando o lugar onde as águias moravam.

A avó das águias sabia que os *Iriyumakena* estavam atrás dos seus netos. Por isso, ela incentivou os homens a preparar cacetes de âmago para bater em cima deles, enquanto as mulheres cozinhavam breu. Em cada maloca que encontravam, os *Iriyumakena* perguntavam:

– O que você vai fazer com isso?

– Nós vamos cacetear os *Iriyumakena*, respondiam os homens.

– Bate para a gente ver como vocês vão fazer, diziam então os *Iriyumakena*.

Os homens experimentavam então cacetear o próprio corpo e morriam. Aí, os *Iriyumakena* se aproximavam das mulheres que estavam cozinhando breu.

– O que vocês vão fazer com esse breu fervendo?, perguntaram.

– Quando as águias pegarem os *Iriyumakena*, nós vamos derramar esse breu em cima deles!, responderam.

Depois de dizer isso, elas perguntaram:

– Vocês não viram os *Iriyumakena*, por acaso?

Elas pensavam que os *Iriyumakena* eram homens formados. Na realidade, eles eram dois meninos. Eles não tinham nada. Isto é, eles andavam nus e somente tinham um puçá amarrado no lado direito da cintura.

– Não, nós não sabemos, eles responderam.

Assim, eles foram descendo o rio, procurando as águias de maloca em maloca até chegar em *Puipi-uuni-pumenipoa*. As águias haviam fabricado uma flauta com o osso de Inambu e ficaram tocando em cima de uma árvore, na beira de um campo. Cada águia tinha a sua própria flauta.

– *Wiiin..*

Os *Iriyumakena* estavam na porta da maloca das águias reais, olhando para as mulheres que estavam cozinhando breu.

– O que a senhora vai fazer com esse breu?, eles perguntaram.

A mulher quis pegar uma cuia de breu para mostrar o que ela ia fazer com ele. Mas assim que ela tentou tirar o breu com a cuia, este ficou duro, igual pedra. Enquanto isso, as águias estavam se aproximando da maloca tocando.

– Quem são aqueles que estão fazendo essa zoada?, perguntaram os *Iriyumakena*.

– São as águias que estão tocando o osso de Inambu, responderam as mulheres.

– Será que elas não vão pegar a gente?, perguntaram os *Iriyumakena*.

– Tomem muito cuidado! Vocês são crianças e elas não respeitam as crianças!, responderam as mulheres.

Enquanto elas estavam dizendo isso, as duas águias entraram na maloca. Uma pousou em cima do travessão do meio, a outra num outro travessão, na frente do primeiro. Depois, elas começaram a se aproximar dos *Iriyumakena*. Vendo-as, estes se puseram a gritar:

– Ah ah! A águia está me comendo!

Dizendo isso, eles começaram a desamarrar os seus puçás. Os homens quiseram então cacetejar os *Iriyumakena*, mas não conseguiram. Eles bateram em si mesmo e morreram. Enquanto isso, as mulheres tentaram derramar o breu que estava fervendo em cima deles, mas foi em vão. O breu estava muito duro. Os *Iriyumakena* desamarraram então o puçá do cinto, abriram-no e enrolaram dentro as águias. Depois, amarraram de novo o puçá no cinto, pularam para fora da maloca e voaram pelo caminho do vento. Eles chegaram em Manaus, onde mataram um veado que de-

ram de comer para as águias. Depois, eles subiram de novo o rio e pararam em *Awa-hipa*,²¹⁵ “Pedra da Águia Real”, atual Uirawassu, entre Santa Isabel e Barcelos, no rio Negro. Foi lá que eles mataram as águias. Eles as depenaram e jogaram as penas fora. Depois disso, eles foram embora e subiram pelo rio até a casa de *Mami*, onde contaram o que havia acontecido para as duas mulheres:

– Nós vingamos a morte do seu esposo! Nós já sabemos matar, mas não sabemos o que vai acontecer depois, disseram.

Isto é, eles não sabiam se os outros iam tentar se vingar outra vez. Eles subiram então para a Casa de Trovão, no céu, onde ficaram perto do seu avô. Eles são os *Iryumakeri-wadakena*, isto é, os netos de *Iryumakeri-yanapere*.

Aqui termina essa história. (E)

²¹⁵ *Aâ-paki-wi’i* em tukano.

Kuwai-yapirikuli kalísi

História de Kuwai

*Kuwai-yapirikuli*²¹⁶ desceu do céu para ensinar aos filhos dos *Kuwaina-minane*²¹⁷ a tocar os instrumentos de Jurupari.²¹⁸ Ele é o filho de ninguém, isto é, ele é eterno. Ele passou um bocado de tempo com eles. Tomava caxiri, fazia dabucuri de ucuqui, de patauí, de açai... isto é, de todas as frutas, ele fazia um dabucuri. *Kuwai* era muito gordo. No corpo, nos braços, nas pernas, nos pés, havia buracos que zoavam como as flautas que os jovens aprendiam a tocar. Somente a parte de frente do corpo de *Kuwai* tinha buracos que zoavam como os juruparis. Ele os tirava dos dedos das mãos e dos pés e fazia instrumentos para os jovens tocar. Ou seja, ele não precisava tocar os juruparis, o corpo dele zoava por si só. Quando ele fazia um dabucuri, ele mandava os jovens entrar na maloca com os instrumentos e fazer uma roda.

Quando chegou a época de amadurecimento do uacu, em março-abril, ele decidiu fazer um dabucuri com essas frutas. Ele foi buscar as frutas com alguns meninos de oito a quatorze anos de idade.

– Vamos buscar a nossa oferta. Na volta, derramaremos as frutas nos balaios, ele disse.

Ele foi até o uacuzeiro com os meninos. Limpou o pé da árvore, tirando as folhas. Juntou-as e fez um fogo com elas e com lenha. Ele mandou então as crianças ficarem ao pé da árvore. Enquanto isso, ele subiu levando um gancho. Antes de trepar no pé de uacu, ele proibiu as crianças de comer os frutos. Subiu com o gancho, colocou-o entre os galhos, e o moveu para fazer cair as frutas. Muitas caíram no chão e as crianças começaram a recolher. Uma das frutas caiu dentro do fogo. Deu um cheiro muito agradável. As crianças experimentaram então comer. Era

²¹⁶ *Miriá-pō'ra Ō'ákilĩ* em tukano.

²¹⁷ *Miriá-pō'ra-masá* em tukano. Não se sabe qual grupo era.

²¹⁸ *Kuwaina* em tariana (*miriá-pō'ra* em tukano).

muito gostoso! Aí, elas começaram a assar as frutas. Mas o cheiro do assado subiu até *Kuwai* que caiu da árvore.

– Ao que parece, seus pais não lhes deram conselhos, ele disse. Vocês comeram. Agora, eu vou ver o que fazer com vocês.

Ele pediu para as crianças abrirem a boca para verificar qual deles havia comido das frutas, mandando aqueles que haviam comido ficar atrás dele. Somente um menino não havia comido nada. Por isso, ele o colocou na sua frente. Pouco depois, uma chuva grande vinha chegando. Na realidade, era ele que fazia chover para poder devorar os meninos.

– Já vem chuva grande! Vocês vão buscar algumas folhas de bacaba para a gente se abrigar, ele disse.

Eles foram buscar as folhas, mas não as encontraram. Quando voltaram, ele já havia preparado um tapiri com o que pareciam ser folhas de bacaba. Na verdade, era o cu dele, mas, para os meninos, parecia ser um tapiri feito com folhas de bacaba. A chuva vinha chegando.

– Venham se abrigarem da chuva, ele gritou para os meninos.

Eles foram logo para baixo das folhas. Entraram, na realidade, no cu dele. Ficou somente de fora aquele menino que não havia comido nada. Depois que os meninos acabaram de entrar, a chuva parou. *Kuwai* fabricou então cinco paneiros e mandou o menino que não havia comido nada enchê-los com as frutas. Foi o que ele fez. Quando os paneiros ficaram cheios, *Kuwai* e o menino os carregaram até a maloca. Ouviu-se então o som de Jurupari. Era *Kuwai* que estava zoando. Ele vinha entrando na casa. Como as mulheres são proibidas de ver as flautas de Jurupari, elas saíram da maloca. Ele entrou, fez uma volta de dabucuri com o menino e mandou trazer alguns balaios que colocou no chão em forma de fileira. Os dois derramaram então o conteúdo dos paneiros dentro dos balaios, enchendo todos eles com um único paneiro. Vendo isso, *Kuwai* mandou buscar outros balaios, até esvaziar os paneiros. Quando acabou, ele iniciou o dabucuri. Os outros perguntaram:

– Onde estão os nossos filhos?

– Eu não sei! Ao que parece eles não estão aqui!, ele respondeu. Vocês não deram conselhos para seus filhos. Enquanto eu estava em cima

da árvore, eles comeram uacus assados. A fumaça chegou até mim e eu cai no chão. Aí, olhei dentro da boca deles para saber quem havia comido. Somente um não havia comido. Depois, mandei uma chuva grande. Eu fui então buscar folhas de bacaba e chamei seus filhos para vir se abrigar da chuva. Mas eles pararam perto do meu cu, onde desapareceram. Vocês são os culpados nessa história. Vocês não souberam aconselhar os seus filhos. É por isso que eu os comi. Os seus filhos estão dentro da minha barriga, mas eu somente lhes entregarei na hora em que vocês pedirem.

Ele terminou de fazer dabucuri e subiu ao céu. Antes de subir, ele disse:

– Vocês podem preparar muitos tipos de caxiris, mas eu não vou voltar tão cedo, porque eu já experimentei todos os tipos de caxiri que existem no mundo.

Eles prepararam vários tipos de caxiri, isto é, caxiri de batata, de cará, de todas as espécies de frutas que existem no mundo. Quando os caxiris ficaram prontos, eles foram convidá-lo para dançar com eles.

– De que é feito o caxiri? ele perguntava.

“É de maguara” ou “é de batata”, eles respondiam.

Mas ele sempre dizia:

– Eu já experimentei esse caxiri. Não quero mais! Se fosse um caxiri que eu nunca tomei, eu iria junto com vocês.

– Como será que nós vamos fazer?, perguntaram-se entre si.

Eles pensaram, então, em preparar um caxiri com um tubérculo da mata chamado em tariana *numaliyusu* e um outro com a batata uariá. Eles cozinham, ralaram e prepararam o caxiri com esses tubérculos misturados com beiju. Quando o caxiri ficou pronto, eles foram convidá-lo. Ele perguntou como sempre:

– De que é feito o caxiri?

– Há um feito com *numaliyusu* e outro com uariá!, responderam.

– Eu vou então, porque eu nunca experimentei desses dois caxiris!

Quando chegou, ele foi cumprimentá-los:

– Eu vou experimentar os caxiris que vocês prepararam para mim.

Vocês me dão três cuias. Agora mesmo, eu vou lhes entregar os seus

filhos. Vocês não souberam dar conselhos para eles. É por isso que eles não obedeceram à minha ordem. Mas eu vou devolver os seus filhos agora. Tragam aqui os paris de pedra de quartzo branco!, ele disse.

Ele os mandou colocar os paris de pedra no chão para poder vomitar em cima os ossos dos filhos deles.

– Aqui estão os ossos dos seus filhos! Pronto, eu já lhes entreguei, ele disse, vomitando-os.

Todos foram recolher os ossos dos seus filhos que colocaram em seguida dentro de um balaio. Depois, eles os enterraram.

– Vocês não vão conseguir me matar, ele disse então. Nem com cacete, nem com terçado, nem com faca. Se vocês querem mesmo me matar, vocês procurem folhas de bacaba e lenha de embira e do pau vas-soura, façam um fogo com elas e me joguem dentro. É somente dessa maneira que eu vou morrer.

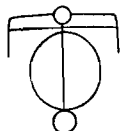
Ele mandou fazerem isso porque queria voltar para *Enudali*, na Casa do Trovão. Ele pediu para eles buscarem muita lenha e tocarem um fogo bem grande.

Eles tomaram caxiri o dia inteiro até *Kuwai* ficar bêbado. Ele não conseguia mais andar. Não tinha mais força.

– Quando estiver muito bêbado, ele havia explicado, vocês me agarram, carregam até o fogo e me jogam dentro.

Por isso, vendo-o bêbado, eles fizeram conforme ele havia explicado. Isto é, eles o agarraram e o jogaram dentro da fogueira. Ele queimou por inteiro. Formou-se então uma fumaça grande e o vento soprou. Com o vento, a fumaça formou uma roda e, no meio, o espírito de *Kuwai* subiu até o céu, onde desapareceu. Ele subiu zoando como o som dos instrumentos de Jurupari. É dessa forma que ele voltou para a casa dele.

Aqui termina essa história. ☉



Miakana²¹⁹ kalísi

História da Gente-de-Transformação

Depois que queimaram *Kuwai*, um grupo de *Miakana*²²⁰ “Gente-de-Transformação”, que ficou em *Enudali* depois de ter saído pelo buraco, começou a procurar a paxiúba com a qual eles iam fabricar os instrumentos sagrados de Jurupari. Eles procuraram perto de *Enudali*, mas não a encontraram. Eles desceram então o rio Içana e entraram no rio Negro que subiram até a cabeceira, perto do Canal Cassiquiari. Lá, conforme vimos, há uma pequena cachoeira chamada *Paramhali-hipa*, em português Uapui-Cachoeira. Foi no meio dessa cachoeira que eles encontraram o pé de paxiúba. Ela era pequena. Os homens derrubaram o pé e cortaram o estipe em pedaços, do tamanho dos instrumentos de Jurupari atuais. Tiraram, em seguida, a carne de dentro, que eles jogaram fora. Em seguida, eles foram procurar casca do pau ingá assim como de um pau com âmago chamado em tariana *waana*. Foi com a casca desses dois paus e com os pedaços do estipe da paxiúba que eles fabricaram os instrumentos.

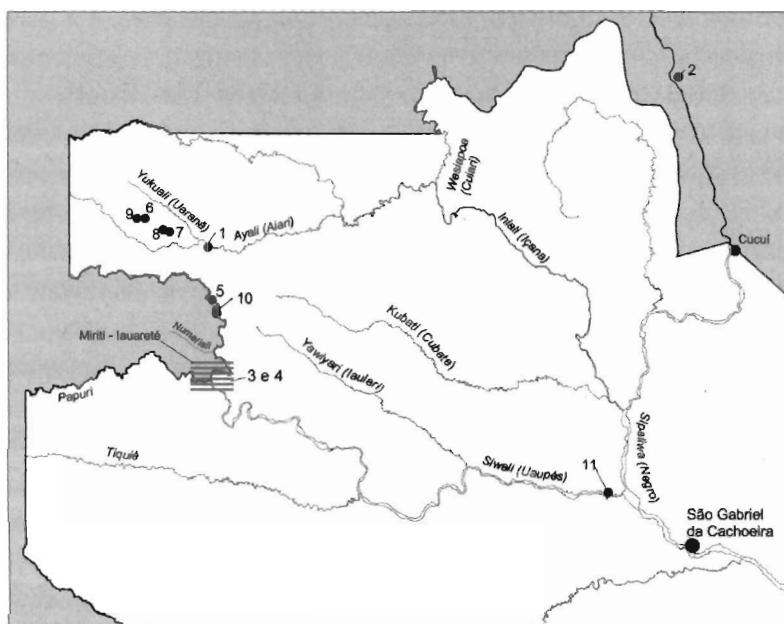
Eles fizeram primeiro um pequeno gancho para desmanchar a casca. Prenderam depois o gancho na parte do rolo da casca e amarraram com o cipó de taracuí. Amarraram bem firme. Taparam em seguida o buraco com barro vermelho para fazer o som. Colocaram, por fim, folhas de pirapucu para fechar o buraco, deixando somente um pequeno espaço para o som. Eles fabricaram assim vários instrumentos de música, tais como: *dapa* “paca”, *mulisi* “socó”, *dapiwali* “maracajá”, *isieni* “esquilo”, *payeye* “jandiá”, *kasiu* “pássaro mariano” e, também, *pukuesadoa*.²²¹

Eles experimentaram tocar em Uapui-Cachoeira, na cabeceira do rio Negro. Depois, começaram a voltar para a sua maloca com os instru-

²¹⁹ *Pa'nîr-masí* em tukano.

²²⁰ Esse grupo de *Miakana* ficou em *Enudali* depois da discussão com *Kamewa-persi* para saber qual deles tinha saído primeiro pelo buraco. Trata-se, provavelmente, dos *Walipero-dákeni*.

²²¹ Não se sabe o nome em tukano e em português.



Os lugares míticos desta história

em Tariana	em Português
1. <i>Enudali</i>	Uapui-Cachoeira
2. <i>Paramhali-hipa</i>	Uapui-Cachoeira
3. <i>Ínali-hipa</i>	Mucura-Cachoeira
4. <i>Srãwiru-tudapuku</i>	Cacuí de Pombo
5. <i>Masãmaduali</i>	-
6. <i>Matsite-pani</i>	Cachoeira Feia
7. <i>Kapatharu-haiku</i>	Tronco da Barata
8. <i>Kumali-pani</i>	Casa da Palmeira Tucumã
9. <i>Ina-hipa</i>	Cachoeira das Mulheres
10. <i>Tiyana-hipa</i>	Porto da Cuia
11. <i>Hipada-pinima</i>	Itapinima

mentos. Desceram pelo rio Negro e subiram o rio Uaupés até *Ínali-hipa*,²²² “Mucura-Cachoeira”. Lá, eles encontraram uma outra paxiúba. Hoje em dia, na baixada, no lado direito do rio, pode-se ver uma pedra grande que

²²² *Oá-poéwa* em tukano.

é o toco dessa paxiúba. Esse lugar chama-se *Siwíru-tudapuku*,²²³ “Cacuri de Pombo”. Eles deram esse nome ao lugar para enganar as mulheres, para que elas não saibam do que se trata na verdade. Eles derrubaram a paxiúba e jogaram fora os pedaços que não serviam para nada. As pedras no meio da cachoeira são os pedaços da paxiúba que eles jogaram fora. A cabeça da palmeira ficou em Mucura-Cachoeira, onde apodreceu. Hoje em dia, pode-se ver uma mancha branca na pedra onde eles fabricaram os instrumentos com as cascas de pau. Foi nesse lugar que eles fabricaram os instrumentos sagrados.

Depois, os *Miakana* continuaram a subir o rio Uaupés. Eles entraram pelo igarapé *Masãmaduali* e vararam até *Enudali*, ou Uapui-Cachoeira, no rio Aiari. Em Uapui-Cachoeira, eles decidiram fazer uma festa para experimentar os instrumentos de música. Ao anoitecer, enquanto as mulheres estavam preparando caxiri, o chefe dos *Miakana* falou para seu filho caçula:

– Olha, meu filho, deixei no porto sabão de selva e folhas de araçari e de matupiri para lavar o rosto. Deixei lá também as flautas de Jurupari. Você toma banho e toca os instrumentos amanhã de madrugada. *Wáasu* vai lhe ensinar a tocar.

Mas o filho não respondeu nada. As três filhas do chefe dos *Miakana*, que estavam preparando caxiri, ouviram tudo e responderam no seu lugar:

– Tá bom.

De manhã cedo, depois de coar o caxiri, as moças desceram para o porto para tomar banho. Tomaram banho, batendo na água. Encontraram deitados dentro da água os juruparis que o seu pai havia deixado para o seu irmão. Elas tentaram pegar os instrumentos de música, mas estes logo se esconderam dentro de um pau pulga que se encontrava na beira do porto. Cada instrumento de música se escondeu dentro de um buraco. Vendo isso, as mulheres fizeram uma roda ao redor da árvore, conseguindo pegar, dessa maneira, os instrumentos de Jurupari. Experimentaram

²²³ *Buhá-wa'iro* em tukano. Costuma-se colocar cacuris nesse lugar.

para ver onde zoava. Colocaram as flautas no nariz, nas orelhas, na vagina,²²⁴ na boca... , em todos os orifícios do corpo, para ver onde zoava.

Quando viu as mulheres chegarem no porto, *Wáasu* se escondeu. Na verdade, é ele que deveria ensinar o filho do chefe dos *Miakana* tocar os juruparis. Como as mulheres pegaram os instrumentos de música, ele se negou a ensinar, porque os instrumentos não são das mulheres, eles são dos homens. Pouco depois, chegou o jacundá *dutali*. Foi ele que ensinou as mulheres a tocar os juruparis. Vendo as mulheres tocarem as flautas, *Wáasu* subiu bravo para a casa e foi logo perguntar para o pai das moças:

– Foi você que mandou *Dutali* ensinar suas filhas a tocar?

– Não, não fui eu!, ele respondeu.

O pai desceu então para o porto. Chegando lá, ele pisou na cabeça do jacundá, quebrando o seu pescoço para castigá-lo,²²⁵ e gritou para as mulheres:

– Isso é coisa de homem! Não é de vocês! O seu trabalho, isto é, o trabalho da mulher, é de fazer beiju e ralar mandioca.

Ele regressou então para a casa e deu um pedaço de massa de mandioca para o filho espremer no tipiti, mas este o recusou, jogando-o fora. Se ele tivesse aceito, os homens iam fazer o trabalho das mulheres, isto é, eles iam espremer a massa, fazer beiju, torrar farinha, cozinhar manicuera, preparar caxiri... Isso ia ficar para sempre para o homem. Mas o filho não aceitou. Depois disso, o pai e os outros discutiram entre si sobre o que eles iam fazer com as mulheres que tinham ficado com os juruparis:

– Os nossos antigos mataram *Kuwai-yapirikuli*, nós temos que matar as mulheres!, decidiram.

Eles foram então atrás das mulheres. Elas já tinham ido embora, levando os juruparis dentro da vagina. Elas entraram pelo *Yukuali*,²²⁶ igarapé Uaranã, um braço do rio Aiari. Subiram o igarapé até a metade,

²²⁴ É desde essa época que as mulheres têm clitóris.

²²⁵ É por isso que, hoje em dia, esse jacundá tem uma mancha vermelha debaixo do pescoço. De fato, quando o pai das moças quebrou o pescoço do jacundá, saiu sangue.

²²⁶ *Bo'ite-purí-ya* em tukano.

onde há uma cachoeira chamada em tariana *Matsite-pani*,²²⁷ “Cachoeira Feia”. Era antigamente uma maloca.

Antes do pai entrar na maloca, as mulheres colocaram uma jararaca nas duas portas. Hoje em dia, pode-se ver na cachoeira uma espécie de pedra de arcia pura. É em cima dessa pedra que elas colocaram a cabeça da jararaca. Ela devia mordê-lo assim que ele entrasse. Mas o chefe dos *Miakana* era sábio. Por isso, quando entrou na maloca, ele pulou por cima da cabeça da jararaca. Ele procurou as mulheres, mas elas já tinham ido embora.

Elas continuaram a subir o *Yukuali*, indo seu pai com um grupo de homens atrás delas. Os homens acabaram por encontrá-las em *Kapatharu-haiiku*,²²⁸ “Tronco da Barata”. Nesse lugar, há pedras bem brancas. É lá que eles as encontraram. Vendo-as em cima das pedras, o pai gritou:

– Lá estão elas! Vamos pegá-las!

Eles cercaram as três mulheres. Queriam pegá-las de qualquer jeito, mas não conseguiram. As mulheres fugiram pelo *Yukuali*, os homens de novo atrás delas. Elas passaram em *Kumali-pani*,²²⁹ “Casa da Palmeira Tucumã”, sempre com os homens atrás, guiados pelo som dos juruparis. Quando chegaram nesse lugar, no entanto, eles se deram conta de que eram as frutas de tucumã que davam o som de Jurupari quando caíam no chão. Não havia ninguém no lugar, as mulheres já tinham ido embora. Os homens foram de novo atrás delas.

Elas chegaram em *Ina-hipa*,²³⁰ “Cachoeira das Mulheres”, na cabeceira do *Yukuali*. Foi nesse lugar que eles conseguiram agarrar a mais velha das três. Eles a levaram até a pedra, deitaram-na em cima, com os braços abertos e a cabeça na direção da cabeceira do igarapé. Enfiaram então suas lanças no corpo dela, de cada lado da cintura. A água saiu das duas feridas e da boceta da mulher. Foi dessa maneira que eles a mataram. Pode-se ver, hoje em dia, uma pedra com a forma do

²²⁷ *Yā'âr-powêa* em tukano.

²²⁸ *Kasiáwĩ-tuturo* em tukano.

²²⁹ *Beta yôô-nu'kuro* em tukano.

²³⁰ *Nu'miá-powêa* em tukano.

corpo dela. Os homens recuperaram então os instrumentos que ela havia escondido na vagina. Pegaram também de volta os instrumentos de música que as outras mulheres haviam abandonado. Com efeito, vendo os homens agarrar a sua irmã, as duas outras fugiram, abandonando no lugar os juruparis.

Elas foram pelo ar até *Tiyana-hipa*,²³¹ “Porto da Cuia”, no rio Uaupés. Hoje em dia, pode-se ver nesse lugar uma pedra pintada. Foram as mulheres que a pintaram. Como elas estavam muito tristes por terem perdido os instrumentos de música, elas começaram a pintar a pedra. Do Porto da Cuia, elas foram até a maloca de Aracapá, na boca do rio Papuri, onde entraram. Mas os homens ainda estavam atrás delas. Eles queriam verificar se elas ainda tinham alguns juruparis, ou se tinham a intenção de fabricar outros instrumentos. Vendo-as, eles disseram:

– Elas estão aqui. Vamos entrar!

Eles fabricaram uma flauta chamada em tarianas *samida*²³² e entraram na maloca, tocando essa flauta. Ouvindo o som, as duas mulheres se esconderam de medo debaixo de balaios. Os homens pisaram bem em cima delas. Depois, eles tiraram os balaios e olharam para elas:

– Vocês não trouxeram nada até aqui, minhas filhas?, perguntou o pai.

– Vocês não pegaram todos os juruparis? Como a gente poderia tê-los ainda?, responderam com tristeza.

– Então, vocês vão embora até *Puipi-uuni-pumenipoa*. Lá, vocês fabricarão roupas, cobertores, redes... disse o pai para elas.

Ele mandou as duas mulheres irem para esse lugar para fabricar essas coisas. Elas foram então pelo ar até *Hipada-pinima*,²³³ “Itapinima”, no rio Uaupés. Os homens voltaram para a sua maloca, menos o chefe dos *Miakana* que seguiu atrás delas. Quando as mulheres chegaram em Itapinima, elas se sentaram nas pedras e começaram a pintar. Elas estavam muito tristes. Mas o pai, que estava ainda atrás delas, mandou-as de

²³¹ *Wasôro-petâ* em tukano.

²³² *Poreró* em tukano.

²³³ *Itá-o'ori-timpa* em tukano.

novo para *Puipi-uuni-pumenipoa*, dizendo que elas iriam fabricar redes, cobertores, roupas...

As mulheres foram de novo pelo ar até *Puipi-uuni-pumenipoa*. Elas desceram no porto e subiram para a maloca. Não havia ninguém. Naquela época, *Puipi-uuni-pumenipoa* já era uma cidade, mas não havia ninguém. As malocas estavam vazias. As mulheres voltaram então para o porto para tomar banho e subiram outra vez para a maloca. Quando entraram, as mulheres da maloca saíram dos seus quartos. Não havia homens nesse lugar, somente mulheres.

– O que vocês vieram fazer aqui?, perguntaram para as duas irmãs.

As duas contaram tudo o que tinha acontecido. Disseram que o seu pai as havia mandado para *Puipi-uuni-pumenipoa* para fabricar redes, roupas, cobertores... enfim, todas as coisas que existem nesse mundo.

– Tá bom. Nós vamos ensinar isso para vocês, elas disseram.

As duas ficaram lá para sempre. São elas que fabricam as roupas, as fazendas, as redes...

Aqui termina essa história. (c)



Dilúvio lama maleda siawa kalísi

História do dilúvio e do incêndio no mundo

Os brancos dizem na Bíblia que houve um dilúvio no mundo. Para nós, foi *Sē-yumáwali* que fechou a porta das águas. *Sē-yumáwali* é a “Cobra-caracarai”.²³⁴

Yapirikuli, o Deus dos cristãos, pediu a *Sē-yumáwali* para fechar a porta das águas para fazer um dilúvio. Essa porta fica na foz do *Uuni-maleda*, o rio Amazonas.²³⁵ Ele lhe pediu isso vendo que a humanidade estava se multiplicando demais e não obedecia à sua lei. De fato, os ancestrais viviam do jeito que eles queriam: bebiam cachaça, faziam muitas festas, bebiam muito. Durante as festas, uns se suicidavam, outros matavam, outros ainda estupravam mulheres. Isto é, eles viviam do jeito que eles queriam. Vendo isso, *Yapirikuli* mandou *Sē-yumáwali* fechar a porta das águas para acabar com todos eles.

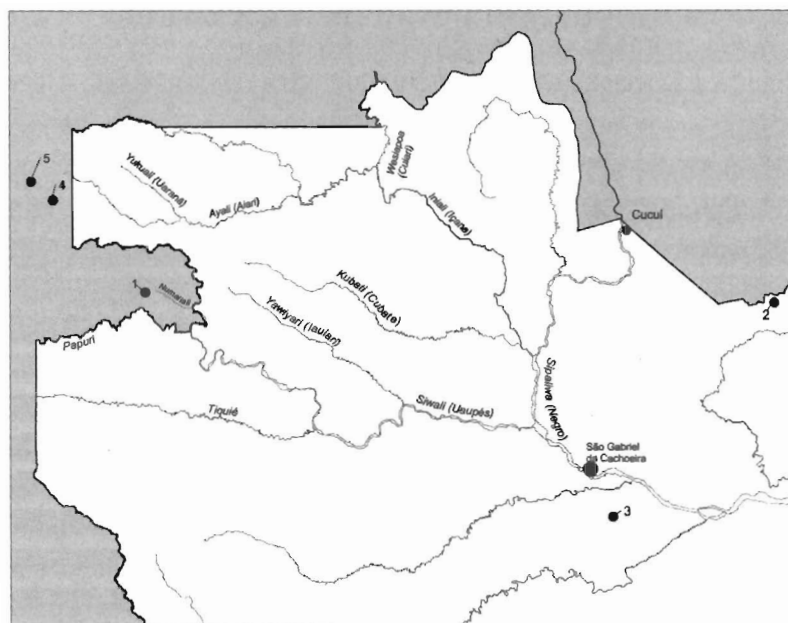
Havia, no entanto, um homem que vivia conforme os seus mandamentos. O nome dele era *Kali*.²³⁶ Ele era o único a respeitar a lei de *Yapirikuli*. Por isso, ele era seu escolhido. Assim, antes de pedir a *Sē-yumáwali* fechar a porta das águas, ele mandou *Kali* fabricar uma canoa grande para escapar do dilúvio.

Kali começou a fabricar a canoa: ele fez as cavernas, os lados... Ele levou muito tempo para fabricá-la. Ele fez uma canoa grande, com porão e, em cima, construiu um tipo de casa, com quartos separados para ele e sua mulher e para seus filhos casados. Quando a canoa ficou pronta, *Yapirikuli* mandou-o preparar rancho. Foi o que ele fez e embarcou mandioca, cará, feijão, arroz, batatas, abacaxi, todo tipo de planta. Ele estocou as plantas num dos quartos do porão da canoa. Na parte de trás, colocou os

²³⁴ Ou, ainda, *Wanah-yumáwal* em tariana (*Sē-pĩrô* em tukano).

²³⁵ Os velhos dizem que a porta das águas fica no remanso da Ilha de Marajó.

²³⁶ Para os brancos é Noé.



Os lugares míticos desta história

em Tarianá	em Português
1. <i>Ina-masiadali-taku</i>	-
2. <i>Isisi-taku</i>	Pico da Neblina
3. <i>Haikupana-taki</i>	Bela Adormecida
4. <i>Ina-hipada</i>	Serra das Mulheres
5. <i>Kamaruda-taku</i>	Serra de Cupim

animais que *Yapirikuli* lhe havia também mandado levar. Ele embarcou assim um casal de cada espécie de animal: anta, boi, queixada, caitetu, veado, porco, cutia, macacos, aves, cobras... Depois disso, ele também embarcou na canoa com toda sua família, isto é, sua mulher, seus filhos com suas respectivas mulheres e crianças.

Enquanto *Kali* estava fabricando a canoa, os outros não se preocupavam com nada: eles dançavam, faziam festas, bebiam... e zombavam dele.

– Por que você está construindo essa canoa? Você está perdendo seu tempo, você está fazendo à toa, não vai acontecer nada!

Nessa época, havia muitos bichos: onças, tigres, curupiras, diabos, cobras, jararacas, leões... que atacavam e comiam as pessoas quando elas iam caçar na mata. *Yapirikuli* estava muito aborrecido com eles e também com a humanidade que, conforme vimos, não respeitava a sua lei. É por isso que ele tinha resolvido alagar o mundo. Quando *Kali* embarcou na canoa com os seus, *Yapirikuli* mandou *Sē-yumáwali* fechar a porta das águas. *Sē-yumáwali* era o dono desta porta, que ele fechou com seu rabo.

A água começou a subir... Encheu dia e noite durante um mês. O mundo inteiro foi alagado. Somente quatro montanhas não ficaram submersas: *Ina-masiadali-taku*, na cabeceira do Macu-paraná, *Isisi-taku*, “Pico da Neblina”, no nascente, *Hema-yapirikuli*, “Serra de Bogotá” e, por fim, *Haikupana-taki*, “A Bela Adormecida”.²³⁷

Vendo a enchente, os outros quiseram embarcar na canoa de *Kali*, mas como ele não queria levá-los, ele disse que não havia lugar. Ao redor da canoa, muitas cabas ficavam rodando. Por isso, não dava para ficar perto. Pensando que a canoa era uma ilha, veados, bois, antas... encostavam nela. *Kali* aproveitava então para matá-los para ser a sua comida.

Ele havia amarrado a canoa com uma corda a um pé de taioba. A água vinha subindo. Aí, ele afrouxava um pouco a corda. Cada vez que a água estava subindo, ele desamarrava mais um pouco a corda.

Depois de muito tempo, *Yapirikuli* procurou um homem para matar *Sē-yumáwali* porque este não queria mais abrir a porta. Ele mandou-o preparar uma zarabatana e as flechas. O homem flechou *Sē-yumáwali*, acertando-o debaixo da orelha. Enquanto ele estava morrendo, caiu para o lado. O seu rabo se desprende da porta e a água começou a vaziar. Vazou... vazou durante muito tempo.

Depois que vazou, a canoa de *Kali* chegou ao nível da terra. Alguns dizem que, na verdade, a enchente aconteceu na lua, já que antigamente a humanidade vivia na lua. Por isso, quando as águas começaram a baixar, a canoa de *Kali* baixou até o nível da terra. No início da enchente, *numali-*

²³⁷ Respectivamente, em tukano, *Amo-ñri*, *Bueki-ñri*, *Weki-Ō'ákhiñya-wi* e *Wariru*. Essas quatro montanhas sustentam o céu.

yawiri, o inambu médio, e *yawiri-maleda*, o inambu grande, que, conforme vimos,²³⁸ são os donos da terra, se esconderam dentro da terra. Por isso, dizem os velhos, quando eles viram a canoa descendo, começaram a cantar, avisando *Kali* que a água estava vazando. O maior cantou “*yaiii yone yone*”, o menor “*yaiii yaii*”. Alguns ancestrais, que tinham se refugiado no topo das montanhas, pularam. Enquanto estavam pulando, eles se transformaram em peixes.

Assim que o mundo secou, as árvores começaram a morrer. As folhas secaram e caíram. O sol iniciou o verão. Mas deu tanto verão que as folhas pegaram fogo por si mesmas e queimaram a terra. Quando o incêndio começou a consumir o mundo, os dois inambus se esconderam de novo dentro da terra. Vendo o fogo se alastrar, *Kali* se abrigou dentro da canoa. Depois do incêndio, enquanto a terra estava esfriando, os dois inambus saíram e começaram a cantar. Eles estavam avisando *Kali* que o incêndio estava apagado. *Kali* saiu então da canoa e começou a plantar as sementes que havia levado consigo: sementes de feijão, de arroz, de frutas, de carás, de mandioca... A terra era boa para plantar. Ele construiu depois uma casa e ficou vivendo lá, com os seus filhos e netos.

Outros dizem que, na realidade, não houve nenhum dilúvio. Eles contam que umas pessoas queriam fazer um dabucuri na cabeceira do rio Uaupés. Eles dormiram perto do lugar onde existem essas montanhas hoje em dia, indo os homens um pouco na frente, as mulheres um pouco atrás, já que os homens estavam com as flautas de Jurupari. De tarde, eles prepararam comida e cozinham. Mas a panela ferveu demais e a água caiu no fogo, fazendo um barulho: “*sõoooo...*”. Depois de comer, os homens e as mulheres foram se deitar nas suas redes. Mas os homens dormiram demasiado. As mulheres não: elas dormiram um pouco, acordaram, dormiram mais um pouco e assim por diante. É por isso que elas ouviram o sapo cantando:

– “Eu estou dormindo sem perceber nada, a montanha está crescendo!”

²³⁸ Ver página 30.

Uma das mulheres acordou, pegou então um pedaço de pau e o jogou para baixo. Ela queria saber se a montanha estava realmente crescendo. O pedaço de pau caiu e desapareceu. Ela estava mesmo crescendo! Vendo isso, as mulheres começaram a se mexer, a se balançar em cima da montanha, para fazê-la baixar. Quando a montanha começou a se inclinar um pouco, as mulheres conseguiram descer. É por isso que, hoje em dia, essa serra onde as mulheres dormiram é um pouco inclinada. Chama-se *Ina-hipada*,²³⁹ “Serra das Mulheres”. Fica na cabeceira do igarapé Pacá.

A serra onde os homens dormiram chama-se *Kamaruda-taku*,²⁴⁰ “Serra de Cupim”. Fica em Montfort. Mas ela cresceu demais. Quando acordaram, os homens pegaram um pedaço de lenha que atiraram para baixo. O pedaço desapareceu. A montanha era muito alta. Alguns tentaram pular, transformando-se em peixes. Aqueles que não tiveram coragem de pular ficaram lá.

É por isso, dizem os velhos, que hoje em dia os homens são mais dorminhocos do que as mulheres. As mulheres sempre dormem um pouco, acordam, dormem mais um pouco, acordam e assim por diante.

Aqui termina essa história. (☺)

²³⁹ *Nu`miá-ñri* em tukano.

²⁴⁰ *Butui* em tukano.

Ñasikalikili-yapirikuli kalísi

História de Ñasikalikili, o Dono da Alimentação

Ñasikalikili-yapirikuli, também denominado *Kiniki-yapirikuli*, o “Criador das Manivas”, morava em *Kapianaliku*,²⁴¹ “Maloca de Fartura”. Foi lá que tudo começou. Ele morava sozinho. Um dia, foi tomar um banho no porto e pôs-se a vomitar. Do vômito dele, apareceram dois rapazes. Eles ficaram como seus filhos.²⁴²

Os três viviam juntos na mesma casa. Quando os dois filhos já eram rapazes, *Ñasikalikili* foi buscar duas moças para eles na serra *Pisi-taku*,²⁴³ “Serra da Cutia”, nas proximidades do *Kubati*,²⁴⁴ rio Cubate. Elas eram da tribo *Pisi-sadoa*,²⁴⁵ “Cutia”. Ele trouxe de volta as duas moças, deu-as como esposas aos seus filhos, e falou então para elas:

– Eu tenho várias roças, eu vou mostrar para vocês.

As moças, quando moravam com o seu pai, somente comiam *macucu* e *yepabiru*.²⁴⁶ Quando chegaram perto das roças, ele lhes entregou, mandando-as arrancar mandioca. Quando elas estavam arrancando, a mandioca saía descascada. Não precisava raspar. Ela já saía limpa da terra. Ele mandou então as duas moças levarem a mandioca para a maloca, colocarem num balaio e ralarem. Ele recomendou que elas ralassem a mandioca antes de comer. Mas elas não obedeceram. Quando chegaram em casa, elas estavam com fome e, por isso, decidiram comer logo, antes de ralar.

– Vamos comer primeiro. Nós ralaremos a mandioca depois, disseram entre si.

²⁴¹ *Boo-wi* em tukano, é acima de Caruru no rio Uaupés.

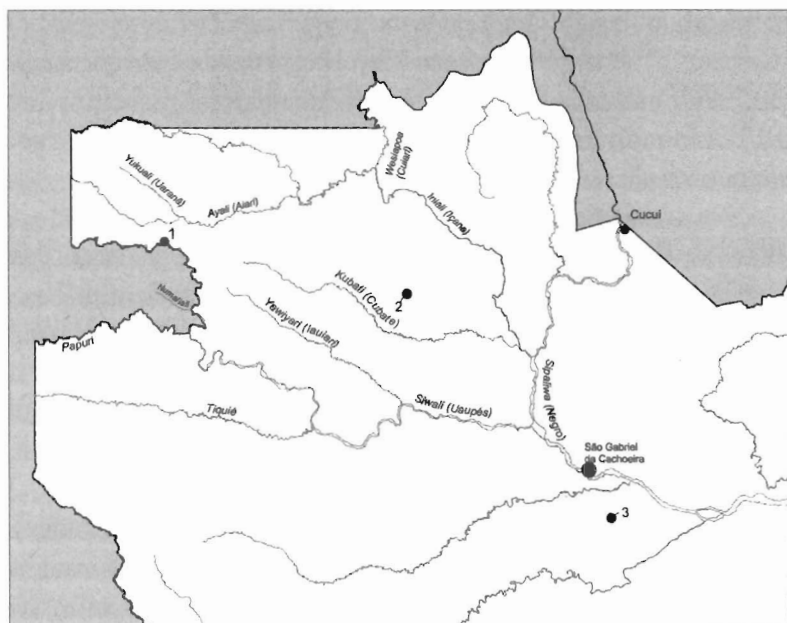
²⁴² Não se sabe os nomes deles.

²⁴³ *Buû-iri* em tukano.

²⁴⁴ *Kubati* também em tukano.

²⁴⁵ *Buû-masá nu`miá* em tukano.

²⁴⁶ Cipó selvagem não identificado.



Os lugares míticos desta história

em Tariana	em Português
1. <i>Kapianaliku</i>	Maloca da Fartura
2. <i>Pisi-taku</i>	Serra da Cutia
3. <i>Haikupana-taki</i>	Bela Adormecida

Enquanto elas estavam comendo, a mandioca começou a criar casca. Ficou toda coberta de casca. Aí, as mulheres tiveram que raspar. Se elas tivessem obedecido à palavra de *Ñasikalikili*, a casca ia ficar na terra quando elas arrancassem. Desde essa época, as mulheres devem raspar a mandioca. Vendo a mandioca criar casca, elas foram se queixar junto a *Ñasikalikili*:

– A mandioca criou casca!

– Eu não sei de nada. A mandioca saía sem casca da terra quando eu lhes entreguei as roças. Vocês mesmas resolvam! Não posso fazer nada. Se vocês querem algumas companheiras para ajudá-las a raspar, vocês mesmas procurem! Eu não vou ajudá-las.

Cada mulher procurou então duas moças da tribo *Kapatu-sadoa*, ou “Cascudo”,²⁴⁷ para ajudar a raspar. Mas elas não tinham com que raspar: com efeito, não tinham faca nem terço. O jeito foi raspar com os dentes.²⁴⁸ As companheiras das duas mulheres também raspavam com a própria boca. É por isso que, hoje em dia, a boca do cascudo é chata.

No dia seguinte, elas foram arrancar mandioca. A mandioca saía com casca. Por isso, tiveram que raspar, como no dia anterior, isto é, com os dentes. Antes também, quando elas estavam arrancando mandioca, a roça era bem limpa, isto é, não precisava capinar. No entanto, depois que comeram e que a mandioca criou casca, a roça cobriu-se de capim. Aí, elas tiveram também que capinar. O sogro fabricou para elas um tipo de ferro-de-cova com um pedaço de pupunheira. Era para fazer o buraco para plantar.

Todos os dias era a mesma coisa: ele as mandava arrancar mandioca. Depois de arrancar mandioca, elas deviam encher os aturás com as manivas. Antes de comerem, o aturá ficava cheio com um só pé de maniva. No entanto, depois que a mandioca criou casca, elas tiveram que arrancar muitas manivas para poder encher o aturá. Depois disso, *Ñasikalikili* as mandava fazer buracos na terra para enfiar o pedaço de maniva para plantar. Mas elas não queriam plantar. Elas só arrancavam mandioca, enchiam o aturá e voltavam para a casa. Uma vez lá, elas convidavam suas companheiras para ajudá-las a raspar. Elas estavam com preguiça de plantar. Por isso, vendo *Ñasikalikili* fabricar ferros-de-cova todos os dias, elas ficaram com raiva dele:

– O velho só faz isso. Ele não faz outra coisa, ele nem vai pescar. Ele só fica fabricando ferros-de-cova e manda a gente trabalhar.

Ao ouvir as suas palavras, o sogro ficou muito triste.

– São as minhas próprias noras que estão dizendo isso, *Ñasikalikili* pensou.

Triste e desanimado, ele começou a chorar. Aí, ele pensou:

²⁴⁷ *Ya'kâ-masá nu'má* em tukano.

²⁴⁸ Os Antigos raspavam a mandioca com os dentes.

– Já que elas pensam desse jeito, eu vou embora, eu vou para um outro lugar.

Ele pensou então em ir para *Haikupana-taki*, “Casa de *Haikupana*”, conhecida, hoje em dia, como a Bela Adormecida. *Haikupana*²⁴⁹ era antigamente uma pessoa. Ele era da turma dos *Miakana*, isto é, da “Gente-de-Transformação”. Com ele, estavam também *Ñaamu*, “Curupira”, *Saaru*, “Tamanduá”, *Yawi*, “Onça” e *Piriya-iñe*, “Diabo-abacate”.²⁵⁰ Todos eles eram gente naquela época e moravam juntos em *Enudali*. Eles tinham saído pelo buraco de Uapui-Cachoeira com os outros. Os cinco estavam cheirando paricá para se tornar pajés. É com *Hipaweri*, o Trovão, que eles tinham conseguido o paricá. Eles cheiravam todos os tipos de paricá.²⁵¹ Depois de acabar de cheirar, eles foram procurar mulheres para casar. Trovão havia dito que eles deviam jejuar e que, depois de muito tempo, ele próprio iria buscar mulheres para eles. Ele havia dito também que quando os filhos deles tivessem três anos de idade, ele iria lhes dar paricá para cheirar novamente.

Trovão deveria assim entregar as mulheres para eles. Antes dos aprendizes de pajé terem relações sexuais com elas, era preciso benzer-lhes o corpo e o das mulheres para que ficassem bem doces, como água de cana-de-açúcar. No benzimento, Trovão deveria levar os futuros casais a *Sidoa-uunipoa*,²⁵² o igarapé de Cana-de-açúcar. Lá, ele iria lavar o corpo deles com a água desse igarapé que ele havia transformado, por meio do benzimento, em água de cana. Esse igarapé fica perto de *Enudali*. Deste modo, ele iria fazer o corpo de ambos bem doce, como o caldo de cana. Depois, ele iria oferecer para os casais um dabucuri de tapurus, daqueles chamados em tariana *sidoa-bisu*, que moram dentro da cana-de-açúcar, comendo a sua carne. Era nesse momento que Trovão iria entregar as mulheres para os homens. Depois, cada marido deveria

²⁴⁹ *Wariro* em tukano.

²⁵⁰ Respectivamente em tukano, *Boraró*, *Bikô*, *Yai* e *Ûyû-wãñi*.

²⁵¹ *Heriyatu* (*kasêri-wiño* em tukano), *heru-kerawiyuka* (*ñroyá-weta* em tukano), *heru-sulida* (*bipô-tiá* em tukano) e *marawati* (*marawati* em tukano).

²⁵² *Áriko-maã* em tukano.

fazer um dabucuri de tapurus para sua nova esposa. A mulher, por sua vez, deveria oferecer caldo de cana-de-açúcar para o seu marido. Isso significaria que eles estavam se unindo, isto é, que eles iriam ter a sua primeira relação sexual.²⁵³

Trovão havia explicado tudo isso, mas eles não quiseram obedecer à sua palavra. Na verdade, eles estavam com muita pressa de encontrar mulheres. Por isso, eles foram por sua conta buscar as mulheres e fizeram sexo com elas, sem nenhum benzimento antes. Por essa razão, eles ficaram loucos e viraram bichos: *Haikupana*, *Saaru*, *Ñaamu*, *Yawi* e *Piriya-iñe* estragaram-se por si mesmos. Eles viraram bichos e se perderam mata adentro. Até agora, eles estão lá, cada qual no seu lugar: *Haikupana* foi até a Bela Adormecida, *Ñaamu* ficou na mata, assim como *Yawi* e *Piriya-iñe*, e *Saaru* passou a morar nos buracos.

Decepcionado com as suas noras, *Ñasikalikili* resolveu então ir até a casa de *Haikupana*. Ele se transformou em arara e voou até lá. *Haikupana* já tinha ouvido falar que *Ñasikalikili* viria até a sua casa na forma de arara. Por isso, vendo a arara chegar, ele mandou as duas filhas maiores esticarem o braço. Ele tinha três filhas. A mais nova estava sentada dentro da casa. Como ela estava menstruada, estava de resguardo, isolada num quarto separado. Atendendo ao pedido do pai, a maior das três irmãs saiu e esticou o braço direito para a arara pousar. Mas ela passou por cima voando. Ela também não quis pousar no braço da segunda. Vendo isso, *Haikupana* chamou a mais nova que foi até a porta e esticou o braço através dela. A arara voou e pousou em cima. A moça aproximou então o braço da sua boca e a arara meteu a língua dentro da boca, no nariz, nas axilas e nas orelhas dela. Isso significa que a filha menor de *Haikupana* iria ser a mulher da arara. Depois disso, ela a trouxe para dentro da casa, colocando-a em cima da porta da maloca. Aí, a arara se transformou em gente. Tirou a camisa de arara e virou gente de novo. Ela se transformou num moço forte, bonito, e desceu ao chão. A camisa ficou em cima da porta.

²⁵³ O tapuru *sidoa-bisu* representa o pênis ao passo que o caldo de cana-de-açúcar simboliza a vagina.

No lugar onde morava, *Haikupana* só tinha *macucu* e *yepabiru* para comer. Ele tinha manicuera, farinha, beiju, mas somente feitos com essas frutas e esses tubérculos da mata. *Ñasikalikili* perguntou para o sogro:

– O que vocês comem aqui?

– Nós comemos *macucu* e *yepabiru*!, respondeu o velho.

– Isso não é comida de gente. É comida de animal! Eu não como esse tipo de frutas e de tubérculos. Eu como tapioca de mandioca, beiju, farinha, feitos com todos os tipos de mandioca que existem no mundo.

Ele os mandou jogar as frutas e os tubérculos fora da casa. Pediu também para eles lavarem três bacias, colocá-las no chão e derramarem dentro água e olhar. Ele colocou então uma bola de tapioca numa das três bacias de água, somente numa das três. Depois, mexeu um pouco a bacia onde havia colocado a tapioca. Mexeu, mexeu... A tapioca derreteu e encheu a bacia. Ele a recobriu com um pano de tururi e pediu para as cunhadas colocarem cinzas em cima. Ele estava ensinando-as como fazer. Depois, ele tirou o pano e mediu uma parte da tapioca para fazer beiju. Levou a tapioca ao forno para torrar. Ele a mexeu com um pedaço de pau. Quando a tapioca ficou torrada, ele a colocou na peneira e botou em cima um pouco de tapioca não torrada. Era para misturar a torrada com a não torrada. Depois, ele peneirou. O bagaço da tapioca ficou em cima da peneira. Ele o pegou e o jogou em cima do forno para torrar. Depois, com um abano, ele o recolheu e o colocou numa cuia. Era para comer mais tarde como farinha. Ele misturou em seguida a tapioca crua com a torrada, pegou-a com um abano e a deixou em cima do forno. Alisou então com a mão a tapioca, para ela ficar na forma de beiju, e ajeitou a beira com um pedaço de pau em forma de meia-lua chamado em tariana *duuphe*. Quando ele viu que o beiju estava assado, ele o virou para o outro lado. Cortou então em quatro pedaços com o pau. Tirou depois o beiju e colocou no balaio. Preparou então um segundo beiju. Ele estava ensinando para elas como fazer. *Haikupana* experimentou comer. *Ñasikalikili* perguntou:

– Que tal? Esse beiju é gostoso?

– É muito gostoso!, respondeu o sogro.

Depois, ele colocou um pouco de farinha de tapioca dentro da manicuera e ofereceu para o sogro. Assim que bebeu, o velho exclamou:

– Essa manicuera é deliciosa!

Ñasikalikili ofereceu manicuera para todo mundo. Deu também um pedaço de beiju e um pouco de manicuera para sua jovem esposa. Ele mostrou tudo isso para eles no dia em que chegou na casa de *Haikupana*. Depois todos, menos a jovem esposa, foram passear no mato. Enquanto estavam andando, ele perguntou para o sogro:

– Que tipo de maniuaras vocês comem aqui?

– Nós comemos as formigas *surupena*,²⁵⁴ ele respondeu. São essas que comemos como maniuaras.

– Onde tem?

– Mais para frente!

– Mas nós já passamos perto de maniuaras!, exclamou *Ñasikalikili*.

Eles tinham levado um beiju para comer com as maniuaras. Ouvindo o sogro indicar mais para a frente, ele repetiu:

– Nós já passamos perto de muitas maniuaras!

Ele pegou então uma varinha e enfiou no chão. A vara caiu logo num buraco de maniuaras. Ele pediu ao sogro e às cunhadas para formar uma fila, encontrando um buraco de maniuaras para cada um deles. Ele os mandou pegar as maniuaras com um pedaço de cipó de maniuaras. Ele enrolou depois folhas de cabari em forma de funil e puxou para fora o cipó cheio dessas formigas. Enfiou a ponta do cipó no funil e recolheu, dessa maneira, as maniuaras que estavam grudadas, deixando-as cair dentro de um aturá. Ele estava ensinando como pegar maniuaras. Eles perguntaram então:

– Será que dá para misturar todas as maniuaras num único aturá?

– Não tem problema, vocês podem misturar!, ele respondeu.

Eles encheram até a metade um aturá com as maniuaras e ele os mandou experimentar comer com beiju.

²⁵⁴ *Ba'batéru* em tukano. É um tipo de formiga grande com o corpo meio amarelo, a cabeça branca e dentes compridos. Os Antigos usavam os dentes dessas formigas como anzóis.

– Que tal? Vocês acham essas maniuaras gostosas?, ele perguntou.
– Elas são muito gostosas, responderam.
– Eu não como o tipo de maniuaras que vocês comiam antes. Elas são fedorentas.

Ele perguntou então para o sogro:

– Onde tem arumã por aqui?

– Mais para lá!, respondeu o sogro, indicando com o dedo.

Ñasikalikili foi até o lugar indicado. Chegando lá, pegou um feixe de arumã. Era arumã mesmo! Na volta, rachou cada talo de arumã em quatro partes, colocou cada parte debaixo da vara que havia usado para buscar os buracos de maniuaras, pisou nela e puxou para cima para amolecer o talo. Ele preparou um monte de pedaços de arumã para o sogro, a sogra e as duas cunhadas. Todos colocaram o pedaço de arumã no buraco das maniuaras. Ele era bem comprido, do tamanho de uma braça. Não havia nenhum lugar sem maniuaras. Eles as recolheram com uma folha enrolada em forma de funil, conforme *Ñasikalikili* havia ensinado, e encheram o aturá. Vendo o aturá cheio, ele preparou um outro tipo de funil²⁵⁵ com folhas grandes de cabari. Quando ficou pronto, eles esvaziaram dentro os pequenos embrulhos de maniuaras. *Ñasikalikili* amarrou então aquele de grande tamanho com o cipó macaco barrigudo. Ele fabricou quatro funis com folhas grandes de cabari, que encheu, em seguida, de maniuaras. Os outros continuaram a recolher maniuaras durante algum tempo.

Depois disso, ele perguntou para o sogro onde havia terra boa para fazer uma roça. O sogro lhe indicou um terreno entre dois igarapés. Os dois foram até lá. Chegando lá, *Ñasikalikili* traçou os limites do roçado desejado. Quando terminou, ele disse:

– Vamos voltar.

Enquanto os dois homens estavam voltando, eles encontraram as mulheres com os aturás cheios de maniuaras. *Ñasikalikili* foi então procurar outras folhas de cabari para tampar os aturás, de modo a impedir a saída das maniuaras. Ele pegou também algumas varinhas que enfiou na beira

²⁵⁵ *Tiguna maleda* em tariana (*sa'a* em tukano).

do aturá para segurar a tampa. Ele estava ensinando a eles como fazer. As mulheres carregaram os aturás, enquanto *Haikupana* e *Ñasikalikili* carregavam, cada um no ombro, dois embrulhos de maniuaras, enfiados numa vara. Eles voltaram juntos para a casa. Chegando lá, *Ñasikalikili* disse:

– Vamos primeiro lavar as maniuaras no porto! Elas estão cheias de terra.

Ele mandou o sogro buscar aturás de grande tamanho para lavar as maniuaras. Quando este voltou, eles colocaram os aturás vazios dentro da água, despejando dentro o conteúdo dos outros. Lavaram, em seguida, as maniuaras com uma varinha. Eles faziam isso para tirar a terra, assim como os pés das maniuaras. As mulheres subiram então para a casa para acender o forno, enquanto o sogro ficou no porto lavando o resto das maniuaras. Quando o forno estava bem quente, *Ñasikalikili* despejou dentro uma parte das maniuaras para torrar. Quando ficaram bem torradas, *Ñasikalikili* foi buscar o pilão, colocando dentro algumas maniuaras, e começou a socar. Ele estava ensinado para eles como fazer, porque eles não sabiam fazer isso. De fato, conforme vimos, eles não comiam maniuaras antes. Depois de socar, *Ñasikalikili* colocou as maniuaras num prato de tuyuca. Ele pegou então outras maniuaras bem torradas, as colocou dentro do pilão e socou, e assim por diante. Enquanto estava socando, ele colocou também sal e pimenta para as maniuaras ficarem mais gostosas. Quando terminou, ele pediu que cada um deles trouxesse o seu prato, dando maniuaras para todo mundo. Ele deu também um pouco para a sua jovem esposa que estava ainda de resguardo. Enquanto estava fazendo isso, o sogro voltou do porto, trazendo o resto das maniuaras que estava lavando.

– Deixe-as num cantinho, disse-lhe *Ñasikalikili*. Nós vamos comer primeiro.

Já tinha tudo: beiju, farinha e manicuera. Depois de comer, ele perguntou:

– Essas maniuaras não são gostosas?

– Elas são realmente muito gostosas!, respondeu o sogro.

– Essa é a minha comida, é isso que eu costumo comer, disse então *Ñasikalikili*.

Ele estava mostrando para eles qual era sua comida.

– Aquelas que vocês comiam antes não são boas. Elas não são para comer. Não são comida de gente, são comida de bichos!, ele explicou.

Depois de comer tudo, ele mandou trazer uma cuia de chibé. Eles estavam todos de barriga cheia. Aí, tomaram o resto de manicuera, guardando a sobra das maniuaras num aturá.

– Quando a gente quer comer, basta colocar algumas maniuaras no pilão para socar, disse *Ñasikalikili*. Quando a gente deseja comer maniuaras, basta buscar o tipo de maniuaras que a gente quer.

Dois dias depois, ele foi no lugar que havia mercado para abrir uma roça. Quando chegou, o lugar já estava derrubado. Naquele dia, ele foi queimar a roça. Ele não convidou ninguém para ir com ele.

– Vocês não vão espiar quando eu for para lá, recomendou ele antes de sair.

Ele foi até o roçado, colocou-se de pé no meio, enfeitou seu corpo com penugem de pássaro e queimou por conta própria. Enquanto estava queimando, ele afundou na terra. Isso quer dizer que ele estava carregado com todas as plantas da roça. Enquanto afundava na terra, ele deixou todas as plantas da roça, como cará, mandioca, batata, macaxeira, milho, arroz, pimenta...

Mas a mais velha das cunhadas foi atrás dele. Ela queria ver como se queima uma roça. Ela queria saber como ele iria fazer. Quando *Ñasikalikili* viu que ela o estava espiando, afundou na terra e saiu para fora, na beira da roça, perto dela. Enquanto a roça estava queimando, a língua da cunhada saiu para fora. Ela estava com muita sede. O corpo dela também ficou roxo, por causa do calor. Morrendo de sede, ela começou a cantar “*woho woho woho...*”. O seu canto era igual ao do sapo *mawa*. É por isso que, hoje em dia, esse sapo sempre canta antes da chuva. Quando ele tem muita sede, ele canta. Assim, ele avisa que a chuva vai chegar.

Vendo-a com muita sede, *Ñasikalikili* disse:

– Eu não convidei você justamente para isso não acontecer! Há dois igarapés perto daqui, vá tomar banho e beber água!

Havia, de fato, dois igarapés chamados pelo mesmo nome em tariana, isto é, *Amutoakapi-liwepanaka*: um de água fria, era para esfriar o corpo; o outro, o igarapé de soprar vento, era para apagar o ardor do fogo no corpo.²⁵⁶ *Ñasikalikili* lhe indicou os dois igarapés para ela tomar banho, esfriar o corpo e beber água. Ele voltou sozinho para a casa de *Haikupana*. Quando chegou, ele contou para o sogro o que havia acontecido com a cunhada.

– Eu não convidei nenhum de vocês a vir comigo, mas a sua filha maior foi atrás de mim. Ela queria ver o que eu estava fazendo. Ela estava na beira da roça e, enquanto a roça estava queimando, a língua dela saiu para fora da boca. O corpo dela ficou também todo roxo. Eu indiquei para ela dois igarapés onde tomar banho, esfriar o corpo e beber água.

A cunhada chegou quando ele terminou de explicar isso para o sogro. *Ñasikalikili* socou então o resto das maniuaras para comer. Quando acabaram de comer, ele falou para o sogro:

– Eu já queimei a roça. Ela está pronta! Só falta a maniva crescer. Vamos esperar dois dias. No terceiro, eu vou ver o que cresceu.

No terceiro dia, ele foi olhar. As manivas e as plantas já estavam florescendo. Todo tipo de planta que cresce na roça estava florescendo. Ele olhou e voltou satisfeito para a casa. Quando chegou, o sogro perguntou:

– Como está a roça?

– A roça está bonita, as plantas estão crescendo. Nossa roça vai ser muito bonita.

Eles ficaram muito contentes ao ouvir isso. Esperaram mais três dias. No quarto, eles foram arrancar mandioca para preparar caxiri. Ele ordenou para os sogros e para as cunhadas que cada um arrancasse somente cinco pés de maniva. Ele também iria pegar cinco pés. Mas a cunhada mais velha arrancou dez pés. Cada um encheu o seu aturá com os cinco pés. Como a cunhada mais velha havia exagerado, ela não conseguiu

²⁵⁶ O nome tukano do igarapé de água fria é *Pekâ-yisiári-maâ* e o do igarapé de soprar vento é *Pekâ-wa'bári-maâ*.

colocar todas as manivas, de grande tamanho, no seu aturá. Este parecia cheio. No entanto, *Ñasikalikili* o mexeu um pouco, conseguindo colocar em cima os tubérculos que sobravam. Ele a mandou então carregar o aturá até a casa. Com o seu poder, ele levantou o aturá e o colocou nas costas da cunhada. Aí, com seu bastão, ele deu um choque na bunda dela. Ela caiu no chão em cima de uns paus, machucando-se. Ela se levantou e ele colocou de novo o aturá nas costas dela. Todavia, como da primeira vez, ele lhe deu um choque com o seu bastão, na outra bunda. Ela caiu no chão, machucando desta vez a outra bunda. Aí, ela não conseguiu mais se levantar e andar. *Ñasikalikili* pegou então o aturá da cunhada, colocou-o nas suas costas com o seu próprio aturá por cima.

– Você volta para casa como puder, eu mesmo vou levar o seu aturá, disse a ela.

Eles voltaram para a casa. A velha cunhada chegou somente à tardinha. Quando ela chegou, *Ñasikalikili* a benzeu, massageando o seu quadril até ela ficar boa. No dia seguinte, ele pediu para as cunhadas e a sogra prepararem caxiri. Enquanto isso, ele foi à mata procurar sabão de pau.

Nesse mesmo dia, ele foi buscar os seus filhos e os levou até a casa do sogro. No lugar onde estes moravam com suas mulheres, não havia nada para comer, não havia mais mandioca, não havia mais nada. Eles estavam comendo as mesmas coisas que *Haikupana* antes da chegada de *Ñasikalikili*, isto é, *macucu* e *yepabiru*. Com efeito, como *Ñasikalikili* tinha ficado com raiva de suas noras, ele as amaldiçoou e levou consigo todas as plantas, todas as manivas, deixando para eles somente uma bola de tapioca. Eles tiraram um pouco da bola a cada dia, até ela acabar. Aí, eles passaram a se alimentar de frutas e tubérculos da mata. *Ñasikalikili* não lhes havia explicado como fazer, de tanta raiva ele estava de suas noras.

Ele foi buscar os seus dois filhos para que eles o acompanhassem no canto. Quando chegou na casa de *Haikupana*, ele cantou *payumamaruka*,²⁵⁷ o “Canto do Sabão de Pau”. Enquanto estava cantando, ele estava na realidade benzendo o sabão. No dia seguinte, de manhã, lavou

²⁵⁷ *Paâpu'uakihibasá* em tukano.

a sua jovem esposa com ele. Durante o dia, eles tomaram caxiri. Era a festa do seu casamento com a filha mais nova de *Haikupana*. Ele falou para o sogro e para os seus filhos:

– Vocês vão me acompanhar no canto.

– O que vamos cantar, pai?, perguntaram os filhos.

– Nós vamos cantar duas vezes *dupia-pani*, ele respondeu.

Conforme já vimos, *dupia-pani* é a primeira estrofe de *wesiripi-maruka*, o “Canto do Inajá”. Quando terminaram a primeira estrofe, ele disse:

– Vamos agora cantar a segunda estrofe, *pelia-pani*.

Quando acabaram, ele disse:

– Vamos descansar e beber um pouco de caxiri. Depois, cantaremos outra parte.

As mulheres estavam distribuindo caxiri.

– Depois de cantar, nós estamos tomando caxiri para ficarmos alegres, ele falou. Nós não estamos fazendo uma verdadeira festa. Essa festa é somente para ficarmos alegres, para ficarmos contentes. Nós vamos acabar a festa cedo porque ela não é uma verdadeira festa.

Depois de falar, ele disse:

– Vamos cantar agora *yunia-pani*.

Quando acabaram de cantar, eles foram tomar caxiri de novo.

– Vamos tomar caxiri. Cantaremos outra vez depois que ficarmos bêbados, ele disse.

Depois, voltando-se para as mulheres, ele disse:

– As mulheres vão cantar *payaru-tiale*.

Payaru-tiale é, na verdade, o canto das mulheres quando elas estão oferecendo caxiri para os homens. Quando elas acabaram de cantar, ele disse:

– Agora, nós vamos cantar *pelia-pani*.

E voltando-se para os seus filhos, ele perguntou:

– Vocês não vão ficar bravos quando estiverem bêbados?²⁵⁸

²⁵⁸ Ele perguntou isso para controlar a festa.

– Não, nós não ficaremos bravos, responderam os filhos.
– Vamos tomar caxiri agora. Depois, nós terminaremos essa festa.
Vamos entregar os paus-de-dança para o dono da casa, ele disse.

– Será que os cantos são os cantos que os nossos ancestrais cantavam antigamente?, perguntaram-lhe os filhos.

– Esses são os cantos que todos cantavam, ele respondeu.

– O que vamos cantar agora, papai?, perguntaram então os filhos.

– Nós vamos cantar *wanama-maruka*, ele respondeu.

Esse é o canto para entregar os paus-de-dança para o dono da casa. O nome verdadeiro desse canto é *wanali-pinaiki-maruka*. É o mesmo canto que cantavam os *Miakana*, isto é, a Gente-de-Transformação. Depois de entregar os paus-de-dança para *Haikupana*, eles pegaram as mãos uns dos outros e começaram a cantar. No fim do canto, ele disse:

– Acabamos de cantar. Agora é a vez das mulheres cantarem *payaru wailakamhãde nakamhãde warapa*,²⁵⁹ o “Canto dos Bêbados”.

Os filhos de *Ñasikalikili* falaram entre si:

– Nós, os filhos de *Ñasikalikili*, somos homens. Nós temos tudo isso. Nós vamos tomar o caxiri de cará, de mandioca, de batata doce... que vocês vão nos dar. Cada um de nós vai tomar três cuias e, assim, todos nós ficaremos bêbados!

– O que vocês têm?, eles perguntaram para as mulheres.

– Temos caxiri!, respondeu a mulher de *Ñasikalikili*, isto é, a filha menor de *Haikupana*.

– Então, traz caxiri para nós, responderam os dois irmãos.

As mulheres lhes ofereceram então caxiri, cantando:

– Nós fizemos esse caxiri com a mandioca do seu pai. Esse caxiri de mandioca é misturado com cana, com batata. Antigamente não tínhamos nada. Comíamos somente beiju de *macucu* e de *yepabiru*. Nesse tempo, não tínhamos caxiri. Agora, desde que o seu pai chegou aqui, nós estamos

²⁵⁹ *Buhika-basã* em tukano. É um canto de brincadeira para expressar a alegria. Esse canto não tem texto fixo, as mulheres o criam na hora, conforme a pessoa para quem elas vão cantar enquanto estão lhe oferecendo caxiri.

comendo a comida que ele trouxe. Já estamos bêbadas. Vocês, sendo os filhos de *Ñasikalikili*, já estão acostumados a tomar esse tipo de bebida. Por isso, vocês não estão ainda bêbados. Vocês vão tomar três cuias, e depois mais duas cuias, porque vocês ainda não estão bêbados.

– Na nossa terra, há muitas mulheres desana, pira-tapuya, wanana... Quando elas estão bêbadas, elas cantam assim. Agora, são vocês que cantam esse canto, responderam os filhos de *Ñasikalikili*.

Eles dançaram até a madrugada do dia seguinte. Quando a festa acabou, *Ñasikalikili*, junto com os filhos e a sua nova esposa, se preparou para voltar para a sua terra. Vendo isso, *Haikupana* lhe disse:

– Já que você foi buscar os seus filhos e que todos estão aqui, vocês podem morar nessa casa. Eu vou morar ao lado, na casa de forno.²⁶⁰

Eles ficaram lá até hoje. Eles estão morando no conjunto de serras que formam a Bela Adormecida.

Aqui termina essa história. (E)

²⁶⁰ *Poale-panisi* em tukano (*ataro-wi* em tukano), isto é a cozinha.

Wanali-yapirikuli kalísi

História de Wanali

A casa de *Wanali-yapirikuli*²⁶¹ fica em *Umai-taki*,²⁶² “Piranha-Ponta”, acima de *Numali-hipa*,²⁶³ “Umari-Cachoeira”, no rio Uaupés. *Wanali* morava lá com seus avós. Ele andava procurando uma mulher. Ele queria uma mulher da etnia *Haiku-minane*,²⁶⁴ isto é, “Gente da Árvore”. Por isso, ele fazia buracos nas árvores para ver se encontrava uma mulher. Mas ele não estava conseguindo.

Um dia, de madrugada, ele viu algumas mulheres bonitas indo para o porto para tomar banho. Elas estavam carregando um turi aceso. No porto, havia vários paus rachados enfiados no chão. Quando as mulheres chegaram, elas enfiaram o turi aceso num dos paus rachados. Cada mulher tinha o seu turi. Elas eram da etnia *Daapi-minane*,²⁶⁵ isto é, “Mulher-Cipó”. Todos os dias, de madrugada, ele ia espiar enquanto elas tomavam banho. O porto das mulheres-cipós²⁶⁶ era um pouco acima da sua casa. Mais acima, havia o porto dos urubus²⁶⁷ e, mais acima ainda, o porto das águas reais.²⁶⁸

Todos os dias, de madrugada, quando ia caçar ou pescar, *Wanali* aproveitava para dar uma olhada nas mulheres-cipós que estavam tomando banho. Certo dia, ele contou para a sua avó:

– Ali tem algumas moças muito bonitas!

– Então, vai pegar uma delas se você quer mesmo uma esposa!, disse-lhe a avó.

²⁶¹ *Wáuari Ō'ákiri* em tukano.

²⁶² *Bĩ-ŷ-ŷoa* em tukano.

²⁶³ *Wam̃-powêa* em tukano.

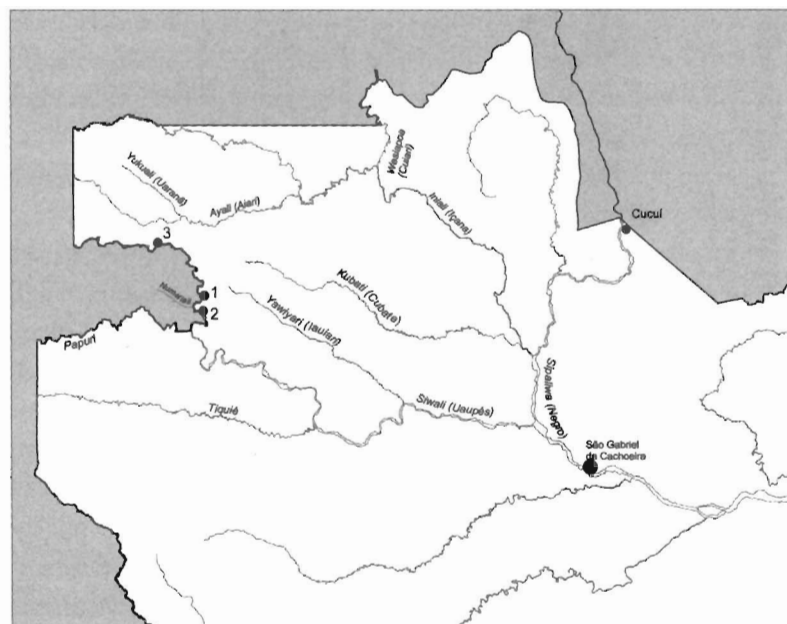
²⁶⁴ *Yuk̃-masó* em tukano.

²⁶⁵ *Mis̃-masá numió* em tukano.

²⁶⁶ *Daapi-sadoa-impuda* em tariana (*mis̃-masó-petá* em tukano).

²⁶⁷ *Wayuli-inipuda* em tariana (*yuk̃-peta* em tukano).

²⁶⁸ *Awa-impuda* em tariana (*aá-pak̃-peta* em tukano).



Os lugares míticos desta história

em Tanana	em Português
1. <i>Umai-taki</i>	Piranha-Ponta
2. <i>Numali-hipa</i>	Umai-Cachoeira
3. <i>Hema-kaya</i>	Tapira-jirau

No dia seguinte, ele tentou pegar uma delas, agarrando-a pelos cabelos com folhas de jacitara, mas não conseguiu. De fato, as mais novas tinham cabelos lisos e, por isso, sempre escapavam. A mais velha, no entanto, que era a esposa de um rapaz da etnia *Umai-minane*, isto é, das piranhas,²⁶⁹ tinha cabelos crespos. Foi ela que ele conseguiu segurar com as folhas de jacitara. A mulher estava grávida e pediu para que ele a largasse:

- Por que você está me agarrando pelos cabelos?, ela perguntou.
- Para você ser a minha esposa, ele respondeu.
- Eu não posso ficar com você. Já tenho um esposo-piranha. Então, me larga! Eu estou grávida!

²⁶⁹ *Br'itá-masá* em tukano.

Mas ele não quis ouvir. Ele a pegou debaixo dos braços e a segurou. Ele não queria deixá-la ir embora. Ela tentou se livrar dele, mas sem sucesso. *Wanali* não queria soltá-la de jeito nenhum. Ela disse então para ele:

– Já que você não quer me soltar, vá buscar uma pedra e coloque na minha boceta!

Era para mostrar que ela estava realmente grávida. Assim que ele enfiou a pedra na vagina dela, os filhos-piranha a morderam. Ela o mandou então virar a pedra e a colocar de novo. Os filhos dentro da barriga dela morderam de novo a pedra que ficou muito fina na ponta. Ela explicou:

– Já que você está querendo uma mulher, vai no mato tirar um cipó que cai de cima e se enfia na terra. Depois corte o cipó até a altura da sua testa.

Ela o mandou puxar o cipó e quebrá-lo. Foi o que ele fez. Ele arrancou o cipó do chão e o quebrou até a altura da sua testa. Ele fez então uma marca no cipó para o tamanho dos pés, dos joelhos, da cintura e assim por diante, até o pescoço. Ele mediu em seguida as mãos, os braços, os antebraços e, por fim, a cabeça da mulher do tamanho que ele queria. Depois disso, ela o mandou deitar o cipó no porão da canoa, debaixo dos bancos, até a popa. Pediu-lhe, em seguida, para construir alguns poços com pedras dentro do rio. Ela o mandou depois preparar dois puçás, um com a largura de quatro dedos, o outro com a largura de dois dedos, e colocar cupins como iscas dentro dos poços. Ela lhe pediu, por fim, para pegar o puçá de quatro dedos:

– Você vai pegar os peixes com esse puçá, ela disse.

Wanali fez conforme ela havia explicado. Ele se colocou na proa da canoa, de costas para a popa. Pegou os peixes com o puçá de quatro dedos e os jogou entre as suas pernas, sem olhar para trás. Os peixes escorregavam no porão da canoa até a popa e caíam, em seguida, dentro da água. Havia todo tipo de peixe, desses peixes maiores, tais como aracu, pacu, pirapucu, pirandira, pescada, jacundá, araripirá, cuiú-cuiú, piranha... Eram todos os tipos de peixe que existem hoje em dia na região. Quando aca-

baram os peixes grandes, ele pegou o puçá de dois dedos para pegar os peixes menores, conforme ela havia explicado. Havia todos os tipos de peixes já citados, só que menores de tamanho. *Wanali* rodeou várias vezes entre os poços para pegar os peixes e os jogava entre as suas pernas. Cada vez que ele os jogava para baixo, a gordura dos peixes se grudava no cipó. Com essa gordura, estava se formando pouco a pouco uma mulher. Quando acabou de pegar todos os peixes, ele se virou para olhar em direção da popa. Aí, ele viu uma mulher linda e perguntou para ela:

– Por que você veio?

– Foi você quem me procurou, ela respondeu. Por isso eu vim aqui. Ela perguntou então para ele:

– Você tem comida na sua casa? Eu vim sem comer e estou com muita fome. Onde é a sua casa?

– Vamos então para a minha casa, ele respondeu.

Os dois estavam em jejum. De fato, a mulher-piranha havia recomendado a *Wanali* ficar em jejum enquanto buscasse por uma mulher. Antes de ir procurar a mulher, ele tinha pescado e deixado os peixes com a avó, para ela cozinhá-los. Antes de sair, ele havia dito:

– Se eu encontrar uma mulher, eu vou trazê-la para casa.

Quando eles chegaram em casa, a avó já havia preparado a comida: peixes, beiju, farinha. Antes de entrar, ele disse:

– Minha avó, eu trouxe uma mulher!

– Leve-a para dentro da casa!, ela respondeu.

Os dois entraram na maloca. A avó disse então:

– Aqui tem comida: tem peixes, beiju e farinha. Vocês mesmos se sirvam e comam à vontade!

Para o neto, ela pediu:

– Me dá um pedacinho de comida. Eu vou comer perto daqui!

Mas *Wanali* respondeu:

– Eu não quero que você coma longe da gente. Fique com a gente para comer!

Mas ela não quis e ficou à pouca distância do casal. Os dois comeram até ficarem saciados. *Wanali* perguntou então para a mulher:

- Você não quer caldo?
- Sim, eu quero!, ela respondeu.
- E você? ele perguntou para a avó.
- Eu também quero!, ela disse.

Ele encheu então de caldo o prato das duas mulheres. Depois de tomar o caldo, a mulher perguntou para o esposo:

- Quantas roças você tem? Onde estão elas? Vamos para lá, eu quero capinar!

Essa mulher era muito trabalhadora. Os três foram capinar. Havia muita tiririca de sapo nas roças.

- Você tem um aturá?, ela perguntou.

- Tenho!, ele respondeu.

Depois de capinar, ela mexeu um pouco as hastes de mandioca para fazer cair as folhas secas, que ela colocou então no aturá. Era para jogar mais tarde na beira da roça. Cada um deles tinha o seu próprio aturá. Eles arrancaram o capim e o colocaram dentro do aturá. A mulher não queria deixar nenhum capim dentro da roça. Quando o aturá estivesse cheio, eles iriam jogar o conteúdo na beira da roça. Quando acabaram de fazer isso, a roça estava bem limpa. No mesmo dia, eles limparam uma roça inteira, assim como a metade de uma segunda. Aí, ela mandou o esposo pescar:

- Vai pescar!, ela pediu.

Ele foi pescar com iscas. Quando usava arauiri como isca, ele pescava peixes grandes como, por exemplo, tucunaré. Quando usava grilo como isca, ele pegava vários tipos de peixes menores. Com essas iscas, ele pegava peixes de todas as qualidades. Enquanto isso, a mulher ficou na roça, arrancando mandioca com a velha. Quando as duas regressaram para a casa, a velha começou a raspar enquanto a jovem ficou ralando. *Wanali* chegou da pesca, trazendo um tucunaré e vários outros peixes menores, enquanto sua esposa estava espremendo a massa e preparando o beiju. Ela pegou o tucunaré, cortou-o pela metade, cozinhando somente uma metade e moqueando a outra. Ela moqueou também os outros peixes que ele havia trazido. Depois disso, eles comeram e foram dormir.

Eles ficaram dois dias limpando as roças. Passaram o tempo assim. Um dia, era o tempo das maniuaras voarem, *Wanali* disse para a mulher:

– Hoje é o dia das maniuaras voarem. Vamos pegá-las!

Eles foram então até a casa das maniuaras. *Wanali* colocou folhas de cabari ao redor dos buracos da casa e folhas de pacova-sororoca enroladas em forma de funil, embaixo dos buracos. Ele recobriu também os buracos com as folhas. Assim, quando as maniuaras estavam saindo da sua casa, elas se batiam contra as folhas de cabari e caíam nos funis feitos de folhas de pacova-sororoca. Quando tudo ficou pronto, *Wanali* deixou sua mulher perto da casa das maniuaras, colocando como vigias dois marianitas e dois periquitos pequenos. Esses pássaros são muito trabalhadores. Enquanto isso, ele foi procurar vários tipos de folhas de cabari e de pacova-sororoca, preparando, com elas, vinte funis: dez com folhas de pacova-sororoca, cinco com folhas de cabari meio cinzentas e outros cinco com folhas de cabari vermelhas. Era para carregar as maniuaras até a casa. Enquanto ele estava fazendo isso, os urubus chegaram perto da sua mulher para roubá-la. Os marianitas e os periquitos gritaram:

– Por favor, deixa ela! Ela é a mulher do nosso chefe!

Os urubus pegaram a mulher por um braço, enquanto as marianitas e os periquitos a seguraram pelo outro. Mas como eles eram muito pequenos, eles não conseguiram impedir que os urubus levassem a mulher para a casa deles.

– Devolvam essa mulher, ela é a mulher do nosso chefe, eles ficaram gritando.

Mas os urubus não escutaram e levaram a mulher para casa. Os pássaros foram então contar para *Wanali* o que havia acontecido.

– Eles não quiseram largar a sua esposa! Você mesmo deve ir atrás deles buscar a sua mulher, disseram para ele.

Wanali foi até lá. Chegando, ele disse:

– Devolvam a minha mulher, ela não é de vocês!

– Nós a trouxemos aqui para ela ser a nossa cozinheira. Ela vai moquear os peixinhos que nós vamos pescar. Nós vamos fazer uma peçaria, eles responderam.

Esses peixinhos, na verdade, eram os tapurus de uma anta morta em *Hema-kaya*,²⁷⁰ “Tapira-jirau”, acima do atual Caruru. Mas para os urubus, os tapurus eram peixes.

– Nós entregaremos a sua mulher na volta, disseram para *Wanali*.

– Então, façam o que achar melhor!, ele respondeu.

Depois, ele falou para a sua mulher:

– Você moqueia os peixes para eles, depois você volta para a minha casa.

Completo, então, para os urubus:

– Na hora de vocês devolverem a minha mulher, tragam também peixes para mim!

Ele voltou para perto da casa das maniuaras. Colocou as maniuaras nas folhas enroladas em funil que ele havia preparado. Quando acabou de recolher as maniuaras, regressou para a sua casa. A avó tinha preparado beiju para a volta dos dois. Vendo-o sozinho, ela perguntou:

– Cadê a sua mulher?

– Os urubus a levaram!, ele respondeu.

– Vá buscá-la! Essa mulher é sua, não é deles! Foi você que foi buscá-la!

Ouvindo isso, *Wanali* retornou para a casa dos urubus. Eles estavam preparando os jiraus de pesca. Ele queria levar de volta a sua mulher, mas ela negou.

– Eles me mandaram fazer beiju e farinha para eles, ela disse.

Ouvindo isso, ele voltou de novo sozinho para a sua casa. A avó perguntou:

– Meu neto, você trouxe a sua mulher de volta?

– Eu não trouxe!, ele respondeu. Ela não quis vir.

Antes da mulher levar o rancho para os urubus, *Wanali* se transformou na avó. Ele pegou o aturá da velha, o seu bastão, a sua rede, e foi assim até a casa dos urubus. Chegando lá, ele disse para ela:

– Por tua culpa, eu apanhei do teu marido.

²⁷⁰ *Wek-kasawa* em tukano.

– Eu não posso ir agora. Eles me pediram para moquear os peixes. Estou indo para lá. Na minha volta, nós regressaremos juntas para lá. A senhora me espere aqui na casa; há farinha, beiju e mel, ela respondeu para a velha avó.

Dizendo isso, ela se despediu da velha e foi com as mulheres da maloca dos urubus até o lugar onde eles estavam pescando. Enquanto isso, *Wanali*, por meio do seu pensamento, colocou duas cabas no caminho delas. Uma ferrou a sua mulher na coxa direita, a outra na coxa esquerda. Ela caiu no chão, desmaiada. As coxas estavam inchando e doendo muito. Por isso, ela não conseguia mais andar. Vendo isso, as mulheres dos urubus a trouxeram de volta para sua casa, segurando-a pelos braços.

Quando ela chegou, a velha perguntou:

– O que aconteceu com você?

– As cabas me ferraram. Começou a inchar e eu não podia mais andar. Por isso, as mulheres dos urubus me trouxeram de volta para cá, ela respondeu.

– Eu vim até aqui para levar você de volta para a casa do seu marido, mas você não quis!, disse então a velha.

As duas mulheres ficaram juntas. A velha preparou farinha que misturou com mel e deu de comer para a esposa de *Wanali*. Depois de ter feito isso, ela foi ao porto para tomar banho. Tomou banho e voltou logo para a casa dos urubus. Quando chegou, a esposa de *Wanali* disse:

– Está doendo muito!

– Deixe-me olhar!, disse a velha. O ferrão da caba deve estar dentro. Eu vou enrolar uma folha para chupar para fora.

Ela enrolou então duas folhas em forma de funil e começou a chupar no lado direito. Assim que chupou, o ferrão caiu na língua dela. Ela o pegou e o mostrou para a mulher. Depois, ela fez a mesma coisa no outro lado e também mostrou para a mulher:

– Olha aqui! Eu não disse que o ferrão estava dentro?

Depois que chupou, as coxas da mulher começaram a desinchar e a dor parou. A velha foi então tomar banho de novo. No porto, ela jogou o

rosto da velha e voltou a ser ele mesmo, isto é, *Wanali*. Quando ele chegou na casa dos urubus, a esposa o reconheceu:

– Era você que estava aqui comigo?, ela perguntou.

– Sim, era eu. Agora vamos voltar para a minha casa, ele respondeu.

Os dois embarcaram na canoa e desceram pelo rio até a casa deles.

Como a mulher já estava acostumada a comer coisas podres, fedorentas, estragadas, ela mandou o marido pescar somente peixes que estragam rápido, tais como tucunaré, jacundá, acará, pirapucu. Ela perguntou:

– Você também costuma comer coisas podres?

– Pouco estragado, eu como, mas muito estragado, eu não como, não!, ele respondeu.

Ele pegava esses peixes somente para ela e pescava peixes novos para ele comer junto com a avó. A esposa somente comia peixes estragados e mel. Depois de um certo tempo, *Wanali* acabou se acostumando. De tarde, ele ia pescar para a mulher e deixava os peixes apodrecer para ela comer no dia seguinte. No dia seguinte, de manhã cedo, ele ia pescar para ele e sua avó e recolhia então os peixes já estragados. Cada vez que acabava o mel, ela o mandava buscar. Todavia, *Wanali* começou, pouco a pouco, a cansar dessa vida. Chegou um dia em que ele se arrependeu e avisou a avó:

– Eu não vou agüentar essa mulher por muito tempo. Acho bom matá-la!

– Faça do jeito que for melhor para você, ela respondeu. Foi você que a trouxe aqui, eu não posso dizer nada.

Certo dia, ele levou a esposa à mata para buscar mel de abelha. As abelhas estavam num pau oco de iauácano, que ele derrubou. Quando a árvore estava caindo, a parte cortada rachou. Todavia, a árvore não caiu por completo. Aí, o mel começou a escorrer. Os dois apanharam muito mel dessa maneira. Depois de um certo tempo, ele a mandou subir no pau para lambar o mel.

– Suba na árvore, vá tomar aquele mel de cima!, ele disse a ela.

Ele amarrou então, com um cipó, o pedaço de pau rachado num outro pau, de modo a abri-lo mais um pouco e a segurá-lo. Ele o amarrou

bem embaixo da rachadura e mandou a mulher subir para dentro para lamber o mel. Quando ela estava tomando o mel, ele desamarrou o cipó que segurava a parte do pau rachado, que se fechou então sobre ela, fazendo um barulho: “*poo poo*”. Aí, ela ficou presa e morreu, dando um estrondo: “*huum huum huum*”. Foi assim que ela morreu. Quando ela estava morrendo, o seu espírito transformou-se numa mosca grande.

Aqui termina essa história. ☺



Kamaweni hiwida kalísi

História das duas cabeças de Kamaweni

Os *Kamaweni*²⁷¹ eram dois irmãos.²⁷² Eles moravam no alto rio Tiquié entre *Wiakada-hipa*,²⁷³ “Cachoeira Comprida” e o igarapé *Maliña*.²⁷⁴ O maior era casado, o menor solteiro. Ele estava no período da iniciação masculina, isto é, da festa da puberdade. Por isso, ele estava jejuando. Enquanto isso, o maior foi para a roça, deixando a sua mulher sozinha dentro da casa. O menor estava sentado dentro de um pari de proteção²⁷⁵ fabricando acangataras.²⁷⁶ A esposa do maior se aproximou dele, querendo fazer sexo com ele. Foi o que eles fizeram. Depois do sexo, ele foi olhar o enfeite de penas que estava fabricando. As penas estavam estragadas. Antes, a acangatara era muito bonita, mas quando ele foi olhar depois de ter feito sexo com a cunhada, ela tinha murchado. Vendo isso, o irmão menor foi comer peixinhos assados com pimenta crua.

A tarde, o maior voltou. Quando ele viu o adorno de penas estragado, ele perguntou:

– O que aconteceu? O que você fez?

– Eu comi alguns peixinhos assados com pimenta crua, respondeu o menor.

– Então, já que você gosta de comer, nós vamos pescar, disse o maior.

Eles desceram até *Yaase-hipa*,²⁷⁷ “Cachoeira Tucano”. Lá, há um igarapé que se chama *Umápi-ñapu*,²⁷⁸ igarapé da Minhoca. Os dois entra-

²⁷¹ *Kama-wéni* em tukano.

²⁷² Os Tukano e os Tariana contam o mesmo mito.

²⁷³ *Yoá-paha* em tukano.

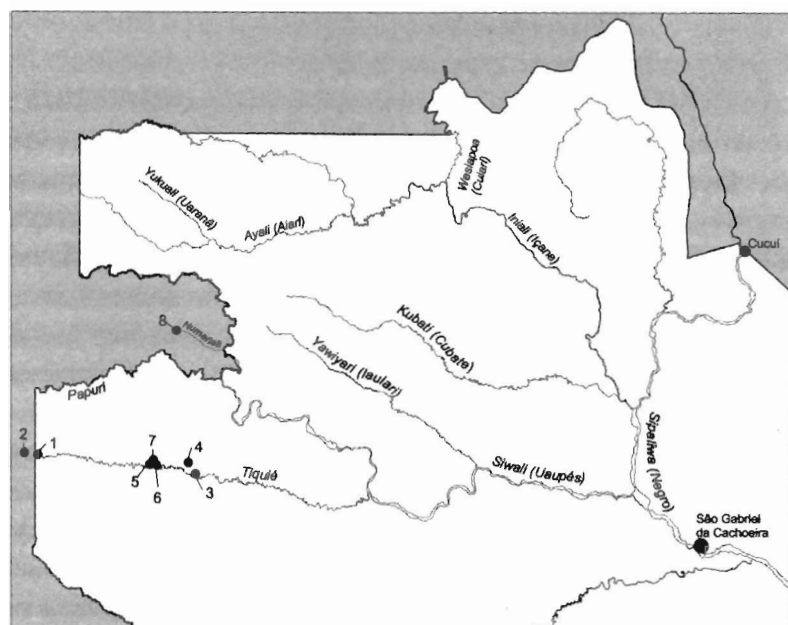
²⁷⁴ Nome do igarapé em português, tariana e tukano.

²⁷⁵ *Ditalipuke-salameda* em tariana (*to'oke-misáha* em tukano).

²⁷⁶ *Daadu-pema* em tariana (*mahá poari be'to* em tukano).

²⁷⁷ *Dasé-poéwa* em tukano.

²⁷⁸ *Áhuáya* em tukano.



Os lugares míticos desta história

em Tariana	em Português
1. <i>Wiakada-hipa</i>	Cachoeira Comprida
2. <i>Maliña</i>	Igarapé <i>Maliña</i>
3. <i>Yaase-hipa</i>	Cachoeira Tucano
4. <i>Umápi-ñapu</i>	Igarapé da Minhoca
5. <i>Inipuku-dawa</i>	Boca da Estrada
6. <i>Netō-kalisana</i>	Lago de Travessa
7. <i>Lipanayu-kalisana</i>	Lago de Osso
8. <i>Numahali</i>	-

ram no igarapé com puças. Pegaram muitos peixes, que moquearam. Comeram em seguida à vontade. O irmão maior fez isso para o menor engordar.

Eles foram subindo o igarapé, pescando. Abaixo de *Inipuku-dawa*,²⁷⁹ atual Boca da Estrada, há um lago chamado em tariana *Netō-kalisana*,²⁸⁰ “Lago de Travessa”. Ali fizeram a mesma coisa, isto é, eles pegaram

²⁷⁹ *Maãboaro* em tukano.

²⁸⁰ *Netōra* em tukano.

muitos peixes que moquearam e comeram em seguida. Enquanto eles estavam pescando peixes, veio um sinal. Isto é, um pedaço de osso da perna do menor rachou, saiu da perna e pulou para *Lipanayu-kalisana*,²⁸¹ “Lago de Osso”, que fica do outro lado do rio Tiquié.

Os dois subiram então o rio Tiquié até o igarapé *Maliña*, que eles fecharam com um pari de pesca. Já era madrugada. O maior ficou na boca do igarapé para recolher os peixes com um puçá, enquanto o menor, dentro da canoa, batia na água com uma vara, isto é, enxotava os peixes em direção ao seu irmão. Ele chegou três vezes perto dele, sempre batendo com uma vara na água. Depois, ele não apareceu mais. O dia estava clareando.

– O que será que meu irmão está fazendo?, perguntou-se o maior.

Havia espuma de sangue no pari de pesca, zoando: “*siiiiii*”. Ouvindo o som, o irmão maior pegou um fósforo, riscou e viu no pari de pesca uma espuma de sangue bem vermelha. O dia clareou. Como o menor não aparecia mais, o maior pendurou o puçá no pari e subiu um pedaço do rio Tiquié. Depois, encostou e varou até a metade do igarapé *Maliña*. Ele viu então o seu irmão, sentado num pau em cima da água, o corpo todo derretendo dentro da água. O corpo, dos pés até a cintura, já havia desaparecido. Cada gota de gordura do corpo que caía na água se transformava em peixe. Enquanto derretia, ele dava nome aos peixes:

– Esses serão os peixes do definhamento, esses serão os peixes da febre, esses serão os peixes do reumatismo,²⁸² ele dizia.

É por isso que, hoje em dia, ao comer a carne desses peixes, nós podemos pegar essas doenças.²⁸³ Ouvindo isso, o maior falou:

– Isso é culpa dele!

Vendo o seu irmão derretendo, ele o abandonou. Ele varou pelo caminho até o lugar, no Tiquié, onde havia deixado a sua canoa, e come-

²⁸¹ *Ô'a-ra* em tukano.

²⁸² Respectivamente, *matsite-kuphe* em tariana (*wisiri-wa'ï* em tukano), *ãdaki-kuphe* em tariana (*uhá'ke-wa'ï* em tukano), *walama-kuphe* em tariana (*yuki-pihí-wa'ï* ou *wakari-wa'ï* em tukano).

²⁸³ Ninguém come, hoje em dia, os peixes pescados da Cachoeira-Comprida para cima, somente as pessoas idosas.

çou a descer o rio, deixando o seu puçá pendurado no pari de pesca. Ele vinha descendo de canoa, remando de um lado. Quando cansou de remar do mesmo lado, ele quis trocar. Ele virou então o remo do outro lado. Ao fazer isso, veio um tipo de relâmpago que caiu nos olhos do menor. Nesse momento, a cabeça voou e veio bater no ombro do maior, assentando-se na clavícula deste último, que ficou então com duas cabeças.²⁸⁴ O irmão maior voltou para a casa com duas cabeças.

Os outros deram-lhe mingau, farinha, carne, peixe, mas a cabeça do menor não o deixava comer. Ela tinha uma língua bem comprida e somente ela comia, não deixando nada para o seu irmão. Por isso, este começou a ficar fraco, definhando cada dia mais. Os outros pescavam, moqueavam os peixes que davam de comer para o maior, mas a cabeça do menor nunca o deixava comer. Um dia, quando o maior estava prestes a morrer, eles o levaram num lugar na mata. Eles queriam arrancar a cabeça do menor. Deram-lhe então ucuquis, cubius, abacaxis e pimentas para comer. Havia preparado vários aturás cheios dessas frutas e também de peixes moqueados. Deram em primeiro lugar ucuqui de abiu, depois ucuqui de pirapucu, depois ucuqui do sapo cururu. Antes de dar os ucuquis para comer, eles esfregavam as frutas com uma folha para lixar. Quando não havia mais ucuqui, eles lhe deram abacaxi. Quando o aturá de abacaxis acabou, eles lhe ofereceram cubiu. Depois disso, eles abriram os embrulhos de peixes moqueados e os colocaram no chão. Prepararam um molho com pimenta crua e socada. Eles pegaram então um peixinho, o molharam na pimenta e deram para a cabeça do menor comer. A cabeça comia, comia... sem parar. A língua começou a sangrar e a sentir muita ardência... A cabeça do menor ficou então com vontade de beber e pediu água.

Dentro da mata, perto do lugar onde eles estavam, havia um igarapé com uma perereca cantando: “*tre tre tre*”. Os outros foram buscar um pouco de água para a cabeça do menor. Trouxeram-na dentro de uma folha e deram para ela tomar. Ela bebeu logo e quis mais.

²⁸⁴ O buraco que temos na clavícula é o sinal onde se assentou a cabeça.

– Vão buscar mais, pediu a cabeça.

– Não! Você mesmo vai buscar água. O igarapé está perto daqui, responderam.

Eles estavam prontos para carregar o irmão maior. A cabeça começou então a se arrancar do corpo do maior e voou na direção indicada pelo canto da perereca. Mas esta seguiu mais para frente. Por isso, a cabeça não conseguiu encontrar o igarapé. Enquanto isso, os outros voltaram correndo para a casa, carregando o irmão maior. Trancaram-se dentro da casa. O maior estava desmaiando de tanta fome que tinha. Deram-lhe então de comer. Ele comeu e voltou a si. Recuperou a sua saúde.

Pouco depois, veio um vento forte. A cabeça estava voltando, zoadando como o vento. Ela caiu na cumeeira da casa, fazendo um barulho: “*thoooo*”. Aí, ela ficou e começou a falar:

– Olha, meu irmão, por que você me abandonou? Você não me ama!

Depois, a cabeça ordenou:

– Saia dessa casa!

Ela queria que ele saísse da casa para poder se encaixar de novo no corpo dele. Mas ninguém saiu, nem o irmão, nem os outros. Estes estavam discutindo entre si para saber para onde eles poderiam mandar a cabeça:

– Vamos mandar a cabeça para a Casa de Trovão?, perguntavam-se entre si.

– Não! Se a gente mandar a cabeça até *Enudali*, ela é bem capaz de voltar. Ela pode descer até aqui e trazer muita febre para nós. Ela pode muito bem fazer cair o trovão sobre nós e todos nós morreremos, respondeu um deles.

Na verdade, ela era a cabeça das doenças.²⁸⁵ Ao voltar, ela iria cair na terra, fazendo um tipo de estrondo como o trovão. Isso poderia trazer todo tipo de doença. Por essa razão, eles decidiram mandar a cabeça para o *Numaliali*,²⁸⁶ o rio Umari. Os velhos pegaram um cigarro grande e o

²⁸⁵ *Kamali-hwida* em tariana (*puriri-dipôa* em tukano).

²⁸⁶ *Wamî-dûa* em tukano.

benzeram. Tomaram também breu, xicantá e resina na casa das abelhas para benzer a cabeça. Subiram no teto da casa e “enfumaçaram” durante quatro dias e quatro noites na direção da cumeeira onde ela se encontrava. No benzimento, eles criaram asas para a cabeça poder voar, mandando-a para o rio Umari. Transformaram também a água deste rio, fazendo-a bem doce. Depois, eles tamparam o rio com paris de quartzo branco para a cabeça nunca mais sair de lá.

– Nós vamos benzer durante quatro dias e quatro noites. Veremos depois onde a cabeça caiu, decidiram entre si.

Num certo momento, no sopro, eles empurraram a cabeça com o murucu. A cabeça voou, mas caiu dentro de um areial, na cabeceira do rio Xié,²⁸⁷ num lugar onde eles costumavam pescar. De fato, não deu para a cabeça entrar no Umari, que é um rio subterrâneo. Pode-se ver, hoje em dia, nesse lugar uma pedra bem branca como lembrança. Depois de muito tempo, a cabeça voltou até a casa onde eles viviam, zoando como o vento. Pouco depois, no entanto, ela foi embora de novo para a cabeceira do rio Xié. Os pajés ouviram falar que no lugar onde ela caiu havia muitas doenças, tais como diarréia de sangue, febre, malária... Como não dava mais para eles pescarem nesse lugar, decidiram ir até lá para averiguar se havia mesmo muitas doenças. Quando chegaram, eles viram que era verdade. Havia muitas doenças! Por isso, eles benzeram o lugar e voltaram para casa.

Algum tempo mais tarde, os pajés decidiram ir olhar de novo. Eles queriam saber se o benzimento havia dado certo, isto é, se o lugar estava mesmo livre de doenças.

– Vamos benzer a cabeceira do rio Xié uma segunda vez, decidiram entre si.

Eles foram até lá de novo. Quando chegaram, viram que não havia mais doenças. Depois de um certo tempo, eles voltaram de novo para a

²⁸⁷ Outros contam que a cabeça caiu no canal Cassiquiani. Perto do lugar onde ela teria caído, há uma estrada. Dizem que os brancos construíram perto da pedra, que é a cabeça de *Kamaweni*, uma mesa de cimento onde as pessoas que passam pelo lugar acendem velas. Se elas não fizerem isso, dizem que vão cair doentes.

cabeceira do rio Xié para se certificar de que não havia mesmo mais doenças nesse lugar. Desta vez, eles foram com suas mulheres e crianças. Chegando lá, eles jogaram fumaça e benzeram de novo o lugar. Depois, eles decidiram pescar.

– Onde vamos pescar?, perguntaram-se entre si.

– Nós vamos pescar nos igarapés *Aki* e *Tupiali maemaxi*, decidiram.

Eles entraram pelo Xié. Lá, há uma estrada onde eles arrastaram a canoa. Entraram então no rio *Weniya*,²⁸⁸ o qual subiram até a boca dos igarapés *Aki* e *Tupiali maemaxi*. Foi nesses dois igarapés que eles pescaram.

Aqui termina essa história. (6)

²⁸⁸ O nome local desse rio é *Payawriya*.

Kamisiri-nawíki kalísi

História de Kamisiri

I

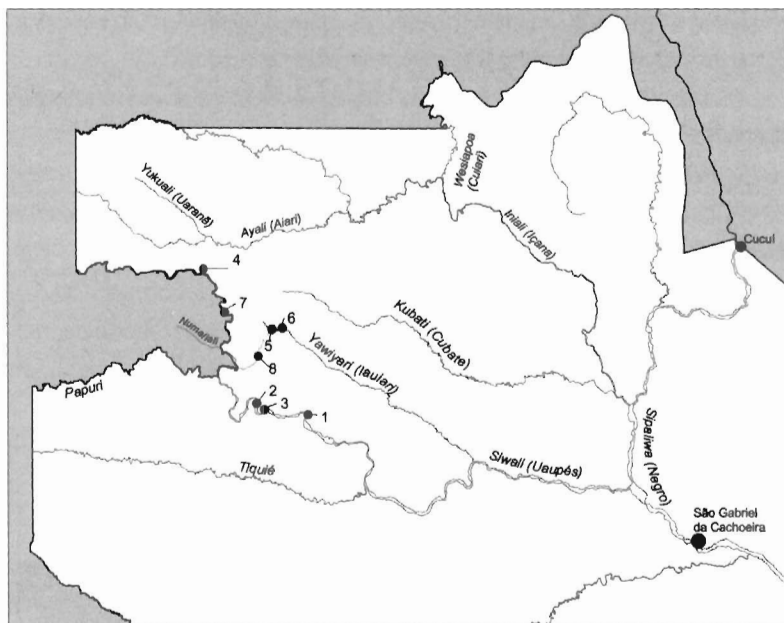
Kamisiri é o nome de um Tukano. Ele era casado com uma mulher arapaço e morava em *Panisi-taki*, “Ponta da Maloca”, no rio Uaupés, numa pequena casa ao lado da maloca dos seus cunhados. Ele tinha uma filha e tomou como empregada uma moça da etnia *Pisiri-sadoa*,²⁸⁹ “Morcego”. A mulher de *Kamisiri* ia todos os dias para a roça com a empregada e a filha. Na volta, a empregada levava a criança ao porto. Assim que chegava, ela se sentava num pau, colocava a menina em cima da sua coxa, abria um buraco na parte mole da sua cabeça e chupava o interior do crânio. A criança tremia até desmaiar. Ficava desmaiada pelo menos uma hora. Quando estava prestes a morrer, a empregada soprava ar e sua saliva pelo buraco da cabeça por onde havia chupado. Quer dizer que ela estava benzendo a criança. Ela recuperava então a vida. A empregada lhe dava um banho e a levava de volta para a casa, perto da mãe dela. Ela fazia isso com a menina todos os dias e isso durante muito tempo. Mas ninguém sabia. Por isso, a menina não crescia do jeito que deveria crescer. Ela ficava cada vez mais pálida e magra.

Certo dia, um dos filhos de um cunhado de *Kamisiri* trepou em cima de um apuizeiro, na proximidade do porto, para flechar araçarís com sua zarabatana. Ele queria recolher as penas para fabricar acangataras. Foi aí que ele viu o que a empregada estava fazendo com a filha de *Kamisiri*. Depois que ela voltou para a casa, ele desceu da árvore e regressou também para a maloca. Chegando lá, ele disse para *Kamisiri*:

– Você não cuida bem da sua filha. Você não sabe o que a sua empregada está fazendo com ela.

Aí, ele contou o que tinha visto.

²⁸⁹ *Osi-masi* em tukano.



Os lugares míticos desta história

em Tariana	em Português
1. <i>Panisi-taki</i>	Baiá
2. <i>Tununi-kewere</i>	Ilha de Rodar
3. <i>Yebari</i>	Jebari
4. <i>Pitheru-kewere</i>	Ilha das Cabas
5. <i>Mukutu-taki</i>	Ponta de Panacu
6. <i>Púperi-taki</i>	Bacaba-Ponta
7. <i>Mapada-kewere</i>	Ilha do Irá
8. <i>Teewiali</i>	Igarapé Miriti

– É por isso que a sua filha não cresce como as outras crianças e fica cada vez mais pálida e magra!, ele explicou para o pai.

Ouvindo isso, o pai decidiu espiar. No dia seguinte, ele trepou no uapuizeiro para ver o que a sua empregada ia fazer. Ele queria verificar se o que o filho do cunhado havia falado era mesmo verdade. Assim que ela voltou da roça com a patroa, a empregada levou a filha de *Kamisiri* no porto. Chegando lá, ela sentou em cima de um pau, colocou a criança na sua coxa, abriu o buraco no topo da cabeça dela e começou a chupar. O pai

observou tudo o que ela fazia. Ele esperou que ela voltasse para a maloca antes de descer da árvore e regressar também para a casa.

A empregada tinha um irmão chamado *Pisiri*, que era o pescador deles. Assim que ele saiu para pescar, *Kamisiri* falou para a mulher:

– A nossa empregada não está prestando.

Dizendo isso, ele contou o que tinha visto quando estava em cima da árvore.

– Devemos encontrar um meio de acabar com ela, completou.

No dia seguinte, ele pediu para a mulher voltar mais cedo da roça.

– Volte logo para preparar beiju! Nosso empregado foi pescar, ele ordenou para a mulher antes de ela sair.

Assim que ela foi para a roça, ele preparou vários feixes dos paus vassoura e envira. A mulher fez conforme ele havia mandado, isto é, ela voltou mais cedo da roça com a empregada. Chegando em casa, a mulher tocou fogo no forno para preparar beiju. Assim que ela acendeu fogo, *Kamisiri* colocou alguns feixes de lenha que ele havia preparado. Quando o fogo estava bem grande, ele mandou a empregada trazer os feixes de lenha que sobravam. Quando ela se aproximou, ele juntou a menina com os feixes e os jogou juntos dentro do fogo. Assim que ele a meteu dentro do forno, o espírito dela saiu em forma de morcego.

Pisiri, o irmão da empregada, chegou quando a brasa estava no ponto de queimar. Ele voltava da pescaria, trazendo peixinhos num balaio de cipó. Era para a mulher de *Kamisiri*. Ele lhe entregou e, depois, embrulhou alguns peixinhos com folhas para assar na brasa. Era para ele. Ele abriu então as cinzas para colocar dentro o embrulho de peixes. Aí, ele perguntou sobre sua irmã, querendo saber onde ela estava.

– Eu pensei que você havia levado sua irmã à pescaria e que estava assando esses peixinhos para ela, mentiu a mulher de *Kamisiri*.

Na realidade, a menina já estava morta.

– Eu não a levei comigo. Eu pensei que ela tinha ido junto com a senhora para a roça para cuidar da sua filha, ele respondeu.

Ele procurou a irmã durante dois dias, mas não achou. Cada vez que ele voltava da pescaria, ele assava um embrulho de peixinhos para ele.

Foi somente no terceiro dia que ele encontrou dois ossos dentro das cinzas. Eram da sua irmã. Vendo os ossos, ele ficou com raiva e pensou logo em represálias:

– Eu sou como vocês, eu vou vingar a morte da minha irmã, ele decidiu.

No dia seguinte, ele foi para a pescaria. Na volta, ele preparou dois embrulhos de peixes, colocando-os dentro das cinzas para assá-los. Quando o embrulho estava pronto, ele o abriu e colocou os peixes no seu prato. Preparou então um molho com pimenta e limão e começou a comer. Vendo-o, a patroa pediu-lhe alguns dos peixes, mas ele respondeu:

– Espere um pouco, o seu embrulho de peixes não está ainda bem assado.

Assim que ele ficou assado, *Pisiri* retirou o embrulho das cinzas e deu para a patroa. Ele a mandou bater o embrulho no chão para tirar as cinzas. Quando ela fez isso, o cipó que ele havia amarrado no embrulho soltou-se, acertando-a nos olhos. Aí, ela caiu no chão. Ele soprou então nos olhos da mulher para tirar a sujeira. Depois, ele falou para *Kamisiri* benzer sua mulher, senão iria doer muito. Ouvindo isso, *Kamisiri* benzeu em cima de um líquido, que pingou em seguida nos olhos da esposa. Foi assim que ela melhorou. Ela foi então comer os peixinhos que *Pisiri* lhe havia assado, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Pisiri havia preparado duas flautas-varejeira com os ossos da irmã e costumava tocar com elas. Ouvindo o som, os meninos da maloca se aproximaram logo dele.

– Onde encontrou essas flautas?, perguntaram para ele. Nós queremos elas.

– Eu as encontrei num bambuzal, ele respondeu. Qualquer dia, nós vamos até lá.

Pisiri queria fazer para os meninos o que *Kamisiri* e sua mulher haviam feito para a sua irmã. Por isso, por meio do pensamento, ele formou um bambuzal grande. Um dia, enquanto a mulher de *Kamisiri* estava preparando caxiri, ele tomou as flautas e começou a tocar. Ouvindo o som, as crianças juntaram-se perto dele, perguntando de novo:

– Onde você encontrou essas flautas?

– Amanhã vamos ver onde elas ficam guardadas, ele respondeu.

Ele foi então limpar os caminhos no bambuzal. No dia seguinte, ele levou para lá os filhos dos cunhados de *Kamisiri*. No caminho, ele mostrou aos meninos três igarapés,²⁹⁰ dizendo:

– Na volta, nós vamos tomar banho nesses igarapés.

Quando chegaram perto do bambuzal, ele pegou três feixes de bambus e os deu para os três meninos mais novos, dizendo:

– Vocês pegam esses feixes e voltem para a casa. Eu vou mostrar para os outros onde estão os bambus.

Ele mandou então os outros entrarem no bambuzal:

– Vocês entram no bambuzal e pegam os bambus para fazer as harpas. Eu vou ficar na beira, ele disse.

Ele estava enganando os meninos. Na verdade, ele os fez entrar no bambuzal para queimá-los. Mas eles não sabiam disso. Enquanto os meninos estavam entrando no bambuzal, *Pisiri* ficou beirando a roça, tocando fogo. Quando o fogo ficou bem forte, matando os meninos, ele também entrou no bambuzal e queimou. Seu espírito subiu ao céu em forma de águia através da fumaça do fogo e pousou em cima de um pau grande, cheio de galhos fechados. Só dava para ver a cabeça da águia. Ela tirou a penugem do seu corpo, e colocou ao seu redor. Era para se proteger.

Quando o fogo pegou, os três meninos mais novos estavam ainda perto do bambuzal. Eles queriam ver o que ia acontecer. Com o calor do fogo, o corpo dos três ficou roxo. No caminho de volta para a casa, eles tomaram banho nos três igarapés que *Pisiri* havia indicado, para esfriar e aliviar o ardor do fogo no corpo. *Pisiri* havia deixado vivo os três meninos para eles contarem aos seus pais o que havia acontecido.

Quando os meninos chegaram em casa, *Kamisiri* e os outros perguntaram para eles:

²⁹⁰ Os nomes desses igarapés são: *Liñapada-siawa* “Igarapé para esfriar o corpo” (*Pekâ-wa’barimaâ* em tukano), *Siawa-pedalikawa*, “Igarapé para apagar o calor do fogo” (*Pekâ-yisiarimaâ* em tukano) e, de novo, *Siawa-pedalikawa*, “Igarapé para apagar o calor do fogo” (*Pekâ-yisiarimaâ* em tukano).

– Onde estão os outros?

Aí, eles contaram tudo o que havia acontecido.

– Então, os seus irmãos queimaram. E *Pisiri*?

– Ele também entrou no bambuzal e queimou, responderam.

– Mas será que ele morreu?

– Não! Ele não morreu! O espírito dele subiu em forma de águia junto com a fumaça até um pau grande, onde ficou. Ele pousou no meio dos galhos, formando um tipo de jirau com a sua penugem, eles responderam.

Os meninos contaram tudo o que haviam visto.

– Será que nem ficaram os ossos dos seus irmãos?, perguntaram os pais.

– Não, eles queimaram inteiramente.

– Vamos até lá para olhar.

Eles foram, mas não encontraram mais nada. De fato, tudo havia queimado. Na volta, *Kamisiri* perguntou para os meninos:

– Se *Pisiri* não morreu, onde está ele?

– Ele ficou num pau grande cheio de galhos, eles disseram de novo.

No dia seguinte, *Kamisiri* foi até o lugar onde a águia havia pousado. Ele queria matá-la. Por isso, antes de sair, ele preparou vários tipos de flechas de zarabatana com inajá, bacaba e patauá, enrolou um pedaço de algodão numa das extremidades da flecha, amarrou o algodão na flecha com juta e, por fim, colocou curare na ponta.

Quando chegou perto do bambuzal, ele ouviu a águia cantar: “*kao kao kao*”. Logo, *Kamisiri* atirou na sua direção com a zarabatana, mas não acertou. Neste momento, o espírito de *Pisiri* transformado em águia disse-lhe:

– Você nunca vai conseguir me matar com as flechas de patauá, de inajá e de bacaba que você preparou. Se você quer mesmo me matar, deve preparar as flechas com o pau de espinhos. Somente assim, você vai conseguir me matar!

Kamisiri foi logo buscar esse pau e preparou várias flechas com os espinhos. Como antes, ele colocou algodão numa das extremidades da

flecha, que amarrou em seguida com juta, e botou, por fim, curare na ponta. Aí, ele flechou a águia de novo. A primeira flecha passou direto, isto é, não acertou. A segunda flecha acertou o olho direito, a terceira a testa e a quarta o olho esquerdo. Neste momento, a águia voou e foi cair na cabeceira do rio Solimões, onde, naquela época, viviam os índios Bahuana.²⁹¹

– Onde será que ela caiu?, perguntou-se *Kamisiri*.

Os Bahuana, pensando que se tratava de uma verdadeira águia, a depenaram e recolheram a penugem, abandonando, no lugar onde ela caiu, o seu corpo. Com as penas e a penugem,²⁹² eles fizeram cocares. Enquanto eles estavam fabricando os adornos, começaram a adoecer: ficaram com febre, desintéria de sangue, vômito com sangue. Todo mundo ficou doente.

Kamisiri estava procurando o lugar onde a águia havia caído. Quando chegou perto dos Bahuana, ele perguntou:

– Onde está a águia?

– Ela está aqui!, eles responderam.

– O que vocês fizeram com ela?, ele perguntou.

– Nós recolhemos as penas e a penugem e fizemos cocares com elas, responderam.

Kamisiri havia trazido uma caixa para recolher o corpo, as penas, a penugem... da águia morta. Vendo que eles a haviam depenado e tirado a penugem, ele mandou que trouxessem de volta tudo o que haviam recolhido, assim como o corpo da águia, explicando:

– Isso não é uma coisa boa, isso é veneno puro! Por que vocês tiraram as penas e a penugem dela? Isso vai trazer malária, desintéria de sangue, vômito de sangue, dor de cabeça para vocês. Eu vou levar tudo isso embora.

Eles foram então buscar os cocares de penas e de penugem, assim como o corpo da águia morta. Ele colocou tudo dentro da caixa que fe-

²⁹¹ Grupo arawak.

²⁹² A águia já havia recriado penugem.

chou, amarrou com corda e trouxe de volta até a sua casa, em *Panisi-taki*. Chegando lá, ele deixou a caixa em cima da cumeeira da casa. Depois, por meio do seu benzimento, ele a mandou para a cabeceira do rio Xié. A caixa voou até lá, caindo perto do lugar onde estava a cabeça de *Kamaweni*. Ela caiu sobre uma pedra, escorregou e caiu perto da cabeça. Lá ela ficou para sempre.

II

Depois de mandar a caixa para a cabeceira do rio Xié, *Kamisiri* ficou morando com os cunhados Arapaço em *Panisi-taki*. Enquanto ele estava atrás da água, a sua mulher começou a namorar outro. Ela estava namorando *Yumáwali-haleda*, a “Cobra Real”.²⁹³ Ele morava um pouco abaixo da maloca dos Arapaço.

Certo dia, um dos seus cunhados trepou no apuizeiro perto do porto para flechar araçarís. Ele queria recolher as penas para fazer cocares. Foi então que ele viu os dois fazendo sexo. Cada vez que a mulher de *Kamisiri* voltava da roça, ela pegava o camotim, colocava dentro uma cuia e descia ao porto para buscar água. Chegando lá, ela emborcava a cuia em cima da água e batia nela com um dedo, fazendo um barulho: “*tuk tuk tuk tuk*”. Ela estava chamando *Yumáwali-haleda*. Assim que escutava o barulho, ele vinha subindo dentro da água do rio. Quando chegava, ele tomava a forma de uma pessoa, colocava no chão um pari de proteção e os dois deitavam em cima para fazer sexo. Assim, ele fazia todos os dias. Ele sempre chegava na forma de um homem muito bonito. O marido não sabia de nada. Vendo os dois transando, o homem foi contar para *Kamisiri*:

– Você não está tomando conta da sua mulher. Ela faz sexo com *Yumáwali-haleda*.

Ouvindo isso, *Kamisiri* resolveu espiar também. Ele queria se certificar que a sua mulher o estava enganando. No dia seguinte, ele trepou no uapuizeiro para caçar pássaros e ficou esperando a sua mulher regressar da roça. Assim que ela voltou, ela pegou o camotim, colocou dentro uma

²⁹³ Chamada também Cobra Onorato (*Pirô-dji* em tukano).

cuia e foi para o porto buscar água. Chegando lá, ela emborcou a cuia em cima da água e começou a bater nela com um dedo, fazendo um barulho: “tuk tuk tuk”. Era para chamar *Yumáwali-haleda*, o seu amante. Ouvindo o som, este veio subindo. Quando chegou, ele colocou o pari de proteção no chão. Os dois deitaram e fizeram sexo.

Kamisiri, que estava espiando em cima da árvore, viu tudo. Assim que os dois acabaram de transar, *Yumáwali-haleda* desceu na água e voltou para a sua casa. A mulher regressou também para a maloca. *Kamisiri* desceu então da árvore e subiu até a maloca. Assim que chegou, ele preparou algumas flechas de zarabatana com espinhos de patauí. Numa das extremidades das flechas, ele colocou algodão, que amarrou com juta. Ao redor das pontas, ele fez um pequeno risco. Era para as flechas quebrarem mais facilmente quando batessem contra *Yumáwali-haleda*. Por fim, ele untou as flechas com curare, da ponta até o risco, e as colocou no seu estojo de flechas.

No dia seguinte, antes da mulher regressar da roça, ele desceu para o porto e trepou na árvore para espiar de novo os dois. Ele ficou lá esperando. Quando a mulher voltou da roça, ela fez como sempre. Isto é, ela pegou o camotim e a cuia e desceu para o porto. Chegando lá, ela emborcou a cuia em cima da água e bateu nela com um dedo para chamar *Yumáwali-haleda*. Ouvindo o som, este logo se aproximou. Ele colocou o pari de proteção no chão. Os dois deitaram em cima e começaram a transar.

Enquanto os dois estavam fazendo sexo, *Kamisiri* flechou em direção à espinha dorsal de *Yumáwali-haleda*. Pensando que era uma mutuca, este bateu na flecha, quebrando a ponta que ficou na sua espinha. *Kamisiri* flechou-o três vezes em seguida. A cada vez, este batia em cima da flecha, pensando que se tratava de uma mutuca. Aí, a flecha quebrava, ficando a ponta dentro da espinha. Na quarta flecha, ele bateu de novo. Na quinta flecha, não agüentando mais, ele morreu.

Vendo que ele não se mexia mais em cima dela, a mulher o empurrou para o lado, se levantou e olhou para ele. *Yumáwali-haleda* estava morto. Ela o enrolou dentro do pari de proteção e o levou até a beira do rio. Lá, ela o levantou um pouco e o empurrou para o meio do rio, onde

ele afundou. Ela pegou então água e voltou para a maloca. *Kamisiri* desceu então da árvore e voltou também para a casa. A noite chegou e os dois, marido e mulher, foram descansar.

No dia seguinte, de manhã cedo, *Kamisiri* explicou para a mulher o que ele ia fazer:

– Hoje, eu não vou para a roça. Nós estamos passando fome todos os dias. Por isso, eu resolvi pescar.

Ele pediu para a mulher voltar rapidamente da roça para raspar e ralar mandioca, espremer e preparar um beiju de massa crua e um outro de tapioca, e também para ela cozinhar manicuera.

– Eu vou pescar piabas, aquelas piabas *ukara*, *māduri*, *kuhi* e *wiweri*, ele disse para ela.

Na verdade, ele foi procurar *Yumáwali-haleda*. Chegando no porto, pegou a sua canoa e começou a descer o rio. Ele encontrou *Yumáwali-haleda* boiando em *Tununi-kewere*,²⁹⁴ “Ilha de Rodar”. Essa ilha fica acima de *Yebari*,²⁹⁵ “Jebari”, no rio Uaupés. Vendo-o morto, ele cortou seu pênis. Depois disso, ele foi procurar cabas em *Pitheru-kewere*,²⁹⁶ “Ilha das Cabas”, e pescou também algumas piabas. Antes de sair, ele havia explicado para a sua mulher:

– Se eu voltar antes de você, eu vou deixar o balaio de peixinhos em cima do jirau. Quando você chegar, procure o balaio e cozinhe os peixes para a gente comer.

No entanto, ele só voltou depois dela. Ele trouxe quatro espetadas de piabas, assim como um balaio cheio de peixinhos, desses pequenos como *ukara*, por exemplo. Uma das espetadas era, na realidade, o pênis de *Yumáwali-haleda* que ele havia transformado em peixinho. Quando ele chegou, a mulher já estava preparando beiju. Ele lhe entregou o balaio de peixes e pôs na brasa do fogo para assar duas espetadas de peixinhos. A mulher já havia preparado o molho de pimenta. Assim que

²⁹⁴ *Tūruri-mikîro* em tukano.

²⁹⁵ *Yebari* também em tukano.

²⁹⁶ *Unîâ-mikîro* em tukano.

uma das duas espetadas ficou assada, ele retirou os peixinhos, os embebedou no molho e os comeu com um pedaço de beiju. Vendo-o comer, ela pediu alguns peixinhos. Mas ele respondeu:

– As espetadas que eu preparei para você ainda não estão prontas. Assim que estiverem assadas, eu lhe entrego.

Quando as duas espetadas ficaram prontas, *Kamisiri* as deu para a sua esposa. Os dois comeram, cada um as suas. Enquanto ela estava comendo, ele perguntou se os peixes que ele havia trazido dentro de um balaio estavam prontos.

– Será que os peixes já estão cozidos?, ele perguntou.

Ela foi buscar a panela e os dois comeram também os peixes cozidos. Depois de comer, eles guardaram o resto. Ele tomou então a manicuera que ela havia preparado e deitou na rede. Pegou a flautavarejeira e começou a tocar. Ele estava tocando dizendo que mulher que tem bom marido come até o pênis dele. É isso que ele estava tocando com a flauta. Ouvindo isso, a mulher pensou:

– Será que ele fez isso comigo?

Ela pegou a cuia e desceu logo para o porto, onde vomitou. Do vômito dela, saíram primeiro o jacundá grande, depois o jacundá pequeno, o candiru grande seguido do pequeno. Ela vomitou todos esses peixes e voltou para a casa. Assim que chegou, ele perguntou:

– Por que você anda tão desconfiada comigo? O que será que você ouviu?, ele perguntou.

Mas ela respondeu:

– Nada. Eu sou assim mesmo. Eu sou do jeito que eu sou.

A mulher tinha brincos de ouro que *Yumáwali-haleda* lhe havia dado de presente. Mas ela nunca os usava, por medo do marido. Certo dia, quando ela estava na roça, *Kamisiri* se transformou na velha avó dele. Ele pegou o aturá velho e o bastão dela e foi para a roça. Enquanto isso, os seus cunhados estavam derrubando uma roça nova. Assim que chegou na roça, a falsa velha sentou num pau deitado e chamou a mulher do seu neto. Ela pediu para a mulher encher o seu aturá com pedaços de lenha. Mas antes disso, ela a mandou tirar os seus bichos de pé.

A mulher começou a tirar os bichos de pé da velha. Enquanto ela estava fazendo isso, a falsa avó perguntou:

– Meu neto me disse que *Yumáwali-haleda* lhe deu brincos de presente. Ele disse que vai tirá-los de você. Você nunca vai poder usá-los, porque ele vai pegá-los. Por isso, acho melhor você me dar os brincos e eu vou guardá-los, ela completou.

No início, a esposa de *Kamisiri* negou, dizendo que ela não sabia do que a velha estava falando. Mas a velha insistiu, dizendo que *Kamisiri* estava realmente com a intenção de tirar dela os brincos. Por isso, ela acabou reconhecendo que *Yumáwali-haleda* lhe havia dado dois brincos de ouro. Ela os havia escondido na sua joelheira. É por isso que, hoje em dia, nós temos esse sinal de osso embaixo do joelho. A mulher os tirou do esconderijo e os entregou para a falsa avó. Depois disso, ela encheu o aturá da velha com pedaços de lenha. Esta pegou então o aturá e caminhou em direção à maloca. Assim que chegou na beira da roça, a falsa avó jogou o aturá e o bastão da velha e voltou a ser ele mesmo, isto é, *Kamisiri*. Colocou então os brincos nas orelhas e assobiou, para atrair a atenção da sua mulher. Assim que ela olhou para ele, ele mexeu um pouco a cabeça, fazendo brilhar os brincos. Depois disso, ele foi ajudar os cunhados que estavam derrubando uma roça.

Meio desconfiada, a mulher voltou logo para a maloca. Chegando lá, ela foi perguntar para a velha avó:

– A senhora fui para a roça?

– Não fui eu! Deve ser o seu marido! Você sabe muito bem que eu não vou mais para a roça, ela respondeu.

De tardinha, *Kamisiri* voltou cansado da derrubada. Quando chegou, ele disse para a mulher:

– Você nem deixou um cará assado para mim na roça!

De fato, ela costumava assar carás, bananas ou cubius... que deixava em cima de um toco na roça. Era para ele. Ela sempre voltava mais cedo da roça do que ele. Quando ele acabou de roçar, ele foi procurar as frutas ou as carás, mas não encontrou nada. Como ele havia tomado os brincos dela, ela ficou com raiva e não deixou nada para ele.

– Eu não assei nada para você porque o dia estava muito quente. Como eu estava cansada, voltei rápido para a casa. Eu vim direito da roça, ela respondeu.

– Você é muito ruim! Você não guardou nada para mim, ele disse então.

III

A mulher estava grávida de *Yumáwali-haleda*, a Cobra Real, mas ela dizia que estava grávida de *Kamisiri*, seu marido. Nessa época, *Kamisiri* sempre ia buscar bacabas, patauás... na mata. Mas ele não dava nada para a esposa. Ele fez isso durante vários meses. Isto é, ele sempre trazia frutas para a casa e as comia sozinho. Ele nunca as oferecia para a mulher.

Certo dia, no entanto, ele lhe deu algumas bacabas para ela experimentar, para ela ver se era bom. Ela pegou as bacabas, as colocou numa panela, que esquentou no fogo. Quando as bacabas estavam no ponto, ela tirou a panela do fogo, pegou as bacabas cozidas, as colocou no pilão e pilou. Depois, ela colocou o conteúdo do pilão numa bacia de tuyuca e o misturou com água. Em seguida, ela coou o líquido para fazer o vinho, o misturou com chibé e tomou. Era muito gostoso. Por isso, ela pediu para ele fazer um dabucuri de bacabas para ela.

– Você sempre come sozinho! Faz um dabucuri para mim, pediu.

– Prepara então caxiri, ele respondeu.

Ele marcou o dia em que o caxiri devia estar pronto. Ele tinha vários companheiros e foi com eles procurar as bacabas para o dabucuri. De *Panisi-taki* eles subiram o rio Uaupés até o *Teewiali*, igarapé Miriti. Entraram no igarapé e subiram até a cabeceira. Chegando lá, eles pegaram um varadouro até o igarapé *Iauari*. De lá, eles vararam até *Mukutu-taki*,²⁹⁷ “Ponta de Panacu”, que se encontra na beira do igarapé, bem na cabeceira. Eles desceram então o igarapé de canoa até o lugar chamado *Púperi-taki*,²⁹⁸ “Bacaba-Ponta”, onde eles queriam apanhar bacabas. Havia muitas neste lugar. Eles subiram nas árvores e cortaram os cachos de frutas.

²⁹⁷ *Baá-yōa* em tukano.

²⁹⁸ *Yumú-yōa* em tukano.

Trouxeram os cachos até a canoa, derramando nela as bacabas. A canoa ficou logo cheia.

Aí, eles subiram de novo até *Mukutu-taki*. Lá, eles fabricaram vários cestos provisórios que encheram com as bacabas. Transportaram os cestos pelo caminho até a cabeceira do igarapé Miriti. Desceram então o igarapé de canoa até a boca, onde deixaram os cestos. Depois, eles subiram até *Mapada-kewere*, “Ilha do Irá”, no rio Uaupés, onde apanharam outros cachos de bacabas que deixaram na ilha. Continuaram a subir o rio Uaupés. Perto da cabeceira, há um igarapé chamado em kubo *Hildara*.²⁹⁹ Entraram no igarapé que subiram até *Púpuli-hipa*,³⁰⁰ “Pedra da Coruja”, que fica na cabeceira. Foi nesse lugar que eles experimentaram dançar.

Daí, eles desceram de novo o igarapé até chegar no rio Uaupés, que desceram até a Ilha do Irá, onde recolheram os cestos de bacabas que haviam deixado. Continuaram a descer o Uaupés, até a boca do *Teeiwali*. Lá também, recolheram os cestos de bacabas que haviam deixado e os colocaram dentro da canoa. Eles foram então até *Kuwai-taki*,³⁰¹ “Jurupari-Ponta”, onde dormiram. É uma praia na beira do rio Uaupés. Na ponta da praia, há um tipo de poço chamado *Kuwai-kalisana*,³⁰² “Poço de Jurupari”, onde eles guardaram as flautas de Jurupari. Durante a noite, eles foram derrubar um pau de tururi em *Paramali-taki*,³⁰³ “Ponta de Tururi”. Fica um pouco abaixo do lugar onde eles dormiram. Embora esta árvore seja um pau de tururi, o lugar é mais conhecido em português como Seringa-Ponta. Com a casca do pau de tururi, eles fizeram as tangas para usar durante o dabucuri. Daí, no dia seguinte, eles voltaram para *Panisi-taki*.

Eles chegaram no dia em que a mulher de *Kamisiri* estava preparando caxiri, trazendo as flautas de Jurupari que iriam usar durante o dabucuri. No dia seguinte, eles fizeram o dabucuri. Para essa ocasião, *Kamisiri* se transformou num jovem muito bonito. Ele estava todo enfeitado, com

²⁹⁹ Não se sabe o nome em português, tariana e tukano desse igarapé.

³⁰⁰ *Bipá-pako-powêa* em tukano.

³⁰¹ Ou também *Kui-taki* em tariana (*Miriá-kariro* em tukano).

³⁰² Ou também em tariana *Kui-kalsana* (*Miriá-karro-tuku* em tukano).

³⁰³ *Wasôki-dokâ* em tukano.

cocares de penas, colares e brincos. Depois do dabucuri, eles foram guardar os instrumentos de Jurupari no porto e continuaram a dançar.

Eles dançaram e tomaram caxiri até a metade do dia seguinte. Ficaram dançando dentro da maloca. No dia seguinte, ao meio-dia, eles foram dançar fora da maloca. Durante a dança, a esposa de *Kamisiri* ficou como sua dama. Assim que eles estavam dançando fora, *Kamisiri* começou a se levantar ao céu, junto com a sua turma e suas damas. Quando chegou no céu, ele jogou os paus-de-dança em direção ao chão. Ele largou também do alto a sua mulher grávida. Aquelas damas, que haviam subido no céu com ele, ficaram por lá. Isto é, elas desapareceram por lá. Quando a esposa de *Kamisiri* já estava no chão, os paus-de-dança caíram em cima dela, matando-a.

Depois da sua morte, *Kamisiri* desceu sozinho do céu. Ele queria pedir desculpas para os cunhados. Ele se queixou junto a eles da sua mulher que não prestava, já que, mesmo casada com ele, mantinha relação sexual com outro. Ele voltou também para a terra para se despedir deles. Os cunhados não queriam que ele fosse embora, dizendo que haviam muitas moças com as quais ele poderia casar, mas ele não quis. Na verdade, ele não queria mais ter mulheres porque elas não eram, ou não faziam, do jeito que ele desejava.

– Eu vou subir para o céu da mesma maneira que eu subi quando eu matei a sua irmã, ele disse.

Dizendo isso, ele começou a subir com o som da dança e desapareceu por lá, para sempre.

Aqui termina essa história. ☺



Kuphe-nawíki Pudasi-nawíki kalísi

História da Gente-Peixe e do Desana

Wañahori era o nome de um rapaz desana. Ele morava na cabeceira do *Wiusuali*,³⁰⁴ Igarapé Estrela, um afluente do rio Uaupés. Um dia, ele foi pescar no rio Uaupés. Ele subiu o rio até *Yapa-kewere*,³⁰⁵ “Ilha de Tucunaré”. Era o tempo da piracema dos peixes araripirás. A Ilha de Tucunaré, onde eles fazem piracema, é a casa dos *Kuphe-nawíki*, a “Gente-Peixe”. Foi lá que o Desana colocou os matapis. Enquanto ele estava fazendo isso, viu alguns homens descendo o rio carregando cipós. Embora fosse dia de caxiri dos *Kuphe-nawíki*, eles estavam trabalhando. De fato, eles estavam recobrando os esteios da sua maloca com cipós do chão ao teto e estavam procurando mais cipós.

Enquanto *Wañahori* estava olhando para eles, ele viu o seu irmão que já havia morrido descer o rio com um feixe de cipós. Havia cipós de vários tamanhos: curtos, compridos e ainda mais compridos. Vendo o irmão, *Wañahori* resolveu amarrar uma das extremidades dos cipós maiores num pau. O irmão tentou levar os cipós, mas foi em vão. Era muito duro. Por isso, ele olhou para trás e viu os cipós amarrados a uma árvore. Os desamarrou e tentou levá-los de novo até a casa dos *Kuphe-nawíki*. Mas *Wañahori* prendeu outra vez os cipós maiores num pau. O irmão tentou levar de novo os cipós, mas não conseguiu. Ele saiu então da água para ver o que estava acontecendo.

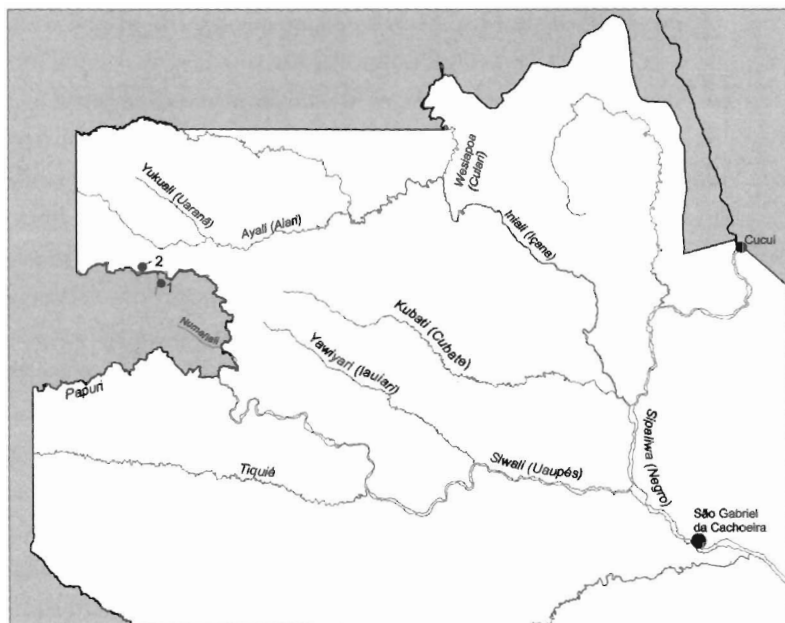
– Quem será que está amarrando os cipós?, se perguntou. Deve ser *Isieda*, o jabuti!

Dizendo isso, ele desamarrou os cipós, entrou no rio e tentou puxar novamente. Mas era ainda muito duro. Por isso, ele foi olhar de novo e encontrou outra vez os cipós amarrados.

– Quem será que está fazendo isso comigo?, perguntou-se outra vez.

³⁰⁴ *Yapikōaya* em tukano.

³⁰⁵ *Bu'ú-mikro* em tukano.



**Os lugares
míticos desta
história**

em Tariana	em Português
1. <i>Wusuali</i>	Igarapé Estrela
2. <i>Yapa-kewere</i>	Ilha de Tucunaré

Foi nesse momento que ele viu *Wañahori*.

– O que você está fazendo? O que você quer de mim? Você quer vir comigo?, ele perguntou.

– Eu vou com você, respondeu *Wañahori*.

Na verdade, ele queria ver o que os *Kuphe-nawiki* estavam fazendo. Ele desamarrou então os cipós e os dois entraram juntos dentro da água. Ficaram perto da beira do rio. O irmão que já havia morrido pegou a ponta de um cipó e mandou *Wañahori* fechar os olhos. Bateu três vezes na água com o cipó. Então, ele mandou-o abrir os olhos. Eles já estavam no caminho da maloca dos *Kuphe-nawiki*. O irmão falou então para *Wañahori*:

– Você não vai para lá, nem para cá, porque há muitos matapis.

De fato, a gente dessa terra havia colocado vários matapis ao redor da maloca dos *Kuphe-nawiki*. Os matapis puxavam água. Eles estavam atraindo os peixes. Quando sopra, o vento faz uma roda. Assim estavam fazendo os matapis. Empurrados pelo vento, os peixes entravam nos matapis. *Ñeewi*, as lontras, estavam vigiando. O vento empurrava os peixes para dentro dos matapis. Assim, os peixes eram engolidos pelos matapis! É por isso que o irmão morto havia pedido para *Wañahori* não se aproximar dos matapis. Naquele tempo, as lontras eram gente, mas para os *Kuphe-nawiki*, eram lontras.

Wañahori entrou na maloca dos *Kuphe-nawiki* com o corpo e tudo. Estes estavam tomando caxiri, rachando os cipós e cobrindo com eles os esteios do chão até o teto. Era o dia em que eles estavam cozinhando pupunhas. Vendo-o, eles disseram:

– Venha ajudar a gente a rachar as pupunhas!

As pupunhas eram grossas. Eles as rachavam pela metade e tiravam o caroço.

– Você só racha a pupunha! Não vá tirar o caroço!, recomendaram.

Mas *Wañahori* não escutou. Ele abriu uma pupunha, tirou o caroço que escondeu debaixo da axila. É por isso que, hoje em dia, temos essas bolinhas na axila. Os velhos dizem que elas são os caroços de pupunha. O Desana tirou vários caroços de pupunha e escondeu debaixo das axilas, na língua... Quando acabou de rachar, ele disse que precisava sair para defecar. Ele queria, na realidade, plantar os caroços de pupunha perto da sua casa.

– Cuidado! Você não pode se desviar do caminho, disseram a ele, senão os matapis vão engolir você.

Ele voltou pelo mesmo caminho até a sua casa. Chegando lá, plantou os caroços de pupunha num único buraco e colocou *hipáru*, o sapo cururu, para limpar o pé de pupunha, para que não criasse espinhos. Conforme a pupunheira crescia, ele limpava o estipe. Depois de um certo tempo, no entanto, sentindo-se muito cansado, ele acabou por dormir. Quando acordou, ele foi logo limpar o pé de pupunha, mas os espinhos penetraram em suas mãos. Aí, ele gritou de dor: “*kolakaka kolakaka*

kolakaka". Enquanto isso, *Wañahori* voltou para a casa dos *Kuphe-nawiki*. Quando chegou, ele disse, referindo-se à pupunha:

– Vocês têm essa planta bonita que nós não temos no lugar onde eu moro.

– Você quer essa planta?, eles perguntaram.

Ele respondeu que sim. Eles lhe deram então dois caroços de pupunha que ele foi plantar perto da sua casa. Mas os *Kuphe-nawiki* lhe haviam dado dois caroços ociosos, isto é, sem nenhuma condição de germinar. Enquanto isso, o pé de pupunha que cresceu a partir dos caroços que ele havia roubado já estava dando frutas. Os *Kuphe-nawiki* tinham explicado para *Wañahori* que muitas plantas pequenas iriam crescer no pé da pupunha e que, se ele quisesse mais, bastaria arrancar e plantá-las. Foi o que ele fez. Em uma só noite, o pupunheiro estava carregado de frutas.

Quando as frutas estavam maduras, ficaram com um tipo de brilho que iluminou até a casa dos *Kuphe-nawiki*. Vendo o brilho, estes mandaram um vento forte para derrubar o pé de pupunha. Mas *Wañahori* havia amarrado a cabeça da pupunheira ao céu para ela não cair.³⁰⁶ Os *Kuphe-nawiki* queriam derrubá-la porque, após o roubo do Desana, os seus próprios pés não deram mais frutas. Isto é, eles ficaram sem nada. Era por essa razão que eles queriam recuperar as frutas para plantar de novo os caroços. Quando *Wañahori* voltou para a casa deles, eles perguntaram:

– Você já plantou os caroços?

– Eu já os plantei, ele respondeu.

Eles o mandaram então jogar fora a pupunheira que os seres humanos tinham antes. Esta era muito pequena e cheia de espinhos.³⁰⁷ Na verdade, era puro espinho. É por isso que eles mandaram jogar fora.

O Desana ficou três dias na casa deles. Lá, ele encontrou os seus pais que também haviam morrido. Com efeito, os seres humanos que morrem vão para a casa dos *Kuphe-nawiki*. Dentro da maloca, havia um

³⁰⁶ Outros contam que ele fez um tipo de cercado com quatro paus ao redor da pupunheira, fechado em cima com quatro travessões, para ela não cair.

³⁰⁷ Há muitos pés de pupunhas da natureza no igarapé Minti. Essas pupunheiras eram antigamente dos seres humanos, antes de *Wañahori* roubar os caroços de pupunha dos *Kuphe-nawiki*.

toco³⁰⁸ para iluminar a casa. Os *Kuphe-nawiki* o acendiam como se fosse uma vela. O líquido que estava derretendo era um tipo de puçanga que eles usavam para pegar tanto peixes quanto mulheres.³⁰⁹

O irmão morto de *Wañahori* convidou-o a tocar a flauta-varejeira.
– Vamos tocar?, ele perguntou.

Os dois começaram a tocar, fazendo uma roda dentro da maloca. Enquanto ele estava tocando, o irmão morto foi recolher com a flauta o líquido que estava derretendo. Era para dar para *Wañahori*. No entanto, o toco se apagou. Vendo isso, os *Kuphe-nawiki* exclamaram:

– O que está acontecendo? Há um ser humano no meio de nós!

– Não! Sou eu, eu somente bati no toco e ele apagou!, disse logo o irmão morto.

– Então, vai acender outra vez, disseram-lhe.

O irmão morto foi logo acender o toco. *Wañahori* foi enfeitado pelos *Kuphe-nawiki* e dançou com eles o dia inteiro. Os peixes sempre fazem piracema durante o dia e essa festa era, conforme vimos, a piracema dos peixes.³¹⁰ Durante a festa, *Wañahori*, com o corpo enfeitado, saiu para fora da maloca para mijar. No entanto, esquecendo-se das recomendações dos *Kuphe-nawiki*, ele foi ao lugar proibido. Aí, ele foi engolido pelos matapis que haviam sido colocados pelos seres humanos. Como os vigias perceberam *Wañahori* como um tucunaré, e não como um ser humano, ele foi engolido pelos matapis.

Conforme vimos, os vigias dos matapis eram verdadeiros seres humanos. Eles tiraram *Wañahori* do matapi, mataram-no e retalharam o seu corpo. Depois, eles o levaram para sua casa para cozinhá-lo, vigiando a panela. Como se sabe, quando a panela ferve muito, a água pula e acaba por cair dentro do fogo. É isso que o irmão morto havia mandado *Wañahori* fazer. Isto é, quando a panela estivesse fervendo, ele deveria pular para fora. Mas *Wañahori* estava com muito medo e não conseguiu. Por isso, o irmão morto o mandou virar o rosto para baixo e segurar o fundo da pane-

³⁰⁸ *Sisawa-pukuda* em tariana (*sōtuturo* em tukano).

³⁰⁹ Hoje em dia, essa puçanga não se vê mais. Os Antigos a usavam muito.

³¹⁰ Somente o peixe aracu faz piracema à noite.

la. Assim que ele se encostou no fundo da panela, o fundo queimou. Saiu então um cheiro fedorento. Sentindo o cheiro, um dos homens gritou:

– O tucunaré queimou!

– Então joga a panela no rio! respondeu outro.

Como não dava mais para comer, os homens jogaram a panela dentro do rio. Mas o irmão morto estava vigiando e recuperou *Wañahori*. Ele o levou até o porto, onde lhe deu um banho para esfriar seu corpo.

– Olha, meu irmão, por pouco você não ia voltar para nossa terra. Você pode regressar agora para a sua casa.

Ele o levou então até o lugar onde *Wañahori* o havia encontrado.

– Você volta agora para a sua casa, ele lhe disse.

Aqui termina essa história. 65



Piraruku-yumáwali kalísi

História da Cobra-pirarucu

Suriari morava na serra *Buhuliki*,³¹¹ que fica perto da cabeceira do *Yapaliali*, igarapé Tucunaré. *Piraruku-yumáwali*,³¹² a Cobra-pirarucu, morava um pouco abaixo, na beira de um lago. Ela era antigamente uma cobra grande. O filho de *Suriari* estava muito doente: seu corpo estava cheio de feridas.

Suriari sempre ia pescar com ele. Assim que ele voltava da roça, levava-o para o porto, colocava-o em cima de um tipo de jirau feito com um toco de pau-brasil disposto em cima do igarapé, e abria as suas feridas para o pus sair e cair dentro da água. Enquanto o pus estava pingando na água, os peixes chegavam para lambê-lo. Todos os tipos de peixes vinham. O pus estava cheio de gordura e de sangue. Ele fedia muito. Os peixes, ao cheirar esse pitui, aproximavam-se do local onde estava o menino para comer essa gordura cheia de sangue que caía na água.

O pai costumava matar dez peixes todos os dias. Ele nunca ultrapassava esse número. Depois, ele voltava para a casa junto com o seu filho. Ele fazia assim todos os dias. Os outros da maloca iam também pescar todos os dias, mas eles nunca conseguiam trazer de volta dez peixes em pouco tempo. Um dia, depois que o pai saiu para a roça, os moços da maloca perguntaram para o menino:

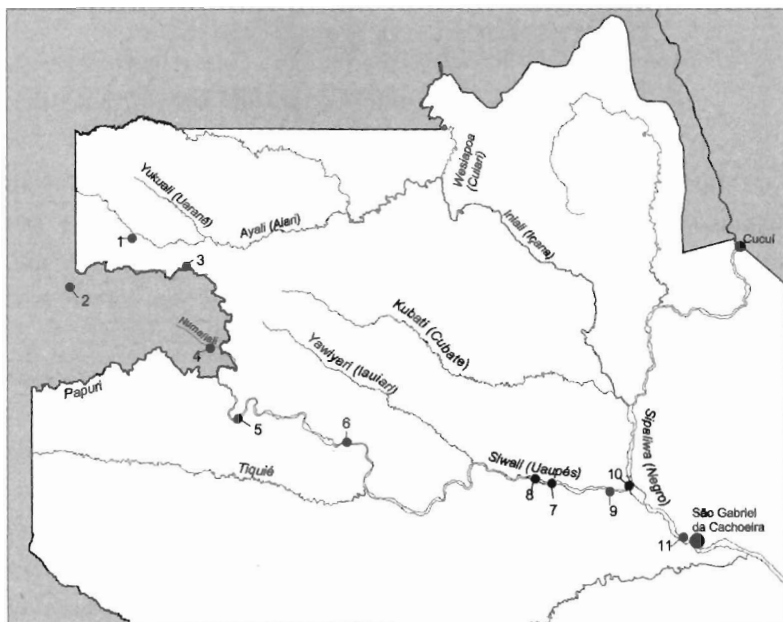
– Como seu pai faz para pegar dez peixes todos os dias?

– Ele me leva até o porto, me coloca em cima de uma espécie de jirau, abre as feridas do meu corpo. Sai então aquele pus cheio de gordura e de sangue que cai dentro da água. Os peixes se aproximam e o meu pai aproveita para flechá-los, respondeu o menino.

Ouvindo isso, os moços o levaram para o porto, colocaram-no em cima do toco de pau-brasil e abriram as suas feridas. Eles fizeram como o

³¹¹ Nome wanana da serra. Não se sabe o nome em tariana e em tukano.

³¹² *Doê-pirô* ou, ainda, *Diá-doe* em tukano.



Os lugares míticos desta história

em Tarianá	em Português
1. Serra <i>Buhuliki</i>	=
2. <i>Bukuli-hipa</i>	Cachoeira Macucu
3. <i>Yupisi-hipa</i>	Cachoeira Matapi
4. <i>Iniri-pani</i>	Maloca da Traíra
5. <i>Siwai-suíte</i>	Paraná-jucá
6. <i>Kuphe-tapu</i>	Paraná dos Peixes
7. <i>Kuuri-taki</i>	Coró-Coró
8. <i>Naima-kalisana</i>	Estreito do Rio
9. <i>Hipada-pimite</i>	Itapiruma
10. <i>Ye-tapu</i>	Paraná do Tatu
11. <i>Kolokoa-hipa</i>	Cachoeira do Sapo <i>Kolokoa</i>

menino havia explicado que o seu pai fazia. Dessa maneira, eles conseguiram pegar muitos peixes. Mataram mesmo muitos peixes! Vendo isso, o menino pôs-se a gritar:

– Por favor, parem! Meu pai não mata tantos peixes! Ele nunca flecha mais de dez! Já está vindo uma cobra que vai me levar para comer.

Mas eles não o escutaram:

– Fique sossegado! Nós também vamos matá-la, responderam.

Enquanto eles estavam falando, a cobra vinha se aproximando. *Piraruku-yumáwali* havia vestido a pele de cobra e virado uma cobra, mas ele era gente naquela época. Ele chegou com um banzeiro que recobriu o menino e o levou. Antes da cobra chegar, o igarapé Tucunaré estava quase seco. Enquanto ela vinha chegando, ele começou a encher e a água levou o menino. Os outros voltaram então para a casa com os peixes.

A cobra levou o menino para o *Yekali*,³¹³ igarapé Seringa. É um afluente do rio Uaupés. Ela ficou lá com ele. Ela queria devolver a criança para o seu pai, mas este, sabendo do acontecimento, ficou muito bravo e pensou logo em tinguijá-la. *Piraruku-yumáwali* percebeu que o pai tinha vontade de matá-lo. Por isso, ele abriu um varadouro entre o *Yekali* e o rio Uaupés e chegou acima do lugar onde eles estavam machucando o timbó. Ele deu então alguns brinquedos para o menino e o mandou chamar o seu pai. O menino gritou: “*mai mai*”... , mas o pai não escutou, de tanta raiva que ele tinha. *Piraruku-yumáwali* deu frutas de abiu para o menino comer. Algumas cascas de abiu desceram até o lugar onde o pai e os outros estavam tinguijando. Vendo isso, os outros disseram:

– Olhe, o seu filho deve estar mais acima!

– Como ele pode estar acima se a cobra o engoliu!, respondeu furioso o pai.

Ele estava com muita raiva de *Piraruku-yumáwali*. Por isso, ele não ouviu a voz do seu filho. *Piraruku-yumáwali* foi então espiar no lugar onde eles estavam tinguijando e, vendo-os fazer isso, ele ficou furioso. De raiva, ele engoliu o menino e fugiu para cima. Os outros estavam tinguijando para baixo. Ele subiu o rio na direção de *Kuwai-pani*, “Jurupari-Cachoeira”, indo os outros atrás dele. Quando ele vinha subindo, ele viu de longe muita gente descendo o rio. Eram Kubeo, Karihona...³¹⁴ De fato, o pai do menino havia mandado um recado para eles, dizendo que

³¹³ *Wasô-pakaya* em tukano.

³¹⁴ Os Karihona moravam antigamente no alto rio Uaupés.

Piraruku-yumáwali estava subindo o rio e pedindo para que eles não o deixassem passar, de jeito nenhum.

Quando *Piraruku-yumáwali* viu os outros vindo na sua direção, ele começou a descer o rio Uaupés. Antes disso, no entanto, ele vomitou o menino. Na Cachoeira de Jurupari, há duas pedras, uma é *Piraruku-yumáwali*, a outra é o menino que ele engoliu e vomitou. O menino já estava podre. É por isso que ele o deixou nesse lugar. Vendo-o, os Kubeo e os Karihona foram logo atrás dele e desceram o rio até *Bukuli-hipa*,³¹⁵ “Cachoeira Macucu”. Depois, eles voltaram.

Todas as cachoeiras do rio Uaupés são os lugares que eles fecharam com matapis. De fato, em todos os lugares onde dava para passar, eles colocaram matapis para pegar a cobra. No entanto, mesmo assim, ela conseguiu passar. Ela passou em cima de *Yupisi-hipa*,³¹⁶ “Cachoeira Matapi”, como em todas as outras cachoeiras do rio Uaupés. Ela nunca parava, sempre descendo o rio. Quando chegou na altura de Iauareté, ela estava à frente da turma do pai do menino. Este pensava que ela estava atrás, por isso que havia colocado os matapis. No entanto, ela já tinha passado à frente. Com efeito, quando *Piraruku-yumáwali* estava descendo o rio, eles colocaram os matapis. Porém, com a enchente do rio, a cobra sempre conseguia passar acima deles. De *Kuisi-hipa*,³¹⁷ “Mitu”, até a boca do *Numaliali*, igarapé Umari, o pai ficou à frente da cobra. Lá, ficou esperando por ela, mas ela entrou no *Numaliali* e subiu até a cabeceira. Na cabeceira desse igarapé, há um buraco grande chamado em tariana *Iniri-pani*,³¹⁸ “Maloca da Traíra”. Para a cobra, era uma maloca onde ela foi se esconder.

O pai e a sua turma foram atrás dela. Eles pegaram alguns paus que bateram em cima da água, para espantá-la. Mas ela passou à frente deles, varando pelo fundo do rio, sem que eles percebessem. Eles pensavam estar ainda à sua frente. Na verdade, a cobra já estava adiante deles. Eles

³¹⁵ *Bopé-poéwa* em tukano.

³¹⁶ *Bikawé-powéa* em tukano.

³¹⁷ *Wá-rôpí-powéa* em tukano.

³¹⁸ *Doé-pe* em tukano.

a esperaram então em *Siwali-suíte*,³¹⁹ ou Paraná-jucá, onde colocaram um outro matapi, mas *Piraruku-yumáwali* já tinha passado.

Aí, eles foram esperá-lo em Ipanoré. Foi somente nesse lugar que eles conseguiram passar à sua frente. Vendo que eles o estavam esperando, *Piraruku-yumáwali* abriu, com seu poder, um paraná chamado *Kuphe-taapu*,³²⁰ “Paraná dos Peixes”, e passou por dentro. Eles foram então esperá-lo acima de *Kuuri-taki*,³²¹ atual Coró-Coró, onde colocaram um matapi. Mas ele conseguiu passar para trás, abrindo um outro paraná chamado em tariana *Naima-kalisana*,³²² “Estreito do Rio”. No lugar onde ele o abriu, ficou uma ilha.

Depois disso, eles foram esperá-lo em *Hipada-pinite*, “Itapinima”, mas ele também conseguiu passar por trás, abrindo um paraná. Eles foram então até Tamanduá, mas ele abriu o *Ye-taapu*,³²³ “Paraná do Tatu”, e chegou, por fim, no rio Negro. Daí, eles foram direto até São Gabriel da Cachoeira.

Chegando lá, pediram aos Baré para esperar a cobra. Foi o que eles fizeram no lugar chamado *Kolokoa-hipa*,³²⁴ “Cachoeira do Sapo *Kolokoa*”, onde colocaram um matapi. Desta vez, *Piraruku-yumáwali* ficou encurralado, não conseguindo passar. Os Baré o agarraram, mataram, esquartejaram e tiraram o seu bucho. Jogaram os pedaços de carne no rio Negro abaixo, e as escamas no rio Negro acima, assim como no rio Uaupés. É por isso que, hoje em dia, somente há traíras pequenas no rio Negro acima e no rio Uaupés. No rio Negro abaixo, há pirarucus. Estes são os pedaços da carne de *Piraruku-yumáwali*. Por fim, eles jogaram as tripas da cobra na mata, onde elas viraram minhocas, dessas minhocas de grande tamanho.

Aqui termina essa história. (6)

³¹⁹ *Diâ-posa-yihiro* em tukano.

³²⁰ *Wa'ima-yuti* em tukano.

³²¹ *Kotô-duri* em tukano.

³²² *Naima-yihiro* em tukano.

³²³ *Panô-yuti* em tukano.

³²⁴ *Yá'pa-poéwa* em tukano. É o lugar da antiga fortaleza.

Maane-nawiki³²⁵ kalísi

História do homem da etnia “Tocandira”

Naquele tempo, um homem da etnia *Maane*, “Tocandira”, foi com a sua família até o *Numaliali*, o rio Umari. Todos os dias, quando ele ia pescar, ele via o martim-pescador sair de lá por um buraco até o *Kuphe-inipu*,³²⁶ o rio Pira-paraná. Isto é, ele entrava de manhã cedo pelo buraco e somente regressava à tarde, trazendo no bico muitos peixinhos. O homem o observou fazer isso durante muito tempo.

– Deve ter um rio por aqui, ele pensou.

Um dia, ele entrou no buraco e chegou na beira de um grande rio. Aí, ele voltou para a casa e contou para a mulher dele:

– Lá, há um grande rio! Acho que tem muitos peixes. Algum dia, nós iremos lá fazer uma pescaria.

Esse rio, na realidade, não era dessa terra, desse mundo. Era o rio Umari, o rio subterrâneo, para onde vão os espíritos dos mortos.

Certo dia, o homem foi até lá com a mulher e os filhos. O buraco era bem grande. O homem entrou com sua família e iluminou com um turi. Eles viram então um grande rio. Ele puxou a canoa com a sua família e entraram todos no rio Umari. Começaram a subir o rio. Enquanto eles estavam subindo, o homem viu de longe algumas pontas bonitas. Mas era tudo capoeira. Ele viu também um lugar limpo.

– Vamos dormir aqui, ele disse.

Ele foi cortar uns paus para preparar um tapiri. Quando o tapiri estava pronto, ele foi pescar. Ele pegou um bocado de peixes. Entregou-os para a sua mulher que os cozinhou. Eles comeram e foram deitar. Antes de dormir, a mulher falou:

– Você nos trouxe para um lugar muito triste. Aqui não tem gente. Você disse que havia muita gente, mas eu não estou vendo ninguém. Por isso, eu me sinto muito triste.

³²⁵ *Petá-masá* em tukano.

³²⁶ *Wa'rya* em tukano. Este rio fica na Colômbia.

Eles adormeceram. Mais tarde, quando o homem acordou, as pontas que eram capoeiras haviam virado cidades todas iluminadas.

– Aqui tem gente. Olha para essas casas! Nós estamos dormindo num lugar onde não tem ninguém. Vamos dormir para lá, ele disse para a mulher.

Eles desamarraram as redes, colocaram as suas coisas dentro da canoa e atravessaram o rio. Ficaram dormindo no porto da cidade. Quando amanheceu, pelas cinco e meia da manhã, as mulheres da cidade foram ao porto para tomar banho. Enquanto estavam descendo, elas começaram a sentir o cheiro do corpo deles. De fato, o ser humano tem um cheiro muito ruim. O homem e sua família tinham entrado no rio Umari com o corpo e tudo. Os moradores dessa cidade eram todos mortos. Por isso, sentindo o cheiro, uma das mulheres falou:

– Chegou aqui um homem com corpo humano. Pelo jeito, ele ainda não jogou fora o seu corpo. Quem será? Vamos ver!

– Será alguém que nós conhecemos? Será um de nossos parentes? perguntou outra.

Elas foram olhar. Elas eram todas parentes do homem:

– Ah! É você que chegou aqui!, disseram, quando o reconheceram. Para poder morar aqui, você deve primeiro jogar fora o seu corpo humano. Não há ninguém vivo aqui. Somente aqueles que jogaram fora o seu corpo podem viver aqui. Nosso corpo cheira muito mal porque ele apodrece quando a gente morre, explicaram. Vocês vão tomar banho.

Elas tinham um cipó de sabão³²⁷ nas mãos mas ele viu, no lugar, uma cobra muçurana. Elas lhe deram o cipó de sabão:

– Você toma banho com esse sabão! O porto é bem aqui, disseram, mostrando o lugar.

Ele pegou o cipó e foi até o lugar indicado. Ele devia passar em cima de alguns paus atravessados que serviam de degraus para descer até o rio. No entanto, em vez dos paus, ele também viu cobras. Por isso, recuou e ficou longe dos degraus. Vendo isso, as mulheres perguntaram:

³²⁷ Os Antigos se limpavam com sabão de pau ou de cipó.

– Do que você tem medo?

– Eu fiquei com medo porque esses paus atravessados que descem até o porto são cobras para mim, ele respondeu.

Elas o levaram de volta para o porto. Chegando lá, elas raspam um pedaço do cipó de sabão e lhe deram um banho, assim como em sua família. Lavaram todos eles com esse sabão. Depois, derramaram um perfume no corpo deles.

– Vocês estão cheirando bem agora, disseram.

Deram-lhes então uma água bem limpa para beber, para tirar a sujeira de dentro da barriga, do estômago, isto é, para eles ficarem cheirosos. Depois, elas os levaram para a maloca. Lá, deram-lhes um quarto para dormir. Nesse quarto, haviam camas com colchões e cobertores. Mas para o homem, isto é, aos olhos dele, os colchões e os cobertores eram o couro de cobras grandes. Vendo isso, ele não quis se aproximar das camas.

– Eu estou com medo, ele disse, isso é couro de cobra!

Elas foram buscar comida para eles. A comida era a mesma que nós comemos aqui, nessa terra. A única diferença é que elas não comem peixes. Elas comem qualquer carne de caça, mas não comem peixes.³²⁸

– Quando acabar de comer, você vai cortar lenha. Ali tem um pau bonito onde a gente costuma cortar lenha, disseram-lhe.

Elas lhe indicaram o lugar onde havia o pau e lhe deram um machado, assim como um terçado. Ele foi até o lugar indicado mas, quando se aproximou, ele viu uma árvore alta. Era uma árvore *sukeda*.³²⁹ Ele limpou a beira da árvore com o terçado. Depois, ele pegou o machado para derrubar a árvore. No primeiro corte, ela gritou: “*ayaaa!*” e começou a sangrar. Vendo o pau gritar e sangrar, ele foi buscar um pau seco que ele rachou. Ele fez um feixe de lenha que trouxe de volta para a casa. Vendo-o trazer lenha seca, o seu irmão, que já havia morrido, perguntou:

– Por que você trouxe esse tipo de lenha? Ninguém usa lenha seca aqui. Na terra onde morávamos, a gente sempre usava essa lenha seca. É

³²⁸ Porque eles são Gente-Peixe.

³²⁹ Árvore não identificada.

por isso que nós morremos logo.³³⁰ Por que você não derrubou aquela árvore que lhe indicamos?

Dizendo isso, ele mandou o irmão jogar fora a lenha seca.

– Eu não derrubei a árvore que vocês me indicaram porque ela gritou. Essa árvore é uma pessoa! Por isso que eu não a derrubei, ele respondeu.

– Não! Não é uma pessoa! É um pau de verdade! É lá que nós costumamos cortar lenha. Vamos juntos até lá para ver o que acontece quando eu estou derrubando esse pau, respondeu o irmão.

Os dois foram ver. O irmão morto derrubou o pau. Desta vez, ele não gritou nem sangrou. Ele caiu como um pau mesmo. Aí, ele o cortou em pedaços, os quais rachou em seguida. Depois, ele fez vários feixes de lenha que a mulher e os filhos do seu irmão carregaram até a maloca.

– Depois de carregar essa lenha, vocês vão tomar banho no porto com aquele cipó, disse o irmão, mostrando o cipó de sabão.

No entanto, quando o homem quis pegar o cipó, ele o viu de novo como uma cobra muçurana. Por isso, ele não conseguiu pegá-lo e voltou logo para a maloca. Vendo-o retornar, o irmão perguntou:

– Você cortou um pedaço do cipó?

– Não, eu não o cortei porque ele não é um verdadeiro cipó! É uma cobra!

– Não! É um cipó! Então, vamos ver o que acontece na minha presença, ele disse.

Os dois foram até a beira do porto onde estavam os cipós de sabão. Quando chegaram, eram só cipós. O irmão do homem pegou um pedaço, raspou e tomou banho com ele.

O homem passou muito tempo com eles e acabou se acostumando a morar no rio Umari. Não aconteceu mais nada de estranho com ele. Isto é, ele não ouviu mais os paus gritarem de dor, nem os viu mais sangrar.

³³⁰ Alguns dizem que é por isso que os brancos não usam lenha seca para fazer fogo, mas somente lenha verde. De fato, tanto os *Kuphe-nzawiki* quanto os brancos somente usam lenha verde para fazer fogo.

Ele não viu mais os cipós de sabão como cobras muçuranas... Os cipós eram mesmo cipós, as árvores verdadeiras árvores e assim por diante.

Um dia, o seu sobrinho, que tinha acabado de morrer, chegou. Ele veio cumprimentá-lo:

– Você está aqui?, ele perguntou para o tio.

– Onde estão seus parentes?, perguntou-lhe então o homem.

– Eles estão todos lá, nessa terra. Eles lhe mandam lembranças, respondeu o sobrinho.

Depois de algum tempo, o sobrinho foi visitar os seus pais na terra. Antes de ir para lá, ele disse para o seu tio:

– Eles me convidaram a ir visitá-los! Por isso eu vou.

Os pais, na realidade, estavam sempre pensando nele. Cada vez que eles iam fazer alguma coisa, pensavam no filho morto:

– Hoje, meu filho, nós vamos fazer isso ou isso, eles pensavam.

Isto é, ele estava sempre presente no seu pensamento. É por isso que ele dizia que os pais o estavam convidando. Quando ele chegou na casa dos pais, eles pediram sua ajuda para carregar cana-de-açúcar para moer. Ele ficou três dias perto dos seus pais, sem ninguém o ver. Ele, ao contrário, via todas as pessoas que estavam vivendo na terra. Mas os seres humanos não o viam. De fato, ele era puro espírito. Ele os ajudou muito em pensamento. Eles fizeram um dabucuri e dançaram com ele.

Depois, ele voltou para o rio Umari, o corpo todo pintado de jenipapo, trazendo de volta os peixes moqueados e o beiju que os seus pais lhe haviam dado como presente. Quando chegou, ele os entregou para o seu tio, dizendo:

– Você os cozinhe agora. Eu vou primeiro para minha casa. Eu volto mais tarde para comê-los com vocês.

O homem ficou muito tempo no rio Umari. Chegou, no entanto, o momento em que os outros começaram a se aborrecer com a sua presença e o mandaram de volta para a sua terra.

– Regressa para a tua terra, joga fora o teu corpo e volta a morar perto de nós, disseram-lhe.

Isto é, eles o mandaram de volta aqui, nesta terra, para ele morrer, jogar o seu corpo³³¹ e regressar para o rio Umari, como puro espírito. Todos os seres humanos vão para o rio Umari depois da morte. Lá, eles ficam para sempre. Os brancos também têm o seu lugar nesse rio. Como o homem nasceu da água, isto é, da cuia de água, ele volta para lá depois da morte.

O homem voltou para a terra com a sua família. Quando chegou, os outros perguntaram:

– Você está vivo?

– Eu estou. Eu só fui olhar como era a vida no rio Umari!, ele respondeu.

Eles mandaram-no contar o que tinha visto. Ele contou tudo. Ele explicou que eles não queriam saber de pessoas vivas, que naquele lugar somente viviam espíritos³³² de pessoas que tinham morrido e que era por isso que eles o tinham mandado de volta para a terra. No dia seguinte, ele foi mordido por uma cobra jararaca na roça e morreu. Isso quer dizer que ele já tinha deixado o seu espírito no rio Umari quando ele voltou para a terra. Outros dizem que sua mulher procurou alguma coisa que ela havia guardado na casa e que uma aranha a mordeu, assim como o marido. Todos eles morreram e voltaram para sempre para o rio Umari. Outros ainda falam que o pessoal do rio Umari lhe havia recomendado para não contar a ninguém o que ele tinha visto, senão ele e sua família iriam voltar logo para junto deles.

– Se você quer viver ainda muito tempo, você não deve contar nada do que viu aqui, teriam-lhe dito.

Como ele contou tudo, morreu e foi se juntar aos mortos, no rio Umari.

Aqui termina essa história. 𐄂

³³¹ Isto é, ser enterrado.

³³² *Iñena* em tariana (*wāñitá-musí* em tukano).

Yepâ-Sũ'ria lisadoa nukili Wañahori kalísi

História de Yepâ-Sũ'ria com o sogro Wañahori

Yepâ-Sũ'ria, um Tukano, era o genro de um Desana chamado *Wañahori*. Ele morava em *Mawadali*, “Ilha do Sapo *Mawa*”, e seu sogro, na beira de um lago entre as cabeceiras de dois afluentes do rio Uaupés: o *Kepiriali*,³³³ igarapé Uiramiri, e o *Wiisuali*, ou igarapé Estrela.

Yepâ-Sũ'ria fazia uma festa na sua maloca. Era a festa da iniciação masculina e ele ensinava aos meninos os cantos e as danças. A festa durou vários dias. Certo dia, sua mulher se aborreceu. De fato, os filhos menores estavam chorando de tanta fome que eles tinham, e não havia nada para comer. Por isso, ela foi se queixar a ele:

– Você está fazendo festa todos os dias. Enquanto isso, os seus filhos menores estão passando fome.

Ouvindo isso, ele disse que havia deixado um matapi na beira do rio Uaupés e pediu para ela ir até lá pegar os peixes. Recomendou-lhe, no entanto, que retirasse os peixes pela parte de trás do matapi. Isto é, para não pegar os peixes pela boca. Ela foi com os filhos menores até o lugar onde ele havia colocado o matapi. No entanto, ao invés de tirar os peixes pela parte de trás do matapi, como ele havia recomendado, ela quis tirar os peixes pela frente e, por isso, foi engolida. Esse matapi era feito de cipós verdadeiros. Antes dela sair, *Yepâ-Sũ'ria* havia dito que buscasse os peixes no matapi, voltasse para cozinhá-los, desse de comer aos filhos e:

– Depois de dar de comer aos seus filhos, você vai tomar banho, trocar de roupa e dançar com a gente.

Mas ela não voltou para a casa. Depois de algumas horas, ele foi perguntar para as outras mulheres da maloca se ela tinha voltado. Elas

³³³ *Miriya* em tukano.

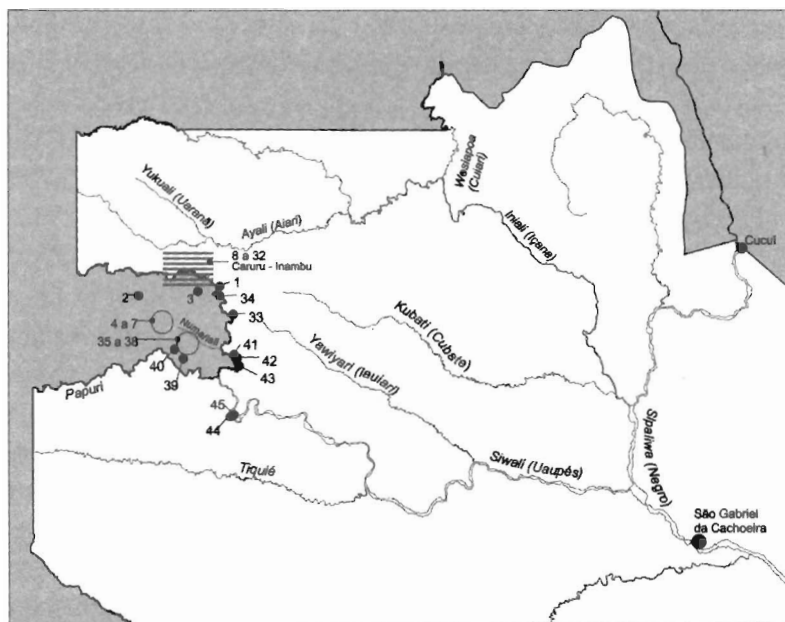
responderam que não. Ele pensou que ela havia ficado na beira do rio para cozinhar os peixes e dar de comer aos filhos. Por isso, ele não se preocupou e prosseguiu com a festa. Algumas horas mais tarde, ele perguntou de novo para as mulheres se sua esposa havia voltado. Elas responderam que não. Ele pensou então que ela tinha sido engolida pelo matapi e, por isso, foi logo até o lugar onde o havia colocado.

Enquanto isso, sentindo que algo de ruim havia acontecido com a sua filha, *Wañahori*, o pai da esposa de *Yepâ-Sũ'ria*, foi até o lugar onde o genro havia colocado o matapi. Chegando lá, encontrou a filha presa dentro do matapi e seus filhos chorando na beira do rio. Ele pegou o seu brinco e, com ele, cortou o matapi, de onde retirou a filha. Ela estava ainda viva. Depois disso, levou-a, assim como seus filhos, até a maloca. O porto da maloca de *Wañahori* era um pouco abaixo do lugar onde o genro havia colocado o matapi. Na verdade, o *Kepiriali* era o caminho que levava para a porta da frente de sua maloca.

Yepâ-Sũ'ria chegou no lugar depois que o sogro havia retirado a filha do matapi. Não vendo ninguém no matapi, nem na beira do rio, ele pensou que a sua esposa tivesse ido para a maloca do pai com os filhos. Ele voltou então para a sua maloca e ficou dançando até o dia seguinte.

Enquanto isso, *Wañahori* estava levando a sua filha com os seus netos para a sua maloca. Pensando que o genro iria atrás da mulher, ele se transformou, no caminho, em um tipo de cesto feito com cipó, chamado *turûwi* em tukano, e ficou esperando a chegada do genro. Ele queria saber se o genro iria mesmo atrás da sua mulher. Mas este não apareceu. Mais adiante, *Wañahori* se transformou no sabão de pau e ficou esperando o genro. Mas este não chegou. A sua filha e seus netos estavam na frente dele. Mais adiante ainda, ele se transformou em coati e ficou esperando o genro. Mas este não chegou. Mais adiante, ele chegou em *Wesia-hipa*,³³⁴ “Pedra-Cuia”, onde ele tomou a cuia, pegou algumas bananas, amassou-as dentro da cuia, misturou com água para fazer um

³³⁴ *Wahá-too-pa* em tukano.



Os lugares míticos desta história

em Tarairana	em Português
1. <i>Mawadali</i>	Ilha do Sapo <i>Mawaa</i>
2. <i>Kepirali</i>	Igarapé Uiramini
3. <i>Witsuali</i>	Igarapé Estrela
4. <i>Wesia-hipa</i>	Pedra-Cuia
5. <i>Kepira-yarusimaka-hipa</i>	Cachoeira do Ninho de Passarinho
6. <i>Wada-ñapu</i>	Igarapé Uirapixuna
7. <i>Haiku-sawa</i>	-
8. <i>Bisu-kaya</i>	-
9. <i>Kaini-soloaphi</i>	Panela de Manicuera
10. <i>Peeri-piwalikuna</i>	Pescoço da Águia
11. <i>Umápi-karayata</i>	Buraco de Minhoca
12. <i>Enisi-kaya</i>	Jirau de Pesca de Pedra de Quartzo
13. <i>Pipani-kuphe</i>	-
14. <i>Haiku-tudapuku</i>	Toco de Pau
15. <i>Umai-nerekuá-pipaka</i>	Bochecha de Piranha
16. <i>Isieda-tudapuku</i>	Jirau do Jabuti
17. <i>Numali-haiku</i>	Tronco de Umari
18. <i>Uuni-halepali</i>	Curva de Espuma
19. <i>Uuni-halepa-ñapu</i>	Igarapé de Espuma
20. <i>Uuni-pumenia-impu</i>	Caminho de Água Doce

em Tariana	em Português
21. <i>Dakasa-hipa</i>	Cachoeira do Poraquê
22. <i>Sidoa-hipa</i>	Cachoeira da Cana-de-açúcar
23. <i>Heni-hipa</i>	Jandu-Cachoeira
24. <i>Wayuli-haiku</i>	Tronco do Urubu
25. <i>Mami-kewere</i>	Ilha de Inambu
26. <i>Samiali-ñapu</i>	Igarapé Gafanhoto
27. <i>Ñamole-takapi</i>	-
28. <i>Ulrya-hipa</i>	Pedra de Buriú
29. <i>Enu-kewere</i>	Ilha do Inseto <i>Enu</i>
30. <i>Iiri-maali</i>	-
31. <i>Heta-hwáda</i>	Cabeça do Urubu-rei
32. <i>Kinikikai-taki</i>	Ponta da Casca de Mandioca
33. <i>Heta-hipa</i>	Pedra do Urubu-rei
34. <i>Kuisi-kalisana</i>	Igapó do Mutum
35. <i>Yákapena</i>	-
36. <i>Kumáda-kalisana</i>	Poço do Pato
37. <i>Pisi-taku</i>	Serra da Cutia
38. <i>Numaliali</i>	-
39. <i>Waduali-ñapu</i>	Igarapé Pirapucu
40. <i>Serra Niiku-pamsi</i>	-
41. <i>Yaase-kalisana</i>	Lago do Tucano
42. <i>Daapi-kalisana</i>	Igapó do Cipó
43. <i>Kawawili-kalisana</i>	Igapó do Gavião-tesoura
44. <i>Taali-inípu</i>	Aracu-ponta
45. <i>Kuisi-kewere</i>	Ilha do Mutum

tipo de mingau, benzeu e o deu para a filha e os netos. Era para lhes dar mais força.

Subindo mais adiante, ele chegou em *Púperi-taki*,³³⁵ “Bacaba-Ponta”, e, pouco depois, perto da cachoeira *Kepira-yarusimaka-hipa*,³³⁶ “Cachoeira do Ninho de Passarinho”. Lá, há um buraco com água quente onde a filha e os netos tomaram banho. Ao lado da cachoeira, há dois pés de cumá. Enquanto a filha e os netos estavam tomando banho, ele apanhou as frutas, preparou um suco que benzeu e deu para eles. Era também para lhes dar mais força.

³³⁵ *Yumúyōa* em tukano.

³³⁶ *Wiro-su 'niro-poéwa* em tukano.

Ele subiu um pouco mais adiante e chegou na boca do *Wada-n̄apu*,³³⁷ ou igarapé Uirapixuna. Lá, ele se transformou na fruta uirapixuna e ficou esperando o genro. Mas este não apareceu. Subindo mais adiante, ele chegou num lugar cheio de raízes pequenas que se chama em tariana *Haiku-sawa*.³³⁸ Aí, ele adentrou na mata e chegou até a sua maloca. A filha e os netos já haviam chegado.

Três dias depois, o genro foi atrás da esposa. Ele foi pelo mesmo caminho que eles haviam tomado. O *Kepiriali* era também um caminho para ele. Enquanto estava indo para lá, viu sinais de que o sogro o havia esperado. Isto é, em cada lugar onde *Wañahori* se transformou, ficou uma marca. *Yepâ-Sũ'ria* chegou na casa do sogro no mesmo dia em que ele resolveu ir atrás da mulher. Assim que estava subindo para a maloca, ele viu os seus filhos menores brincando no pátio. Reconhecendo o pai, estes foram logo ao seu encontro e o abraçaram. Aí, ele foi até a maloca e entrou. Sua mulher veio cumprimentá-lo, o sogro também.

– Foi o senhor que trouxe a minha mulher até aqui?, perguntou.

– Fui eu mesmo! Vendo que ela estava passando fome, assim como os seus filhos menores, já que você não vai pescar, eu fui buscá-los, ele respondeu.

- Tá bom, não tem problema!, replicou o genro.

Ele ficou um bocado de tempo na maloca do sogro. Certo dia, as mulheres da maloca prepararam caxiri. No dia seguinte, eles fizeram uma festa. Após a festa, os cunhados foram ajeitar e secar os enfeites cerimoniais que tinham usado nas danças fora da maloca. A mulher de *Yepâ-Sũ'ria* lhe havia recomendado para não tocar nas cordas de pelos de macaco, dizendo que elas eram perigosas. No entanto, depois de observar os cunhados durante um certo tempo, ele se aproximou das cordas, as quais achava bonitas, e tentou pegá-las. No mesmo instante, as cordas o enrolaram num dos esteios da maloca. A mulher estava na roça. Todavia, desconfiando que o marido iria tocar as cordas de pelos, apesar de sua adver-

³³⁷ *To'âya* em tukano.

³³⁸ *Nĩ'kôritere* em tukano.

tência, ela voltou rápido para a maloca. Quando entrou, ela viu o seu marido preso pelas cordas num dos esteios da maloca.

Ela voou então até *Puipi-uuni-pumenipoa* para buscar os caniços de folhas pequenas a fim de desmanchar as cordas. De volta à maloca, ela benzeu os caniços, transformando-os em dentes de piranha. Por isso, assim que ela bateu nas cordas com os caniços, estes as rebentaram.

O marido estava desmaiado, com a saliva saindo pela boca. Ela desamarrou as cordas e o levou até o quintal da maloca, onde o deitou e o cobriu com capim. Colocou como vigias abelhas de macaco sebo para que ninguém encostasse nele. Depois disso, ela voltou para a maloca, raspou mandioca e ralou.

Enquanto isso, o sogro e os cunhados estavam dormindo. Por essa razão, eles não viram o que tinha acontecido com *Yepâ-Sũ'ria*. Quando acordaram, eles foram à sua procura. Não achando-o, eles perguntaram para a sua mulher

– Para onde foi o seu marido?

– Eu não sei, pensei que ele tinha ficado com vocês, mentiu ela.

Ela cozinhou manicuera, preparou farinha de tapioca, espremeu a massa no tipiti, misturou a farinha com manicuera, benzeu o líquido e foi dar de beber ao marido para que ele recuperasse as forças. Depois disso, ela o levou até o *Wiisuali*. Ele estava ainda doente. Ele desceu o igarapé, chegando à foz. Entrou no rio Uaupés e desceu até Caruru-Cachoeira. Chegando lá, ele se deitou, braços e pernas abertos e ficou esperando. Ele estava apodrecendo.

Mandou então o urubuzinho *pupu-wayuli* avisar o sogro que ele estava morrendo e que este podia vir comê-lo. De fato, ele suspeitava que o sogro tivesse envenenado as cordas a fim de matá-lo.

– Já que ele fez tudo para me matar, ele pode vir me comer, ele disse.

Assim que o sogro recebeu a notícia, ele mandou a mosca *doro* verificar se o genro estava mesmo morto. A mosca entrou pelo nariz, pelas orelhas, pela boca, para revistar o interior do corpo de *Yepâ-Sũ'ria*, não encontrando nenhum sinal de vida. *Wañahori* mandou então a mosca

dupuesa que fez a mesma coisa. Ela entrou no corpo do genro, revistando-o, mas não encontrou também nenhum sinal de vida. *Wañahori* mandou então *wayuwe*, o uirapajé, para verificar se o genro estava mesmo morto. Este passou voando em cima do corpo dele, cantando no final da revista: “*titititi*”. Isso quer dizer que o genro não estava morto. De fato, se ele tivesse cantado “*tiwehē*”, isso significaria que o genro estava realmente morto. No entanto, ao cantar “*titititi*”, ele assinalava que o genro ainda estava vivo. O sogro mandou então o pássaro *wanabē*³³⁹ revistar o corpo de *Yepâ-Sū’ria*. No final da revista, este cantou: “*seo seo*”, significando, com isso, que o genro estava vivo. O sogro mandou depois *waiwaiyo*, o pássaro-trovão. No final da revista, este cantou: “*katiriri katiriri*”. Isto é, também ele estava avisando o sogro que o genro estava vivo.

No entanto, acreditando na palavra das moscas, já que elas tinham revistado o interior do corpo do genro, ao passo que os pássaros somente haviam voado por cima, o sogro resolveu aproximar-se dele. Ele pegou o seu escudo, colocou-o no cotovelo esquerdo, tomou também o murucu *tuirina* e se aproximou de *Yepâ-Sū’ria* para acabar com ele. Ele queria furar o seu peito com o murucu a fim de mandá-lo para o *Numaliali*, isto é, para o rio subterrâneo Umari. Ele se postou bem na frente do genro que, conforme vimos, estava deitado em cima da pedra com os braços e as pernas abertos. No momento em que ele colocou a ponta do murucu no peito dele, o murucu escorregou e o sogro caiu em cima do genro. De fato, este havia feito o seu peito de pedra de quartzo para se proteger. Como o seu peito era muito liso, o murucu escorregou.

Quando o sogro caiu em cima de *Yepâ-Sū’ria*, este o agarrou e passou uma corda ao redor do pescoço dele. Ele queria rebentar o pescoço do sogro. Os dois ficaram rolando em cima da pedra até a descida, no lugar chamado em tariana *Bisu-kaya*.³⁴⁰ Costuma-se colocar jiraus de pesca nesse lugar. Os dois ficaram rolando em cima da pedra até *Kaini-soloaphi*,³⁴¹ “Panela de Manicuera”. Coloca-se também nesse lugar jiraus de pesca.

³³⁹ Pássaro não identificado.

³⁴⁰ *Bekoñwa* em tukano.

³⁴¹ *Yākhāni* em tukano.

Sempre rolando, os dois chegaram em *Peeri-piwalikuna*,³⁴² “Pesçoço da Águia”. Costuma-se colocar matapis nesse lugar.

Do Pesçoço da Águia, o genro puxou o sogro pela corda até *Umápi-karayata*,³⁴³ “Buraco de Minhoca”. Os dois entraram no buraco, de onde saíram um pouco mais adiante, no lugar onde se puxa geralmente a canoa. O genro tirou de novo o sogro pela corda até *Enisi-kaya*,³⁴⁴ “Jirau de Pesca de Pedra de Quartzoz”, onde o sogro se transformou em pedra de quartzoz. Sempre puxando-o pela corda, o genro levou o sogro até *Pipani-kuphe*.³⁴⁵ É um lugar onde se costuma pegar peixes. De lá, o genro puxou o sogro pela corda até o lugar chamado *Haiku-tudapuku*,³⁴⁶ “Toco de Pau”, onde o sogro sentou. Costuma-se, hoje em dia, colocar cacuris nesse lugar.

O genro puxou de novo o sogro pela corda até *Umai-nerekuá-pipaka*,³⁴⁷ “Bochecha de Piranha”, onde o sogro se transformou em piranha. É um pouco abaixo do lugar “Toco de Pau”. De cada lado do rio, um pouco abaixo deste lugar, haviam dois Baniwa, *Yaimaka* e *Yuuri*, esperando para tirar veneno de planta. Foi o que eles fizeram.

Depois de *Umai-nerekuá-pipaka*, *Yepâ-Sũ'ria* puxou o sogro pela corda até *Isieda-tudapuku*,³⁴⁸ “Jirau do Jabuti”, onde o sogro se transformou em jabuti. Daí, o genro puxou o sogro pela corda até *Numali-haiku*,³⁴⁹ “Tronco de Umari”, onde o sogro se transformou em pé de umari. Esse lugar fica no remanso da Cachoeira de Caruru. Daí, o genro puxou o sogro pela corda até *Uuni-halepali*,³⁵⁰ “Curva de Espuma”, onde o sogro se transformou em espuma. Nesse lugar, entra o *Uuni-halepa-ñapu*,³⁵¹ igarapé

³⁴² *Aâ-wamísama* em tukano.

³⁴³ *Wásikípee* em tukano.

³⁴⁴ *Íá-boho-ewa* em tukano.

³⁴⁵ *Wa'í-ohori-witi* em tukano.

³⁴⁶ *Umú-wairo* em tukano.

³⁴⁷ *Bí'í-wa'sú-poro* em tukano.

³⁴⁸ *Ūhuri-waro* em tukano.

³⁴⁹ *Wamí-nu'kuro* em tukano.

³⁵⁰ *Sa'pô-tukú* em tukano

³⁵¹ *Sa'pôya* em tukano.

de Espuma. Os dois entraram no igarapé que subiram até *Uuni-pumenia-inipu*,³⁵² “Caminho de Água doce”, onde o genro benzeu o sogro.

Os dois desceram o igarapé até a foz, entrando de novo no rio Uaupés até *Dakasa-hipa*,³⁵³ “Cachoeira do Poraquê”, onde o sogro se transformou em poraquê. Daí, eles foram até *Sidoa-hipa*,³⁵⁴ “Cachoeira da Cana-de-açúcar”, no meio do rio, onde *Yepâ-Sũ'ria* benzeu com líquido de cana o sogro para lhe dar força. Daí, os dois chegaram em *Heni-hipa*,³⁵⁵ atual Jandu-Cachoeira, onde o sogro se transformou em aranha. Neste lugar, costuma ter piracema de araripirás.

Daí, o genro puxou o sogro pela corda até *Wayuli-haiku*,³⁵⁶ “Tronco do Urubu”, onde o sogro se transformou em urubu. Daí, o genro puxou o sogro pela corda até *Mami-kewere*,³⁵⁷ “Ilha de Inambu”, onde o sogro se transformou em inambu. Daí, o genro puxou o sogro pela corda até a boca do *Samiali-ñapu*,³⁵⁸ igarapé Gafanhoto, onde o sogro se transformou em gafanhoto. Daí, o genro puxou o sogro pela corda até a Cachoeira de Arara. No remanso da cachoeira, o sogro se transformou no cipó de caapi. Nesse lugar, os araripirás costumam também fazer piracema. Um pouco mais abaixo, há o lugar *Ñamole-takapi*,³⁵⁹ onde os dois deixaram a planta *kapi-pulia* para misturar com o caapi.

Sempre puxando o sogro pela corda, os dois chegaram em *Uliya-hipa*,³⁶⁰ “Pedra de Buriti”, onde o sogro se transformou em cacho de buriti. Nesse lugar, há também piracema de araripirás. Daí, os dois atravessaram o rio Uaupés e chegaram em *Enu-kewere*,³⁶¹ “Ilha do Inseto *Enu*”, onde o sogro então se transformou no pequeno inseto chamado em

³⁵² *Akó-pitirimu* em tukano.

³⁵³ *Sã'á-powêa* em tukano.

³⁵⁴ *Ãrî-powêa* em tukano.

³⁵⁵ *Bipîmu* em tukano.

³⁵⁶ *Yukâ-si'tiri* em tukano.

³⁵⁷ *Ãhâ-mikîro* em tukano.

³⁵⁸ *Poreróya* em tukano.

³⁵⁹ *Kapî-morése* em tukano.

³⁶⁰ *Koã-tuti* em tukano.

³⁶¹ *Bipô-nikîro* em tukano.

tarianaenu. Depois, chegaram em *Iiri-maali*,³⁶² “Garça Vermelha”, onde o sogro se transformou nesse pássaro. Os Wanana chamam esse lugar *Dasuti*.

Daí, os dois chegaram em *Heta-hiwida*,³⁶³ “Cabeça do Urubu-rei”, na beira do rio, onde o sogro se transformou em urubu-rei. Foi nesse lugar que o genro arrancou a cabeça do sogro com a corda. Aqui também costuma-se ter piracema de araripirás. Daí, o genro levou o sogro até *Kinikikaitaki*,³⁶⁴ “Ponta da Casca de Mandioca”, onde o sogro se transformou em casca de mandioca. Nesse lugar, costuma-se ter piracemas de araripirás e de aracus.

Os dois se separaram. *Yepâ-Sũ’ria* voltou para a sua casa, em *Mawadali*, onde ficou. O sogro, por sua vez, desceu o rio Uaupés até *Heta-hipa*,³⁶⁵ “Pedra do Urubu-rei”. Fica acima de Santa Rosa e Juquirá. Daí, ele foi para a sua maloca onde ficou.

Depois de um certo tempo, *Wañahori* pensou em se vingar do genro. Ele foi então até *Kuisi-kalisana*,³⁶⁶ “Igapó do Mutum”, acima de *Mawadali*. Lá, se transformou em *kuisi-yumáwali*,³⁶⁷ “Cobra-mutum”. De madrugada, a sua filha ouviu o mutum cantando:

– “*Yepâ-Sũ’ria kanibee Yepâ-Sũ’ria kanibee...*”

Ele estava ralhando com o genro, dizendo:

– Bem que você tentou me matar, mas você não conseguiu.

Ouvindo isso, a mulher acordou *Yepâ-Sũ’ria*, dizendo para ele:

– Escuta o mutum que está ralhando com você!

Ele saiu da maloca para ouvir o canto do mutum. Verificou que ele estava mesmo ralhando. Ele entrou de novo na maloca, preparou dois estojos de flechas, pegou a sua zarabatana, o seu banco e o seu escudo, e saiu para matar o mutum. Já era de madrugada. Ele subiu com a canoa em

³⁶² *Dũ-yehê* em tukano.

³⁶³ *U’awá-čipôa* em tukano.

³⁶⁴ *Kit-kasêri-yôa* em tukano.

³⁶⁵ *U’awá-duri* em tukano.

³⁶⁶ *Wã’rôpita* em tukano.

³⁶⁷ *Wã’rôpi-pirô* em tukano.

direção ao lugar onde se ouvia o canto do mutum, mas não conseguiu encontrá-lo. De fato, o canto se ouvia em toda parte, isto é, de todos os lados. Ele procurou então alguns galhos, acendeu fogo e ficou esperando, esquentando o corpo. Ele estava encostado num uapuizeiro. Na verdade, ele estava no cu da cobra-mutum que estava de pé. Mas ele não o sabia. O sogro tinha virado cobra-mutum.

Yepâ-Sũ'ria ficou esperando o dia clarear para flechar o mutum. Assim que estava clareando, a cobra-mutum caiu em cima dele e o engoliu. O genro, dentro da barriga da cobra, sentou-se no seu banco e se protegeu com o escudo que havia trazido. A cobra-mutum desceu até o rio Uaupés. No meio do rio, ela encontrou algumas pedras que engoliu, a fim de triturar o genro dentro da sua barriga. No entanto, com o seu escudo, este empurrou as pedras para fora, fazendo a cobra vomitar. Daí, ela veio descendo até o lugar chamado *Yákapena*,³⁶⁸ onde engoliu folhas podres. Mas o genro, mais uma vez, empurrou para fora as folhas com o escudo, fazendo a cobra-mutum vomitar novamente. Daí, a cobra-mutum desceu até *Iri-hipa*,³⁶⁹ “Pedra de Sangue”, atual Umari-Cachoeira.

Enquanto a cobra-mutum estava descendo o rio, *Yepâ-Sũ'ria* ficou furando a barriga dela com as flechas, das quais ele quebrava as pontas. Mesmo assim, o sogro não morreu. Em Umari-Cachoeira, *Yepâ-Sũ'ria* conseguiu sair da barriga da cobra-mutum. De fato, ele tinha sonhado com seus parentes que o avisaram que ele devia sair da barriga da cobra nesse lugar. Foi o que ele fez.

Depois de sair da barriga da cobra-mutum, *Yepâ-Sũ'ria* transformou-se no pássaro maçarico. No entanto, pouco depois, uma bolota grande começou a crescer no seu cu e ele ficou chorando de dor. *Aini*, as cabas, que eram suas parentes, chegaram. Eram três: a caba branca, a caba vermelha e a caba preta. Elas queriam benzê-lo. Por isso, elas se aproximaram dele e se puseram a morder a bolota, tentando empurrá-la para dentro. Gritando de dor, *Yepâ-Sũ'ria* arreventou o corpo delas.

³⁶⁸ *Pũrî-itio* em tukano.

³⁶⁹ *Diípa* em tukano.

– Então, mesmo sendo Deus, você não nos reconheceu!, disseram-lhe as cabas. Nós somos os seus parentes e viemos aqui para benzer você.

Ouvindo isso, ele emendou a parte quebrada do corpo delas. É por isso que, hoje em dia, a parte média do corpo das cabas é muito fina. As cabas avisaram-no então que as abelhas viriam também para benzê-lo. Estas chegaram pouco depois e fizeram como as cabas, isto é, elas morde-ram a bolota, fazendo-o gritar de dor. Enquanto ele gritava, a bolota entrou no cu. *Yepâ-Sũ'ria*, sabendo que elas estavam ali para benzê-lo, não fez nada contra elas.

Quando ficou bom, ele entrou no *Numaliali*, igarapé Umari, que subiu até a cabeceira onde há um poço chamado *Kumãda-kalisana*,³⁷⁰ “Poço do Pato”. Perto da cabeceira, há um igarapé, também chamado *Numaliali*. Ele entrou neste igarapé que subiu até a cabeceira, onde há uma pequena serra chamada *Pisi-taku*,³⁷¹ “Serra da Cutia”. Assim que chegou, ele levantou o murucu para ver qual direção ele ia indicar. A ponta caiu na cabeceira do *Waduali-ñapu*,³⁷² igarapé Pirapucu, um afluente do rio Papuri. Na cabeceira deste igarapé, há uma serra chamada *Niiku-panisi*.³⁷³ Ele ficou para sempre nesse lugar. Hoje em dia, quando alguém vai para lá caçar ou pescar, ele bate com o pé na pedra. Ouve-se então “*niiku niiku*” debaixo da terra. É *Yepâ-Sũ'ria* que responde.

Depois que *Yepâ-Sũ'ria* saiu da sua barriga, a cobra-mutum veio descendo o rio até *Yaase-kalisana*,³⁷⁴ “Lago do Tucano”, onde se transformou em um tucano e ficou boiando. Esse lugar fica um pouco acima de Miriti. É um lugar onde se pega rãs no início da enchente. Daí, ele desceu até *Daapi-kalisana*,³⁷⁵ “Igapó do Cipó”, onde ele se transformou num feixe de cipós. Daí, ele desceu o rio Uaupés até *Kawawili-kalisana*,³⁷⁶ “Igapó do Gavião-tesoura”, onde ele se transformou nesse pássaro.

³⁷⁰ *Pato-ditãra* em tukano.

³⁷¹ *Wa'sai* em tukano.

³⁷² *Yôsôwînsã* em tukano.

³⁷³ *Niiku-wi'i* em tukano.

³⁷⁴ *Dasê-taa* em tukano.

³⁷⁵ *Misê-taa* em tukano.

³⁷⁶ *Pñikô-sê'e* em tukano.

Daí, ele desceu até um pouco abaixo de *Taali-inipu*,³⁷⁷ atual Aracuponta. Atrás, há uma ilha chamada *Kuisi-kewere*,³⁷⁸ “Ilha do Mutum”, onde ele virou de novo *kuisi-yumáwali*, cobra-mutum. Daí, ele foi para o remanso da ilha, onde ele voltou a ser ele mesmo, isto é, um ser humano. Foi também nesse lugar que ele retirou do seu corpo as flechas que o genro havia enfiado. As pequenas ilhas que se vê nesse lugar são as flechas que ele retirou do seu corpo e colocou em cima das pedras. Nesse lugar, ele também pegou abacaxis, preparou um suco, benzeu e tomou. Aí, ele voltou pelo ar até a sua maloca onde ele ficou para sempre. *Yepâ-Sũ’ria* e seu sogro nunca mais se viram. A esposa de *Yepâ-Sũ’ria* ficou na maloca dele, em *Mawadali*, como os seus filhos.

Aqui termina essa história. ☺

³⁷⁷ *Bo’teâ-petâ* em tukano.

³⁷⁸ *Wã’rôpĩ-mikĩro* em tukano.

Lepi-keeri kalísi

História da lua

Havia quatro irmãos. Os dois maiores eram casados, o terceiro e o último solteiros. O segundo dos irmãos costumava pescar à noite. Depois que ele saía para pescar, o terceiro se aproximava da mulher dele, querendo ter relação sexual com ela. Ele fazia isso todas as noites. Isto é, todas as noites os dois faziam sexo após o marido dela ter ido pescar. Certa noite, a mulher se aborreceu. Ela não sabia quem era aquele homem que a visitava cada noite e, por isso, decidiu deixar uma marca no rosto dele. Ela preparou jenipapo. Quando ele chegou, ela o marcou bem na testa. No dia seguinte, o marido voltou da pescaria e mandou sua mulher cozinhar os peixes. Ela lhe contou tudo, dizendo que ela havia marcado o rosto daquele homem que a visitava cada noite para ter relações sexuais.

– Um rapaz vem deitar comigo todas as noites. Eu me aborreci e, por isso, eu marquei com jenipapo a testa dele para saber quem é ele, ela explicou para ele.

Quando os peixes estavam cozidos, o marido convidou o pessoal da maloca para comer. Ele fez isso de propósito para tentar descobrir quem tinha o rosto marcado. Todo mundo chegou, menos o terceiro irmão, que ficou deitado na rede. Ele foi então perto dele:

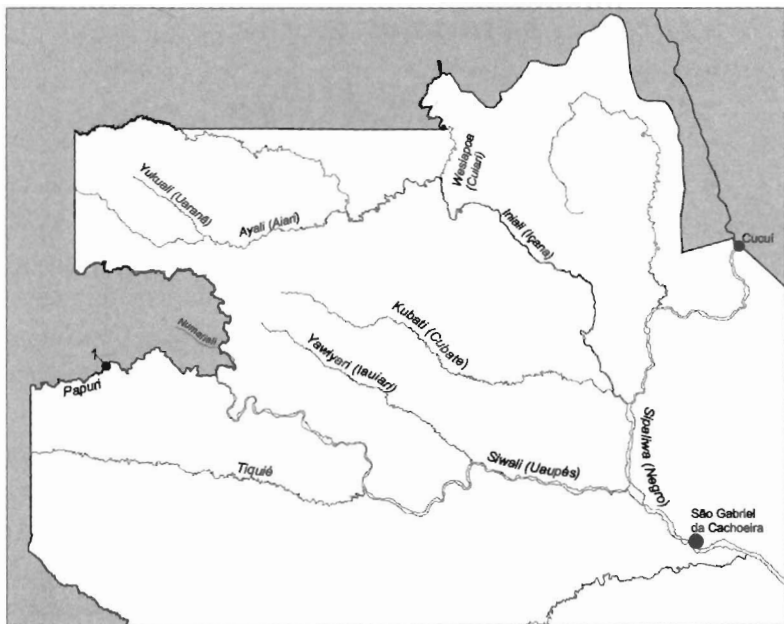
– Você está doente?, ele perguntou.

– Não, estou somente deitado, não estou doente, ele respondeu.

O maior insistiu para que ele fosse comer junto com eles. Ele foi, mas ficou comendo com a cabeça virada de lado, para não mostrar a marca preta na sua testa. Vendo isso, o marido foi olhar o outro lado da face do irmão. Foi aí que ele viu a marca preta na testa.

– Então é você que visita a minha mulher todas as noites quando estou pescando? Por isso, a minha mulher ficou aborrecida e marcou você na testa com jenipapo, ele disse.

No dia seguinte, ele o convidou para uma caçada. Ele queria matá-lo. Os dois foram para a mata. Chegando lá, o segundo dos irmãos cortou



**O lugar mítico
desta história**

em Tariana	em Português
1. <i>Kamaruda-hipada</i>	Cachoeira de Montfort

o pênis do terceiro e o jogou fora. Ele morreu. Vendo-o morto, o segundo o encostou no pau pulga e voltou para a casa. Vendo que seu irmão não voltava mais, o primogênito começou a procurá-lo. Ele o procurou durante muito tempo, mas não encontrou. Certo dia, ele foi buscar caniços na mata. Foi aí que viu o irmão morto. Ele já estava mofando. O primogênito o benzeu e ele voltou à vida. Ele o levou então até um igarapé onde lhe deu um banho para tirar o mofo do corpo. Vendo que ele não tinha mais pênis, pegou um tipo de cogumelo chamado em tariana *neyarute-pipanipe*,³⁷⁹ isto é, “pênis da lua”, e colocou no lugar. Depois de ter feito isso, ele o levou de volta em direção à maloca. Enquanto os dois estavam se aproximando, aquele que o havia matado,

³⁷⁹ *Muhî-pîu-nurî* em tukano.

se transformou no passarinho *kepira*,³⁸⁰ pousou na cumeeira da maloca e começou a cantar:

– *Iñe linumhãde*, isto é, “Lá vem aí o Diabo!”.

Ouvindo isso, o menor virou para trás. Ele queria voltar para a mata, mas ele tropeçou e caiu morto. Os outros o enterraram. A sepultura dele fica na cabeceira do rio Papuri, acima de *Kamaruda-hipada*,³⁸¹ isto é, “Cachoeira de Montfort”. Hoje em dia, pode-se ver no meio do rio uma pedra bem lisa: é a sepultura dele.

Depois de enterrá-lo, eles benzeram o caçula para ser a lua. Colocaram na cabeça dele um cocar de penas de arara. É o cocar de penas que dá luz à lua, é ele que lhe serve de lanterna. As marcas que se vê hoje na lua são o sinal que a cunhada deixou na testa do terceiro irmão. Isto é, a marca passou para o caçula.

Aqui termina essa história. ☺

³⁸⁰ *Yamâ-kaa-sê'erro* em tukano. Pequeno pássaro não identificado.

³⁸¹ *Butuó* em tukano.

Wayuli-nawíki ãsiali kalísi

História do homem com os urubus

Um homem desta terra foi esperar as moças-urubu perto de uma anta morta onde elas costumavam comer tapurus. Para elas, os tapurus eram peixinhos. O homem foi, olhou para elas e voltou para a sua casa. As moças eram muito bonitas. Quando chegou na casa, ele contou para sua avó que ele tinha visto algumas moças bonitas e que ele queria uma delas. A avó o autorizou a pegar uma das moças:

– Pode ir pegar, sou velhinha, não dou mais conta de fazer comida para você. Pode ir pegar uma delas, se quiser.

Ouvindo isso, ele foi até o lugar onde as moças-urubu estavam comendo os tapurus. Ele foi de manhã cedo e procurou um lugar onde deitar. Ele viu uma árvore com raízes enormes na superfície da terra. Ele arrancou as raízes num lado, mediu-as do tamanho dele e cavou um pouco embaixo. Quando tudo ficou pronto, ele se deitou no chão, cobrindo-se com as raízes, colocou umas folhas em cima da sua testa e ficou esperando. As moças-urubu chegaram pouco depois. Elas tiraram as camisas de urubu e as penduraram num galho. Foi aí que elas viraram moças. Uma delas se aproximou do lugar onde o homem estava deitado, pendurando a camisa perto dele. Assim que ele a viu, ele se levantou, agarrou a camisa dela. Vendo que ele estava segurando a camisa de uma delas, as outras moças pegaram logo as próprias camisas, vestiram-nas e fugiram voando. Enquanto isso, o homem segurava a camisa da moça para impedi-la de fugir. Ela pediu para ele devolver a camisa, mas ele não quis. Ela perguntou, então, o que ele queria com ela:

– Eu quero que você seja a minha esposa, ele respondeu.

– Tá bom, já que você me quer, mas vamos primeiro à minha terra.

Ela mandou-o segurar-se firme nela. Ele subiu em cima dela, colocou as mãos na cintura e as pernas no pescoço dela. Ela lhe havia pedido para se segurar bem porque o caminho do vento era muito forte.

Enquanto eles estavam atravessando o caminho do vento, ela deu uma zoadá: “wêêuuuu”. Alguns dizem que sempre se ouve esse som antes do verão, outros falam que o urubu está puxando folhas de patauá para moquear os peixinhos que ele pescou. Eles atravessaram o caminho do vento até chegar na terra dos urubus. Esta fica embaixo do sol. Quando chegaram, os pais da moça perguntaram por que motivo ela estava trazendo um homem para a terra deles.

– Eu o trouxe até aqui para ele ser o meu esposo, ela respondeu.

Aí, ela explicou o que havia acontecido e como iria ser no futuro.

– Ele me quer como esposa. Por isso, eu o trouxe até aqui.

Ele viveu um bocado de tempo com eles. Os sogros e os cunhados o levavam sempre na roça para ajudar. Ele ficava encarregado de jogar fora o capim que eles arrancavam. Isto é, os velhos capinavam, as crianças recolhiam e juntavam o capim num aturá e o homem jogava o capim na beira da roça. Eles não lhe pediram para capinar. Quando eles acabaram de limpar as roças, eles pediram para o homem ajudá-los a abrir uma roça. Eles costumavam trabalhar todos juntos. Isto é, eles trabalhavam na roça de um dos urubus, depois na de um outro, e assim por diante, até abrir as roças de cada um. Eles abriram uma roça para cada um deles. Quando acabaram, mandaram o homem fazer uma roça para si e foram ajudá-lo.

Ele abriu primeiro uma roça numa capoeira nova. Assim que terminaram de derrubar, roçar e queimar, ele plantou. Depois, ele abriu uma roça numa capoeira velha, com paus de imbaúba grossos. Vendo-o abrir uma roça numa capoeira de imbaúbas, os urubus perguntaram:

– Será que você vai agüentar? Esses uacuzeiros são muito duros.

Com efeito, os imbaúbas eram, para eles, uacuzeiros. No entanto, para o homem, eram imbaúbas. Ele respondeu que iria agüentar porque era acostumado a derrubar esse tipo de mata. Para os urubus, a capoeira velha era mata virgem. Eles prepararam então um tipo de jirau ao redor de cada imbaúba para ajudá-lo a derrubar. Enquanto isso, o homem as derrubou assim mesmo, isto é, sem fabricar nenhum jirau. Vendo isso, eles falaram para ele:

– Você é mesmo muito forte! Você está superando todos nós!

Quando acabou, o homem foi abrir uma roça na mata virgem. Para os urubus, a mata virgem era capoeira velha. Por isso, eles derrubaram os uacuzeiros como se fossem imbaúbas, sem preparar nenhum jirau para ajudar. Proibiram o homem de derrubar os pés de uacu, mandando-o derrubar somente os paus pequenos.

O homem ficou muito tempo com eles, sempre ajudando os cunhados. Com a mulher, ele teve quatro filhos. Um dia, ele disse para ela:

– Vamos para a minha terra.

Eles foram então visitar a avó dele. Chegando na terra, a mulher quis logo ver as roças do seu esposo. Na roça, havia todas as plantas que se costuma encontrar nas roças, tais como mandioca, carás, abacaxis, batatas, cana... A mulher-urubu limpou duas roças num só dia. Foi então que ela se deu conta de que todas as plantas que existiam nas roças dos urubus não se encontravam nas roças do esposo. Ela achou também as roças do marido muito pequenas e notou que quase não havia nada nelas enquanto que naquelas dos urubus havia sempre uma fartura de plantas. Por isso, ela quis voltar para a sua terra:

– Aqui não presta, ela disse.

Assim que ela acabou de capinar, ela convidou o marido a voltar para a terra dela. Mas ele não quis. Ele queria ficar um pouco mais perto da avó. Por isso, ela voltou sozinha. Ele ficou um bocado de tempo na terra. Um dia, ele mandou um recado para a mulher vir buscá-lo. Ela desceu então na terra. Ele convidou a velha avó a vir com eles, mas esta recusou. Os dois foram então embora, deixando a velha sozinha. Enquanto eles estavam atravessando o caminho do vento, ele olhou para trás e esqueceu de se segurar nela. Aí, ele caiu na terra e morreu.

Aqui termina essa história. ☺



Suneri kalísi

História da origem das mochivas

Uma mulher kubeo tinha uma filha moça. Um tio materno a levou para ser sua nora. A mãe foi também com eles. Mas a moça não quis ficar e fugiu da maloca com a mãe. As duas anoiteceram na mata. Encontraram então uma maloca onde entraram para pernoitar e ataram as suas redes. Não havia nenhuma rede. Somente havia uma fogueira velha e, deitado nela, um menino de uns dez anos de idade. Era *Púperi-iñe*,³⁸² o “Diabo-bacaba”. O corpo dele estava coberto de mofo. Vendo o menino, elas lhe perguntaram onde estavam os seus pais e o que eles estavam fazendo.

– *Púperi*, ele respondeu.

Ouvindo isso, elas perguntaram:

– Os seus pais foram tirar bacabas? Eles foram tirar patauá?

Ele respondeu de novo *púperi*. A cada pergunta que elas faziam, ele sempre respondia a mesma coisa, isto é, *púperi*.

De tardinha, elas levaram o menino para o porto para tirar o mofo do seu corpo. Deram-lhe banho e o trouxeram de volta para a maloca. Deitaram-no em cima de folhas dentro da fogueira, no mesmo lugar onde ele estava quando elas entraram na maloca. Elas cozinham os peixinhos que haviam levado, oferecendo um pouco para ele em cima de um pedaço de beiju. Ele recebeu o pedaço de beiju com os peixinhos mas o jogou fora. Depois de comer, as duas mulheres se deitaram na rede para dormir. Durante a noite, a criança foi deitar debaixo da rede da moça. Assim que ela fechava os olhos para dormir, ele colocava a mão na vagina dela. Ele fez isso várias vezes. Quando ela acordava, ele tirava logo a mão e deitava de novo. Vendo que ele não a deixava dormir direito, a moça contou para a mãe que o menino a estava importunando.

– Cada vez que eu tento dormir ele faz isso, ela disse.

³⁸² *Yumû-wãñi* em tukano.

Ela estava muito chateada com a criança que não a deixava dormir, porque ele sempre mexia com ela.

– Pega a criança e coloca-a na sua rede, aconselhou a mãe.

A moça pegou a criança e a colocou na sua rede. Ela conseguiu enfim dormir, a sua mãe também. A criança estava deitada em cima da barriga da moça. Enquanto ela estava dormindo, ele fez relação sexual com ela. No sonho, a mãe da moça viu algumas pessoas lhe dizendo que ela não estava cuidando bem da sua filha e que um homem a estava matando. Ela acordou de repente e olhou para a rede da sua filha. Ela não estava. A mãe se levantou então da rede e saiu da maloca. Ela viu uma palmeira de bacaba que estava crescendo. A palmeira, que havia entrado pela vagina da moça, estava saindo pela parte superior da cabeça dela. Vendo isso, a mãe começou a gritar. Mais tarde, vendo que ela não podia fazer nada já que sua filha estava morta, ela voltou para a sua casa.

Chegando lá, ela contou todo o que tinha acontecido e convidou os seus parentes a vir com ela derrubar o pé de bacaba para poder recuperar o corpo da filha. Todos eles foram. Quando chegaram, eles viram que a palmeira havia estraçalhado o corpo da moça. Eles juntaram os pedaços de corpo caídos no chão e derrubaram em seguida o pé de bacaba que cortaram em pedaços. Depois, eles voltaram para sua maloca, levando o corpo e os pedaços de carne da moça que enterraram.

Depois de um certo tempo, eles foram de novo para a maloca. Eles queriam saber o que havia acontecido com a palmeira. Quando chegaram, eles viram muitas mochivas dentro dos pedaços de bacaba. Aí, eles racharam a palmeira e recolheram as mochivas que levaram para comer. Chegando na maloca, eles assaram as mochivas no fogo, benzeram-nas e comeram. Eles as benzeram para que não acontecesse nada de ruim para eles, já que sua carne provinha de *Hiiri-iñe*,³⁸³ o “Diabo-rato”.

Aqui termina essa história. ⑤

³⁸³ *Bi-ṭ-wāñ* em tukano. Quando o menino era vivo, ele era *Púperi-iñe*, o Diabo-bacaba. No entanto, quando eles derrubaram a palmeira, ele virou o *Hiiri-iñe*, o Diabo-rato.

Mâli liamhãde ãsiali waakama wemaniyu kalísi

História do homem que foi com as garças até a casa de Weño³⁸⁴

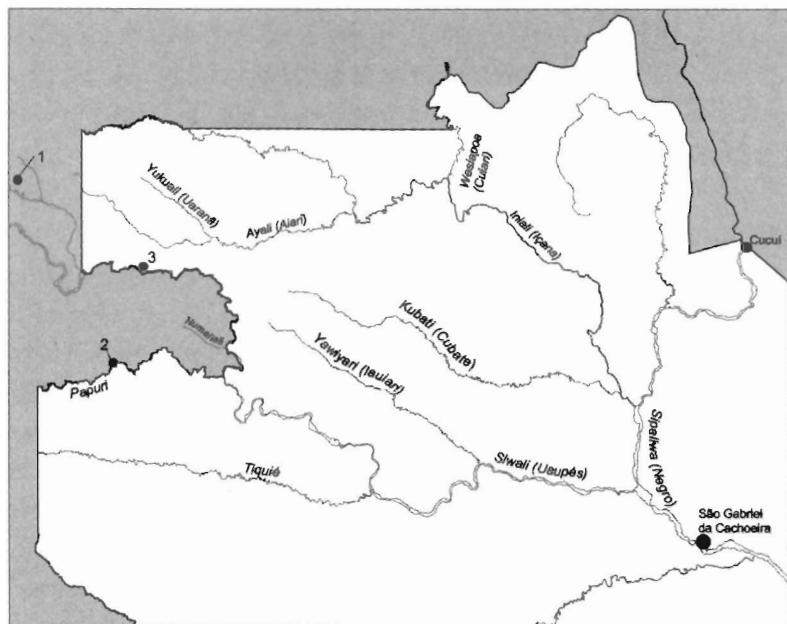
O início da enchente, em março, é o tempo em que as garças sobem até as cabeceiras dos rios para chegar em *Ãli-kalisana*,³⁸⁵ “Lago do Jaburu”, na casa da sua avó *Weño*. Nesta época do ano, todos os pássaros vão renovar a sua casa. *Weño* é a avó de todos os pássaros. Chegando na casa dela, eles trocam o caraná do teto por suas penas. Para eles, as penas são caraná. Eles fazem o mesmo com as paredes. Em julho, no início da vazante, eles vão embora. Eles fazem isso todos os anos. Quando chegam na casa de *Weño*, eles fazem uma grande festa e dançam.

No fim do dilúvio, um homem ficou em cima de *Kamaruda-taku*,³⁸⁶ “Serra de Cupim”, para escapar da enchente. Ele ficou lá um bocado de tempo. Quando as garças estavam indo para a casa de *Weño*, elas viram um homemilhado naquela montanha e foram perguntar o que ele fazia lá. Ele pediu para as garças o levarem. Por isso, elas foram tirar leite de sorva que colocaram no corpo dele. Depois, colocaram penas para ele poder voar. Ele foi com elas até a casa de *Weño* com a aparência de uma garça. Quando chegaram, *Weño* ofereceu-lhes beiju. Os pássaros da natureza tinham direito de se servir. Assim que arrancavam um pedaço, o beiju emendava. Mas o homem não podia se servir sozinho. As garças haviam dito a ele que iriam lhe dar pedaços de beiju. Mas como ele estava com muita fome, comia rápido e sempre pedia mais um pedaço. Por isso, elas acabaram por se cansar. Vendo que elas não queriam lhe dar beiju a cada instante, ele decidiu se servir sozinho e arrancou um pedaço. O beiju não emendou mais. Ficou desde já aquele sinal. Vendo isso, *Weño* disse:

³⁸⁴ *Weyo* em tukano.

³⁸⁵ *Eôroko-ditâra* em tukano.

³⁸⁶ *Buture* em tukano.



Os lugares míticos desta história

em Tariana	em Português
1. <i>Āli-kalisana</i>	Lago do Jaburu
2. <i>Kamaruda-hipada</i>	Cachoeira de Montfort
3. <i>Yapa-kewere</i>	Ilha de Tucunaré

– Há um estranho no meio de vocês.

Quando as garças chegaram na casa de *Weño*, elas bateram suas asas para tirar todas as penas. Era para cobrir a casa de *Weño* com elas. Quando elas tiravam as penas, elas ficavam na forma de gente. Mas elas tinham recomendado ao homem para não fazer o mesmo, senão ele iria perder as penas que haviam colado no seu corpo e, por isso, não poderia mais voltar com elas. Mas quando o homem viu os outros tirarem todas as suas penas, fez o mesmo. Por isso, como ele se desfez das penas, não podia mais ir embora. Quando os outros estavam saindo, disseram para ele:

– Você fica como pescador da nossa avó.

Eles foram todos embora, deixando-o sozinho na casa de *Weño*. Ele ficou muito tempo nessa casa. Ele pescava, sempre trazendo acarazinhos

que ela cozinhava e lhe dava também de comer. Um dia, ele quis fazer sexo com ela. Mas *Weño* não era uma mulher para isso. Todos os homens sabiam isso. Com efeito, essa mulher não foi feita por ninguém, isto é, ela não foi concebida por ninguém. Todos os homens sabiam que no seu púbis havia muitos insetos e animais venenosos, tais como aranhas, escorpiões, tocandiras, lacraias. Para dizer a verdade, todos os bichos que feriram estavam no seu monte de vênus. *Weño* avisou para que ele não encostasse nela, mas ele não escutou e fez sexo com ela, de tanta vontade que tinha. Por isso, os animais e os insetos que se encontravam nos pentelhos dela o picaram no pênis. Este, assim como os testículos, começou a inchar e inflamar. O pênis cresceu muito. Os órgãos genitais inflamaram tanto que ele não podia mais andar. Mesmo assim, ele conseguiu ir até o cercado que as garças haviam construído para *Weño* para pescar alguns acarás. As garças haviam construído esse cercado para *Weño* comer na época da seca dos rios. O homem voltou com os acarás. Ela os cozinhou e os dois comeram. Vendo que ele não conseguia mais andar, ela falou:

– Fica sentado perto do cercado! Você não precisa mais pescar para mim. Fique olhando para os acarazinhos! São eles que vão curar você.

Ele voltou para o cercado onde sentou e ficou olhando para os peixinhos presos. Os acarás vinham encostando. Quando chegavam perto dele, voltavam. Fizeram assim várias vezes. Num certo momento, alguns tiraram o seu couro e chegaram perto do homem em forma de gente.

– O que você está fazendo aqui?, perguntaram para ele.

– Eu estou passando muito mal, ele respondeu.

– Nós também estamos passando muito mal! Nós estamos presos dentro desse cercado e não podemos sair daqui.

Vendo o seu estado, eles perguntaram se ele não queria ser operado por eles.

– Sim, eu quero, ele respondeu logo.

Eles foram chamar dois rapazes que sabiam operar. Eram da etnia *Umai-minane*,³⁸⁷ isto é, das piranhas. Eles chegaram em forma de gente e

³⁸⁷ *Bi'á-masá* em tukano.

logo perguntaram para ele o que tinha acontecido. Ele contou que havia feito sexo com *Weño*:

– Por essa razão, isso aconteceu comigo, ele completou.

– Essa mulher é muito perigosa. Ouvimos falar que ninguém pode encostar nela, disseram. Você quer que a gente opere?

– Eu quero!, ele respondeu.

Eles foram olhar o pênis dele.

– De que tamanho você quer o pênis? Dois dedos, quatro dedos, ou um palmo?, perguntaram.

– Eu quero do tamanho de dois dedos, ele respondeu.

Eles o cortaram então com seus dentes do tamanho que ele queria. Saiu muito sangue. Quando o sangue parou, eles colocaram a ponta do pênis na parte cortada e mandaram que ele segurasse. Foi o que ele fez.

– Nós vamos chamar agora nossos primos. Eles sabem operar os caroços,³⁸⁸ disseram depois.

Eles foram chamar dois rapazes. Eram dois arapaços. Com o bico, o primeiro furou um dos caroços: “*tsak!*”. Começou a sair água. O outro fez a mesma coisa no outro caroço. Os dois abriram então o buraco com o bico.

– Pega uma tigela de folhas e tira essa água, disseram para o homem.

Era para as cabas não lamberem.

– Elas também querem fazer algo para você, mas elas são perigosas. Elas ferram, explicaram para ele.

É por isso que eles haviam pedido para ele recolher a água dos caroços e jogar fora. Ele ficou bom. Os acarás lhe pediram então para abrir o cercado que os mantinha presos. Foi o que ele fez. Eles puderam assim sair. As piranhas perguntaram então para o homem:

– O que você vai fazer agora?

– Eu não sei, ele respondeu.

– Você quer voltar para a sua casa? Se quiser, podemos tomar emprestada uma canoa do nosso parente *Uuni-kumãda*,³⁸⁹ o marreco pequeno.

³⁸⁸ Isto é, os testículos.

³⁸⁹ *Diã-po'o* em tukano.

Ele disse que queria e eles foram pedir a canoa para *Uuni-kumãda* que a emprestou. Eles a trouxeram de volta, assim como um remo. Quando chegaram, eles disseram:

– Aqui estão a canoa e um remo. Você pode voltar agora para sua casa. Nós temos também rancho para você.

Deram-lhe então maniuaras, saúvas, formigas e beiju.

– Você pega essas maniuaras, essas saúvas e come. Depois, você pega um pedaço de beiju e o molha numa tigela. Quando acabar de comer, amasse bem o beiju e beba como chibé, explicaram para ele.

Antes dele ir embora, recomendaram:

– Você deve dormir longe daqui. Não fique perto!

De fato, se dormisse por perto, poderia acontecer outra desgraça para ele e sua doença poderia voltar.

Ele foi embora na canoa. Na primeira noite, ele dormiu na boca do *Siāsiali*,³⁹⁰ igarapé Caruru, na cabeceira do rio Uaupés. Na segunda, ele dormiu na boca do *Kuphiluali*,³⁹¹ igarapé Cubiu. Na terceira, ele dormiu em *Kuwai-pani*, isto é, em Jurupari-Cachoeira.

– A minha casa fica perto daqui. Eu vou chegar daqui há pouco, ele pensou todo contente.

Na quarta noite ele dormiu em *Hepisi-poa*,³⁹² isto é, na boca do igarapé Ji, um afluente do rio Uaupés. Aí, ele pensou:

– Está muito perto agora. Hoje mesmo vou chegar no meu povoado.

Ele se transformou então num rouxinol e voou até *Yapa-kewere*, Ilha de Tucunaré. Quando chegou em casa, ele entrou e cumprimentou os seus cinco irmãos. Estes lhe disseram:

– Nós tentamos acordar você, mas não conseguimos. Por isso, nós o deixamos em cima da serra. O que aconteceu?

Aí ele contou tudo. Ele explicou que quando acordou, o rio estava muito seco e que não dava mais para pular. Por isso, ele ficou durante

³⁹⁰ *Moâya* em tukano.

³⁹¹ *Etoâya* em tukano.

³⁹² *Komêya pi`tó* em tukano.

muito tempo no topo da serra. Ele disse que depois chegaram garças que o levaram até a casa de *Weño*. Ele contou que elas haviam colado penas no seu corpo para ele poder voar, mas que como ele as havia tirado, não podia mais ir embora. Por isso, ele ficou lá, como seu pescador, durante muito tempo. Ele falou também que fez sexo com ela e que se deu muito mal com isso. Ele explicou que seu pênis e testículos incharam muito e que não conseguia mais andar, de tanta dor que tinha. Ele contou por fim que chegara até aqui com uma canoa emprestada por um primo das piranhas que o curaram. Ele contou tudo o que havia acontecido com ele.

– Todos nós ouvimos falar que ninguém podia encostar naquela mulher. É proibido tocar nela. É por essa razão que aconteceu isso com você, eles falaram.

– Mas como você se curou?, perguntaram-lhe em seguida.

Ele explicou que as piranhas e os arapaços o operaram.

– Será que eles falaram alguma coisa enquanto estavam o operando? Será que eles não falaram também em benzer?, perguntaram eles.

– Eles disseram que eu devia recolher a água que estava saindo dos caroços e que essa água era muito doce.

– Quer dizer então que eles benzeram você. É isso que devemos soprar em você, responderam.

Com efeito, eles estavam percebendo que o seu irmão não estava totalmente curado. É por essa razão que eles tinham perguntado isso para ele. Um velho foi então falar com a mulher do homem:

– O seu marido não está passando muito bem. Vá raspar casca de muruci. Eu vou benzê-lo.

Ela foi buscar casca de muruci e a entregou para o velho. Ele benzeu e o homem ficou bom.

Aqui termina essa história. ☉



Pudasi-nawíki kalísi

História de um Desana

Uma moça Maku estava pegando camarão com o filho de um Desana. Ela viu alguns macacos zogue-zogue vir na sua direção. Quando chegaram perto dos dois, eles foram um pouco mais para frente, onde se transformaram em pessoas. Aí, eles se aproximaram de novo da moça Maku e disseram:

– O que você está fazendo aqui?

– Eu estou pegando camarões. Como o pai deste menino morreu, estou pegando camarão para ele comer.

– Você quer ver o pai dele?

– Sim, eu quero.

– Vai haver uma festa onde será cortado o nariz dele com a lança cerimonial. Nesse momento, ele se transformará para sempre em um animal, explicaram para ela.

Eles levaram a empregada e o menino até a maloca onde o pai do menino se encontrava. Chegando lá, ela foi logo vê-lo.

– O que você veio fazer aqui com meu filho?, ele perguntou.

– Esses macacos zogue-zogue me trouxeram até aqui. Eles me explicaram que iriam fazer uma dança para você se transformar. Por isso que eu vim, eu queria ver o que eles iam fazer com você, só isso!, ela respondeu.

– Eles já fizeram tudo para mim. Só falta cortar o meu nariz, respondeu o pai do menino.

Ela desceu para o igarapé com o menino. Lá, ela viu o seu irmão chegando com as mesmas pessoas que a haviam trazido até a maloca. De fato, ele estava caçando os macacos e conseguiu matar um deles. Os outros macacos foram então mais para frente onde se transformaram em pessoas. Voltaram depois até o lugar onde se encontrava o rapaz e o convidaram a vir com eles:

– Nós viemos aqui para apanhar ingás para fazer caxiri. Você não quer vir com a gente?, perguntaram para ele.

Ele foi e entrou na maloca com eles. Eles disseram então para os outros:

– Nós trouxemos aqui esse rapaz para ser o nosso companheiro.

Eles o mandaram atar a sua rede perto da porta.

– Você fica aqui moqueando o macaco que matou, disseram para ele.

No dia seguinte, eles convidaram o Maku a ir com eles procurar mais ingás:

– Vem buscar ingás com a gente, disseram.

– Eu vou com eles procurar ingás, disse para a irmã.

– Eu vou também, ela respondeu.

Eles foram juntos. Apanharam muitas ingás, que trouxeram para a maloca. Naquela hora, eles já não eram mais macacos. Eram gente! Chegando na maloca, eles fizeram uma dança para o pai morto do menino. Eles estavam carregando um cesto cheio de caroços de ingás. Eles foram buscar uma bacia grande, levantaram o cesto e derramaram o seu conteúdo na bacia. Mas o Maku os viu fazer outra coisa. Ele viu os macacos sentarem na beira da bacia e defecarem dentro os caroços de ingás. É isso que ele viu com os próprios olhos. Eles fizeram manicuera, misturaram com massa de mandioca e prepararam caxiri. Depois de espremer, eles ofereceram uma cuia de caxiri para o Maku, mas este recusou-a, dizendo:

– Eu não vou tomar isso. Vocês fizeram algo de muito feio, eu vi vocês cagarem dentro da bacia.

– Não, era um cesto! Você, que tem um olho diferente de nós, que vê com um olho de pessoa, pensou que a gente estava cagando os caroços de ingás dentro da bacia. Na realidade, nós estávamos derramando o conteúdo do cesto na bacia, só isso, replicaram.

No dia seguinte, *kaparu*, o macaco barrigudo, que era o avô de todos os macacos, disse para eles do alto da cumeeira da maloca onde estava pendurado:

– Olhem, meus netos, vocês vão tomar banho. Eu tomei tantos banhos na minha vida que nenhuma flecha de zarabatana é capaz de me

matar, nem o trovão. Quando o trovão vem para me matar, ele também não consegue.

A espingarda era, para ele, o trovão.

– Vamos então tomar banho, disseram os macacos. O velho está nos mandando tomar banho.

Eles foram. Quando voltaram para a maloca, eles comeram quinhapira, tomaram caxiri. Depois, o avô disse:

– Vocês vão buscar o nosso avô que conhece todo mundo. Vão chamá-lo para a gente saber quem é ele, disse ele, referindo-se ao Maku.

Saaru, o tamanduá velho, chegou pouco depois. Ele era o bisavô de todos eles. Quando chegou, ele disse para o Maku:

– Vem para cá, seu malandro, quero ver quem é você!

O Maku se aproximou do velho tamanduá que o agarrou e começou a revistá-lo, virando-o de todos os lados.

– Esse daqui é *Tuiri-maleda-pipanite-masite!* Vocês não o conhecem, disse o velho tamanduá.

Falando para o Maku, ele então ordenou:

– Volta para teu lugar!

O velho tamanduá foi embora. Depois que ele saiu da maloca, eles ouviram um barulho de longe. Era *íkuri-marukiri*, o tocador de jabuti, que estava chegando com a sua mulher. Eles ouviram o som do jabuti: “*kui kui kui kui*”.

– O nosso avô está chegando, disseram os macacos.

O tocador de jabuti chegou pelas seis horas da tarde. Ele tocava jabuti andando até um certo ponto, voltava para trás, dava mais um passo para frente, voltava de novo para trás, e assim por diante. É por isso que ele demorava tanto para chegar. Ele chegou somente no final da tarde. Ele estava com a sua mulher que vinha atrás dele, carregando o aturá com as redes dos dois.

Eles entraram na maloca dos macacos, fizeram duas voltas e sentaram. O pessoal da maloca ofereceu caxiri para eles. Eles vinham para participar da festa. Depois que o pessoal da maloca dançou, foi a vez do tocador de jabuti e de sua mulher. Eles sempre dançavam depois do

peçoal da maloca. Isso durou até o amanhecer. Quando o caxiri acabou, o tocador de jabuti e a mulher voltaram para casa.

O macaco barrigudo disse então que ele iria dar um nome para o filho do macaco zogue-zogue que o Maku havia matado. Ele desceu da cumeeira e perguntou para a mãe do menino:

– Qual nome cerimonial você quer para seu filho?

– *Siripo-puwhe-muruna!* É o nome do pai que este matou, ela respondeu, mostrando o Maku.

O macaco barrigudo benzeu até meia-noite. Enquanto isso, o Maku ficou dançando com os macacos. Quando amanheceu, o macaco barrigudo falou para os outros, indicando o Maku:

– Vocês vêem esse dai? Ele é o nosso inimigo. Foi ele que matou o nosso irmão que está moqueando aqui!

Ouvindo isso, o Maku respondeu logo:

– Não, eu não sou inimigo de vocês! Eu não vou matar vocês! Aqui só tem pessoas! Eu estou aqui tocando e dançando com os meus parentes!

Depois de comer quinhapira e beber o resto de caxiri, os macacos disseram para o Maku:

– Vamos embora. Nós vamos deixar você na roça da sua mulher.

Eles já haviam levado a empregada com o menino para a roça da mãe dele. Os macacos foram então com o Maku até a roça da mulher dele. Quando chegaram perto da roça, eles comentaram entre si:

– Está perto agora. A mulher dele está chorando porque o seu marido desapareceu.

Depois, voltando-se para o Maku, eles disseram:

– Nós vamos deixar você agora. Já que estamos aqui, nós vamos aproveitar para comer umaris, mas você não vai matar nenhum de nós!

– Vocês podem comer esses daqui, eu vou comer aqueles ali! Fiquem sossegados, eu não vou matar nenhum de vocês, afirmou o Maku.

Ele entrou então na roça. Quando a mulher o viu aproximando-se, ela perguntou:

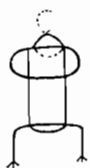
– É agora que você está chegando?

– Eu estou chegando!, ele respondeu.

– O que você andou fazendo? Eu pensava que você tinha desaparecido!

– Não, os macacos me levaram até a sua maloca porque eu tinha matado um deles. Lá, eu tomei caxiri e dancei com eles. Mas eu não morri e eu estou voltando agora perto de você.

Aqui termina essa história. 🌀



Ñamakuaro kalísi

História de Ñamakuaro

Esta história é dos Tukano. *Ñamakuaro* morava na cabeceira do rio Tiquié. Ele casou com uma viúva que tinha três filhos, dois meninos e uma menina. A mulher dele era uma verdadeira humana. Ela tinha forma de gente. *Ñamakuaro* tinha colocado uma armadilha para pegar inambus na cabeceira do rio Cauaburi. Ele ia todos os dias verificar a armadilha dele e sempre voltava, pelas cinco horas da tarde, com um aturá cheio de inambus. Todos os dias, ele conseguia trazer de volta um aturá cheio. Chegando em casa, ele o entregava para a sua mulher que cuidava então dos inambus: ela os depenava, tirava o bucho, cozinhando uma parte deles num panelão grande e moqueando o resto, que ela pendurava num pau cheio de galhos disposto em cima do fogo.

Dos inambus, ela só dava um pedaço de asas para os seus filhos. O resto, ela guardava para ela e o marido comer. Todos os dias, ela cozinhava manicuera pura para o marido, dando somente uma manicuera meio aguada para os filhos. Para eles também, ela somente dava um pouco de farinha de tapioca para tomar como chibé e um pedacinho de beiju. Ela não dava outro tipo de farinha para eles.

Ñamakuaro não era tão ruim assim com os filhos da mulher. Vendo o que ela fazia com eles, ele falou:

– Vocês mesmos vão ver a minha armadilha e, na volta, vocês dão um bocado de inambus para a sua mãe. O resto, vocês preparam para vocês, já que a sua mãe não está cuidando bem de vocês.

No dia seguinte, os dois meninos e a menina foram olhar a armadilha. Assim que chegaram, eles recolheram os inambus presos. Uma das armadilhas não havia pegado nada. O menor pisou em cima e prendeu o dedo maior do pé. Ele arreventou a corda mas o anel da armadilha ficou ao redor do dedo. Este começou a inchar. O maior carregou então o menor de volta até a casa. Enquanto isso, a irmã levou o aturá cheio de inambus. Na volta, eles explicaram o que havia acontecido para *Ñamakuaro*:

– Isso não é a corda da armadilha, é um tipo de jararaca, ele falou.

Dizendo isso, ele chamou o menor e olhou o pé dele. Ele tirou então a corda que estava enrolada no dedo. O menor melhorou.

As crianças iam ver as armadilhas de *Ñamakuaro* e recolher os inambus a cada dois dias, sendo que os outros dias era *Ñamakuaro* que ia para lá. Na volta, eles entregavam uma parte dos inambus para a sua mãe, preparando o resto para eles. Eles guardavam somente três inambus para eles, dando o resto à mãe. Um dia, *Ñamakuaro* os autorizou a ir para a roça porque a mãe deles não lhes dava beiju, nem manicuera. Isto é, a manicuera que ela lhes dava era sempre cortada de água. É por isso que ele os autorizou a ir para a roça para eles poderem comer.

– Vocês raspam e ralam na roça antes de voltar para a casa, falou *Ñamakuaro* para eles.

O ralo deles era uma casca de uacuzeiro. Eles iam para a roça, arrancavam mandioca, raspavam, ralavam e traziam a massa pronta para a casa. Chegando lá, era só espremer a massa, fazer beiju e farinha. Eles não iam para a roça todos os dias. Certos dias, eles iam pescar. Na volta, eles cozinhavam os peixes. Davam então uma tigela cheia de peixes para a sua mãe. Eles estavam mostrando como ela deveria ser com eles. No entanto, ela se comportava do mesmo jeito com eles.

Isso aconteceu durante muito tempo, até eles começarem a ficar aborrecidos. Certo dia, depois que a mãe foi para a roça, eles foram buscar timbó. Na volta, eles prepararam um líquido que reservaram num canto da casa. Quando ela regressou da roça, preparou como sempre manicuera e foi depois tomar banho no rio. A manicuera estava guardada numa cuia separada. Era para *Ñamakuaro*. Eles pegaram então a cuia, bebendo todo o conteúdo. Colocaram depois o líquido de timbó na cuia. Quando *Ñamakuaro* voltou da caçada, ele deu os inambus para a sua mulher, como fazia sempre, e foi tomar banho. Na volta, ele jantou. Depois do jantar, ela lhe ofereceu a cuia de manicuera. Mas ele logo reclamou, dizendo que ela estava crua:

– *Kāsi kāsi*, ele disse, isto é, esta manicuera não está cozida, está crua!

– *Sari sari*, isto é, está cozida, ela respondeu.

Ele reclamou, mas acabou bebendo o conteúdo da cuia. Depois de beber, ele foi se deitar na rede. No dia seguinte, de manhã cedo, ela tentou acordá-lo. Era a hora dele ir trabalhar. Vendo que ele não acordava, ela bateu mais forte nele. Ele caiu no chão morto. Ela foi então enterrar *Ñamakuaro*. Ninguém sabe o lugar onde ela o enterrou.

Depois disso, ela xingou os filhos:

– Foram vocês que envenenaram o seu padrasto!

Todos os dias, ela xingava os filhos.

– Vocês não prestam mesmo! Vocês envenenaram o seu padrasto. Vocês são tão ruins que ninguém consegue agüentar vocês, ela dizia sempre para eles.

A mulher estava grávida de *Ñamakuaro*. A criança nasceu depois da morte dele, sem os filhos dela saberem. Ela guardava a criança num saco de cuias pendurado no teto da casa. Na volta da roça, ouvindo a criança coçar as cuias dentro do saco, ela mandava os filhos tomar banho no rio. Recomendava-lhes fazer barulho, batendo na água, e de sempre soprar dentro das mãos na volta. Quando eles estavam no porto tomando banho, ela aproveitava para amamentar a criança. Quando ela os ouvia voltar do banho, colocava com pressa a criança de volta no saco de cuias. Assim, ela fez durante muito tempo. Certo dia, eles começaram a estranhar.

– Por que será que a nossa mãe nos manda todos os dias soprar dentro das mãos na volta do banho?, perguntaram-se entre si. O que será que ela anda fazendo?

Por isso, eles resolveram espiar. No dia seguinte, enquanto os três estavam no banho fazendo barulho na água, o primogênito voltou rapidamente até a casa para ver o que a mãe estava fazendo. Quando chegou perto da casa, ele a viu amamentando uma criança. Ele voltou logo para o porto e contou para os outros o que tinha visto. Pouco depois, eles voltaram do banho, soprando dentro das mãos. Ouvindo o som, a mulher escondeu logo a criança no saco de cuias, que pendurou de novo no teto da casa.

No dia seguinte, depois que ela foi para a roça, eles despenduraram o saco e pegaram a criança que estava dentro. Começaram então a brincar

com ela. Depois de um certo tempo, eles a levaram para fora da casa. Mas ela escapuliu e fugiu para a mata. Na volta da roça, a mãe mandou os filhos tomar banho. Tirou então o saco mas ele estava vazio. Assim que eles voltaram, ela perguntou:

– O que vocês fizeram com a criança?

– Nós queríamos ver o nosso irmãozinho. A senhora nunca o mostrou para nós. Mas como ele não conhecia a gente, ele teve medo e fugiu para a mata, eles responderam.

Ela os xingou então de maneira ainda mais dura:

– Vocês não prestam! Vocês são mesmo muito ruins! Vocês não somente envenenaram o seu padrasto como também deixaram fugir o seu irmão.

Ela os mandou embora, mas eles não foram de vez. Ficaram com ela ainda um bocado de tempo. Ela os xingava todos os dias. Vendo isso, eles começaram a cavar um buraco para fugir dela. Eles já estavam preparando a sua saída. Cada um dos três cavou o seu próprio buraco.

Um dia em que ela não estava com raiva, ela chamou a sua filha. Ela queria catar os piolhos na cabeleira dela. Quando acabou, pegou-a no colo. Vendo que as unhas da menina estavam sujas de barro vermelho, perguntou:

– Por que as suas unhas estão cheias de barro vermelho?

– Meus irmãos costumam fechar o igarapé com barro e eu fiquei ajudando a carregar barro, ela respondeu mentindo.

Na realidade, ela estava preparando um buraco para ir embora, assim como os seus irmãos. A cada dia, eles cavavam o buraco um pouco mais. Assim que terminaram, foram buscar leite de cumá. Colocaram-nos nos seus braços, colando, em seguida, penas de pássaros. Era para formar asas. Eles fizeram isso de manhã. Quando as penas ficaram coladas, de tarde, eles voaram para cima dos travessões da casa, cantando:

– *Wãfĩ makire mahigo tutiri*, cantou o primeiro menino.

(A nossa mãe nos ralhou por causa do filho de *Wãfĩ*)

– *Wãfĩ makire mahigo tutiri*, cantou o segundo menino.

(A nossa mãe nos ralhou por causa do filho do *Wãfĩ*)

– *Se se sesu se se sesu*, cantou a menina.

Eles cantaram isso a noite toda. Pela manhã, eles voaram até o chão e entraram nos seus buracos. A mãe correu atrás, mas não conseguiu entrar. Ela ficou presa no buraco até a cintura. Aí, ela saiu do buraco. Os três entraram pelos seus buracos e saíram por outra parte. Eles viraram urumutuns. Até hoje, os dois meninos cantam de noite “*tutiri tutiri*”, enquanto a menina canta “*se se sesu se se sesu*”.

A mãe experimentou entrar em todos os buracos. Ela queria ir atrás dos três. Vendo que não dava, ficou sentada e começou a chorar. De tanto chorar “*niri niri niri*”, ela se transformou no passarinho *kepira-sikaninõ*.³⁹³ O canto desse pássaro é “*sikaninõ sikaninõ*”. Mais tarde, o primogênito voltou em forma de uma caba e picou-a. Ele queria saber se ela o amava. Mas ela, pensando que era uma mutuca, bateu em cima dele. Ele voltou aleijado para junto dos seus irmãos, dizendo:

– A nossa mãe não presta, ela é mesmo ruim.

Aí, eles foram embora para sempre.

Aqui termina essa história. ☺

³⁹³ *Sikarirõ* em tukano. Pássaro não identificado.

Iriyumakeri-yanapere Iñe-dieriku-sedeite kalísi

História de Iriyumakeri-yanapere e do Diabo sem Cu

Iriyumakeri-yanapere morava perto de *Aimi*, Caba, seu sogro. Ele sempre ficava na cachoeira, tomando conta dos seus jiraus de pesca e pescando. Um dia, apareceu *Iñe-dieriku-sedeite*,³⁹⁴ o “Diabo sem Cu”. Este tinha ouvido falar que *Iriyumakeri-yanapere* fabricava todo tipo de coisas que a gente não tinha. Por isso, ele resolveu falar com ele:

– De onde você vem?, perguntou-lhe *Iriyumakeri-yanapere*.

– Eu vim de longe, ele respondeu. E você, onde está morando?

– Eu moro aqui pertinho, ele respondeu. O que você veio fazer aqui?

– Eu ouvi falar muitas coisas a seu respeito. Eu ouvi dizer que você fabricava muitas coisas. É por isso que eu vim até aqui.

– O que você quer?

– Eu não tenho cu. Aliás, o meu cu fica no meu queixo. Eu preferiria ter um para cá, disse, indicando o lugar normal do cu.

– Fique aqui! Eu vou buscar um cipó de espinho.

Iriyumakeri-yanapere foi até o lugar onde havia cipós de espinho e trouxe um pedaço. Ele o colocou no ponto principal do cu e o enfiou. Enrolou então as tripas de *Iñe-dieriku-sedeite* no cipó e as jogou na sua frente, na direção do rio Paturi. As tripas foram cair em *Panisi-liñapada*, isto é, Ucapinima. Ao cair, elas se transformaram em muçuns.

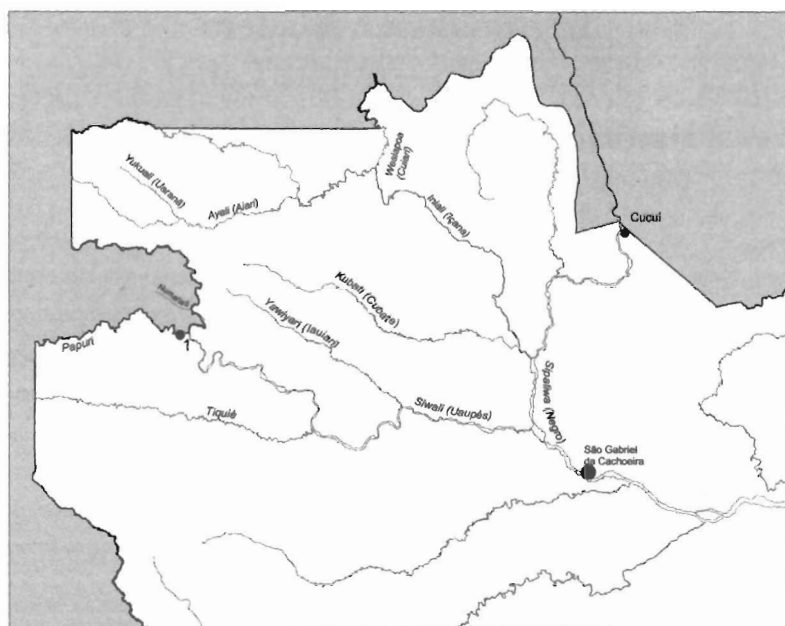
Depois disso, ele o mandou de novo esperar:

– Eu vou buscar outra coisa, ele disse.

Ele saiu, preparou um cesto provisório, apanhou alguns frutos de *e’pêsa*,³⁹⁵ abriu as frutas, tirou os caroços e colocou no cesto. Ele desceu

³⁹⁴ *Wãñ-sii-pehé-mariró* em tukano.

³⁹⁵ Nome tukano dessas frutas. Não identificadas.



**O lugar mítico
desta história**

em Tariana	em Português
1. <i>Panisi-liñapada</i>	Ucapinima

outra vez no porto. Meteu os caroços dentro do buraco que ele havia feito. Colocou dentro todos os caroços. Depois, enfiou outra vez o cipó de espinho e fez como antes. Isto é, mexeu-o dentro do cu e os caroços ficaram presos no cipó. Aí, puxou para fora o cipó e jogou os caroços na direção de Ucapinima, no rio Papuri. Ao cair, estes se transformaram em tambuatá.

– Agora está bom!, ele disse. Experimenta peidar!, ele ordenou.

Iñe-dieriku-sedeite experimentou. O peido saiu pelo novo cu.

– Como você fazia antes?, ele perguntou.

– Eu peidava pelo queixo. Por isso, estava cheirando muito ruim e eu não agüentava mais!, ele respondeu.

– Agora está bom! Você tem um cu. Essas suas tripas se transformaram em muçuns e os caroços em tambuatás. Esses peixes serão a comida do povo do rio Papuri.

O Diabo sem Cu voltou para a terra dele. *Iriyumakeri-yanapere* continuou falando:

– Esses muçuns, esses tambuatás serão a comida dos outros, daqueles que vivem no rio Papuri. Eles vão fazer dabucuris. Agora mesmo, eu vou preparar o lugar para eles pescarem esses peixes.

Ele foi a Ucapinima. Quando chegou, ele preparou o lugar onde colocar os matapis:

– A partir de agora, vocês vão pescar esses peixes aqui, ele falou para os outros. Os matapis vão se encher de muçuns e de tambuatás. Vocês vão pescá-los, comê-los e, vendo que os peixes são muitos, vocês vão recolhê-los dentro de um lago. Eu preparei isso para vocês, ele disse.

Depois ele completou:

– Cada vez que vocês precisarem desses peixes, vocês os pescarão aqui. Eles serão a sua comida. Mas eles servirão também para fazer dabucuris para os outros. Quando os outros lhes pediram esses peixes, vocês os pescarão aqui. Vocês pescarão e recolherão um matapi grande, cheio desses peixes. Aí, vocês irão ver as pessoas que lhes pediram o dabucuri e os mandarão preparar caxiri. Depois, vocês irão fazer um dabucuri para eles. Vocês aproveitarão esses peixes durante muito tempo, tanto para comer, quanto para fazer dabucuri dançando. Vocês vão ficar muito tempo com esses peixes.³⁹⁶

Aqui termina essa história. ¶

³⁹⁶ Um pouco acima de Ucapinima, há um chavascal onde o pessoal da comunidade costuma pescar muçuns e tambuatás.

Ñaamu kalísi manupe

Histórias de Ñaamu, o Curupira

I

Um Maku foi caçar com sua mulher. Ele chegou até um igarapé onde viu peixinhos morrendo, como se alguém estivesse tinguijando. Ele foi recolher os peixinhos com a sua mulher. Eles chegaram até a casa de Ñaamu, o Curupira. Estava somente a mulher dele. Curupira tinha ido caçar. O Maku havia matado alguns pássaros urus. Eles cozinham os peixinhos que haviam recolhido e os comeram na casa do Curupira. Ofereceram alguns urus para a mulher do Curupira. Vendo-os, ela disse:

– Esses urus se parecem muito com aqueles que a minha filha está criando.

Na realidade, os urus eram as galinhas do Curupira e da mulher dele. É por isso que ela falou que eles se pareciam com as crias da sua filha. Ela soprou então nos olhos deles e eles voltaram a viver. Ela os soltou, mandando-os para fora da casa. Depois, ela contou que o marido tinha saído para caçar. Depois de comer, eles ataram as suas redes e foram dormir.

A mulher do Curupira não precisava ir buscar água no porto. Bastava ela colocar os camotins na porta da casa e eles desciam sozinhos até o porto. Lá, eles se enchiam de água que traziam de volta até a casa.

Ñaamu voltou mais tarde da caçada. Assim que ouviu o barulho de sua buzina, “puuuu”, a mulher saiu para fora, já que a buzina era o seu instrumento de Jurupari e que, como nós sabemos, uma mulher não pode ver os juruparis. Ñaamu estava fazendo um dabucuri de batatas para a sua mulher. Ele entrou na casa e, vendo o casal Maku, cumprimentou-os:

– Vocês chegaram? ele disse.

Ele perguntou depois para onde sua mulher havia ido. Quando soube que ela tinha ido para fora da casa, ele saiu e a chamou. Ele trazia vários macacos barrigudos. Assim que ela voltou, ele os deu para a mulher preparar e cozinhar, deixando dois macacos para o casal Maku.

– Vocês mesmos preparem esses macacos barrigudos do jeito que vocês costumam fazer, ele disse. Vocês preparam e comem depois.

A mulher do Curupira colocou um camotim na porta da casa e o mandou buscar água. Ele desceu por si só até o porto, encheu-se de água e voltou para a casa. Quando ele chegou, a mulher do Maku acendeu o fogo e esquentou água para cozinhar os dois macacos barrigudos que Curupira lhes havia dado. Enquanto o casal Curupira comia os macacos barrigudos crus, eles os cozinham e comeram.

– Vocês comam esses macacos barrigudos com o rancho que vocês mesmos trouxeram, disse *Ñaamu*.

Vendo-os comer farinha e beiju, a mulher do Curupira quis experimentar.

– São essas coisas que vocês comem?, ela perguntou

– É isso que nós comemos!, eles responderam.

Assim que terminaram de comer, *Ñaamu* foi pedir a mulher do Maku. Ele queria trocar as mulheres, isto é, fazer sexo com a mulher do Maku enquanto este faria sexo com a sua própria mulher. Mas o Maku recusou. Ele não queria dar a sua mulher para *Ñaamu*. Este a pegou, levou-a até a sua rede e fez sexo com ela, na frente do marido. Ela gritou, gritou, gritou... Quando não agüentou mais, ela morreu. O pênis de *Ñaamu* saiu pelo topo da sua cabeça. Depois disso, ele disse para o Maku:

– Amanhã você vai buscar frutas de abiu com a minha mulher.

Naquela noite, a mulher de *Ñaamu* ficou aperreando o Maku. Ela queria fazer sexo com ele, mas este sempre recusava. Ele sabia que ela queria matá-lo. De manhã cedo, *Ñaamu* saiu para o mato. A mulher do Maku estava morta, presa no seu pênis. Antes de sair, ele recomendou para a sua mulher:

– Se você tiver uma boa caçada, traga e prepare para nós!

Mais tarde, a mulher de *Ñaamu* falou para o Maku:

– Vamos procurar abiu.

Mas ele recusou:

– Espere um pouco! Eu vou preparar primeiro as flechas da minha zarabatana.

Ele preparou várias flechas que colocou no cesto de curare. O Maku sabia que o que eles chamavam abiu era pequiá na realidade. A mulher de Curupira o aperreava a toda hora para fazer sexo com ele. Mas ele sempre encontrava uma desculpa. Eles foram embora. No caminho, eles chegaram a um dos lugares onde o casal Curupira costumava fazer sexo. Mas ele recusou de novo, dizendo:

– Eu não vou fazer sexo antes de comer abiu.

Em cada lugar limpo onde o casal Curupira costumava fazer sexo, ela o aperreava, mas ele sempre recusava com a mesma desculpa. Eles chegaram por fim no pé de pequiá. Ele pediu para ela buscar um cipó para fazer um gancho. Ela pegou o cipó de macaco barrigudo, mas ele o recusou, dizendo:

– Esse daí não presta, ele é muito mole. Vá buscar outro!

Ela foi então buscar um cipó verdadeiro. Depois, ele a mandou procurar um pau para fazer o gancho. Ela trouxe um pedaço de pau mas ele o recusou, porque quebrava facilmente:

– Esse daí não presta, esse também não presta, ele dizia a cada pedaço de pau que ela trazia para ele.

O Maku viu então um pau de turi:

– Aquele pau é perfeito para fazer um gancho, disse ele, indicando o pau.

Ela foi até o pau de turi e tentou quebrá-lo, mas sem sucesso. De fato, o pau de turi é muito duro. Enquanto ela estava tentando quebrar um pedaço do pau, o Maku subiu no pequiazeiro. Quando ela o viu subindo, ela correu até a árvore para tentar segurá-lo. Bateu com um bastão nas pontas dos dedos dos pés dele, conseguindo arrancar um pedaço da ponta. Saiu muito sangue mas, mesmo assim, ele subiu até os galhos. Chegando lá, ele fez um jirau, colocando folhas por baixo e por cima. Era para se proteger da urina da mulher curupira. Ao mesmo tempo em que fazia isso, ele estava recolhendo os pequiás. Quando acabou de recolher as frutas, ele disse para a mulher:

– Está tudo pronto agora. Eu vou começar a jogar as frutas para a senhora.

Aí, ele abriu as frutas, enfiou nelas as flechas de zarabatana, quebrou as pontas já untadas com curare e jogou as frutas para baixo. De tanto comer os pequiás, que estavam envenenadas, ela desmaiou e caiu no chão. Enquanto estava caindo, ela abriu as coxas e mijou para cima, para sua urina queimá-lo. Uma gota o acertou no pé. Deu um tipo de choque e ele quase caiu da árvore. Depois disso, ela morreu.

Vendo-a morta, ele desceu da árvore e cortou a única mama que ela possuía, e que descia até o joelho. Embrulhou-a numa folha e voltou para a casa de *Ñaamu*. Chegando lá, ele retalhou a mama em pedaços e cozinhou. Enquanto estava na casa, ele experimentou para ver se os camotins iriam trazer água para ele também. Ele os colocou na porta da casa e eles foram buscar água. Quando voltaram trazendo água, ele os furou todos. Depois, preparou um molho de pimenta muito ardido e colocou na panela, onde a mama da mulher curupira estava cozinhando.

Quando tudo ficou pronto, ele deixou a panela no fogo e foi até o porto, onde havia uma árvore. Ele trepou na árvore. Ele queria saber o que *Ñaamu* iria fazer. Este chegou pouco depois, trazendo as coxas da mulher do Maku. Quando viu a panela fumaçando, ele foi logo olhar:

– Tá bom, minha mulher, ele disse, conversando consigo mesmo, você é mesmo marupiara de caça!

Ele pensou que sua mulher havia matado o Maku e que ela o estava cozinhando. Por isso, ele disse que ela era marupiara de caça. O Maku ficou escutando. *Ñaamu* pegou então um pedaço de carne e comeu. Ele preparou mais molho, colocando dentro os pedaços de carne antes de comer. Então ele ficou com muita sede. Colocou os camotins na porta da casa para eles buscarem água. No entanto, nenhum deles trouxe água de volta. Eles estavam todos furados.

– Oh! Mãe da minha filha *Hawa*, ele disse, você foi muito ruim comigo. Você me abandonou!

Vendo que os camotins não traziam mais água, ele disse:

– Ela furou todos os meus camotins.

A boca dele estava ardendo muito. Ele foi então até o porto beber água. Aí, o Maku, que estava esperando em cima da árvore, flechou-o.

Pensando que era uma mutuca, *Ñaamu* bateu na flecha, que quebrou, ficando a ponta dentro do seu corpo. O Maku flechou dez vezes. A cada flecha, *Ñaamu* batia nela, pensando que era uma mutuca. Aí, a flecha quebrava e a ponta ficava dentro do seu corpo. Mesmo assim, ele conseguiu voltar para a sua casa. Quando chegou, ele mijou para cima. Sua urina furou o teto da casa. Aí, ele morreu. Alguns pinguinhos acertaram o corpo do Maku. Deu-lhe um tipo de choque e ele quase caiu da árvore.

Quando o Maku viu que *Ñaamu* estava morto, ele desceu da árvore. Havia muitos mutuns na casa dele. Ele matou um bocado deles, enchendo um paneiro inteiro. Em cima dos mutuns, ele colocou as coxas da sua mulher e voltou para a sua casa. Quando chegou, ele deu os mutuns para os seus parentes cozinhá-los. Enquanto isso, ele foi enterrar as coxas da sua mulher. Quando a comida ficou pronta, eles comeram e foram dormir.

No dia seguinte, eles resolveram ir até a casa de *Ñaamu* para matar todos os curupiras que encontrassem por lá. Mas quando chegaram no lugar, não havia mais nenhuma casa. Havia somente os mutuns que eram as crias da filha de *Ñaamu*. Conforme vimos, os mutuns são as galinhas dos curupiras. Eles mataram então todos eles e voltaram para a sua casa. Depois, o Maku mandou um recado para o seu sogro, contando o que havia acontecido com a sua mulher. O sogro veio visitá-lo. Quando chegou, ele disse:

– Não foi você que matou a minha filha, foi *Ñaamu* que a tirou de você! Eu tenho uma outra filha com quem você pode ficar.

Ele lhe deu a outra filha para ser a sua esposa e voltou para casa. O Maku ficou então com a cunhada.

Aqui termina essa história.

II

Isso aconteceu em *Prata-kalisana*,³⁹⁷ “Lago de Prata”, embaixo de *Kamera*,³⁹⁸ atual Barcelos. Nesse lugar, havia muitos curupiras. Com efeito, esse lago é a casa deles. Na boca do rio Negro, acima de Barcelos, há

³⁹⁷ *Prata-ditâra* em tukano.

³⁹⁸ *Nukû-moa* em tukano.

a comunidade de São Joaquim. Nessa comunidade morava um seringalista branco. Ele era cearense e tinha como apelido Kamarada. Ele veio buscar *Uhiyaka-kamiaka* (Joanico), o avô de Manuel, um dos narradores deste livro, para trabalhar seringa. Eles trabalharam primeiro no rio Padauri, depois foram para o Lago de Prata. Começaram a trabalhar seringa nesse lugar.

Nesta época, eles trabalhavam com machados de ferro. Enquanto eles estavam recolhendo o leite de borracha, *Ñaamu*, o Curupira, chegava e tomava o leite de borracha. Ele o tomava de todos os trabalhadores, mas eles nunca chegavam a vê-lo. Ele sempre chegava quando eles deixavam escorrer o leite de borracha numa tigela de açai. Aí, ele bebia o leite e jogava no chão a tigela. Ele fez isso durante muito tempo.

Certo dia, enquanto *Uhiyaka-kamiaka* (Joanico) estava recolhendo o leite de borracha, chegou o Curupira. Assim que viu o avô do Manuel, ele pegou a tigela numa outra árvore, bebeu o conteúdo e a jogou fora, fazendo uma cara feia. Joanico benzeu então o cigarro e soprou a fumaça na direção de *Ñaamu*. Este tinha um bigode de cor vermelha. Era de ouro. Joanico voltou então para o acampamento. Quando chegou, o patrão perguntou:

– Você não encontrou nenhum leite de borracha?

Ele contou então que o Curupira estava tomando o leite de borracha e que era por isso que a gente não estava encontrando. Ouvindo isso, Kamarada reuniu todos os trabalhadores e eles voltaram para São Joaquim. Nunca mais voltaram para lá.

Algum tempo mais tarde, chegou um outro branco, chamado Pimenteiro, que perguntou para o patrão de Joanico:

– Você sabe se há borracha no Lago de Prata?

– Há muita, ele respondeu.

Kamarada contou então tudo para ele, falando inclusive do Curupira que não os deixava recolher o leite de borracha porque sempre o bebia. Mesmo assim, Pimenteiro decidiu ir para lá, dizendo:

– Eu vou com uma turma de Desana do rio Papuri. Eles sabem benzer! Eles vão benzer!

Os Desana, suas mulheres e o branco foram até o Lago de Prata. Nesse lago, havia muitos peixes. Eles pescavam, cozinhavam uma parte, moqueavam outra parte e comiam.

O Curupira fez a mesma coisa que na época da outra turma, isto é, ele tomava o leite de borracha. Certo dia, um Desana ficou dormindo, enquanto os outros foram tomar banho e comer. Eles tentaram, sem sucesso, acordá-lo. Foi somente mais tarde que ele acordou! Ele se levantou, pegou um pouco de farinha e foi cortar os pés de *Hevea*. Quando terminou, ele encontrou alguns pés de buriti que os outros haviam derrubado. Ele cortou um pau, amolou a ponta, e rachou com ele um dos pés de buriti que abriu. Havia dentro muitas mochivas. Ele as recolheu, colocou-as numa tigela de farinha, arrancou as suas cabeças, espremeu a gordura dos seus corpos dentro da farinha e começou a comer. Ele encheu também uma outra tigela de mochivas.

O Curupira chegou enquanto ele estava comendo. Ele tinha a aparência do patrão do Desana. Ele se aproximou dele, segurou-o entre os seus braços, apoiou no topo da sua cabeça e começou a chupar. Ele chupou o interior do corpo do Desana, até ele estar vazio, ficando somente o couro e os ossos.

O Desana desapareceu o dia inteiro. Os seus parentes o procuraram de tardinha, mas não o encontraram. *Ñaamu* soprou de novo na cabeça do Desana e o mandou voltar para o acampamento. Quando ele chegou, os outros o viram cambaleando, como se estivesse bêbado. Vendo que ele não tinha mais força, um o segurou pelo lado direito, o outro pelo lado esquerdo. Eles o levaram para a casa e o deitaram na sua rede. Perguntaram então para ele o que tinha acontecido.

– Eu estava comendo mochivas, ele contou. Aí, o nosso patrão chegou, fez um buraco na minha cabeça e chupou o interior do meu corpo.

Concluindo:

– O nosso patrão é muito ruim.

Ouvindo isso, os outros foram buscar o patrão, mas este disse que não era ele, que ele não tinha ido até lá, e que devia ser o Curupira que tinha tomado a sua aparência física.

– Você sabe muito bem que não se pode comer coisas frias antes de tomar mingau quente. Você foi comer mochivas antes de tomar mingau, disseram então para o Desana.

O patrão convidou os seus trabalhadores para irem atrás de *Ñaamu*. Eles foram até o lugar onde eles costumavam pegar leite de borracha. Foram pelo caminho que o Desana havia tomado. Eles viram então que tudo o que o seu parente havia contado era verdade. Viram no chão uma tigela cheia de mochivas e uma outra de farinha, misturada com as mochivas. Aí, eles voltaram para o acampamento. Quando chegaram, encontraram seu parente morto. Só ficaram o couro e os ossos dele. Eles o enterraram e o patrão decidiu ir embora. Nunca mais voltaram para lá.

Aqui termina essa história.

III

Um homem foi fazer pescaria de privoras no Lago de Prata. Quando estava lá, ele viu *Ñaamu*, o Curupira, chegar para pescar. Quando os dois se encontraram, o Curupira perguntou:

– O que você veio fazer aqui?

– Eu vim pescar traíras.

– Não é você quem vai pescar, eu vou pescar!, disse o Curupira.

O Curupira tinha uma camisa tipo capa de chuva. Ele pediu para a camisa sair do seu corpo:

– *Sawa! Sawa!* Sai de mim!, ele disse para a camisa.

Ouvindo isso, a camisa se mexeu e saiu do seu corpo. Ele a colocou em cima de um pau atravessado. O corpo dele era bem branco. Ele parecia uma pessoa sem a camisa. Ele mergulhou no lago e trouxe de volta um jacaré que jogou na beira. Ele mergulhou de novo no lago e trouxe de volta outro jacaré, que também jogou na beira, e assim por diante. Dessa forma, ele matou numerosos jacarés, com os quais ele fez dois montes. Os jacarés do Curupira eram, na realidade, traíras. Depois, ele enfiou cada monte de jacarés em um cipó, entregando um dos cipós para o homem e guardando o outro para ele. Ele convidou então o homem a ir até a sua casa. O homem aceitou. O Curupira carregou um cipó cheio de jacarés

num ombro e sua camisa, no outro. Eles foram pela mata até a sua casa. Chegando lá, o homem viu um espelho na porta da frente da casa virado para fora. Havia outro, na porta de trás, também virado para fora. Chegando em casa, *Ñaamu* colocou a sua camisa num travessão, pendurando-a num tipo de cabide. Ele recomendou ao homem para não tocar na camisa:

– Se você tocar na camisa, você vai comer todos nós, ele explicou.

Ele disse que ele sabia quando um homem bebia ou comia algo frio:

– É o espelho que faz um tipo de sinal para mim quando uma pessoa come ou bebe uma coisa fria ou queima uma coisa na mata. Quando esse sinal chega no espelho, ouve-se o barulho do trovão, ele explicou para o homem.

– “Curupira está bravo!”, costumam dizer as pessoas. Mas não sou eu quem faz esse sinal, é o espelho, ele prosseguiu.

Assim que ele acabou de explicar isso, os dois comeram. O Curupira morava sozinho. Mais adiante, havia a casa dos pais dele. O homem ficou olhando a casa do Curupira. Apesar da advertência, ele tocou na camisa que o engoliu. Ele virou curupira. Com essa camisa, ele comeu o próprio Curupira. Depois, ele foi até a casa dos pais do Curupira e os devorou também. Daí, ele voltou para a primeira casa com a camisa no corpo. Ele tentou tirá-la, mas foi em vão, ela não saía do seu corpo. Nesse momento, chegou *Piriya-iñe*,³⁹⁹ o “Diabo-abacate”. Ele tinha só uma perna.

– O que aconteceu com você?, ele perguntou.

– Eu estou querendo tirar essa camisa, mas ela não quer sair do meu corpo!, respondeu.

– É fácil tirar, falou *Piriya-iñe*.

Dizendo isso, ele foi nas costas do homem e puxou a camisa para cima. A camisa saiu. Depois, ele a pendurou no cabide e os dois conversaram.

– Eu encontrei o Curupira no lago, contou o homem. Ele me convidou a visitar a sua casa. Eu toquei a camisa dele que me engoliu. Aí, eu virei curupira e acabei comendo os próprios curupiras.

³⁹⁹ *Ūyú-wāñi* em tukano.

– Eu ouvi dizer que essas camisas são assim mesmo, disse *Piriya-iñe*.
– Quem é você?, perguntou o homem.
– Eu sou *Piriya-iñe*, o Diabo-abacate, ele respondeu.
Ele contou então para o homem que não comia gente.
– Eu era como você antes, disse ele. Mas acontece que eu cheirei paricá e me dei mal com isso. Aí, virei o Diabo-abacate.

Ele tinha cheirado paricá na mesma época que *Saaru, Yaxwi, Haikupana* e *Ñaamu*, e eles, conforme vimos,⁴⁰⁰ ficaram loucos e viraram bichos por não terem respeitado as regras que acompanham a tomada de paricá.

– Você também pesca?, perguntou-lhe o homem.
– O meu lugar de pesca é um pouco acima daquele do Curupira, ele respondeu. Vamos até lá!

Os dois foram até o Lago de Prata. *Piriya-iñe* mergulhou no lago e trouxe de volta tartarugas vermelhas. Cada vez que ele mergulhava, ele trazia de volta uma, duas ou cinco tartarugas que jogava na beira. Ele pescou dessa maneira um monte de tartarugas.

– Você também come tartarugas?, ele perguntou para o homem.
– Claro que eu como!, respondeu o homem.

Piriya-iñe indicou-lhe o lugar onde havia deixado a sua panela.

– Você corta a tartaruga pelo meio e cozinha as duas partes. Aí, nós vamos comer, ele ordenou para o homem.

O homem tocou fogo e cozinhou três tartarugas para *Piriya-iñe* e três para ele. Quando as tartarugas estavam cozidas, *Piriya-iñe* lhe explicou onde estavam os seus pratos. Ele perguntou então se havia farinha e beiju. O homem respondeu que sim.

– Eu também como beiju e farinha, mas como eu não tenho mulher, nem roça, eu não tenho essas coisas, ele explicou.

Os pratos eram, na realidade, cogumelos. *Piriya-iñe* perguntou ao homem de que jeito ele comia farinha e beiju. O homem respondeu:

– Você molha a farinha no caldo e come. Você molha o beiju no caldo e come, ele respondeu.

⁴⁰⁰ Ver página 131.

Quando os dois acabaram de comer, eles tomaram chibé. *Piriya-iñe* perguntou então ao homem se ele tinha um aturá, mas como ele não tinha, o homem foi fabricar um cesto provisório. Eles encheram o cesto de tartarugas. *Piriya-iñe* fabricou também para si um cesto, que encheu com as tartarugas que ele havia pescado. Depois, ele convidou o homem a vir até a sua casa. Os dois foram para lá.

Na beira do lago havia várias redes atadas. O homem perguntou:

– Para que todas essas redes?

– São as redes onde eu deito os meus pênis, ele respondeu.

Com efeito, cada pênis de *Piriya-iñe* estava deitado numa rede. As redes estavam bem fechadas, para as cabas não ferrá-los. *Piriya-iñe* desatou as redes e eles foram para a sua casa. No caminho, ele repetiu para o homem que ele não comia gente e que quem comia gente era *Ñaamu*, o Curupira. Chegando lá, ele disse:

– Eu vou atar as redes para deitar os meus pênis.

Cada vez que ele voltava da pescaria, ele colocava os seus pênis num cesto que carregava no ombro. Quando chegava em casa, ele atava as redes e deitava dentro os pênis, cada um na sua própria rede. Quando os dois chegaram na casa dele, ele cozinhou mais tartarugas. Os dois comeram.

– Na próxima vez que você vier aqui, ele disse para o homem, traga beiju e farinha porque eu não tenho aqui.

O homem se despediu e voltou para a sua casa com um cesto cheio de tartarugas. Antes dele sair, *Piriya-iñe* perguntou:

– Quando é que você vai voltar aqui?

– Daqui a dois dias, respondeu o homem.

Quando ele chegou na sua casa, contou para os outros que havia encontrado um homem que pescava tartarugas. Ele deu uma tartaruga para cada um dos seus irmãos. Depois de dois dias, ele convidou um dos irmãos a ir com ele visitar *Piriya-iñe*. Quando chegaram na casa dele, este não se encontrava. Eles deixaram lá um pouco de beiju e de farinha e foram até o Lago de Prata, no lugar onde *Piriya-iñe* costumava pegar tartarugas. Ele já estava pescando. Desta vez, eles tinham trazido pane-

las, pratos, pimenta... Quando ele os viu chegar, ele perguntou se eles tinham trazido beiju e farinha para ele.

– Sim, nós trouxemos para você, lhe responderam.

Piriya-iñe mandou-os então cozinhar cinco tartarugas para cada.

– Tem que retalhar tudinho, porque não dá para comer inteiro, ele explicou.

Os dois homens tocaram fogo, racharam as tartarugas e as cozinhararam. Quando estava pronto, eles convidaram *Piriya-iñe* para comer. Colocaram cinco tartarugas no prato dele. Eles tinham trazido beiju torrado.

– Como se come o beiju torrado?, ele perguntou.

– Você molha o beiju no caldo e come, eles responderam. Se você quiser tomar como chibé, basta amolecer na água e comer. Aí, vira chibé!

Depois de comer, *Piriya-iñe* convidou-os para tomar banho, avisando-os:

– Vocês não tomem banho aqui! Vocês podem tomar banho um pouco atrás!

Ele perguntou se eles tinham a intenção de pescar tartarugas enquanto estivessem tomando banho:

– Essas tartarugas mordem quem não está acostumado, ele explicou para eles.

Por isso, ele os proibiu de pescar tartarugas. Enquanto eles estavam tomando banho, ele continuou a pescar tartarugas. Quando eles acabaram de tomar banho, ele perguntou se eles tinham trazido aturás. Eles disseram que não. Aí, ele os mandou buscar folhas de patauí. Assim que eles as trouxeram, ele explicou que era para fabricar cestos. Quando os cestos ficaram prontos, os três os encheram de tartarugas.

– Vocês vêm até a minha casa?, ele perguntou aos dois irmãos.

– Não! A gente volta direto!, responderam. Deixamos na sua casa beiju e farinha.

– Quando é que vocês vêm me visitar de novo?, ele perguntou.

– Assim que acabarem as tartarugas, a gente volta, responderam.

Piriya-iñe recomendou que eles voltassem sozinhos, isto é, para não trazerem outras pessoas.

Quando acabaram as tartarugas, os dois irmãos voltaram para a casa de *Piriya-iñe*. Ele não estava, já tinha ido embora pescar tartarugas. Eles deixaram lá beiju e farinha e foram até o lago onde ele costumava pescar. Ele já tinha pescado um bocado de tartarugas. Havia três montes: um para ele, e um para cada um dos irmãos. Assim que chegaram, ele os mandou cozinhar as tartarugas. Eles as cozinham, prepararam um molho de pimenta e, quando estava pronto, eles o convidaram a comer. Depois de comer, eles fabricaram uns cestos com folhas de patauá, como da outra vez, já que não haviam trazido aturás. Encheram os cestos, que amarraram com o cipó de macaco barrigudo. *Piriya-iñe* não amarrou o cesto dele.

– Quando vocês encherem os cestos, devem virar as tartarugas de barriga para cima, ele explicou.

Os três encheram os seus cestos e voltaram para a casa de *Piriya-iñe*. Assim que chegaram, ele os mandou sentar, enquanto ele ia deitar os seus pênis dentro das redes. A sua casa tinha vários quartos e em cada quarto havia uma rede onde ele deitava um dos seus pênis. Depois de fazer isso, ele preparou dez tartarugas para cada um. Na verdade, cada um iria comer somente cinco tartarugas, o resto eles iriam levar de volta para casa.

Piriya-iñe cortou as tartarugas pela metade, tirou o bucho e as cozinhou. Quando elas ficaram prontas, os três comeram. Depois, ele os mandou levar o restante para a sua casa.

– Chegando lá, você corta cada metade da tartaruga em duas partes e divide com os seus parentes, ele explicou.

Quando eles acabaram de comer, levaram as dez tartarugas já cozidas para a sua casa. Chegando lá, fizeram conforme ele havia mandado.

Certo dia, uma mulher que morava na maloca dos dois irmãos foi visitar o seu pai. Ela pegou o caminho que os dois costumavam usar quando iam visitar *Piriya-iñe*. No caminho, ela o encontrou e pernoitou na sua casa. Ela estava com uma criança no colo. Ele lhe mostrou onde ela podia atar a sua rede.

– Amanhã você continua a sua viagem, ele lhe disse.

Depois, ele preparou comida para os dois e eles comeram. De noite, eles deitaram na rede, cada um na sua. Ele não tinha pênis. Aliás, os

seus pênis estavam deitados em suas redes, cada pênis numa rede. A cada instante, durante a noite, ele ia perto da rede da mulher.

– Se a sua criança fosse maior, eu iria fazer sexo com você. Mas como a criança é muito nova, eu não posso, ele repetia para a mulher.

Ele passou a noite toda aperreando a mulher, mas nunca a tocou. De manhã, ele preparou comida e os dois comeram juntos.

– O que você está levando para o seu pai?, ele perguntou para ela.

– Nada!, ela respondeu. Eu não tenho nada! Eu vou assim mesmo!

– Que tipo de homem é seu marido que não caça nem pesca?, disse ele então.

Ele disse isso porque ela estava viajando sem nada.

– Eu nunca trago nada quando eu vou visitar os meus pais, ela disse. Eu vou assim mesmo!

Antes de sair, ela lhe ofereceu uma cuia de farinha e um pedaço de beiju. Vendo isso, ele perguntou:

– Você não teria mais?

– Tenho!

– Me dá tudo então!, ele disse. Em troca, eu vou lhe dar tartarugas. Eu já me acostumei a comer beiju e farinha. Por isso, quando não tenho mais, eu procuro. É por isso que eu estou lhe pedindo esse favor.

Ela lhe deu toda a farinha que havia levado e, em troca, ele encheu o seu aturá de tartarugas. Ela seguiu a sua viagem. Ela ficou na casa dos seus pais um bocado de tempo. Uma mulher ouviu o que ela contou para os seus pais e quis verificar se ela tinha mesmo falado a verdade. Ela já tinha ouvido falar que *Piriya-iñe* pescava tartarugas. Por isso, ela pegou o seu aturá e foi até a casa dele. Como ela chegou cedo, encontrou-o em sua casa. Ele a cumprimentou e preparou comida para os dois. Os dois comeram. Depois de comer, *Piriya-iñe* foi buscar lenha. Quando voltou, ele a convidou a ir com ele até o lago onde ele costumava pescar tartarugas. Ela foi com ele. Ele a mandou carregar o aturá com os seus pênis.

Eles chegaram pouco depois no Lago de Prata. Lá, ele atou várias redes onde deitou os seus pênis. Ele a mandou então tocar fogo nas proximidades das redes para as cabas não ferrarem os pênis. Depois, ele foi

buscar lenha, tocando o seu cariço: “*seruru seruru*”. Ouvindo o som, ela gritou:

– *Seruru seruru* tua perna! Você anda tocando como se tivesse duas pernas!

Ela disse isso três vezes. Ela estava zombando dele. Ouvindo isso, ele veio na sua direção.

– Que mulher bonita você é!, disse ele, aproximando-se do lugar onde ela estava.

Mas ela mergulhou logo no lago e se escondeu debaixo de galhos, perto da beira. Ele entrou então no lago e mergulhou, procurando-a. Ele começou a jogar fora todos os tipos de pedaços de pau que encontrava na sua frente. Enquanto ele estava fazendo isso, encontrou um jacaré. Ele o levou então para a beira e começou a ralhar com o pobre jacaré.

– Olha a tua cabeça, como parece! Olha o teu rabo, como parece! Parece um serrote! Olha o teu nariz feio, como parece! Olhe as tuas mãos, como parecem!

E assim por diante. Enquanto estava dizendo isso, ele virava o jacaré de barriga para cima. Aí, o jacaré o mordeu na mão. Ele ficou gritando.

A mulher estava espiando. Vendo-o gritar de dor, ela mergulhou, saiu com pressa do lago, encheu o aturá de tartarugas e voltou correndo para a sua casa. Se ele tivesse conseguido agarrá-la, ele ia chupá-la, igual Curupira, mas ele não conseguiu pegá-la.

Assim que chegou na casa, ela distribuiu as tartarugas entre os seus pais e contou o que tinha acontecido.

– Eu disse para ele “*seruru seruru* tua perna”!, ela explicou. Aí, ele se aproximou de mim, mas eu me escondi. Ele mergulhou então no lago, encontrou um jacaré que levou até a beira. O jacaré o mordeu na mão e eu aproveitei para fugir, ela explicou para eles.

– Onde ele mora?, perguntaram os parentes.

Ela explicou. Eles foram um pouco mais tarde em direção à casa dele. Quando chegaram, não encontram mais a casa, nem o lago. Somente havia um igarapé pequeno. Vendo que não havia mais nada, eles voltaram para a sua maloca.

Na mesma noite, a mulher viu *Piriya-iñe* em sonho dizendo:
– Você foi muito ruim comigo, você me fez muito mal! Eu não sou ruim, mas você acabou me maltratando muito!
Depois disso, ele desapareceu. Nunca mais se viu ele.
Aqui termina essa história.

IV

Isso aconteceu no *Anawa-ñapu*,⁴⁰¹ igarapé Anawa, afluente do igarapé Uaracá, que fica entre Ayrão e Barcelos. Os brancos foram trabalhar borracha nesse lugar. O patrão deles era também um branco. Nesse grupo havia dois irmãos que sempre trabalhavam juntos.

A casa de *Ñaamu*, o Curupira, ficava no meio do lugar onde eles costumavam cortar seringa. Isto é, os caminhos onde eles trabalhavam passavam de cada lado da casa dele. Quando iam cortar seringa, os dois irmãos sempre levavam no bolso uma garrafa de cachaça. Depois de cortar o pé de seringa, eles pescavam, assavam os peixes e comiam. Depois, tomavam cachaça. Eles faziam isso todos os dias. Isso aconteceu durante muito tempo. Eles levavam cachaça todos os dias. Cada um dos irmãos tinha quatro ou cinco caminhos, onde costumava cortar borracha. Um dia, eles iam num caminho, no dia seguinte num outro, e assim por diante.

Certo dia, como sempre, os dois se juntaram depois de cortar a borracha e antes de recolher o leite. Eles assaram então os peixinhos e comeram. Beberam chibé depois e, em seguida, tomaram cachaça. Depois de beber cachaça, eles foram recolher o leite de borracha. Depois de recolher o leite, voltaram e beberam o resto da cachaça. Eles ficaram bêbados e deitaram no chão. Quando acordaram, eles viram que o resto de cachaça havia desaparecido. A garrafa estava vazia.

– Quem será que toma a nossa cachaça assim que a gente se deita no chão para dormir, perguntaram-se.

Era *Ñaamu*, o Curupira, que tomava o resto de cachaça assim que eles dormiam. Isso aconteceu duas vezes. No terceiro dia, ele chegou assim que eles começavam a beber. Ele estava nu. Ele mostrou a cachaça,

⁴⁰¹ Não se sabe o nome em tukano desse igarapé.

fazendo o gesto de abrir uma garrafa. Era para indicar para eles que ele também queria beber um pouco. Eles abriram uma nova garrafa e deram para ele. Ele a pegou e bebeu. Quando acabou, ele jogou a garrafa e fez o gesto de que queria mais.

Ele bebeu assim quatro garrafas de cachaça, ficou bêbado e se deitou no chão onde dormiu. Aí, os dois irmãos voltaram para o acampamento. Quando chegaram, eles contaram tudo para o seu patrão:

– Um homem igual a nós bebe a nossa cachaça todos os dias.

– Deve ser Curupira, disse o patrão. Eu ouvi dizer que ele gosta muito de cachaça. É bom verificar se é ele mesmo!

No dia seguinte, quando os dois começaram a beber, *Ñaamu* chegou. Ele começou a beber com os dois irmãos. Eles haviam levado uma caixa com sete garrafas de cachaça. Depois de um certo tempo, ele fez um sinal e indicou a direção da casa dele. Ele queria beber na sua casa. Ele levou então a caixa. Os dois voltaram para o acampamento.

O patrão mandou-os tomar as medidas dele enquanto ele estivesse dormindo. Por isso, no dia seguinte, quando ele ficou dormindo depois de ter bebido várias garrafas de cachaça, eles mediram a altura e a largura dele. Na volta, eles as deram para o seu patrão. Este explicou então que na América do Norte havia uma mulher curupira que foi pega no rio Solimões e que ela estava sozinha.

– Por isso, seria bom a gente mandar para lá um homem curupira para ser seu marido. Nós vamos pegar este e mandá-lo para a América do Norte, ele explicou para os dois irmãos. Se vocês conseguirem pegar esse curupira, a sua dívida ficará saldada.

Os dois irmãos, de fato, não conseguiam pagar a sua dívida. Depois disso, o patrão foi para a América do Norte mandar fabricar uma caixa. Ele ficou esperando a caixa ficar pronta. Ele voltou trazendo a caixa, assim como muitas caixas de cachaça. Quando chegou, ele mandou os dois irmãos pegarem o Curupira. Os dois foram até o lugar onde costumavam tomar cachaça, indo os outros mais adiante com a caixa. O Curupira chegou assim que eles começaram a beber. Vendo-o, eles o convidaram para beber e lhe ofereceram cachaça num copo grande. Ele tomou e pediu

mais. Ele bebeu oito garrafas inteiras de cachaça. Aí, ele desmaiou. Os dois irmãos aproveitaram para chamar seus colegas que estavam mais adiante para ajudá-los a colocar o Curupira dentro da caixa. Uma rede já estava atada dentro. Eles deitaram o Curupira na rede e trancaram a caixa, que carregaram então até a casa do seu patrão. Vendo isso, o patrão disse:

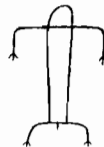
– Quando acordar, ele vai ficar muito bravo. Vai espantar todos nós.

O Curupira acordou de madrugada. Ele ficou rolando dentro da caixa. O pessoal da América do Norte havia explicado para o patrão que eles deviam lhe dar água com açúcar. Aí, o mijo dele não iria mais arder. Eles prepararam então água com açúcar, a colocaram numa garrafa e a deram para ele tomar. Depois de beber, eles lhe deram de comer. Ele comia de tudo: arroz, feijão... Depois, o patrão mandou uma mensagem para um avião vir buscar a caixa onde estava o Curupira. Quando o avião chegou, eles embarcaram a caixa com o Curupira e o patrão foi junto. Eles haviam vestido o Curupira com calça, sapatos, camisa, gravata e paletó.

Quando chegaram na América do Norte, eles abriram a porta do quarto onde se encontrava a mulher curupira. Ela veio ao encontro dele e o abraçou. Depois, ela o levou para a mesa e lhe deu comida. Essa mulher curupira já falava algumas palavras.

O patrão ficou um certo tempo na América do Norte. Ele queria saber o que iria acontecer com o homem curupira. Depois, ele voltou ao Brasil. As pessoas que haviam recebido o homem curupira deram-lhe duas caixas cheias de dinheiro. Assim que ele voltou, ele pagou os dois irmãos, saldando não apenas a sua dívida, mas dando-lhes também mais dinheiro. Com esse dinheiro, cada um deles abriu um pequeno comércio. Muito mais tarde, eles receberam a notícia de que o curupira, que o patrão havia levado até a América do Norte, tinha filhos.

Aqui termina essa história. ☺



Upíperi kuphe-nawíki-mariri kalísi

História da origem do pajé-sakaka

Isso aconteceu em *Temedawi-panisi*,⁴⁰² no rio Negro, abaixo de Santa Isabel. De manhã cedo, um branco pegou várias bananas, amassou-as, misturou-as com água dentro de uma tigela e tomou. Este homem era o pescador de Siriaco, um comerciante branco que morava numa ilha perto. O homem foi pescar e chegou em *Temedawi-panisi*. Lá, ele encostou e pegou o caminho até a maloca. A maloca era dos *Kuphe-nawíki*, isto é, da Gente-Peixe. Quando ele estava subindo para a casa, ele encontrou no caminho uma mulher que lhe perguntou:

– Aonde você vai?

– Eu vim passear perto de vocês, ele respondeu.

– Tá bom, nós estamos mesmo precisando de você, disse ela.

Ela o levou então até a maloca. Quando chegaram, a mulher contou para o seu pai:

– Eu trouxe aqui um homem.

– De onde ele veio?, ele perguntou.

– Eu o encontrei no caminho do porto, ela respondeu.

– Tá bom, ele será o nosso pescador, ele disse então.

A mulher mandou-o sentar num banco. Na maloca, havia vários couros de cobras em cima de um jirau. Ela disse para ele não se assustar. Pouco depois, duas cobras chegaram para cumprimentá-lo. Aproximando-se, enrolaram-se em seu corpo e começaram a lambê-lo nos olhos, na boca, no nariz e nos ouvidos. Depois, elas foram para um quarto da maloca e vieram de novo cumprimentá-lo, mas desta vez em forma de pessoa.

– De onde você vem? perguntaram para ele. Mais tarde, você irá pescar traíras para nós, disseram.

Era de manhã cedo. De tarde, eles o mandaram pescar traíras. Ele foi e pescou um bocado delas. Enquanto isso, a mulher que o havia leva-

⁴⁰² Não se sabe o nome em tariana e em português.

do até a maloca dos seus pais estava na roça. Suspeitando que ele não iria pescar as boas traíras, ela foi até o lugar onde ele se encontrava. Vendo as traíras que ele havia pescado, ela disse para ele:

– Os meus pais não comem esse tipo de traíras.

As traíras deles eram, na realidade, jacarés. Dito isso, ela voltou à roça para buscar a planta chamada em tariana *wiiri*.⁴⁰³ Ela a tirou e ralou. Preparou então um líquido. Retornou até o lugar onde se encontrava o pescador e lhe deu de beber um pouco do líquido. Os dois beberam e tomaram também um banho com ele. Era para se transformar em onças para poder caçar os jacarés que eram, conforme vimos, as traíras dos *Kuphenawiki*. Depois disso, ela pegou um galho com folhas e bateu na água: “*paa! paa!*”. Ouvindo o barulho, um jacaré se aproximou e mordeu o galho que ela estava mexendo em cima da água. O galho era uma isca. A mulher pediu então para o pescador agarrar o jacaré pelo rabo. Enquanto isso, ela caiu na água para pegá-lo pela cabeça.

Os dois não eram mais pessoas. Eram onças. Eles pegaram o jacaré e o levaram para a beira do igarapé. Depois de matá-lo, eles pescaram outros jacarés da mesma maneira. Na beira do igarapé, havia vários galhos com folhas prontos para isso. Mataram vinte jacarés dessa forma. Depois disso, ela disse:

– Agora chega! Matamos bastante jacarés!

Dizendo isso, ela o mandou embarcar os jacarés na canoa e levá-los até o porto da maloca. Ele pediu para ela avisar os seus parentes para descer no porto a fim de pegar os jacarés. Mas ela respondeu:

– Você mesmo pode levar os jacarés até a maloca.

Ela retornou então para a roça. Mais tarde, ela regressou para a maloca. Quando chegou, ela perguntou para os seus pais:

– O pescador já chegou?

– Ele não chegou até agora, eles responderam.

– Ele deve estar ainda no porto. Ele me disse que costumava pescar traíras, ela disse então.

⁴⁰³ *Taâ-dika* em tukano.

Eles desceram no porto onde o encontraram. Ele estava desembarcando os jacarés.

– Já que você matou todas essas traíras, você pode voltar! Nós vamos carregá-las até a maloca, disseram.

Ele voltou assim primeiro para a casa. Os outros carregaram os jacarés até a maloca. Quando chegaram, eles deram dois jacarés para cada família preparar e cozinhar. Depois de ter cozido os jacarés, o pessoal da maloca se reuniu para comer numa outra casa que lhes servia de refeitório. Lá, haviam duas mesas, uma para os homens, a outra para as mulheres. O pescador comeu com eles. Eles explicaram então para ele:

– Toda vez que você for pescar, deverá pegar vinte traíras.

– Eu nunca como sozinho, sempre com os meus parentes, completou então o pai da mulher.

O homem ficou um bocado de tempo com eles. Ele teve três filhos com a mulher. Quando ela estava grávida do quarto, o pai da mulher mandou o homem voltar para perto do seu patrão. Antes dele ir embora, ele recomendou:

– O seu patrão vai lhe perguntar onde você andou todo esse tempo. Você responde o seguinte: “Eu andei por aqui mesmo. Como você me maltratava muito, eu me aborreci, peguei algumas bananas, amassei-as, misturei com água e tomei. Depois, eu encostei em *Temedawi-panisi*. Enquanto estava subindo para a maloca, encontrei no caminho uma mulher que me levou até a casa dela. Aí, eu fiquei”. Depois de explicar tudo o que você andou fazendo aqui, você volta para cá viver junto com a gente.

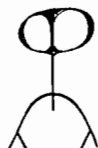
O homem voltou perto do patrão. Quando chegou, este lhe perguntou por onde ele havia andado todo esse tempo. Aí, ele contou o que o sogro lhe havia recomendado, isto é, que ele estava aborrecido com ele, que ele havia preparado um tipo de líquido com bananas e o havia tomado. Ele falou que ele tinha encostado em *Temedawi-panisi* e encontrado uma mulher enquanto ele estava subindo para a maloca e que ele tinha ficado com eles, como seu pescador.

Ele contou tudo. O patrão mandou-o então tirar morões e estacas para reformar a cerca ao redor da sua casa.

Ele começou a trabalhar no dia seguinte, voltando para a casa do patrão de tardinha. No dia seguinte, ele foi de novo trabalhar. Aí, ele foi picado por uma cobra jararaca. Conseguiu, no entanto, regressar até a casa do seu patrão, onde morreu. Enquanto ele estava morrendo, o seu espírito já estava voltando para a casa do sogro.

Essa história é a origem do pajé-*sakaka*. A planta *wiiri* era usada para matar peixes, jacarés, mas as pessoas começaram a tirar essa planta para virar pajé-*sakaka*. Hoje em dia, quem usa essa planta vira pajé-*sakaka*.

Aqui termina essa história. (2)



Upíperi ñalána kalísi

História dos primeiros brancos

I. A guerra da Cabanagem

Conforme vimos,⁴⁰⁴ o tenente Marcelino Cordeiro, índio Baré, levou os jovens e os homens adultos que encontrava nas malocas da região do rio Negro para participar da Cabanagem. Essa guerra durou vinte anos. Havia horários fixos para guerrear: ela começava assim das nove horas da manhã até meio-dia e das quatorze horas e trinta (ou quinze horas) até dezoito horas da tarde. Quem comandava a guerra contra os índios eram os portugueses, mas eles não participavam diretamente dela. Na verdade, eles jogavam os índios do sul contra os índios do norte. Quando os índios descobriram isso, isto é, quando perceberam que se tratava, na realidade, de uma guerra entre índios, eles se rebelaram porque eles estavam se matando entre si, e não lutando contra os brancos. A guerra começou no Rio de Janeiro. No entanto, houve vários outros combates na região do litoral. Quando os índios se deram conta que essa guerra era uma armadilha, para que eles se matassem entre si, revoltaram-se e decidiram:

– Já que essa guerra foi promovida para acabar com os índios, nós não vamos mais participar dela.

Os índios subiram então de canoa pela costa do Brasil até Belém do Pará. Lá, uma parte deles devolveu as armas para os brancos que estavam promovendo a guerra. Isto é, muitos índios entregaram suas armas em Belém. Naquela época, Belém era uma pequena vila com dois ou três casarões que serviam de entrepostos de armas e algumas poucas casas. Depois de Belém, os índios subiram o rio Amazonas até Manaus. Na hora de entregar o resto das armas, eles receberam uma notícia do comando português avisando que eles iriam fazer uma outra guerra em Manaus. Foi o tenente Marcelino Cordeiro que recebeu essa carta do comando.

⁴⁰⁴Ver página 60.

Enquanto ele estava lendo, Donato, o irmão dele, olhou por cima do seu ombro e leu também a carta. Marcelino falou para os índios:

– Vai haver uma outra batalha aqui em Manaus. Todo mundo tem que participar!

Ele só disse isso. Na realidade, na carta estava escrito que dois grupos de brancos estavam chegando, um pelo rio, o outro pela mata, para atacar a cidade de Manaus. Quando o irmão do tenente Cordeiro viu isso, ele foi logo contar para o nosso avô *Kali*, mais conhecido, desde a sua participação na guerra da Cabanagem, pelo apelido de Luiz Kabana, que aquilo não era bom para eles. De noite, ele sonhou que todos os índios do rio Negro iriam morrer nessa batalha. No dia seguinte, foi falar para o seu irmão, o tenente, que ele queria fazer uma pescaria para preparar o rancho para os próximos dias de batalha e que precisava de farinha. O tenente lhe deu dois paneiros. Enquanto ele estava falando com o seu irmão, um branco escutou. Por isso, quando Donato e nosso avô saíram para pescar, ele quis ir com eles. Os três foram. Na véspera da batalha, o branco falou:

– Nós temos que voltar! Amanhã vai haver a guerra em Manaus!

– Você pode ir se quiser, respondeu Donato, nós queremos pescar ainda esta noite.

Mas o branco insistiu, dizendo que eles tinham que voltar para participar dessa nova batalha. Aí, os dois o mataram, degolando-o. Depois disso, eles subiram o rio Negro.

Chegaram em Paricatuba, a primeira maloca do baixo rio Negro. Chegando lá, o pessoal da maloca perguntou:

– Como vão os nossos filhos e maridos?

Os dois responderam que todo mundo tinha voltado vivo para Manaus. Disseram também que o tenente Marcelino Cordeiro os havia escolhido como mensageiros para avisar as comunidades da região do rio Negro que todos os índios recrutados por ele haviam voltado vivos para Manaus, isto é, que ninguém do rio Negro havia morrido nas numerosas batalhas que ocorreram no Rio de Janeiro e em vários pontos do litoral. Completaram, no entanto:

– Mas como nós viemos embora, não sabemos o que aconteceu depois!

Depois de Paricatuba, eles passaram em Ayrão, Moura, Jupari, Carvoeiro, Mariwa, São Negri, Numuri,⁴⁰⁵ Tapuruquara,⁴⁰⁶ Tuino, Camundé, Cabelá, Caju-Ponta, Camanaus, Uaupés,⁴⁰⁷ Wanari e Cabari. Em cada maloca que encontravam, eles contavam a mesma coisa. Isto é, eles falavam que todo mundo tinha voltado vivo para Manaus, mas que não sabiam o que tinha acontecido depois, já que uma outra batalha estava ocorrendo em Manaus e que eles tinham ido embora antes, por ordem do tenente Marcelino Cordeiro que os havia mandado como mensageiros.

Luiz Kabana, o nosso avô, passou um bocadinho de tempo em Wanari com Donato, o irmão do tenente. De fato, ele era o cunhado dos dois, já que ele era casado com a irmã deles. Depois, ele abandonou a sua mulher porque ela não lhe havia dado filhos, e voltou para a terra dele, isto é para *Kuriapuna*, no rio Uaupés. Conforme vimos,⁴⁰⁸ a guerra durou três dias em Manaus. Os índios Baré, que participaram da guerra, conseguiram salvar a sua vida, refugiando-se nas roças ou escondendo-se no porão de um barco. Foi dessa forma que eles conseguiram sobreviver. No entanto, todos os índios da região do Uaupés que foram levados pelo tenente Marcelino morreram. O único que se salvou foi *Kali*, o nosso avô, porque ele foi embora antes desta última batalha em Manaus.

Aqui acaba a história da guerra da Cabanagem.

II. O conde Ermanno Stradelli

O conde Ermanno Stradelli era mais conhecido na região sob o nome de Jesuíno. Jesuíno foi o primeiro branco a chegar na maloca dos Tariana que ficava no lugar da atual aduana colombiana. Conforme vimos, essa maloca era do descendente do finado *Pukutha* (Ambrósio)⁴⁰⁹

⁴⁰⁵ Os Manaó moravam, na época, nestas malocas do rio Negro, até Numuri.

⁴⁰⁶ Ou Santa Isabel do Rio Negro.

⁴⁰⁷ Atual São Gabriel da Cachoeira.

⁴⁰⁸ Ver página 60.

⁴⁰⁹ Ver página 63.

do clã *Kamewa-perisi*. Jesuíno era uma espécie de antropólogo, porque ele sempre perguntava qual era o clã maior e ele queria também conhecer as danças tradicionais. Em cada maloca do Uaupés que ele visitava, perguntava as mesmas coisas. Ele aprendia também as danças junto com o pessoal das malocas. Com os Tariana da maloca do descendente do finado Ambrósio, ele dançou *wesiripi-maruka*, o “Canto do Inajá”. Com os Wanana de *Yapa-kewere*, atual Caruru, e de Jutica, alto rio Uaupés, ele dançou *pipanipe-maruka*,⁴¹⁰ o “Canto da Festa da Puberdade”.

Ele passava de maloca em maloca, sempre perguntando as mesmas coisas e aprendendo os cantos com o pessoal de cada maloca. Com os Kubeo do clã *Paidano*, na boca do Querari, ele cantou *kuphe-maruka*, o “Canto do Peixe”.⁴¹¹ Com os Kubeo do clã *Deeri-minane*,⁴¹² que moravam naquela época em *Tawali-koana*,⁴¹³ ou Uaracapuri, acima de Caruru, ele também cantou *kuphe-maruka*.

Depois de Uaracapuri, ele entrou no *Mawakuli-ñapu*,⁴¹⁴ rio Cuduyari, que subiu até a serra *Lepi-panisi*,⁴¹⁵ “Serra da Noite”. Essa serra fica nas proximidades da Cachoeira de Itapinima. Ele entrou na serra para pedir um pouco de ouro, já que o seu dinheiro havia acabado. Essa serra é cheia de ouro e é guardada por *Lepi-iñe*,⁴¹⁶ o “Diabo da Noite”. Em troca, ele deixou alguns objetos pessoais como, por exemplo, algumas cadeiras. De Itapinima, ele voltou para o rio Uaupés e foi até *Paramali-taki*⁴¹⁷ “Serra dos Vestidos”. Ele também entrou nessa serra, da qual saiu cheio de lodo. Com efeito, ele foi pedir um pouco de ouro, já que o seu dinheiro

⁴¹⁰ *A'mōtibri-basá* em tukano. Esse canto é dos antigos *Numali-minane* (*Wamākāharū* em tukano), cunhados dos Wanana. Eles não moram mais no rio Uaupés, alguns deles estariam vivendo atualmente no rio Cubate.

⁴¹¹ *Wa'ibasá* em tukano.

⁴¹² *Oho-puri* em tukano.

⁴¹³ *Poapa* em tukano.

⁴¹⁴ *Katāya* em tukano.

⁴¹⁵ *Yamiri-wi'í* em tukano.

⁴¹⁶ *Yamiri-wālf* em tukano.

⁴¹⁷ Mais precisamente, “Serra das Máscaras de Dança” (*Su'tiro-wi'í* ou *Sutiro-iri* em tukano). Fica acima de Mitu, na Colômbia.

havia acabado, mas o guardião dessa serra, *Lepi-iñe*, somente o abraçou, não lhe dando nada. Por isso, ele saiu da serra com o corpo todo melado.

Depois de ter visitado a Serra dos Vestidos, ele subiu o rio Uaupés até a cabeceira. Chegando lá, entrou no afluente da margem direita, o igarapé *Enya*,⁴¹⁸ que subiu até a cachoeira de mesmo nome. Lá, ele deixou uma marca de fronteira e colocou um vigia preto. De lá, ele foi até *Hema-yapirikuli-panisi*,⁴¹⁹ “Serra de Bogotá”. Ele também entrou nessa serra que é cheia de ouro. Depois, ele foi até o *Deeriali*, igarapé Pacova,⁴²⁰ um afluente do Apapóris, e depois passou em La Pedrera, no rio Caqueta. De lá, ele entrou no rio Japurá, que desceu até *Deka-haleda-taki*,⁴²¹ “Tabatinga”. Por fim, ele passou em Manaus antes de ir para Santarém.

Jesuíno fez essa mesma viagem três vezes. Ele avisou que iria viajar mais uma vez na região, mas nunca voltou. Os velhos dizem que ele provavelmente morreu. Eles costumam contar, com efeito, que quando alguém mexe em algum produto da natureza, tais como ouro ou diamante, por exemplo, o espírito desses minerais pede em troca o corpo e a alma de uma pessoa, seja da própria pessoa que mexeu com essas coisas ou de alguém de sua família. Como ele tinha avisado que faria um quarta viagem na região mas nunca voltou, os velhos acreditam que o espírito do ouro pegou em troca a vida dele.

III. História de Maximiano e de Biculão

Maximiano era um extrativista, ele trabalhava salsa.⁴²² Ele chegou na região do rio Negro para ver se o produto existia. Naquela época, *Diari-netêro-bisakti*⁴²³ (Mandu), o avô materno de Manuel Marcos Barbosa, um dos narradores deste livro, morava na boca do *Alepoa*,⁴²⁴ igarapé Murutinga, um afluente do rio Uaupés. Ele ouviu falar de um branco,

⁴¹⁸ *Enya* também em tukano e tariana. Na margem esquerda, há o igarapé *Uniya*.

⁴¹⁹ *Weki-O'ákili-wi'i* em tukano. É a atual Bogotá.

⁴²⁰ *Ohôya* em tukano.

⁴²¹ *Bo're-yôa* em tukano.

⁴²² *Iñe-duiri-daapi (wãfi-potâ-biki daa* em tukano).

⁴²³ É o nome cerimonial dele. Era Wanana.

⁴²⁴ *Bo'reya* em tukano.

conhecido como Maximiano, que estaria procurando salsa. Os Maku, que moravam nesta época no Murutinga, vieram então falar para ele que esse produto existia na cabeceira do igarapé. Mais tarde, ouvindo dizer que o produto iria ter valor, Mandu deixou a maloca da boca do Murutinga e foi se instalar em Arara-Cachoeira. Assim que ele estava morando em Arara, Maximiano chegou e lhe perguntou se havia salsa na região. Mandu lhe explicou que esse produto existia na cabeceira do igarapé Murutinga. Ouvindo isso, Maximiano deixou com ele as mercadorias que havia trazido consigo. Mandu as recebeu e as levou até a boca do igarapé Murutinga, onde ficou um certo tempo. Ele mandou avisar os Maku que ele tinha muitas mercadorias e que quem quisesse trabalhar salsa poderia vir buscar. Os Maku foram e pegaram o que quiseram. Havia de tudo: roupas, espingardas, pólvora, facas, terçados, redes, cobertores, gêneros alimentícios...

Os Maku subiram de novo o igarapé Murutinga e começaram a trabalhar salsa. Depois de um certo tempo, eles convidaram Mandu a ir até o lugar onde eles estavam. Ele foi e ficou lá um bocado de tempo. Quando eles tinham recolhido bastante salsa, ele trouxe o produto até Arara. Lá, ele se encontrou com Maximiano que estava trazendo mercadorias. Assim, eles foram trabalhando. Maximiano nunca ficava na região. Ele só trazia mercadorias que trocava com a salsa e voltava então para Manaus. Isto é, ele sempre entregava uma remessa de mercadorias contra uma de salsa. Isso, ele fez durante muito tempo. Naquela época, a salsa servia para fabricar pólvora.

Quando Maximiano trabalhava no rio Uaupés, havia um outro branco que circulava no rio Papuri. Ele se chamava Biculão. Era um regatão. Ele comprava do pessoal da região artesanato, farinha, animais domésticos..., isto é, ele comprava tudo o que ele encontrava e deixava mercadorias em troca. Na primeira vez que chegou, ele entregou as mercadorias, levando tudo o que encontrava. Depois, isto é, nas outras vezes que ele viajou na região, ele comprou o que achava e vendeu a sua mercadoria.

Como ele era analfabeto, na impossibilidade de anotar numa folha de papel as dívidas das pessoas, ele usava uma vara para cada pessoa para

quem vendia alguma coisa. Cada vez que a pessoa pegava fiado, ele fazia uma marca na vara dela. Quando ela pagava as suas contas, ele quebrava um pedaço da vara, e assim por diante, até acabar com a vara.

Ele fez quatro viagens no rio Papuri. Na quinta, ele cometeu um erro gravíssimo. Ele raptou uma mulher acima do lugar chamado *Pethe-hipa*,⁴²⁵ atual São José de Anchieta, no rio Papuri, e desceu com ela até essa comunidade. Mas os parentes da mulher foram atrás dele. Chegando em *Pethe-hipa*, eles viram os dois abraçados. Por isso, eles o mataram.

De acordo com alguns, assim que soube da notícia da morte de Biculão, Maximiano, que tinha medo, foi embora da região e nunca mais voltou. Outros dizem que ele sumiu da região quando a salsa começou a perder valor. De qualquer modo, depois da morte de Biculão e da saída de Maximiano da região, tudo voltou a ser como antes. Isto é, não havia mais roupas, sal, fósforos, espingarda, pólvora, redes, facas, terçados... O povo da região voltou a viver como antigamente.

Aqui acaba a história dos brancos que trabalharam de maneira correta com os índios do rio Negro, isto é, sem explorá-los, nem escravizá-los. Isso aconteceu antes da chegada dos missionários franciscanos.

IV. A chegada dos missionários franciscanos

Os franciscanos chegaram na região após a saída de Maximiano e se instalaram em várias localidades dos rios Negro e Uaupés. Em Uaupés, atual São Gabriel da Cachoeira, se instalou o pe. Francisco, em Taracuí, o pe. José, em Ipanoré, o pe. Venâncio, em Caruru, o pe. Manuel, em Urânia, o pe. Patrício, e em Itapinima, o pe. José. Um padre também se instalou em Santa Maria, em frente a Iauareté, mas não se sabe seu nome.

Em Taracuí e Uaupés, eles não fizeram nada de especial. Isto é, eles não mexeram com a cultura da gente, fazendo somente o seu dever: batizar, evangelizar, ensinar o catecismo...

O primeiro missionário franciscano a errar foi o pe. Venâncio, de Ipanoré. Quando chegou, ele começou a escolher alguns índios para se-

⁴²⁵ *Āhūbu* em tukano.

rem seus soldados. Eram um tipo de segurança dele. Durante sua permanência em Ipanoré, os Tariana, que eram os donos do lugar, faziam festas, dançavam e faziam dabucuris com os instrumentos de Jurupari. Aí, eles proibiam, sob pena de morte, a participação das mulheres que, como sabemos, não podem assistir quando se toca os instrumentos de Jurupari. Isto é, na hora em que eles entravam na maloca com os juruparis, as mulheres deviam correr para a mata ou ficar atrás da maloca. Havia sempre um homem vigiando para ver se uma mulher iria desobedecer.

Quando souberam disso, os padres quiseram tornar pública essa dança. Para isso, eles resolveram aproveitar o momento da missa, quando quase todo mundo estava reunido na capela. No entanto, quando o padre começou a falar de suas intenções, os soldados indígenas se rebelaram, assim como o pessoal de Ipanoré. Por isso, ele não chegou a mostrar os instrumentos de Jurupari para as mulheres.⁴²⁶

Com efeito, sabendo das suas intenções, os Tariana pegaram o padre e o surraram com um pau. Eles o surraram tanto, que ele acabou desmaiando. Juntaram então as suas coisas e o embarcaram numa canoa, empurrando-a rio abaixo. Ninguém sabe se isso aconteceu de manhã ou de noite. O que se sabe é que esse padre chegou boiando em Taracúá no final do dia. Vendo uma canoa boiando, o pe. José de Taracúá foi olhar. Reconheceu então o pe. Venâncio de Ipanoré. Como este não tinha remo, ele ficou boiando.

Conforme vimos, um padre franciscano se instalou também em Santa Maria, em frente ao atual Iauareté. Ele ficou lá um certo tempo, mas os índios de Iauareté o envenenaram e ele morreu.

Houve também o pe. Manuel que ficou algum tempo em Caruru, no alto rio Uaupés. Esse padre costumava visitar as mulheres de noite. Quando os índios do lugar começaram a reagir, ele passou a morar na ilha que

⁴²⁶ De acordo com as fontes históricas, foi o padre José Illuminato Coppi, instalado em Ipanoré, que teria mostrado as máscaras e os instrumentos de Jurupari às mulheres e às crianças na ocasião de uma missa. Isso teria acontecido no dia 6 de novembro de 1888, dando início à revolta indígena conhecida sob o nome de “Revolta dos Juruparis” (ver notadamente, H. Coudreau, 1887-89, *La France équinoxiale. Voyage à travers les Guyanes et l'Amazonie*. Paris, Challamel Aine, dois volumes).

fica na frente de Caruru. No entanto, ele continuou a se comportar da mesma maneira, visitando de noite as moças e as mulheres das malocas da região. Quando soube que os índios queriam matá-lo, ele fugiu da região e nunca mais voltou.

Em Urânia, conforme vimos, ficou o pe. Patrício. Ele tinha uma guarda pessoal de soldados brancos. Os índios, que viviam nas proximidades da missão de Urânia, queriam matar todos os guardas brancos deste padre. Por isso, eles se armaram, mas não planejaram de maneira correta. Isto é, eles prepararam um cigarro para fazê-los adormecer, mas o dia clareou, antes deles acabarem a cerimônia. Por isso, os guardas do padre viram quando eles estavam defumando na sua direção. Eles atiraram contra os índios e os mataram. Temendo ser acusado pelos outros índios da região de ter mandado os seus guardas para matar aqueles que moravam perto da missão, o pe. Patrício fugiu e nunca mais voltou. Sabendo dos acontecimentos, o pe. José de Itapinima também abandonou a região.

Depois disso, chegou o pe. Pedro, da mesma congregação religiosa. Ele era brasileiro. Ele visitou todas as comunidades do rio Papuri e se instalou em Montfort, onde ele ficou pouco tempo. Com efeito, vendo que não iria dar certo, ele saiu da região e nunca mais voltou.

Depois dele chegaram três padres colombianos da ordem dos Javerianos: os padres Xavier, Clemente e Afonso. Chegaram também dois padres holandeses, os padres Herma e André, mas não se sabe qual era a congregação religiosa deles. Esses desceram para Manaus e voltaram à região, subindo o rio Negro e o rio Uaupés. Eles se instalaram em várias localidades da margem colombiana do rio Papuri: *Ñeewi-hipa*, “Teresita”, *Kamaruda-hipada*, “Cachoeira de Montfort”, *Wahapu-haikupani*, “Acariquara” e *Kuphe-hipa*, “Piraquara”.⁴²⁷ Ficaram lá um bocadinho de tempo. Um deles, o pe. Afonso, que estava em Teresita, queria fazer a mesma coisa que o pe. Venâncio de Ipanoré. Isto é, ele aproveitou que todo mundo estava reunido na capela durante uma missa para mostrar os

⁴²⁷ Respectivamente em tukano, *Diã-yo'o-poëwa*, *Butuó* (ou *Butuá-poëwa*), *Supísa-poëwa* e *Wa'í-peeri*.

instrumentos de Jurupari. Aí, os índios o expulsaram. Vendo isso, os outros foram também embora, abandonando a região.

Depois deles, chegaram outros padres colombianos que se instalaram nas antigas missões de Montfort, Acariquara, Piraquara e Teresita mas eles ficaram pouco tempo. O único que ficou mais tempo foi o padre de Mitu que andou visitando as comunidades da margem colombiana do rio Papuri.

V. A família de Manduca Albuquerque

O pai do Manduca chegou em Bela Vista, no baixo rio Uaupés. Era do Maranhão. Ele era mais conhecido na região como Albuquerque. Ele era o principal da família. Lá, ele casou com uma mulher pira-tapuya com quem teve vários filhos: Sírio, Chico, Manduca, Higino, Olímpio, Fortunato, Torquato e Calistrato. Chico morreu depois de casar e ter filhos. Ninguém sabe do que ele morreu.

O pior de todos os irmãos era o Manduca. Ele começou a trabalhar com seringa, raptando o pessoal da região e forçando-o a trabalhar nos seringais. Ele viajou até Santa Rosa, no alto rio Uaupés e, em seguida, até Palo Negro. Palo Negro fica perto da cabeceira do rio Uaupés, acima de Miraflores. Lá, ele foi trabalhar balata. Ele escravizava os índios. Quando eles reclamavam, ele os amarrava num pau e os surrava. Quanto às mulheres, fossem elas jovens ou maduras, ele as estuprava. Isto é, ele usava as mulheres da região para satisfazer os seus desejos sexuais. Ele fazia isso tanto no rio Tiquié, quanto no rio Uaupés. O pior de tudo, no entanto, foi quando ele foi raptar um grupo de índios Hupdá (Maku) do *Mápalí*,⁴²⁸ igarapé Irá. Eles eram do clã *Nimá-pô'ra*. Ele os pegou e levou até *Mawirutaki*,⁴²⁹ “Ananás”, no baixo rio Uaupés. Chegando lá, ele os colocou dentro da maloca, amarrou-os e incendiou a casa. Quando soube disso, o pessoal da região ficou revoltado. Os índios formaram então uma comitiva para denunciar o fato em Manaus. Depois dessa denúncia, vários solda-

⁴²⁸ *Mumîya* em tukano.

⁴²⁹ *Sêra-yôá* em tukano.

dos vieram averiguar os fatos e levaram o Manduca a vários lugares. Antes de viajar para um lugar determinado, eles lhe aplicavam um calmante para ele ficar calmo, isto é, para ele não reagir. Quando chegavam no lugar, eles lhe aplicavam um outro remédio para ele acordar.

– Qual cidade é essa? Você a conhece?, eles perguntavam para ele.

– Essa é tal cidade, eu a conheço, ele sempre respondia.

Os soldados queriam abandoná-lo numa cidade que ele não conhecia. Por isso, eles o levaram a várias localidades do Brasil, perguntando em cada uma delas se ele as conhecia. Mas ele sempre respondia pela afirmativa. Aí, eles foram até o Rio de Janeiro. Como ele disse também conhecer essa cidade, eles atravessaram o oceano até a Espanha. Eles o levaram em várias cidades deste país, mas ele disse conhecer todas. Eles o levaram então para a Itália, que ele afirmou também conhecer. Vendo que não havia jeito, eles o trouxeram de volta para o Rio de Janeiro. Quando chegaram, eles o obrigaram a tirar as suas roupas, ficando somente de cueca, e a dançar na frente deles com os enfeites de dança que eles haviam levado. No meio das danças, aproveitando um momento de distração dele, eles o abandonaram. Lá, ele desapareceu.

O Higino era o mais tranquilo dos irmãos. Ele ficou em Bela Vista até 1942.⁴³⁰ Depois, viajou para Manaus e nunca mais voltou à região. Olímpio e Fortunato morreram envenenados. Sírio subiu o rio Uaupés e entrou no *Wemai-ñapu*,⁴³¹ igarapé Pirá-andirá, abaixo de Jurupari-Cachoeira, que desceu até o *Kananari*, igarapé Cananari,⁴³² um afluente do rio Pira-paraná, na Colômbia. De lá, foi até Tabatinga, onde sumiu. Ao que parece, ele casou, montou um pequeno comércio e morreu por lá. Quanto a Torquato, ele foi morto na cabeceira do *Uhi-ñapu*,⁴³³ igarapé Ituí, afluente do rio Tiquié. Ele era como Manduca, isto é, também escravizava os índios da região e abusava das mulheres. Vendo isso, os índios ficaram com raiva e o mataram durante uma festa que o pessoal do igarapé Ituí

⁴³⁰ Adriano Manuel Garcia (*Kali*), um dos narradores deste livro, chegou a conhecê-lo.

⁴³¹ *Yehôya* em tukano.

⁴³² *Kananari* em tukano.

⁴³³ *Bikâ-sero-ya* em tukano.

estava fazendo. Com efeito, ele chegou durante a festa e, vendo os índios dançar, gritou:

– Em vez de trabalhar, vocês ficam dançando!

Aí, ele surrou todo mundo. Os índios ficaram revoltados e o degolaram. Depois, fizeram picadinhos do corpo dele e jogaram os pedaços de carne no rio.

Calistrato foi morto no rio Tiquié, em *Sawaite-taku*,⁴³⁴ “Serra do Cabelo”, atual Serrinha.

Quando moravam em Bela Vista, os irmãos da família Albuquerque não deixavam ninguém passar, tanto o pessoal de cima, quanto o pessoal de baixo. Conforme vimos, eles sempre pegavam os índios da região para forçá-los a trabalhar para eles. Para os brancos que chegavam de baixo, eles contavam que os índios de Bela Vista para cima tinham o cu junto à boca. Eles diziam isso para que os brancos não fossem mais adiante, conseguindo, dessa forma, assumir o controle total da região, isto é, tanto no Uaupés, quanto no Papuri e no Tiquié. Para dizer a verdade, o pai deles foi o único a não se comportar dessa maneira com os índios. Ele havia casado com uma mulher pira-tapuya e vivia com seus cunhados, dançando, tomando caxiri com eles. Ele morava em Bela Vista, mas passava todo o seu tempo com os cunhados que moravam em *Uuni-yumáwali-kewere*, perto de Bela Vista. Foram os filhos dele que maltrataram muito os índios da região do rio Negro.

VI. Os missionários salesianos em Iauareté

Na época da família Albuquerque, comerciantes colombianos maltratavam os índios da região, além de raptar as moças e as mulheres das malocas. Chegaram, inclusive, a matar o avô materno de Manuel Marcos Barbosa, um dos narradores deste livro, quando ele tentou recuperar a sua filha que alguns deles haviam levado. Quando um delegado colombiano chamado Aurélio Cunha veio se instalar em *Kuriapuna*, teoricamente para proteger os índios dos maus-tratos cometidos pelos seus conterrâneos,

⁴³⁴ *Poari-rrí* em tukano.

oito tuxauas de Iauareté e adjacências se reuniram. São estes: Mandu Farias de Iauareté-Dom Bosco, Leopoldino (*Dipi*) Farnela de Santa Maria, Belisário (*Bim*) Rodrigues de Iauareté-São Miguel, Nicolau (*Biculão*) Aguiar de Iauareté-São Pedro, Feliciano Cordeiro e Amâncio Alves de Jutica (rio Uaupés), Agostinho Nogueira de São Paulo (rio Papuri) e Cândido Senna de São Gabriel (rio Papuri). Com efeito, temendo que o delegado se comportasse da mesma maneira que os outros, eles decidiram descer para Manaus a fim de pedir ao governo a vinda de alguns missionários. Eles queriam ver se a situação não iria melhorar com a chegada deles. Em Manaus, eles contaram que os brancos que trabalhavam na região os maltratavam e escravizavam. Como não havia dado certo com os franciscanos, o governo de Manaus mandou os padres salesianos para a região.

Depois de conversar com o governo de Manaus, os oito tuxauas voltaram para suas comunidades. Pouco depois, chegou uma equipe de padres salesianos para reconhecer a área. Eles se instalaram primeiro em São Gabriel da Cachoeira, depois em Taracuí e, por fim, em Iauareté.⁴³⁵

O primeiro a se instalar em Iauareté foi o pe. João (Marchesi) acompanhado dos padres Antônio (Giacone) e Ezequiel (Lopes). Com eles, vieram como coadjutores os irmãos Miguel (Blanco), Guilherme (Adamek), Emmanuel (Crescini), Luiz (Pilato) e Alfonso (Ambrósio). Foram eles que construíram a missão de Iauareté. Isso aconteceu em 1927. Em 1929, Dom Pedro (Massa), pe. João (Balzola) e pe. Pascoal vieram inaugurar a missão de Iauareté. Nessa viagem de inauguração, eles trouxeram as primeiras irmãs salesianas Filhas de Maria Auxiliadora.⁴³⁶

As primeiras irmãs que chegaram em Iauareté foram as seguintes: irmãs Mística (Federle), como diretora, Luiza (Deretti), Maria (Martins), Amabile (Bona), Antônia (Beinotti) e Catarina (Remetter). Com elas, vieram dona Lucia, como cozinheira, e dona Leopoldina, como assistente

⁴³⁵ Essas três missões salesianas foram inauguradas, respectivamente, em 1915, 1924 e 1929.

⁴³⁶ A lista dos padres salesianos e das irmãs salesianas Filhas de Maria Auxiliadora que vieram para Iauareté, onde ficaram durante épocas variadas, trabalhando eventualmente nesta missão mais de uma vez em períodos distintos, não pretende ser exaustiva.

escolar. Vieram se revezando, ao longo dos anos, muitas outras irmãs, cujos nomes seguem: irmãs Elisa (Castelli), Virginia (Denti), Adele (Crespi), Olga (Tenório), Agnese (Penha), Elisa (Castelli), Teresa (Nobre), Joana (Gilardi), Esmeralda (Oliveira), Terezinha (Moreira), Bemadete (Camargo), Teresa (Mottura), Odete (Costa), Edith (Martins Damasceno), Terezinha (Ribeiro de Araújo), Maria Aparecida (Gonçalves da Silva), Anunciata (Calvo), Maria (Confalonieri Badini), Maria (Meroni), Irene (Mello), Sandra (Henry), Teresa (Vicente), Alina (Sienkiewicz), Rosa (Cunha Galdino), Leonilda (Deretti), Odete (da Costa Dias), Maria do Rosário (Silva), Maria (Marques Pessoa), Célia (Parintins de Campos), Terezinha (Santos), Maria Inês (Moura Bezerra), Ana (Ferreira Barbosa), Elisabeth (Schwaiger), Cleonice (Melo), Firmina (Villa Lopez), Dária (Moratelli), Rosilene (Rezende Machado), Antônia (Silva), Maria José (Altoé), Rita (de Cássia Fonseca), Hilda (Dinalle), Amalia (Araújo Freitas), entre outras. As irmãs que estão trabalhando atualmente em Iauareté são: irmãs Irene (Mello, como diretora), Rosália (Alves), Dária (Moratelli), Rita (de Cassia Fonseca), Aparecida (Trindade) e Alina (Sienkiewicz, como médica).

Por volta dos anos 1940, pouco antes da saída de Iauareté do pe. João (Marchesi), chegou o pe. Casimiro (Beksta). Quando o pe. João ficou doente, ele foi para Manaus e de lá para Bogotá para buscar tratamento de saúde. Depois de vários anos, chegaram os padres José (Pena), Ezequiel (Lopes), Martinho e Teodoro (Cromme). Como coadjutor, ficou o irmão Leonardo (Nespolo).

Depois do pe. José (Pena), chegaram os padres Francisco (Lievore), Frederico e Antônio (Giacone) e, com eles, o sr. Ludovico como coadjutor. Depois deles, vieram os padres Luiz (Pasinelli), Luiz (Guindani) e Luiz (Di Stefano). Como coadjutor, ficou Joaquim (Caetano). Depois da chegada do pe. Luiz (Pasinelli), o pe. João voltou a Iauareté.

Depois do pe. João (Marchesi), chegaram e/ou voltaram os padres Edmundo (Schulz) e Francisco (Lievore) e o irmão José (Lo Piccolo). Mais tarde, chegaram os padres José (Dalla Valle), Antônio (Giacone), Pedro (Davico), Pedro (Martins) e Roberto (mexicano). Este último foi o

idealizador do caminho que vai de Iauareté até Itaiçu. Como coadjuutores, estavam os irmãos Ricardo (Bonafé), assim como João e Agostinho (Tosini). Agostinho ficou um ano em Iauareté e foi embora para Taracará.

Depois do pe. José (Dalla Valle) chegaram e/ou voltaram a Iauareté os padres Antônio (Escolaro), Boleslau (Wyszomierski), Miguel (Scott) e Miguel Ângelo (Garcia). Depois da morte, em 1979, do pe. Antônio (Scolaro), chegou o pe. Victor (Lobo). Os outros padres continuaram com ele. Como coadjutor, havia o sr. Guilherme. O pe. Victor (Lobo) ficou somente seis meses em Iauareté, sendo expulso pelas lideranças indígenas. Com efeito, ele chegou na época do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) que pregava a revitalização da cultura indígena. Ele queria em particular introduzir o dabucuri na celebração da missa. Como as lideranças indígenas de Iauareté não gostaram, eles acabaram por expulsá-lo.

Depois da expulsão do pe. Victor (Lobo), chegaram os padres Genézio (Savassa), Miguel (Scott), Ângelo Miguel (Garcia) e o irmão Victor (Arias). O pe. Miguel (Scott) ficou. Depois da saída do pe. (Genézio) de Iauareté, o pe. Miguel Ângelo (Garcia) assumiu o cargo de diretor da missão de Iauareté. Mais tarde, uns seis anos depois, chegou o padre austríaco Norberto (Hohenscherer) e o pe. Bruno. Depois, chegaram os padres Benjamin (Morando), Jesus (Arbella) e, por fim, o pe. Justino (Sarmiento Rezende) que é Tuyuka. O pe. Justino viajou em 1997 para São Paulo onde fez um doutorado em filosofia. Voltou para Iauareté há pouco (dezembro de 1999).

Durante todo este período, isto é, da chegada dos primeiros padres salesianos até 1980, houve o sistema de internatos escolares. O auge dos internatos foi até 1979. Em 1980, os missionários somente aceitavam neles os alunos que moravam longe da missão. Eles estavam começando a fechar os internatos escolares, que acabaram definitivamente em 1982. Os salesianos deram como justificativas que o governo brasileiro não lhes dava mais recursos para ajudar no sustento dos internatos, sendo os únicos meios provenientes dos familiares dos padres, assim como de órgãos de caridade da Igreja. Durante a época dos internatos escolares, como veremos, o regime adotado era um pouco similar ao regime militar.

Na época dos padres salesianos chegou um “delegado”. Era um moreno chamado sr. Ramos. Depois dele, foi um certo José Severiano. Depois da morte dele, o seu filho, o sr. Moacyr, assumiu o cargo. Nessa época, chegou o Inspetor dos Índios que fazia uma viagem de fiscalização na região uma vez por ano. Ele foi até a fronteira com a Colômbia. Depois da morte do José Severiano, isto é, na época do sr. Moacyr, esse inspetor do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) se instalou em Santa Maria. O nome dele era Carlos (Correia). Antes conhecido como “Inspetor dos Índios”, ele passou a se apresentar como “Inspetor do SPI”. Ele ficou dois ou três anos na região. Isso aconteceu aproximadamente em 1945. Muito tempo depois, chegou o sr. Peter (Silverwood-Cope) da Fundação Nacional do Índio (Funai). Tempos depois, chegou o sr. José Ribamar (Caldas Filho), depois foi a vez de uma sra. Lucia, depois foram os srs. Ademir (Delgado), Aparecido (Grifo) e, ultimamente, Pedro (de Jesus), Tariana de Santa Maria, que saiu no início de 1999. Assumiu no lugar dele o sr. Milton (Paiva), índio tukano, que era o secretário do sr. Pedro de Jesus, e é um antigo funcionário da Funai.

Nós falamos antes que o regime adotado na época dos internatos escolares era quase militar. Para dizer a verdade, os salesianos adotaram uma disciplina rigorosa e impuseram também a religião de uma maneira bastante forte. Havia, com efeito, um horário fixo para tudo: cinco e meia da manhã era a hora de acordar; depois, devia-se tomar banho, assistir à missa, tomar mingau e trabalhar no campo (geralmente das nove às dez horas da manhã). Depois vinha a hora da merenda, seguida das aulas. A gente costumava almoçar pelas onze horas da manhã, depois havia uma meia-hora de recreação, seguida do banho no rio e, a partir das treze horas da tarde, do trabalho na sala de estudo até as quinze horas da tarde. Havia então uma segunda merenda, seguida do trabalho em campo, do banho (pelas quatro horas e meia da tarde), do jantar (às cinco horas) e de uma outra pequena recreação. Por fim, os alunos iam rezar na Igreja antes de seguir para o dormitório.

Havia também alguns regulamentos a seguir. Por exemplo, os meninos não podiam olhar, nem conversar, nem achar graça com as meninas.

Quando um menino era pego conversando com uma menina, os dois eram expulsos do colégio. Se um menino olhava para uma menina e achava graça, ele era castigado. Os padres e as irmãs salesianos diziam que era um escândalo fazer isso. Ninguém podia também cochichar ou se mexer dentro da cama. Se alguém fosse pego cochichando ou se mexendo dentro da cama, ele apanhava do assistente de dormitório, com a mão ou com uma vara.

Os meninos ficavam trabalhando no campo perto da missão, de segunda à quarta-feira de manhã, sendo as tardes dedicadas às aulas. Na quinta-feira, os meninos passavam o dia trabalhando na roça da missão, que se encontrava a uma hora de Santa Maria. Eles voltavam para a missão pelas dezesseis horas da tarde. Nesse dia, eles não tinham aulas, eles trabalhavam somente na roça. Às vezes, um grupo de meninos passava uma semana de trabalho na roça, longe da missão. Grupos de meninos se revezavam assim.

Certos alunos eram mais maltratados pelos missionários e irmãos do que outros. Muitas vezes, embora adoentados, eles eram obrigados pelos padres e/ou pelos irmãos a comer. O pior de todos eles foi, sem dúvida, o sr. Guilherme (Adamek) que é responsável pela morte de um menino. No almoço, servia-se geralmente um feijão tão duro que não dava para comer. Por isso, os alunos costumavam comer somente o arroz, deixando de lado o feijão. No entanto, para não serem repreendidos pelos padres ou pelos irmãos, eles escondiam o feijão com a intenção de jogá-lo fora depois. Quando o sr. Guilherme pegava um menino, ele o forçava a comer esse feijão duro, batendo geralmente na sua cabeça com o cabo de uma campainha. Um dos meninos foi humilhado durante muito tempo por ele. Este, com efeito, sempre o obrigava a comer, batendo na sua cabeça. Este menino, sentindo-se cada vez mais humilhado, acabou por adoecer. No dia em que ele morreu, ele falou para os outros que ele não queria comer porque não estava se sentindo bem. Mesmo assim, ele apanhou do sr. Guilherme. Depois do almoço, ele foi para a enfermaria e morreu. Isto é, ele se deixou morrer de tristeza. Esse menino, que era Tariana, chamava-se Joaquim Antunes. Ele era do igarapé Irá.

O sistema do internato era quase um sistema de escravidão. Ninguém tinha liberdade para nada. Só se fazia o que os missionários mandavam. A gente era obrigada também a cantar o hino nacional, fazer as comemorações que os militares costumam fazer, desfilar, etc. Isto é, tudo o que os militares faziam, a gente fazia também.

Quanto à religião, a gente era obrigada a rezar várias vezes por dia: antes de comer, antes de ir para o trabalho, no início e no término das aulas, antes de dormir. Quando um menino ou uma menina não respeitava ou não cumpria uma dessas obrigações, ele(a) era castigado(a): neste caso, ficava sem comer, ou então era obrigado(a) a ler a vida de um santo enquanto os outros estavam dormindo. Nos anos de 1970-1980, os missionários costumavam passar *slides* para os alunos nos finais de semana. No entanto, quem tinha feito algo de repreensível, não podia assistir e ficava de castigo na sala de estudo. Quando o irmão Ricardo (Bonafé) estava na missão, ele adotou um sistema para obrigar os alunos a falar português, somente a língua portuguesa. Era, com efeito, proibido falar a língua tukano ou as outras línguas nativas da região. Somente era permitido falar português! O irmão Ricardo tinha uma penca de chaves, havendo uma chave para cada sala de aula. Quando ele surpreendia um menino falando tukano, ele lhe dava o chaveiro. O menino procurava então um outro menino falando tukano ou uma das outras línguas da região a fim de se livrar do chaveiro. Ele fazia isso para poder lhe repassar o chaveiro. Após a recreação, na sala de aula, quando a gente se reunia, ou então em cada intervalo, o irmão Ricardo fazia o seu controle, anotando num caderno quem estava com o chaveiro. Quem fosse pego várias vezes com a penca de chaves, perdia dois pontos nas notas escolares. Para os alunos que nunca foram surpreendidos com o chaveiro, ele fazia um tipo de sorteio. Era para estimular os meninos a falar a língua portuguesa e abandonar para sempre o tukano.

Na época dos internatos escolares, os ex-alunos trabalhavam na olaria, na carpintaria, na alfaiataria, na mecânica e, também, como vaqueiros. Com a produção dos alunos dos internatos e o trabalho dos ex-alunos, os missionários costumavam dizer que eram eles que produziam, que eram

eles que trabalhavam e que os índios da região eram muito preguiçosos. Na realidade, os únicos padres a trabalhar mesmo com os alunos foram os primeiros que chegaram na região, tais como os pe. João (Marchesi), Luiz (Pasineli) e Ezequiel (Lopes). Os demais padres somente ficavam mandando os alunos e os ex-alunos. Hoje em dia, com o fechamento dos internatos escolares, não há mais internos, nem ex-alunos. Pode-se dizer, portanto, que os padres deixaram de produzir e de trabalhar. ☺



Kurusa-maruka kalísi

História do Canto da Cruz

Kamiko, Baniwa, era do clã *Wayuli-minane*, “Urubu”. Ele morava nas cabeceiras do *Wayuli-ñapu*,⁴³⁷ igarapé Urubu. Esse igarapé é um afluente do rio Orinoco. Um dia, quando ele era ainda moço, ele pegou malária e adoeceu com muita febre.

– Fui eu que mandei essa febre para você, disse-lhe Jesus Cristo em sonho.

Por meio dos sonhos, Jesus Cristo contou para ele:

– Olha, essa não é uma doença verdadeira! Eu é que a mandei para você! Aqui vocês são pagãos, vocês não têm nomes, vocês não foram batizados. É por isso que eu lhe mandei essa doença para poder lhe ensinar. Eu vou lhe ensinar, por meio dessa doença, como rezar, como fazer o sinal da cruz, como batizar... Depois, você mesmo vai ensinar para os outros.

Ele lhe deu todas as instruções no sonho. *Kamiko* ficou doente durante muito tempo e começou a aprender no sonho. Jesus Cristo estava lhe ensinando cada vez que ele adormecia por causa da febre.

Ele estava deitado na rede como se estivesse morto. Durante a época em que ele ficou doente, Jesus Cristo o instruiu sobre o que ele devia fazer. No fim dos ensinamentos, ele lhe deu um remédio. Assim que ele ensinou tudo para ele, explicando-lhe também como devia repassar o seu saber para os seus parentes, ele colocou, no sonho, um remédio em seu olho para que pudesse curar no fim do aprendizado.

– Você deve voltar para lá agora e pedir para os seus parentes buscarem esteios, travessões, caibros, morões e caraná para fazer uma casa.

Jesus lhe deu no sonho a planta da casa que ele queria que *Kamiko* construísse para ele. Era uma capela. Ele o mandou também buscar um pedaço de pau-brasil e outro de pau-amarelo para fabricar duas cruzes, uma com cada tipo de pau. Eles construíram a capela para Jesus Cristo.

⁴³⁷ *Yukãya* em tukano.

Kamiko já era profeta e começou a ensinar aos outros. Cada vez que ele fazia isso, também batizava os parentes e fazia casamentos. Jesus Cristo tinha falado para ele:

– Quando tudo estiver pronto, eu vou lhe mandar remédios, todos os tipos de remédios contra a gripe, os reumatismos, a febre, a dor de cabeça, isto é, contra todo tipo de doença.

Eles fabricaram duas cruzes, uma de pau-amarelo, a outra de pau-brasil, que eles levantaram dentro da capela. Ao lado das cruzes, eles prepararam um tipo de jirau para colocar em cima os frascos de vidro que iriam servir para guardar e carregar os remédios. Com o seu poder, Jesus Cristo subiu numa das cruzes. Isto é, numa das cruzes ficou Jesus Cristo, na outra São Miguel. *Kamiko* colocou São Miguel à esquerda de Jesus Cristo para indicar que foi ele quem expulsou o Diabo. Jesus Cristo ficou na cruz para dizer que foi ele quem ensinou *Kamiko*. Era dentro da capela que eles tinham construído para Jesus Cristo que *Kamiko* ensinava para os outros o que ele havia aprendido. Na frente da cruz, havia um altar. Em cima, pendurada, havia uma espécie de vasilha de vidro redonda. No meio dela, atravessando-a, havia uma espécie de coluna de vidro que terminava com um tipo de torneira. Todo mundo olhava para essa vasilha. *Kamiko* ficava de cabeça baixa, para os outros verem que ele não estava enganando-os. O altar estava cheio de vidros pequenos vazios.

– Olhem aqui no frasco para ver se tem água, ele dizia.

Ele falava isso para os outros se certificarem de que não havia nada nos frascos de vidro. As pessoas chegavam para colocar o frasco. *Kamiko* o levantava sem olhar, colocando-o embaixo da torneira, mas não muito perto. Quando o remédio estava caindo dentro do frasco, *Kamiko* aproveitava para explicar que era o próprio Jesus Cristo quem estava dando esse remédio. Um outro trazia então um pequeno frasco que *Kamiko*, sempre sem olhar, colocava debaixo da torneira. O frasco se enchia de remédio e assim por diante.

Cada um pedia o remédio que queria ou de que mais precisava. *Kamiko* pegava o frasco, levantava-o na direção da vasilha e o remédio caía dentro. Caía um líquido de várias cores: branco, amarelo, verme-

lho... *Kamiko* dizia sempre que era Jesus Cristo que estava dando este remédio.

– Eu não estou enganando vocês, é o próprio Jesus Cristo quem está lhes dando este remédio, ele repetia.

Ele instruiu as pessoas durante muito tempo. Começou a chegar gente de todos os lugares para ouvi-lo. Antes de pegar o remédio, ele fazia um ritual. Cantava “Pai Nosso” e, somente depois, levava o frasco à vasilha para pegar o remédio que a pessoa desejava. Assim que terminava de tirar o remédio, cantava outra vez. Ele fazia orações de manhã cedo. Ele curava com orações cristãs também. Como Jesus Cristo lhe havia dado o poder, ele curava os doentes. Ele também fazia levantarem os mortos.

– Se vocês querem ver os seus parentes mortos, eu vou chamá-los, ele dizia. Antes deles chegarem, vocês devem amarrar várias redes. Em seguida, vocês preparem um líquido de banana comprida: vocês cozinhem, amassem e coem.

Havia também uma mesa feita com paxiúba. Aí, ele mandava colocar em cima o líquido de banana para os mortos tomarem na sua chegada. Isso se fazia dentro da Igreja.

– Vocês não vão entender nada do que eles falam. Eles, os nossos parentes que já morreram, não têm mais a nossa aparência física, isto é, a aparência dos índios. Eles são de um outro mundo. Eles têm a aparência dos brancos. Vocês não vão entender nada do que eles falam. Eles falam somente português agora. Por isso, vocês não vão entender nada, ele explicava para os parentes dos mortos.

Mal ele acabava de falar e as pessoas chegavam. Depois de cumprimentar os seus parentes, eles se deitavam nas redes preparadas para eles, cantando. Um dos índios, que conhecia o português, falava então com eles e *Kamiko* traduzia para os outros tudo o que eles diziam. *Kamiko* entendia o português porque ele era profeta.

Isso aconteceu durante muito tempo. *Kamiko* começou a dizer que o fim do mundo estava chegando:

– Jesus Cristo vai mandar um remédio contra o fim do mundo, para o vento e para a chuva não chegarem, para a água não alagar a nossa casa.

Ele vai trazer remédios para qualquer coisa. Por isso, venham tirar os remédios que vocês vão precisar, ele explicava.

Ele sonhava sempre com Jesus Cristo. No sonho, ele se via conversando com ele. No dia seguinte, ele contava para os outros o que Jesus Cristo lhe havia dito no sonho. Passou-se muito tempo assim.

Havia um remédio para as pessoas que queriam aprender. *Kamiko* tirava esse remédio e o colocava nos olhos da pessoa que queria saber tanto quanto ele. Ele colocava também esse remédio nos olhos de uma criança pequena para ela aprender. A criança crescia. Aos dez ou doze anos de idade, ela começava a fabricar cruzeiros, sem ninguém ter-lhe ensinado a fazer. Isto é, ela a fazia por si mesma, com o poder do remédio que *Kamiko* colocava nos seus olhos todos os dias.

Kamiko sempre dizia que ele fazia muitas coisas, mas os outros começaram a criticá-lo:

– Esse *Kamiko* está enganando a gente. Ele diz que faz muitas coisas, começaram a dizer.

Os brancos também ouviram falar dele. Depois de vê-lo, ficaram com muita raiva:

– Esse homem está enganando a gente, disseram.

Eles o prenderam e o levaram para Manaus. Fabricaram uma caixa grande, do tamanho de uma pessoa, que fecharam bem para que a água não entrasse. Ataram depois uma rede dentro da caixa e disseram para *Kamiko*:

– Se você é mesmo um santo, se você fala mesmo com Jesus Cristo, como pretende, você vai sobreviver! Você não vai morrer! Nós vamos deixar você deitado numa rede dentro da caixa e jogar a caixa no rio!

– Vocês podem me colocar na rede e jogar a caixa dentro do rio, ele respondeu.

Eles o colocaram na rede, fecharam bem a caixa, que jogaram em seguida no rio. *Kamiko* permaneceu um mês na caixa dentro da água. Mas como ele era muito poderoso, ele saía da caixa todas as manhãs para tomar café. Depois, ele voltava para a caixa. Ao meio-dia, ele saía para almoçar, e voltava outra vez para a caixa. Na hora do jantar, ele saía

também, e assim por diante... Depois de um mês, eles tiraram a caixa fora da água e a abriram: *Kamiko* estava vivo, deitado na rede e lendo jornal. Para ele, não havia acontecido nada.

Vendo isso, os soldados o xingaram, dizendo que ele estava enganando-os. *Kamiko* respondeu:

– Eu vou sair. Agora é a sua vez! Eu sou uma pessoa igual a vocês. Eu não morri. Vocês podem agora colocar esse soldado preto dentro da caixa. Ele também vai experimentar isso.

O soldado preto tinha maltratado muito *Kamiko*. Antes de *Kamiko* entrar na caixa, ele tinha falado para ele:

– Ninguém morre dentro de uma caixa bem fechada onde a água não pode entrar.

Foi por isso que *Kamiko* mandou que os soldados o colocassem na caixa e a jogassem dentro do rio. Antes, todavia, ele foi pedir a autorização ao governo de Manaus, pois foi em Manaus que eles fizeram isso com ele. Era o governo que havia mandado uma tropa para prender e castigar *Kamiko*. É por isso que quando ele saiu da caixa, ele foi pedir ao governo de Manaus a autorização para fazer para o soldado preto, que o havia maltratado, o que eles tinham feito com ele. O governo aceitou.

Eles colocaram o soldado preto deitado na rede dentro da caixa que atiraram em seguida no rio, no encontro das águas entre os rios Solimões e Negro. Depois de uma semana, eles puxaram a caixa para fora e a abriram. O soldado estava morto. Os olhos dele estavam virados para fora, a barriga inchada e ele estava apodrecendo. Vendo o que tinha acontecido com o soldado preto, os outros fugiram de medo. *Kamiko* xingou então o governo de Manaus:

– Esse soldado preto falou que ninguém morria dentro de uma caixa bem fechada, mas ele morreu. Vocês não são capazes de agüentar. Eu, como tenho a ajuda de Jesus Cristo, eu agüentei! Eu não morri!, disse ele.

Ele mandou o governo pagar:

– Como vocês me maltrataram muito, eu quero um pagamento. Vocês devem me pagar porque me castigaram por nada. Quantas mercadorias vocês vão me dar?, ele perguntou.

O governo lhe deu redes, cobertores, roupas, terçados, machados, gêneros alimentícios... Depois de receber todas essas mercadorias, ele voltou para sua terra. Lá, ele abriu um comércio e ficou por lá.

Antes de ser preso, ele havia ensinado tudo o que sabia para o seu neto, o filho de sua filha, *Molitu*. O neto era um *Walípero-dákeni*, sendo Manuel o nome próprio dele. Quando *Kamiko* estava dentro da caixa no rio, o neto tomou o seu lugar e começou a ensinar para os outros. Ele fazia tudo o que *Kamiko* fazia. Quando este voltou de Manaus, ele ensinou ainda mais coisas para o seu neto e fez também outros adeptos. Depois de muito tempo, quando ficou muito velho, ele morreu. Quem assumiu então foi *Molitu*. Ele morava em *Heni-pani*,⁴³⁸ “Cachoeira da Aranha”, na cabeceira do rio Içana. *Molitu* fazia tudo o que seu avô fazia. Chegou muita gente da região, de toda parte, inclusive o avô materno de Manuel Marcos Barbosa, um dos narradores deste livro, para vê-lo. Chegou gente de todas as etnias: havia Tukano, Desana, Pira-tapuya, Tuyuka, etc. Eles vinham perto de *Molitu*, que tirava remédio do céu como fazia *Kamiko*.

Molitu via tudo o que iria acontecer. Os outros vinham perto dele buscar remédio para o rio não encher, para o fim do mundo não acontecer... porque ele, como antes o seu avô, falava que o fim do mundo estava para chegar e que no fim do mundo havia noite, água, frio, chuva, vento... Ele anunciava, depois disso, o fogo que iria acabar com todo mundo. Por isso, pessoas de todas as etnias da região vinham buscar remédios.

Pouco a pouco, outros começaram a dizer que eles também eram capazes de fazer as mesmas coisas que *Kamiko* e *Molitu*. Ouvindo isso, os brancos decidiram prender *Molitu*. Quando soube da intenção dos brancos, *Molitu* parou de fazer isso. Os seus aprendizes também deixaram. Aí, essas coisas acabaram. Aqueles que foram ensinados por *Kamiko* continuaram, mas eles não conseguiam fazer levantar os mortos. Para eles, não dava certo. Eles não eram capazes de fazer tudo o que *Kamiko* fazia. *Kamiko* fazia tudo isso porque havia aprendido com Jesus Cristo, mas os outros não tinham o poder que ele tinha.

⁴³⁸ *Bipî-powêa* em tukano.

Depois de *Molitu*, houve vários seguidores no Caiary (Uaupés) e no Papuri. No entanto, eles não tinham tanto poder quanto *Kamiko* porque este havia aprendido diretamente com Jesus Cristo. Por isso, eles faziam do jeito deles, mas era uma enganação. Houve assim um *Kuwohe-minane* de Paraná-Jucá, cujo nome era Vicente. Ele não tirava a água do céu como *Kamiko*. Ele ia à mata dizendo que ia caçar. Na realidade, era para derrubar um pau de uacuzeiro de onde ele tirava a água. Dizia que essa água era um remédio, que era o espírito de Deus que estava dando essa água para ele. Isso ele explicava para as pessoas que vinham buscar o remédio.

Tinha muita gente, de Urubuquara, de Juquira, de Jutica, do Cuiari... Houve vários seguidores, mas eles não faziam como *Kamiko*. Para eles, não dava certo. Eles enganavam as pessoas. Por exemplo, aqueles do Papuri ou do igarapé Turi não faziam certo.

Um outro profeta da cruz foi Nazaré, com apelido de *Kakabe*. Era uma mulher de Arara-Cachoeira, no rio Uaupés. Ela cantava o canto da cruz. Conta-se que ela subia num uapuizeiro e que, na ponta dele, ela pegava beiju, farinha e água.

– Na ponta desta árvore, há Deus que está dando beiju, farinha, água... para nós. É ele que faz milagres!, ela dizia.

No igarapé Umari, afluente do rio Uaupés, havia um outro profeta. Havia também um outro em Santa Cruz do igarapé Turi e um outro no igarapé *Ne'rêroya*. Este último era um *Mamialikuna*. Mas ele não conseguia nada. Sua cruz era feita com o âmago de um pau podre. Ele tirava o âmago de um pau que estava dentro da água e fabricava, com ele, uma cruz. Essa cruz provocou muitas doenças entre as crianças. Ele fez morrer muitas crianças dessa forma. Depois de matar dez crianças, a cruz começou a matar os velhos. Vendo isso, os outros o surraram. Aí, ele largou tudo. Os velhos o chamavam de *Iñe*, isto é, “Diabo”.

Havia também uma velha kubeo, do clã *I'kî-pakó*, que cantava o canto da cruz. Ela batizava as crianças.⁴³⁹ Assim como o padre faz.

⁴³⁹ Joaquina Teixeira, a mãe de Adriano Manuel Garcia (*Kali*), um dos narradores deste livro, foi batizada por essa mulher.

Mas todos esses seguidores não estavam falando a verdade. Os verdadeiros messias da região foram unicamente *Kamiko* e *Molitu*. Seus seguidores eram falsos profetas.

Aqui termina essa história. 🌀



Glossário dos nomes de plantas e animais citados no livro

Português	Tariana	Tukano	Identificação científica
<i>1. Plantas</i>			
Abacate	piriya	ũyũ	<i>Persea americana</i>
Abacaxi	mawiru	sẽrá	<i>Ananas sativus</i>
Abiu	hemali	kã'rê	<i>Pouteria caimito</i>
Açaí-do-mato	manaka	mipî	<i>Euterpe precatoria</i>
Acanquara	manaka	supîsagi	<i>Mimuartha</i> sp.
Apuí (uapuf)	paramalida	dikawêda	<i>Clusia insignis</i>
Araçari (folhas)	yasena-perephe	kapênike-pũn	-
Arumã	pupupa	wití	<i>Ischnosiphon arouma</i>
Bacaba	púpeñ	yumũ	<i>Oenocarpus</i> sp.
Banana	deeri	ohô	<i>Musa paradisiaca</i>
Batata	numaliyusu	wanîpeñi	-
Batata doce	kalilia	yãpî	<i>Ipomoea batatas</i>
Buriti/miniti	tewi	ne'ê	<i>Mauritia flexuosa</i>
Caapi	kapí	kapí	<i>Banisteriopsis</i> sp.
Cabari (folhas)	tephana-perephe	miô-pũñ	-
Caju	iilu	sõrã	<i>Anacardium occidentale</i>
Cana-de-açúcar	sidoa	ãñ	<i>Saccharum officinarum</i>
Caníço de casca preta	kolayupu-karada	weherî-wãso	-
Caníço de folhas grandes	yuweapu	tu'biã-wãso	-
Caníço de folhas pequenas	tawaliapu	biã-pũñ-wãso	-
Capim-de-pasto	malisí	taã-butu	Gramíneae e Ciperáceae
Cará	mawiru	ya'mũ	<i>Dioscorea</i> sp.
Carajuru	kerewi	řroyá	<i>Arrabidaea chica</i>
Caraná	siãpe	muhí	<i>Mauritia carana</i>
Caruru	íwi	mãa	Amaranthaceae
Castanha-do-Pará	kastaña	biki	<i>Bertholletia excelsa</i>
Cipó-de-macaco-banigudo	kaparu-daapi	seê-mîsi-daa	-
Cipó-de-maniuara	maaki-daapi	bikirô-mîsi	-
Cipó-de-taracua	pisi-daapi	merê-wã'arã-daa	-
Cipó-imbé	ukanape	wabé	<i>Philodendron</i>
Cogumelo pênis-da-lua	neyarute-pipanipe	muhî-pũ-nuñ	-
Cubiu	kupuru	etoã	<i>Solanum sessiliflorum</i>
Cucura	kameru	ĩ'sê	<i>Pourouma cecropiifolia</i>

Português	Tariana	Tukano	Identificação científica
Curá	ãsale	wasóá	<i>Couma</i> sp.
Cunui	kunuli-haiku	wap̄t̄	<i>Cunuria spruceana</i>
Curare	kurari	nimá	<i>Strychnos</i> sp.
Embira (envira)	kamekalikalida	pi'ŷ-káro	<i>Daphnopsis</i> sp.
Folha para lixar cua	tiyana-panepena	wahá-pihito-pūri	-
Iacaicá	mulina	boseo	-
Iauácano	yawaka	paá-károgi	<i>Eperua leucantha</i>
Imbaúba	yukuli	bo'te-pūri	<i>Cecropia</i> sp.
Inajá	wesiripi	ikí	<i>Maximiliana maripa</i>
Ingá	awava	merê	<i>Inga</i> spp.
Jacitara	yasitara	wa'ŷ-tuu-daa	<i>Desmoncus</i> spp.
Japurá	yapura	ba'ti	<i>Erisma japura</i>
Jenipapo	kana	we'é	<i>Genipa americana</i>
Juta (curauá)	henwi	yohó	-
Jutai (jatobá)	keenu	kêró	<i>Hymenaea courbaril</i>
Lacraia (folhas)	saparepu-perephe	ã'kí-pūri	-
Louro (loiro)	itana	komáki	Lauraceae
Macucu	bukuli	bopé	<i>Aldina</i> sp.
Maguara	umai	yápi	<i>Ipomoea batatas</i>
Mandioca	kiniki	dkiki	<i>Manihot esculenta</i>
Matupiri (folhas)	kuhi-perephe	se'ê-pakara-pūri	-
Milho	kana	ohóka	<i>Zea mays</i>
Munci	nawíki-nayada	muígi	<i>Byrsonima verbascifolia</i>
Pacova-sororoca	deen	ohó-puri-nikikáse	<i>Phenakospermum guianense</i>
Paricá (genérico)	heru	wihó	-
Paricá de casca de pau	heru-yatu	kasêri-wihó	<i>Piptadenia peregrina</i>
Pataúá	purama	yumú-paka	<i>Oenocarpus bataua</i>
Pau-amarelo	sawirina	sawíki	<i>Eucylophora paraensis</i>
Pau-brasil	haiku-yawithiapi kerada	yair	<i>Brosimum</i> sp.
Pau-de-cutia	piŷi-haiku	buú-miô	<i>Esenbeckia grandiflora</i>
Pau-d'arco (ipê)	haiku-yawithiapi	birpô-o'ori	<i>Tabebuia</i> sp.
Pau-de-espinho	duiri-duupi	potá-yôo	-
Pau-pulga	kawaneru-haiku	nŷ'koégi	-
Pau-de-zarabatana (jupati)	pamoada	bupu-yôo	<i>Iriartella setigera</i>
Pau para lenha	waana	bekogi	-
Pau-vassoura	haiku-panitaka	o'ari-bokagi	-
Paxiúba	poopa	wata-yôo	<i>Socratea exorrhiza</i>
Pequiá	kunali	ehúpu	<i>Caryocar</i> sp.
Pimenta	ãsi	biá	<i>Capsicum</i> sp.
Pirapucu (folhas)	para-perephe	yôso-pūri	-

Português	Tariana	Tukano	Identificação científica
Pupunha (fruta)	pipin	řê	<i>Bactris gasipaes</i>
Sabão de cipó	wisu-payúma	yãpí-koãda	-
Sabão de pau	payúma	paã-pu'uakihi	<i>Calliandra</i> sp.
Samaúma	sawali	bu'sá	<i>Ceba pentandra</i>
Samambaia (buçu)	sawari-perephe	busu-yõo	<i>Manicaria saccifera</i>
Seringa	yeka	wasô	<i>Hexa</i> sp.
Sorva	wiyuli	i'tã-yimi	<i>Couma</i> sp.
Tabaco	yema	mirô	<i>Nicotiana tabacum</i>
Taiá	wiiri	taã-dika	Araceae
Taioba	taya	kapô	<i>Xanthosoma violaceum</i>
Tamaquaré	oaparo	oaparo	<i>Caratpa</i> sp.
Timbó	kuna	ehû	<i>Lonchocarpus</i> sp.
Tiririca	piñie	wĩsô	<i>Cyperus rotundus</i>
Tucumã (fruta)	kumalia	betá	<i>Astrocaryum aculeatum</i>
Turi	mesape	mipñi	<i>Licania</i> sp.
Tururi	paramali	wasôkr	<i>Sterculia</i> sp.
Uacu	awiña	simió	<i>Monopterix Uauca</i>
Uariá (ariá)	ari	ya'ĩ	<i>Maranta</i> sp.
Uariá (aná)	yusui	yã'irô	<i>Maranta</i> sp.
Ucuqu	hemali	pupiã	<i>Ecclinusa balata</i>
Urapixuna	waca	to'ã	-
Uman	numali	wamñ	<i>Poraqueiba</i> sp.
Umini	mapúrusi	wetí	<i>Humiria</i> sp.
Unucu	ewapa	mosã	<i>Bixa orellana</i>

2. *Quadrúpedes*

Anta	hema	wekf	<i>Tapirus terrestris</i>
Anranha	ñewi	diã-yo'o	<i>Pteronura brasiliensis</i>
Cutia	pisi	buú	<i>Dasyprocta agouti</i>
Cutiaia	pusu	bosô	<i>Myoprocta acouchy</i>
Esquilo	mãderi	dr'tf	<i>Sciurus</i> sp.
Esquilo	isieni	dr'tf	<i>Sciurus</i> sp.
Guanba	iisi	emô	<i>Alouatta</i> sp.
Irara	yuwhe	waso-wihí	<i>Tayra barbara</i>
Jacaré	kasiri	isô	<i>Caiman</i> sp.
Lontra	pedualina	neeroá	<i>Lutra paranaensis</i>
Lontinha	piiru	diã-timi	<i>Lutra</i> sp.
Macaco (genérico)	puuwe	akê	-
Macaco barrigudo	kaparu	seê	<i>Lagothrix</i> sp.
Macaco-prego branco	puuweda	akê-butigi	<i>Cebus</i> sp.
Maracajá	dapuwali	misí-kii-tu'kuro	<i>Pantera pardalis</i>
Micura (mucura)	ínali	oá	<i>Caluromys phillander</i>
Onça	yawi	yai	<i>Panthera onca</i>

Português	Tariana	Tukano	Identificação científica
Paca	dapa	semê	<i>Cuniculus paca</i>
Porco-queixada	âpia	yesê-sitigí	<i>Tayassu pecari</i>
Porco-caititu	ñamulitu	yesê-bu'ru	<i>Tayassu tajacu</i>
Preguiça	pusalu	wřř	<i>Bradipus</i> sp.
Quati	kapisi	mipí	<i>Nasua nasua</i>
Rato	hiiri	bi'ŋ	Muridae e Cricetidae
Tamanduá-bandeira	saaru	bikó	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>
Tatu-d'água	yekerekere	diá-pamô	-
Uacari	siisi	piŋo-tuíro	<i>Cacajao</i> sp.
Veado	neeri	yamá	<i>Mazama</i> sp.
Zogue-zogue	waaki	wa'ü	<i>Callibuscus</i> sp.

3. Peixes, crustáceos e quelônios

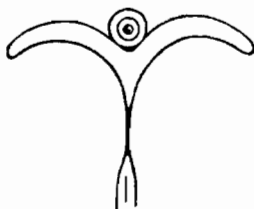
Acará (genérico)	yawira	wãri	Cichlidae
Anujá	duidoali	amá	<i>Trachycorystes galeatus</i>
Aracu (genérico)	taali	bo'tea	<i>Leporinus</i> sp.
Aracu	duume	wamê-wa'i	<i>Leporinus</i> sp.
Aranpirá	dupani	dipan	<i>Leporinus moralesi</i>
Arria	ñamaru	ayãki	Dasyatidae
Camarão (genérico)	yaka	da'si	Peneidae
Caranguejo	hiru	ãpř	Crustáceo
Cascudo	kasini-kapathu	iso'yaká	Loricariidae
Ituí	kamesi	boseawoë	-
Ituí grande	kamesi maleda	boseawoë paigr	-
Jabuti	ikuri	uhûni	<i>Testudo tabulata</i>
Jacundá (genérico)	kasinali	wa'ŋ-pô'ra	<i>Cremicichla</i> sp.
Jacundá	dutali	pu'ti-mihá	<i>Cremicichla</i> sp.
Jandiá	dawaki	pa'wá	-
Mandubé	siiri	wa'ŋ-sii-poro	<i>Agenerosus</i> sp.
Mamxã	puwhia	miô-wa'i	<i>Brycon</i> sp.
Matupiri	ukara	sê'e-pakara	<i>Tetragonopterus chalcus</i>
Matupiri	kuhina	sê'e-pakara	<i>Tetragonopterus chalcus</i>
Miqum	isisi	bu'ëki	<i>Symbranchus marmoratus</i>
Pacu	kanadiali	uhú	<i>Myxinnis</i> sp. e <i>Mylossoma</i> sp.
Peixe-agulha	kurubisa	korobisa	Cichlidae
Peixe-espada	duilita	so'ô	<i>Trichiurus lepturus</i>
Pescada	kee	itã-boho-wa'i	<i>Cynoscion</i> sp.
Piaba	isitu	du'pusu	<i>Leporinus</i> sp. e <i>Schizodon</i> sp.
Piaba	wiweri	yohaá	<i>Leporinus</i> sp. e <i>Schizodon</i> sp.

Português	Tariana	Tukano	Identificação científica
Piaba	wiweri	siñiroa	<i>Leporinus</i> sp. e <i>Schizodon</i> sp.
Piaba do Igarapé	ukara-wiweri	yohaá	<i>Leporinus</i> sp. e <i>Schizodon</i> sp.
Piaba do rio	ukara-wiweri	yohaá	<i>Leporinus</i> sp. e <i>Schizodon</i> sp.
Piraíba	katu	moó	<i>Brachyplatistoma filamentosum</i>
Piranha	umai	bi'î	<i>Pygocentrus</i> sp., <i>Pygopristis</i> sp. e <i>Serrasalmus</i> sp.
Pirapucu	waaduli	yôsô-wa'î	<i>Boulengerella cuvieri</i>
Pirarara	daruyu	mahâ-wa'î	<i>Phractocephalus hemihopterus</i>
Pirarucu	piraruku	piraruku	<i>Arapaima gigas</i>
Poraquê	dakasa	sã'â	<i>Electrophorus electricus</i>
Sarapó (carapó)	sarapo	diké	<i>Cymnotus carapo</i>
Surubim (genérico)	kulili	oreró	Pimelodidae
Tambuatá (camboatá)	uuu	bikawi	<i>Callichthys callichthys</i>
Traíra	iniri	doê	<i>Hoplias malabaricus</i>
Tucunaré	yapa	bu'ú	<i>Cichla ocellaris</i>
4. Cobras			
Cobra (genérico)	yumáwali	pîrô	-
Cobra-d'água	uuni-yumáwali	diá-pîrô	<i>Helicops</i> sp.
Cobra jararaca	ãpi	âyâ	<i>Bothrops</i> sp.
Cobra muçurana	mayawi	weê'gi	<i>Pseudoboa doelia</i>
Cobra real	yumáwali-haleda	pîródryi	-
5. Pássaros			
Águia	peeri	ãi	<i>Busarellus nigricollis</i>
Águia real	awa	aa-paki	<i>Harpia harpyja</i>
Andorinha	uhulina	siôro	Hirundinidae
Araçari	wâduli	ãñro	<i>Pteroglossus aracari</i>
Arapaço (pica-pau)	kuwhe	kôrê	<i>Campephilus</i> sp.
Arapaço (pica-pau)	duwhe-kuwhe	yâsa-kôrê	<i>Campephilus</i> sp.
Arapaço (pica-pau)	ahiku-kuwhe	yuki-kôrê	<i>Campephilus</i> sp.
Arara (genérico)	daadu	mahâ	<i>Arara</i> sp.
Bem-te-vi	piñipiñi	pitiñi	<i>Pitangus sulphuratus</i>
Cacai	tátali	akâr	<i>Cyanocorax cyanopogon</i>
Caracará	sê	sî	<i>Daptrius ater</i>
Coró-Coró	kuñi	kotô	<i>Phimosus infuscatus</i>
Coruja	pupuli	bi'pî-pako	<i>Pulsatrix perspicillata</i>

Português	Tariana	Tukano	Identificação científica
Cujubim	kudui	katã	<i>Pipile pipile</i>
Garça-branca	maali	yehê	<i>Casmerodius albus</i>
Gavião-resoura	kawawili	pîkô-sê'e	<i>Elanoides forficatus</i>
Inambu (genérico)	mami	ãhã	<i>Tinamus</i> sp. e <i>Crypturellus</i> sp.
Inambu-pequeno	yawiri-sũite	yairô soãgi	<i>Crypturellus</i> sp.
Inambu-médio	numali-yawiri	boaró	<i>Crypturellus</i> sp.
Inambu-grande	yawiri-maleda	yairô dorogi	<i>Tinamus major</i>
Jacamim	asiine	tĩtĩ	<i>Psophia</i> sp.
Jaburu	ãli	ẽôro	<i>Jabiru mycterna</i>
Jacu	maale	katã-kaa	<i>Penelope</i> sp.
Japim	tuiĩ	yôsô	<i>Cacicus cela</i>
Japu	tuiĩ	umú	<i>Ostinops</i> sp.
Maçarico	wiwiru	wiwiró	Caradriidae
Mariano (marianita)	kasiu	kãi-pu'ti	<i>Brotogeris cyanoptera</i>
Marreco	pinipini	-	<i>Anas</i> sp.
Marreco-pequeno	uuni-kumãda	diã-po'ô	Anatidae
Martim-pescador	yaali	sãrã	<i>Megaceryle</i> sp. e <i>Chloroceryle</i> sp.
Mutum	kuisi	wã'rõpi	<i>Crax</i> sp.
Papagaio	waaru	wekó	<i>Amazonas</i> sp.
Pássaro-trovão	waiwaíyo	wa'i-waiyo	<i>Lipaugus vociferans</i>
Passarinho	kepira	yamá-kaa-sê'rero	-
Pato	kumãda	pato	Anatidae
Periquito	ipanipe	darero	<i>Brotogeris tirica</i>
Pombo	siwiru	buhã	Columbidae
Rouxinol-do-Rio-Negro	rousino	tĩrê-miri	<i>Icterus chrysiocephalus</i>
Sabiã	iĩe-kepira	ba'pã	<i>Turdus</i> sp.
Socó	iĩunuli	ãhũ-bikr	<i>Nycticorax nycticorax</i>
Sunucuã	duduli	pohô	<i>Trogon</i> sp.
Tucano (genérico)	yaase	dasê	<i>Ramphastos</i> sp.
Uanambé (anambé)	piĩeru	yeôro	<i>Quiscalus</i> sp.
Uirapajé	wayuwe	ditĩro	<i>Piaya cayana</i>
Utu	kuruã	putú	<i>Odontophorus</i> sp.
Urubu preto	wayuli	yukã	<i>Coragyps atratus foetens</i>
Unbu-rei	heta	u'awã	<i>Sarcoramphus papa</i>
Unbuzinho	pupu-wayuli	moare-yukã	-
Unumutum	yasiri	ekãĩ	<i>Nothocrax urumutum</i>
6. Insetos			
Abelha	mãpa	mumĩ	Meliponidae
Aranha (genérico)	heni	bipã	Aracnidae

Português	Tariana	Tukano	Identificação científica
Barata	kapatharu	kasii	Blatariac.
Bicho de pé	isitu	du'pūsū	<i>Tunga penetrans</i>
Caba (genérico)	pitheru	utū	Vespidae
Caba	aini	ye'to	Vespidae
Cigarra	susuída	yaiga	Cicadidae
Cupim (genérico)	kamanuda	butuâ	Isóptero
Forniga	surupena	ba'batéru	-
Grilo	hiriyu	yīru	Grylloidea
Irã	mapada	munî	-
Maniuara	kesu	meká	<i>Atta</i> sp.
Maniuara	māruna	pisikara	<i>Atta</i> sp.
Maniuara	maaki	bikiró	<i>Atta</i> sp.
Maniuara	dana	bpōarā	<i>Atta</i> sp.
Maniuara-de-mucura	ínali-piñada	oá-meká	<i>Atta</i> sp.
Minhoca	umápi	āhu	Anelidae
Mochiva	suneri	pikó	-
Mosca-doméstica	doro	mitê-po'ro	<i>Musca domestica</i>
Mosca-doméstica	dupuesa	mitê-po'ro	<i>Musca domestica</i>
Mutuca	heri	nurārî	Tabanidae
Pulga	kawaneru	nî'koé	-
Saúva	kasiteru	dipó-tiara	<i>Atta</i> sp.
Tapuru	bisu	bekoāwî	-
Tapuru de cana	sidoa-biisu	āñ-bekoāwî	inseto díptero
Tocandira	mane	petá	<i>Dmoponera grandis</i>
<i>7. Diversos</i>			
Calango (genérico)	talāgo	yoasō	Teidae
Calango jacuraru	hihiyo	isó-yoasō	<i>Tupinambis nigropunctatus</i>
Calango tamaquaré	tuúpi	tuúpi	-
Caracol	karasuda	si'î	molusco
Centopéia	ĩne-matsite	wāñ-sipiro	-
Escorpião	yale	kutipa	-
Lacraia	sapale	akî	atrópode miríápode
Minhoca	dekana	wasiki	-
Morcego	pisiri	osô	Chiroptera
Perereca marrom	kurawali	tōaró	Hilidae
Perereca marrom	oroloana	neteró	Hilidae
Piolho de cabeça	inisi	yawî	-
Rã	kana	mo'moñ	<i>Rana</i> sp.
Sapo	kolokoa	yā'pá	<i>Bufo</i> sp.
Sapo	mava	wihî	<i>Bufo</i> sp.
Sapo	hipáru	so'ta	<i>Bufo</i> sp.
Sapo-cururu	hipáru	ta'ároki	<i>Bufo marinus</i>

fotolitos e impressão: Prol Editora Gráfica Ltda (São Paulo)
tiragem desta edição: dois mil exemplares





COLEÇÃO
NARRADORES
INDÍGENAS
DO RIO NEGRO

VOLUME 4

MEMÓRIA
IDENTIDADE
PATRIMÔNIO CULTURAL
PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

FOIRN
FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO RIO NEGRO